R. BRASILLACH E M. BARDÈCHE

HISTORIA DA GUERRA DE ESPANHA

2.º VOL.

José Falcão

HISTÓRIA DA GUERRA DE ESPANHA

ROBERT BRASILLACH
E
MAURICE BARDÈCHE

HISTÓRIA DA GUERRA DE ESPANHA

Tradução e notas de

FERREIRA DA COSTA

2.º VOLUME

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)
Praça dos Restauradores, 17
LISBOA — 1940

II PARTE

A MARCHA SÔBRE MADRID

(Agôsto 1936 — Março 1937)

I

A Espanha nacionalista

Até a altura da marcha sôbre Madrid, a história do govêrno nacionalista foi simples. Não deparava, como se calcula, com dissenções de ordem parlamentar. Se havia divergências ideológicas entre a Acção Popular, a Falange e os Tradicionalistas, foram postas de parte, atendendo ao objectivo essencial e ao combate comum. Em 24 de Agôsto, em Salamanca, houve uma reünião da Junta de Defesa, sob a presidência de Cabanellas. Nela foram lançadas as bases de uma nova organização: em 27, o general Franco recebeu o título de chefe supremo do Exército e, em 1 de Outubro, a Junta nomeou-o Chefe do Estado. Dois dias depois, criou-se uma junta técnica composta de sete comissões: Finanças, Justiça, Indústria, Comércio, Agricultura, Trabalho, Ensino e Obras Públicas. O secretariado dos Negócios Estranjeiros e a presidência do Conselho foram confiados a Franco, o qual ficou, portanto, a exercer, simultâneamente, as funções de presidente do Conselho e de Chefe do Estado. Em poucos meses, tôdas as engrenagens da governação espanhola estavam nas suas mãos. Não conhecemos, por emquanto, os pormenores

da sua rápida marcha ascencional. A princípio, cabia a Sanjurjo dirigir a Revolução. Nos primeiros dias, eram Mola, ao Norte, e Queipo de Llano, ao Sul, que pareciam ser os chefes do movimento, na Espanha continental. No entanto, logo que Franco chegou das Canárias, tornou-se êle o *Caudillo*. O seu plano do avanço para Toledo e o seu incontestável talento militar constituem, inegàvelmente, razões susceptíveis de explicar os factos apontados. É certo que a primeira Junta tinha a presidi-la um personagem neutro, Cabanellas, mas logo se sentiu que êste em nada influia. Franco era igual a Mola e a Queipo. Não obstante, tudo se passou como se uma assembleia misteriosa o houvesse escolhido, designado e entronisado (1). É preciso reconhecer que,

---

(1) As observações dos autores são compreensíveis, mas já hoje existem elementos bastantes para lançar luz sôbre êste assunto. Lembrarei, primeiro, que, como evidenciei, em nota, no primeiro volume, o *chefe supremo do movimento, na Espanha continental*, era Mola. Foi êle — como então disse — quem elaborou os planos e transmitiu as ordens para a eclosão da revolta. Em determinada altura *(Vidé nota a pág. 195 do 1.º volume)*, Mola sentiu que a sua causa correria sério risco, se Franco não conseguisse — conforme êle exclamava numa das suas noites de compreensível insónia — « dar um empurrão lá pelo Sul ». Ora, Franco conseguiu o desejado « empurrão » até às portas de Madrid, e isso, a-par do seu prestígio, que vinha de longe, deu-lhe maior áurea ao nome, impondo-o como chefe no terreno militar, ainda que Mola, na opinião de peritos, fôsse um brilhante estratega e um chefe que nada tinha de hesitante. No terreno político, abundavam as razões para a escôlha de Franco. Êste aparecia totalmente isolado dos políticos e das suas acções. Sempre se conservara no campo puramente militar, e de tal maneira que Indalécio e muitos outros não lhe regateavam palavras de louvor, em vésperas do movimento, quando já sabiam que êle estava, pelo menos, implicado num « complot » contra as esquerdas. Entre um neutro em matéria política, e que

nesse momento, impunha-se proceder à escolha de um espanhol que reünisse considerável número de qualidades: chefe militar e, ao mesmo tempo, chefe civil, sem relações comprometedoras com o passado e com tato para reconciliar as fôrças da nova Espanha, as quais, possìvelmente, seriam inimigas, num futuro próximo. Para semelhante tarefa, apenas havia aquêle homem de pequena estatura, tranqüilo, confiante nêle próprio, paciente, nunca irritado, nunca desanimado, decidido a manter o equilíbrio entre todos e a não se deixar dominar por nenhum, nem por amigos, nem por aliados, nem pelos monárquicos, nem pelos nacionais-sindicalistas. Era um homem que, emfim, podia ser reconhecido como chefe, por estar acima e à margem de

---

sempre demonstrara apenas lhe causar preocupação a vida do país e a sua defesa, e outros elementos de certa maneira ligados, por isto ou aquilo, a partidos, situações ou grupos, a escolha de Franco estava naturalmente indicada. Houve, na verdade, além destas razões, outras de não menor projecção. Uma delas teve por base a atitude do próprio general Mola, na reünião da Junta referida pelos autores. Nessa conferência foi nomeado Mola para a chefia suprema do Exército, mas êle recusou e propôs que Franco assumisse o importante cargo. Ao cabo de largas conversações, a proposta teve aprovação unânime. E Franco recebeu as rédeas do poder militar, às quais se juntariam, necessàriamente, pouco tempo decorrido, as do poder político e civil. Se como general inspirava uma confiança capaz de levar oficiais e soldados a cumprirem cegamente as suas ordens, como espanhol, liberto de compromissos de ordem partidária, limpo de responsabilidades em acontecimentos pretéritos, era figura de firme prestígio capaz de coordenar e equilibrar o esfôrço de correntes orientadas por princípios doutrinários divergentes. E só ao seu prestígio é atribuível, ainda que o objectivo da luta comum fôsse grandioso, a unificação política mais tarde realizada. Vidé, a-propósito, *Mola*, de J. M. Iribarren. — *(N. do T.)*.

todos. Os carlistas perdiam o seu pretendente, o idoso D. Carlos, mas tinham, de futuro, Franco; os falangistas não viam regressar o seu chefe, o bravo José António, a quem chamavam o « Ausente », mas contavam, igualmente, com Franco. Quanto aos elementos da « Acção Popular », já não depositavam fé em Gil Robles, político « queimado », mas sabiam que êle sempre apoiara Franco e também não vacilaram em ver neste o seu chefe. Os católicos queriam o regresso à tradição cristã. Como Franco ouve diàriamente missa, convenceram-se de que êle poria têrmo à actividade maçónica e aprovaram a sua elevação à chefia suprema do país. Os soldados, que desejavam um bom dirigente, rejubilaram, porque Franco é o melhor táctico espanhol. É possível que existissem incompatibilidades doutrinárias e de interêsses entre certos chefes da Revolução. Todavia, Sanjurjo morrera; José António estava prêso; Calvo Sotelo não pertencia ao número dos vivos; os carlistas não tinham pretendente a apoiar; Mola viria a morrer num desastre. Nenhuma querela poderia, pois, suscitar-se contra Franco.

O *Caudillo* meteu mãos à obra, consciente das suas duplas responsabilidades. O Exército foi dividido em dois grupos — o do Norte, comandado por Mola, e o do Sul, chefiado por Queipo de Llano. O general Orgaz recebeu a missão de comandar superiormente as fôrças africanas, e ao vélho Cabanellas coube o título decorativo e inútil de Inspector Geral dos Exércitos. Foram proclamados os princípios de um govêrno autoritário visando o bem comum. Prometia-se respeitar a personalidade das diferentes regiões, no quadro da unidade nacional. O catolicismo foi declarado religião do Estado. O trabalho seria protegido e garantido:

« Nem um lar sem lume; nem um espanhol sem pão ». Em 2 de Março de 1937, Mola traçou, pela « rádio », um esquema do futuro Estado espanhol: organização corporativa, obrigatoriedade do trabalho, respeito pela propriedade, independência da justiça, protecção à infância, paz interna e externa.

Tudo se organizou para dar cumprimento a êste programa. Existiam dificuldades enormes: o ouro encontrava-se nas mãos dos marxistas, que controlavam, a princípio, as zonas industriais de maior riqueza (Astúrias e Catalunha). No entanto, o restabelecimento da ordem, a-par de rudes mas salutares medidas económicas, colocou desde logo o êxito do lado de Franco. As preocupações que assoberbavam o chefe da Espanha nacionalista eram numerosas e diversas. O seu pensamento indicara-lhe, desde início, mais a base de uma revolução social e espiritual do que de uma guerra. Assim, não deve surpreender o facto de vermos que, em decreto de 19 de Outubro de 1936, se estabeleceu um novo plano de organização universitária, completado em 5 de Setembro, altura da tomada de Irun. Foi uma das particularidades curiosas desta luta, ver caminhar com igual passo a conquista militar e a reorganização interior. Um decreto de 23 de Outubro de 1936 isentou dos serviços na « frente » os voluntários que exercessem o professorado e ordenou a reabertura dos estabelecimentos de ensino. Os de 6 e 23 de Dezembro do mesmo ano e 19 de Fevereiro e 6 de Março de 1937 regulamentaram o trabalho de protecção às obras de arte. O grande crítico Eugénio d'Ors, que se colocou, desde a primeira hora, ao lado dos rebeldes, ocupou-se activamente da recuperação do tesouro artístico da Espanha, e dirigiu sucessivas mensagens à S. D. N. para

que fôssem restituídos os objectos e os quadros exportados pelos « vermelhos ». Ao mesmo tempo, organizava-se a propaganda intelectual. Esta chocou, justo é dizê-lo, com grandes dificuldades, pois certo número de escritores espanhóis, sempre simpatisantes com as correntes revolucionárias, pronunciara-se pelos marxistas. Mas o grupo em questão sofreu importante desaire, quando se soube, no estranjeiro, que o vélho Unamuno, eminente figura do liberalismo do século XIX, dera a sua adesão à causa defendida por Franco.

André Salmon publicou, no « Petit Parisien », uma entrevista sensacional com o filósofo. Preguntou-lhe porque aderira ao movimento, e ouviu:

— Porque é a luta da civilização contra a barbaria.

— É verdade que se inscreveu com 5:000 pesetas na subscrição nacional?

— Inteiramente exacto. Dei dinheiro para a guerra. É preciso. É para salvar a civilização.

E o vélho liberal declarou ainda:

— Comunismo! Eis uma palavra clamada por tôda a parte. No entanto, é preciso ver as coisas tal como elas são. Do outro lado, está a anarquia pura e simples.

E concluiu:

— Há um têrmo espanhol que já passou a outros idiomas: *desperado*. Pois bem, é por desespêro que *êles* queimam as igrejas. Impele-os o desespêro de não crerem em nada [1].

Perduraria êste nobre entusiasmo? Julgá-lo seria conhecer mal o autor do « Sentimento trágico da vida »,

---

[1] André Salmon, — *in Petit Parisien*, — (15 de Setembro de 1936).

o sempre rebelde Unamuno. No mês de Outubro, o escritor, já destituído pelos marxistas, foi destituído por Franco, em conseqüência de um discurso pronunciado, em louvor de Cristóvão Colombo, em Salamanca. A Jerónimo Tharaud, que o interrogou sôbre a nova transformação, o idoso filósofo, sempre animado pelas mesmas inquietações, repetiu a palavra *desperado,* na qual via a explicação do drama espanhol:

— Sob o ponto de vista religioso, esta guerra civil é devida a um desespêro profundo, característico da alma espanhola, que ainda não chegou a descobrir a sua fé. O *desperado* é um homem que em nada crê, nem em Deus, nem nos outros homens, nem nêle próprio. E nós somos um povo de *desperados* ([1]).

Nunca deixou de condenar o terror marxista, com a maior energia. « A espantosa selvajaria das hordas marxistas excede tôda a capacidade de descrição » — dizia um manifesto que êle leu a Tharaud. E adiante: « O verdadeiro govêrno de Madrid não conseguiu nem quis resistir à pressão da barbaria marxista ». Contra esta barbaria, levantava-se, aos olhos do vélho liberal, um regime que êle considerava despótico, ao qual chamava fascismo e via incarnado pela « Falange ». « O movimento à frente do qual está o general Franco — dizia — terá a finalidade de salvar a civilização ocidental cristã e a independência nacional ». Mas a verdade é que Unamuno — inimigo de Primo de Rivera — não podia suportar a idea do triunfo fascista. Também êle *desperado,* por todos repelido, dilacerado pelas contradições que se chocavam no seu mundo interior, não resistiu

---

([1]) Jerôme e Jean Tharaud — *Cruelle Espagne.*

muito tempo à cruel batalha dos seus fantasmas [1]. Em Novembro, quando conversava com um dos seus antigos colegas da Universidade, fulminou-o uma embolia.

Que faria êle na Espanha Nova, que logo de início mostrou estar distante do país dos *desperados*, a Es-

---

[1] Precisamente porque a atitude de Unamuno teve grande projecção e suscitou controvérsias violentas, entendo dever juntar à síntese feita pelos autores algumas observações.

Unamuno — « consciência em carne viva » — era « antes de tudo um cidadão e um homem », como notou Vitorino Nemésio, num artigo publicado em princípios de 1930. « Unamuno — escreveu, nessa altura, o ilustre professor — deu a volta às culturas antigas e modernas, libou para lá da Vulgata como Renan e Nietzsche, sorveu os filósofos em vulgar e os comentadores de capa verde, *mas não ficou uma máquina de ideas, fria, com as ligações muito bem feitas, porém de coração dessecado*. Nem era homem para imitar Montaigne na suavidade do viver, nem Descartes no apartamento do mundo, nem sequer Spinoza na interiorização apenas atenuada com uma ou outra epístola e uma descida ao rés-do-chão, a confirmar a hospedeira na crença secular, modêlo de extática tolerância. *O seu credo, pelo contrário, sai ao caminho do viandante para o assetear de inquietações*. Gosta de repetir com Santo Agostinho : *mihi quaestio factus sum*. Mais : como problema vivo, quere fazer da humanidade uma epidemia de problemas, um grémio de dúvidas com voz. A sua personalidade é uma « região argumentativa », como diria Carlyle, região consubstanciada com o secreto da sua crença. » Para o psicólogo admirável de « Santa Isabel », Unamuno tinha « num tempo que timbra de intelectualização e que propende, portanto, para os gelos das altas cumieiras, *uma posição desconcertante*. Pois quando a vida se mecanisa e fragmenta, quando é de lei filosofar sôbre o relativo, sôbre *cortes* de técnica microscópica, é que nos aparece um homem (Unamuno não gosta que se lhe chame pensador) a prègar absoluto e *salvação*, Deus pessoal e eternidade de carne e ôsso ? ! E no entanto, sejam quais forem as faltas de coïncidência entre êste exilado e o nosso

panha Nova, feita de esperança, de fé e de ordem? Eis uma pregunta à qual não é possível dar resposta concreta.

No entanto, o filósofo poderia sentir-se satisfeito com as ousadas ideas sociais que a Falange fizera adoptar. Constituindo um programa de vinte e seis

---

tempo (melhor: entre êle e a imagem do tempo actual que os fenomenistas espalham). Unamuno é *uma das vozes de homem mais universais e sinceras.* »

Observando, a frio, o filósofo e a sua obra, e olhando, depois, também sem paixão, a sua atitude em 1936, encontraremos, sob a aparente discordância proclamada por alguns, uma linha de continuïdade perfeita. Descobrimos o dramaturgo de « O outro » e o fundibulário a que chamaram « Gigante Ibérico », mas descobrimos, igualmente, o poeta de « O Cristo de Velazquez ». Não duvidemos de que, em Julho de 1936, mais uma vez foi sincero, em frente do panorama da sua dúvida.

Examinando de relance, a sua vida, vêmo-lo, em 1914, reitor da Universidade salamantina, cargo que ocupou durante dez anos seguidos. Afastado de tal lugar por intransigências politicas, após a proclamação da República voltou a exercê-lo, sendo a primeira personalidade a quem o novo regime repôs num cargo. Exilado pelo Tribunal de Valência para uma das ilhas Canárias (a de Fuerte Ventura), condenado a 16 anos de presidio por certos artigos escritos no « Mercantil Valenciano », conseguiu fugir, auxiliado por jornalistas franceses, e passou a residir em França, nas proximidades da fronteira espanhola, até que a proclamação da República chegou. De então até 1937, o grande filósofo vasco não deixou de estar em foco um só dia. O seu carácter combativo, o seu espírito exuberante de ideologias novas arrastaram-no para a última atitude.

Afirmando sempre não ser politico, mas sim *espanhol*, Unamuno, personagem complexa do drama castelhano, foi pôsto um dia em contacto com Afonso XIII. Romanones preparara o lance. Quando todos supunham que o reitor salamantino se converteria, êle surgiu mais combativo ainda, falando em comicios, no Ateneu

pontos, foram tornadas públicas, no princípio do movimento. Formavam a base do novo Estado e eram afixadas nas paredes das povoações atingidas pelas tropas da reconquista. Queremos reproduzi-las aqui integralmente:

Nação, Unidade, Império: — I — Cremos na su-

---

e na praça de touros, e publicando *panfletos*. Era sincero? Ninguém poderá com justiça pô-lo em dúvida. Mas também não é contestável que, já nessa altura, o filósofo de singular elevação, o romancista da *Niebla*, olhava o futuro com receio. « A República é inevitável porque há uma crise dinástica insolúvel — declarava êle a António Ferro, em Março de 1930. — *Mas a idea da República não me interessa como não me interessa a idea da Monarquia...* A sociologia deixou-me sempre indiferente, insensível. Preocupo-me apenas com a história, com a fatalidade histórica... Não posso deixar de ver, lealmente, *alguns perigos da proclamação da República em Espanha*: Um sub-solo de *coisas sociais que podem vir, bruscamente, sem preparação, à superfície*, certas tendências *separatistas que vão acentuar-se*, que podem ameaçar a unidade da Espanha ». Não recusava esclarecer o seu temor: « Perante a fatalidade histórica que nos empurra, só há duas soluções: *remar contra a corrente ou ir com ela, tão depressa como a corrente... Mais devagar e seremos lançados à margem...* » O discurso que pronunciou em 23 de Novembro de 1932, no Ateneu de Madrid, reflectia uma evolução nítida do seu espírito. A sua lição no Curso de Política Espanhola, ali organizado, ficou memorável. Uma voz perdida na assembleia apodou-o de *frade*. Serenado o tumulto que se seguiu, Unamuno, impassível, acabou reconhecendo o malôgro do liberalismo e das directrizes individualistas que êle defendera desde 1898. Em Outubro de 1934, amargurado pelos presságios da tormenta, dirigia a palavra à mocidade estudiosa, no ambiente solene da sua jubilação: « *Condeno a propaganda extremista entre a mocidade* e aconselho esta a respeitar os seus superiores. Faço um apêlo aos estudantes *para que se unam em tôrno da idea da Pátria, pondo têrmo à epidemia de desvario que está a corromper a Espanha. Peço-vos, aos 70 anos, que não deixeis de congregar os vossos esforços para salvar a Espa-*

prema realidade da Espanha. Fortalecê-la, elevá-la e engrandecê-la é a mais imperiosa missão colectiva dos espanhóis, à qual devem submeter-se inexoràvelmente os interêsses dos indivíduos, dos grupos e das classes. — II — A Espanha é uma unidade do destino, no Universo. É criminosa qualquer acção contra essa unidade.

---

nha dos males que a afligem!» E ditas estas palavras, Unamuno, com os olhos rasos de lágrimas, teve de se sentar, dominado por forte comoção. O regime, perdida a espiritualidade, já não lhe interessava. Êsse desinterêsse iria ter ao que depois se viu, isto é, em presença do movimento nacionalista, Unamuno não vacilou e colocou-se, abertamente, a seu lado.

Em 30 de Julho, da janela do «Ayuntamiento» de Salamanca, bradou ao povo que o aclamava: «*Aqui me tendes, homens da Espanha! Aqui tendes um vélho que está pronto, porque ama a Espanha, a retomar sôbre os seus ombros, já sem o vigor físico de outrora, o pêso de uma luta que enobrece!*»

E explicava o que lhe ia no espírito:

— «Ùltimamente, refugiei-me na minha missão universitária. Mas afastei-me, em face do eclodir das ruins paixões que afundavam a Espanha na anarquia e na vergonha. Com essas paixões, a mentalidade popular envenenou-se, rebaixou-se e afundou-se no lodaçal das mais cruéis teorias. Agora, ao ser chamado, de novo, pelo povo, sigo-o para servir a Espanha e para mais alguma coisa. É que, *quando ouço, como brados de libertação e de independência espiritual, os «vivas» a Espanha, penso que existe algo ainda mais alto. A Espanha não é só dos espanhóis. É da humanidade civilizada.* Portanto, o nosso dever é salvar a civilização ocidental cristã, que corre perigo». Mais adiante: — «Eu vi os povos dos campos entregues às sugestões de delinqüentes, amnistiados ou não, ou de doidos, o que é pior ainda. Vi a juventude *educada no ódio, no rancor, na confusão delirante de supostas ideas. É preciso que nos levantemos a esclarecer isto.* Aqui tendes, pois, o vélho. Salvemos a civilização ocidental!»

O apoio moral que o sábio dava à causa nacionalista era caloroso. Franco e Mola mereciam-lhe os maiores elogios e, em certo

É crime todo o separatismo e nós não lhe concederemos perdão. A constituïção em vigor, visto que incita às desagregações, constitue um atentado contra a unidade do destino da Espanha. É por isso que exigimos a sua abolição imediata. — III — Temos uma vontade de Império. Afirmamos que a plenitude histórica da Espanha

---

dia, o seu grande espírito ditou-lhe estas palavras a um redactor do « Matin »: « O Exército é a única arma com que pode contar a Espanha ». Aos « vermelhos », fulminava-os com os epítetos de « hordas sanguinárias ». Em seu critério, a Espanha atravessava « *uma crise de demência* desencadeada à sombra de um govêrno deliquescente, que não admite outra solução que não seja pelo ferro e pelo fogo ». Azaña mereceu-lhe acusações tremendas. Para Unamuno, só àquele que era presidente da República cabiam as esmagadoras responsabilidades da guerra em que o nobre país se debatia e dilacerava. Ao falar do govêrno de Largo Caballero, teve estas expressões: « Não há govêrno em Madrid; há, simplesmente, bandos armados que cometem tôdas as abominações possíveis. O poder está nas mãos de forçados ».

Em Agôsto, falava com Artur Portela, que dessa conversa extraíu uma entrevista notável para o *Diário de Lisboa*:

— Se a República tivesse tomado um carácter *equilibrado* e *racional*, os conservadores tê-la-iam acolhido bem. *Essa República, para mim, é uma palavra sem conteúdo.*

— E a monarquia?

— A mesma coisa; é *uma expressão vasia. Tem mais substância o fascismo ou o comunismo.* Fala-se muito em marxismo, agora, em Espanha, mas a maior parte dêles não sabe sequer quem foi Karl Marx.

Num desabafo: — *Espantam-me tantas atrocidades. É uma selvajaria!*

— O que deu origem ao movimento?

— Tudo! Sou anti-militarista, mas reconheço que era preciso uma mão forte. Dum lado, uma classe média sacrificada, do outro, os operários e os rurais — e todos são povo — que mal a deixavam viver, comer. Ganhava mais o criado que o amo. Roubava-se e

é o Império. Reclamamos para a nossa Pátria um lugar dominante na Europa. Não admitimos sujeições internacionais nem mediações estranjeiras. Em relação aos países da América espanhola, preconisamos a unificação da cultura, do poderio e dos interêsses económicos. A Espanha invoca os seus títulos de chefe espiritual

---

incendiava-se. Há, agora, em Espanha, o sadismo de matar. Quando acabará isto? A luta vai demorar ainda muito, creia.

Pouco depois, com amargura:

— O que se tem passado neste país é horrível. Calvo Sotelo foi assassinado oficialmente. Em Madrid não há govêrno. Nem uma sombra de autoridade. Apenas meia dúzia de homens prisioneiros dos partidos extremistas, sem qualquer contrôle sôbre êles. É horrível!

Já à despedida, com intraduzível melancolia:

— É pior que a Comuna, que Thiers mandou metralhar! Não cessam os morticínios. Só vejo sangue — aqui, ali, em tôda a Espanha. Quando acabará isto?

Torturava-o a idea do sangue derramado e das crueldades. Como espanhol, como artista e como homem, indignava-se e revelava-o naquelas expressões precursoras da derradeira evolução, da última e pungente dúvida: *« Só vejo sangue — aqui, ali, em tôda a Espanha. Quando acabará isto? »*

Em 13 de Setembro, numa sessão solene comemorativa da « Festa da Raça », à qual presidiu, ladeado pelo bispo de Salamanca e pela espôsa do general Franco, Unamuno elevou a sua voz, para exaltar a Espanha. Em determinada altura, falou dos homens em luta e encarou-os, simplesmente, como « espanhóis que nasceram na mesma terra ».

Millan d'Astray, o fundador do « Tércio » e criador do brado lúgubre « Viva a morte! », assistia à sessão e não se conformou com as palavras do sábio. Com franqueza rude de soldado, protestou, imediatamente, contra elas, lembrando algumas das acções cometidas pelos marxistas contra as pessoas, e os seus atentados contra o património artístico e cultural do país. « Aquêles que assim procedem — exclamou — não podem merecer o nome de espanhóis!

do mundo hispânico como base da sua acção nos empreendimentos universais. — IV — As nossas fôrças armadas, em terra, no ar e no mar, devem tornar-se tão poderosas e numerosas quanto seja necessário para assegurar à Espanha, em qualquer momento, a sua completa independência e a posição que lhe corresponde na

---

Chamar-lho é *insultar os homens que vertem o seu sangue, que todos os sacrifícios aceitam para redimir uma pátria que os renegados e os traidores queriam apunhalar!*»

Foi dramática a sessão. Em frente do filósofo tocado pela amargura, erguia-se a figura mutilada do soldado de Marrocos, coberto de medalhas e de cicatrizes.

Desgostosos, os directores do Casino de Salamanca decidiram, nessa mesma noite, irradiar Unamuno de seu sócio, e, daí a três dias, o Conselho dos Catedráticos demitia-o de reitor da Universidade.

Desde então, Unamuno viveu recolhido, quási sem sair da casa modesta. Dizia a Norberto Lopes e Artur Portela, pouco após a demissão:

— Conseguiram que o Govêrno de Burgos me afastasse de novo do meu cargo *talvez por certos receios que eu manifestei* e *que provocaram contra mim a má vontade de alguns.*

E com voz comovida:

— Tenho três filhos em Madrid e há três meses que não sei dêles. Os dirigentes marxistas têm como reféns pessoas de algumas famílias dos que se encontram do lado de cá da barricada, e vice-versa. *Por êste processo, acabam por conseguir o extermínio da Espanha. É um horror sem precedentes e sem nome. É preciso tentar tudo para que esta luta fratricida acabe e para que a paz volte a reinar nesta terra malfadada, vítima de êrros que vêm de longe e de crimes que a impunidade glorificou.*

Enfraquecia. O estrondear dos canhões reboava dentro do seu crânio e dilacerava-lhe os nervos. Debatia-se. Sofria. Rodeavam-no os fantasmas do passado. Debruçava-se para o futuro e murmurava, num soluço que escondia um pressentimento:

— Já não vejo o fim disto! *Há muitos loucos, tanto dum lado*

hierarquia mundial. Desenvolveremos, no Exército de terra, mar e ar, a dignidade pública que êle merece, e agiremos para que um sentimento militar da vida anime tôda a existência espanhola. — V — A Espanha procurará de novo a sua glória e a sua riqueza nos caminhos do mar. A Espanha deve aspirar a ser grande potência marítima, para sua defesa e para seu interêsse. Reclamamos para a nossa Pátria um lugar idêntico, no que respeita à frota aérea.

---

como doutro. O homem de hoje, fisicamente, é perfeito. É mesmo um bom animal. Mas, em contra-partida, a mentalidade deminuíu muito. Nos bancos das Universidades, há uma reduzida minoria, que estuda muito, mas o geral é péssimo. Horrível! Em França ainda se compreende êste abaixamento intelectual das gerações novas. Nasceram durante a guerra, foram engendradas com as suas dores, *mas em Espanha não encontro razão*.

Em 2 de Janeiro de 1937, Unamuno, o fundibulário glorioso de polémicas religiosas e dogmáticas, reconciliou-se com a Igreja e teve, na agonia, os socorros da religião. O entêrro foi também religioso. Seguiam o seu caixão, os dois filhos, Rafael e Fernando; o reitor da Universidade, alguns professores, literatos, um tenor e três jornalistas, Victor de la Serna, Obregon e Diaz Ferrer. Mas nenhum representante do govêrno de Burgos assistiu a qualquer das cerimónias.

Foi assim o funeral daquele que soube compreender o « sentimento trágico da vida », do espanhol que muito amou a sua terra, que a trazia no sangue e no espírito, e que a honrou com a singular beleza do seu pensamento. Esperava morrer — dizia — nos braços da Esfinge. Assim foi. Expirou com os pés ensangüentados da jornada de « peregrino de tôdas as almas », ferido, angustiado, grande na própria humanidade da sua dor, mas defendendo sempre aquilo que, aos olhos de muitos dos que o aclamaram e, depois, o repeliram, parecia uma afronta ou talvez um absurdo: a independência do pensamento de « uma consciência em carne viva ». — *(N. do T.)*.

Estado. — Indivíduo. — Liberdade. — VI — O nosso Estado será um instrumento totalitário ao serviço da integridade da Pátria. Nêle participarão todos os espanhóis, pelas suas funções familiares, municipais e sindicais. Nenhum terá nêle interferência por intermédio de partidos políticos. Abolir-se-ão implacàvelmente os partidos políticos com tôdas as suas conseqüências: sufrágio inorgânico, representação por grupos hostis e Parlamento do tipo já bem conhecido. — VII — A dignidade humana, a integridade do homem e a sua liberdade constituem valores eternos e intangíveis. Mas só é verdadeiramente livre aquêle que pertence a uma nação livre e forte. A ninguém será consentido empregar a sua liberdade contra a unidade, a fôrça e a liberdade da pátria. Uma rigorosa disciplina impedirá qualquer tentativa destinada a desunir e perturbar os espanhóis ou a conduzi-los por sendas contrárias aos destinos da pátria. — VIII — O Estado nacional-sindicalista permitirá tôdas as iniciativas privadas compatíveis com o interêsse colectivo, protegendo e estimulando aquelas que fôrem úteis.

Economia. — Trabalho. — Luta de Classes. — IX — Concebemos a Espanha como um gigantesco sindicato de produtores. Organizaremos corporativamente a sociedade espanhola, por meio de um sistema de sindicatos verticais correspondentes aos vários ramos da produção, ao serviço da integridade económica nacional. — X — Repudiamos o sistema capitalista que não compreende as necessidades populares, que deshumaniza a propriedade privada e aglomera os trabalhadores em massas informes votadas à miséria e ao desespêro. O nosso sentido nacional e espiritual também repudia o marxismo. Orientaremos o esfôrço das classes laboriosas,

hoje transviadas pelo marxismo, conduzindo-as pelo caminho de uma participação directa na grande obra do Estado Nacional. — XI — O Estado nacional-sindicalista não se desinteressará cruelmente das lutas económicas entre os homens, nem presenciará impassível o domínio dos mais fracos pelos mais fortes. O nosso regime tornará radicalmente impossível a luta de classes, para o que todos quantos cooperam na produção constituirão uma unidade orgânica ; combateremos por tôdas as formas os abusos dos interêsses particulares e a anarquia no regime do trabalho. — XII — A riqueza tem por finalidade principal melhorar as condições de vida do povo, como fará o nosso Estado. Não é admissível que massas enormes vivam miseràvelmente, emquanto alguns dispõem de todos os luxos. — XIII — O Estado reconhecerá a propriedade privada como meio lícito de cumprimento dos deveres individuais, familiares e sociais, e protegê-la-á contra os abusos do grande capitalismo financeiro, dos especuladores e dos usurários. — XIV — Defendemos a tendência para a nacionalização da banca e, por intermédio das corporações, de certos serviços públicos importantes. — XV — Todos os espanhóis têm direito ao trabalho. Os poderes públicos prestarão o necessário auxílio aos desempregados. Aguardando a construção definitiva da nova estrutura total, manteremos e intensificaremos tôdas as vantagens concedidas ao proletariado pelas leis sociais em vigor. — XVI — Todos os espanhóis válidos têm o dever de trabalhar. O Estado nacional-sindicalista nenhuma consideração terá por aquêles que, não desempenhando qualquer função, aspiram a viver como convidados, presenciando o esfôrço dos outros.

A Terra. — XVII — É preciso elevar a todo o custo o nível de vida nos centros rurais, permanentes fontes de energia da Espanha. Para tanto, devemos tomar o compromisso de inscrever como primeiro ponto do nosso programa a reforma económica e social da agricultura. — XVIII. — Aumentaremos a produção agrícola pelos seguintes meios: assegurando a todos os produtores agrícolas preços mínimos remuneradores; exigindo o regresso aos campos de uma parte daqueles que as cidades absorveram para os seus trabalhos intelectuais e comerciais; organizando um verdadeiro crédito agrícola nacional que, por empréstimos aos camponeses, com juro reduzido e garantidos pelos seus bens e suas colheitas, irá libertá-los da usura e do caciquismo; difundindo ensinamentos agrícolas e pecuários; organizando o aproveitamento das terras, tendo em conta as suas condições particulares e as possibilidades de escoamento dos seus produtos; acelerando a construção de obras hidráulicas; nacionalizando as unidades de cultura, a-fim-de suprimir os latifúndios muito extensos, assim como as pequenas propriedades, anti-econòmicas devido ao seu reduzido rendimento. — XIX — Organizaremos socialmente a agricultura pelos seguintes meios: procedendo a uma nova distribuïção de terra cultivável para instituir a propriedade familiar e estimular enèrgicamente os sindicatos dòs trabalhadores; arrancando à miséria em que vivem grandes massas humanas hoje entregues à faina extenuante de cultivar terras estéreis e que serão transferidas para outros pontos de solo mais produtivo. — XX. — Empreenderemos uma campanha constante para o repovoamento das florestas, e tomaremos severas medidas contra todos os que a isso se oponham. Recorreremos, se fôr necessário, à mobilização tempo-

rária de tôda a mocidade espanhola, para realizar a missão histórica de reconstituir a riqueza nacional. — XXI. — O Estado poderá expropriar, sem indemnização, as terras cuja propriedade, aquisição ou exploração sejam ilegítimas. — XXII. — A reconstituïção dos patrimónios comunais das aldeias será o primeiro cuidado do Estado nacional-sindicalista.

Educação Nacional e Religião. — XXIII — É missão essencial do Estado criar um espírito nacional uno e forte, por uma rigorosa disciplina da educação, e incutir no espírito das novas gerações a alegria e o orgulho da pátria. Todos os homens receberão uma educação pré-militar que os tornará aptos a receber a honra de serem incorporados no Exército nacional e popular da Espanha. — XXIV. — A cultura será organizada por maneira a não deixar que se perca nenhum talento por questões de dinheiro. Todos os que tal mereçam, terão acesso fácil aos estudos superiores. — XXV. — O nosso movimento incorporará na reconstrução nacional o sentimento católico cuja tradição é gloriosa e predominante em Espanha. A Igreja e o Estado harmonizarão as respectivas actividades, sem que se admita nenhuma interferência susceptível de ferir a dignidade do Estado ou a integridade do país.

Revolução nacional. — XXVI. — A Falange Espanhola das J. O. N. S. quere uma ordem nova baseada nos princípios acima enunciados. Para instaurá-la, lutando contra a ordem em vigor, a Falange aspira à revolução nacional. A sua acção será directa, ardente e combativa. A vida é milícia, e é preciso vivê-la com um ardente espírito de servir e de sacrifício. »

Foram estes os princípios que, desde o primeiro dia da Revolução, começaram a ser concretizados pelo novo

Estado espanhol. Os marxistas suprimiram, na sua zona, as férias pagas: os nacionalistas ampliaram-nas. Concederam-se auxílios às famílias numerosas, e encarou-se imediatamente um sistema de comparticipação nos lucros a conceder às classes operárias. Os desempregados viram-se socorridos pelas determinações dos decretos publicados em 5 de Outubro de 1936 e 2 de Janeiro de 1937. Foram isentos do pagamento do aluguer de casa, da água e da electricidade. Em 20 de Dezembro, outro decreto encarou a destruïção das moradias infectas e insalubres, sem ar nem luz, e a seguir foi nomeada uma comissão nacional incumbida de empreender a luta contra a tuberculose. Criou-se também o Conselho Superior da Infância. Já em 19 de Setembro de 1936, um diploma legislativo reorganizara os seguros sociais e reformara a lei dos acidentes de trabalho, pondo em vigor medidas destinadas a impedir que a classe patronal buscasse furtar-se ao cumprimento das suas obrigações para com o proletariado. Finalmente, para reünir auxílios destinados aos combatentes e às obras de alcance social, a Espanha imitou a Alemanha em diversas iniciativas, como a instituïção do prato único. À terça-feira, os restaurantes cobravam por um único prato o preço de uma refeição completa nos demais dias, e a diferença para mais entrava nos cofres do Estado. Nas residências particulares, coube a delegados de especial nomeação receber esta diferença entre o custo de uma refeição normal e a do prato único. No primeiro ano, após os decretos de 30 de Outubro e 11 de Novembro de 1936, semelhante determinação só era aplicada duas vezes por mês.

A reforma agrária sempre fôra um problema capital da Espanha, como declarava o 18º ponto do programa

da Falange. Em 30 de Setembro de 1936, promulgou-se um decreto concedendo um crédito de sessenta milhões de pesetas aos agricultores; em 28 de Maio do ano seguinte, instituiu-se uma série de medidas de protecção dos preços, tanto para o produtor como para o consumidor, mediante uma tabela estabelecida pelo próprio Estado. Efectivamente, o custo da vida não aumentou na Espanha nacionalista, excepto no que diz respeito aos objectos manufacturados, devido à escassez das indústrias. O pão, os ovos, o leite e a carne não tiveram aumento sensível de preços. Daí resultou que os salários conservassem tôda a sua capacidade de aquisição.

No começo do movimento, os nacionalistas não possuiam reservas de ouro. No entanto, a partir de Setembro, reorganizaram no seu território a banca espanhola. Em Novembro, « estampilhavam », em Burgos, as notas de Banco em circulação. Como é compreensível, Valencia declarou que não lhes reconheceria valor algum. Contudo a peseta « vermelha » sofreu uma baixa repentina [1]. Por seu lado, a dos nacionalistas viu melhorar a sua cotação: em Janeiro de 1937, cem pesetas de Burgos valiam 120 a 140 francos, ao passo que as do govêrno valenciano não iam além de 80 francos. O govêrno nacionalista adoptou medidas para impedir o contrabando de divisas e fiscalizava com rigor o seu mercado. Apareceram, a partir de Janeiro, falsas notas « estampilhadas ». Em Março, a peseta marxista não aumentara de valor, mas a de Burgos descera para cem francos. O govêrno de Franco esforçava-se para criar

---

[1] Vide, no final, a nota n.º 1 do tradutor, respeitante à decomposição económica no território vermelho.

uma reserva de ouro. Por decreto publicado no referido mês, todos os espanhóis foram obrigados a entregar ao Estado as divisas que possuiam e a declarar os seus valores estranjeiros. Procedeu-se à troca das notas « estampilhadas » por notas emitidas pelo novo Banco de Espanha. O restabelecimento da ordem e da confiança, e as vitórias militares, não tardariam a produzir os seus frutos. Se, em 15 de Março de 1937, cem pesetas nacionalistas equivaliam a cem francos, em 1 de Abril valiam 130 e, em 15 de Maio, ultrapassavam 140. Trata-se, evidentemente, da cotação no mercado livre. A ficticia cotação oficial fôra fixada em cêrca de 300. Êste aumento de cotação seguiu de perto a subida dos valores espanhóis. É que os territórios governados por Franco conheciam ràpidamente a ordem e a normalização dos negócios. Assim o exprimiam os relatórios das companhias estranjeiras: Wagons-Lits, Rio Tinto, Tharsis Sulphur and Copper, Anglo-Spanish Construction, Société Française des Mines de Peñarroya, etc. Em todos êles se podia ler: « O trabalho recomeçou, logo que chegaram as tropas do general Franco ». « Os accionistas — declarava o relatório da Anglo-Spanish — tomarão conhecimento com interêsse do facto de nenhuma precaução haver sido necessária e que a simpatia com que os nacionalistas espanhóis são recebidos nas províncias servidos por esta linha constitue garantia bastante de condições pacíficas e harmonisadoras » [1].

Um jornal anarquista escrevera, em certa altura, que a evolução bolsista da Companhia de Rio Tinto constituía « um barómetro seguro das probabilidades rela-

---

[1] *A qui la victoire?*

tivas à revolução social e à reacção governamental em Espanha [1].

Em 20 de Julho, após a ocupação das minas pelos operários, a cotação cifrava-se em 975. Logo que as tropas de Queipo de Llano as tomaram e as puseram em estado de reentrar em laboração, o valor referido ascendeu a 1:000, ainda que os « stocks » anteriores fôssem requisitados por Burgos. Na altura da conquista de San Sebastian, a cotação estava em 1:200 ; subiu a 2:600, em Novembro, na ocasião da marcha sôbre Madrid, após a desvalorização do franco ; ascendeu a 2:700, em Fevereiro, quando da tomada de Malaga. Desceu no mesmo mês, tornou a subir em Março a 3:000 e 3:400, sofrendo, a seguir a Guadalajara, uma queda brusca para 2:500. As diversas crises da Primavera de 1937 fixaram-na entre 2:000 e 2:500.

No seu conjunto, o Estado criado por Franco e por êle mantido a despeito das dificuldades, obteve resultados extraordinários. Ainda nos faltam muitos documentos sôbre o assunto, que os especialistas estudarão, em pormenor, mais tarde. É verdade que êste Estado económico era um Estado económico de guerra, uma mobilização total, mas também não é menos certo que as providências destinadas a fixar os preços, defender a moeda, impossibilitar contactos entre as duas zonas, criar uma indiscutível estabilidade e revigorar a agricultura, restituíram ao país, simultâneamente, por meios violentos, a saúde económica. Esta saúde, êste êxito, independentemente dos sistemas técnicos, eram garan-

---

[1] A. P. (A. Prudhommeaux) — *in L'Espagne nouvelle* — 5-VI-37.

tidos, em especial, pela segurança colectiva e pela ordem que reinava no país. As boas finanças nunca podem existir sem uma boa política.

Os habitantes da zona nacionalista tinham disso noção e podiam comparar a sua sorte com a dos do território vermelho. Os marxistas falaram muito da atmosfera de terror e de delação que, segundo êles, se respirava na Espanha de Franco. É preciso não nos esquecermos de que nenhum testemunho pessoal podiam ter, e que sempre se impõe acolher com a maior reserva as histórias contadas pelos irradiados. Disse-se que os protestantes espanhóis, aliás pouco numerosos, eram perseguidos. Nada mais falso. Afirmou-se igualmente que Franco massacrava sacerdotes, particularmente sacerdotes vascos. É certo que a batina não bastou para proteger os padres feitos prisioneiros com armas na mão, ou conhecidos pela sua propaganda separatista. Estamos, porém, diante de medidas políticas e não de perseguições religiosas. Quanto à « atmosfera de terror e de delação », tornava-se fácil verificar, viajando pela Espanha, que o Espolon [1], em Burgos, mesmo sob a ameaça dos « raids » aéreos, conservava a sua animação e a sua graça, e que as sete irmãs da mais famosa pensão de Pamplona estavam tão alegres e serviçais como anteriormente. As inevitáveis privações, os impostos, os lutos, não roubaram a desenvoltura ao povo espanhol. Pelo contrário. Êle empreendeu a cruzada dos sacrifícios, com o orgulho de se sentir um grande povo em marcha para um renascimento.

---

[1] Principal artéria da cidade, ajardinada, à beira rio, que constitue o ponto habitual de reünião da gente burgalesa. — *(N. do T.)*.

Ninguém poderá contestar que houve adesões excessivamente rápidas. Sacerdotes que, em 17 de Julho, se recusavam a sepultar religiosamente um falangista, fizeram pomposo funeral a um irmão daquele, também filiado na Falange. Georges Bernanos, que nos dá a conhecer êste caso, proporciona-nos, ao mesmo tempo, o modêlo de certos impressos que os paroquianos eram forçados a preencher, para anunciar aos párocos respectivos que haviam cumprido o dever da desobriga. Não nos diz infelizmente, se êsses impressos, cujo teor é exclusivamente de ordem religiosa, tinham a aprovação das autoridades civis e militares — o que é importante [1]. Mesmo que os sistemas de polícia e de vigilância possam desagradar aos espíritos delicados, mesmo que tenha havido excessos nos processos por « hostilidade para com o movimento salvador », é necessário recordar que se estava em guerra, e que os homens estão longe de serem infalíveis.

Nos primeiros meses, Franco deveria defender-se ùnicamente dos elementos hostis ao seu movimento revolucionário? A questão é delicada, e para esclarecê-la faltam documentos que certamente não serão divulgados tão cedo. A revolução tivera, desde a sua origem, o apoio de três partidos políticos — a Acção Popular, os Tradicionalistas e a Falange. É certo que os seus militantes lutavam lado a lado. Que se passava, no entanto, com os chefes? Gil Robles partira para o exílio, em

[1] G. Bernanos, *Les grands cimetières sous la lune*. — Eis o texto dos impressos: « 1937. — *F..., residente em..., rua..., n.º..., ...andar, cumpriu a desobriga na igreja de... — Recomenda-se-lhe que o faça na sua paróquia. Se o fizer noutra igreja, deverá apresentar ao seu pároco a justificação de semelhante facto* ».

França ou Portugal; voltara, tornara a partir. A Imprensa falangista acolhera-o com desagrado, chegando a haver manifestações contra êle. Acabou por declarar que apoiava o general Franco (com o qual sempre manteve boas relações pessoais), mas esclareceu que continuaria no estranjeiro a-fim-de não perturbar a política do « Caudillo ». De-facto, a presença do antigo político tornara-se impossível na nova Espanha. Os seus partidários foram incorporados na Falange, em cujas fileiras alguns obtiveram cargos superiores. Todavia, o antigo chefe da « Ceda » conservou-se à margem.

Os Tradicionalistas estavam na « frente ». O idoso Bourbon morrera em 27 de Setembro de 1936. Quem era, agora, o pretendente? Segundo a lei dinástica, só poderia haver um: — Afonso XIII. O príncipe de Bourbon Parma, herdeiro de D. Carlos, foi nomeado « regente » da Comunhão Tradicionalista. Cabia-lhe vigiar de certa maneira o movimento, velar pela conservação da pureza dos seus princípios, mas não era, nem podia sê-lo, pretendente ao trono. Quanto ao organizador, Fal Conde, magnífico condutor de homens, não conseguiu entender-se com Franco e muito menos com a Falange. As dissenções não tiveram a caracterizá-las qualquer manifestação pública. Fal Conde partiu discretamente para Portugal, regressou, voltou a exilar-se, declarando também não querer « perturbar » o movimento.

Restava a Falange. Onésimo Redondo, fundador das J. O. N. S., caíra, no Alto de Leon, nos primeiros dias de luta. José António estava na prisão, em Alicante. Em Novembro, constituiu-se, ali, um tribunal revolucionário para o julgar. Houve muita gente que fêz esforços para salvá-lo. Altos elementos estranjeiros solicitaram

medidas nesse sentido ao govêrno vermelho (diz-se que entre êles figurou o sr. Blum), mas os marxistas foram inexoráveis. Em 17 de Novembro, José António ouviu a sua condenação à morte. Dirigiu-se, pouco depois, ao juiz Federico Enjuto, dizendo-lhe:

— O senhor pode supor que lhe falo porque tenho mêdo de morrer. Engana-se. Não temo a morte. Tenho trinta e três anos. Encetei o melhor da minha vida e da minha obra. Neste instante que a Espanha atravessa, eu desejaria viver com ardor, mas as espingardas não me atemorizam. Podem matar-me quando quiserem. Apenas vos peço um favor. Após a minha morte, mandem lavar o ponto do pátio onde eu caír. O meu irmão Miguel também aqui está prêso e, certamente, ainda passeará muitos dias naquele recinto. Não há necessidade alguma de que *êle caminhe sôbre o meu sangue* [1].

Pronunciadas estas palavras admiràvelmente espanholas, José António calou-se. Na manhã seguinte, foi fuzilado com mais cinco companheiros de prisão [2].

---

[1] Manuel Aznar, *in Je suis partout* — (15-VII-39).

[2] Em Março de 1939, dias antes da rendição de Madrid, encontrei Miguel Primo de Rivera, no «hall» do hotel Contestabre, em Burgos. Acompanhava-o sua irmã Pilar. Falei-lhe. Alquebrado, Miguel chegara, na semana anterior, ao território nacionalista, vindo das cadeias marxistas. Fôra resgatado, numa troca de prisioneiros. Mercê da amizade de Dias Amado, director dos serviços da «Fox-Movietone» em Espanha, o irmão do malogrado chefe de Falange condescendeu em sacrificar-me algum tempo, assim que anoiteceu. De quanto êle me disse, emocionado, retendo a custo as lágrimas, resultou uma crónica-entrevista por mim enviada, em avião, ao *Século*, onde chegou com um atraso tão considerável *(facto ainda misterioso para o meu espírito)* que prejudicou a sua publicação com oportunidade. Todavia, o depoi-

A-fim-de o reconhecerem mais tarde, enterraram os cadáveres dos últimos com o rosto para cima, ao passo que o corpo do filho de Primo de Rivera ficou sepul-

---

mento de Miguel tem indiscutível valor para esclarecer, em definitivo, as circunstâncias históricas da morte de José António. Aqui o arquivo, creio que com cabimento, tal como o recolhi e senti, nessa noite tempestuosa de Burgos, quando, por entre os uivos do vendaval, escutei a narrativa da paixão e morte do paladino nacional-sindicalista, vinda dos lábios daquele homem pálido que muito sofreu.

« *Burgos, 18.* — Há sombras de tristeza no seu rosto de expressão enérgica. Não sorri. Creio que já não sabe sorrir. Observa-me, escuta-me, queda-se por segundos pensativo e fala devagar, simulando frieza para além da qual pressinto latejar a dor. Pairam dentro dêle visões terríveis de momentos em que a alma humana é forçada a demonstrar espantosa capacidade de resistência. Ressoam ainda em seus ouvidos as últimas palavras do irmão e a descarga que fêz tombar o juvenil evangelista do nacional-sindicalismo espanhol. Suas frases são trechos da mensagem de ardor combativo vinda de além-túmulo. É José António quem fala pela sua bôca, quando passam na conversa referências ao futuro da Espanha, ao trabalho de engrandecimento, de consolidação da unidade. Ao proferi-las, dá-se na máscara algo singularmente perturbador. De relance, descubro nela o sombrio dramatismo, a subtil amargura de certas figuras do Greco. Acentuam-se as rugas profundas, torna-se mais intenso o fulgor dos olhos, mais metálico o som da voz.

Ouço-o. É êle o detentor da verdade sôbre a morte do fundador da « Falange ». É êle o único detentor do segrêdo das últimas palavras, das derradeiras reacções do homem que, um dia, resolveu lançar na balança dos destinos da pátria espanhola o pêso do seu espírito revolucionário anti-capitalista e anti-marxista, do seu verbo convincente, da sua mocidade generosa. Miguel e Pilar Primo de Rivera foram colaboradores entusiastas de José António. Seguiram-no nos gestos decididos, levaram a tôda a parte as mensagens de revolução nacional-sindicalista que lhes trans-

tado com o rosto para a terra. Pretendia-se tornar fácil, assim, demonstrar a quem quisesse verificá-lo que José António morrera. Com efeito, alguns dias depois da exe-

---

mitia nas longas conversas íntimas, no lar austero, junto da imagem do pai — o ditador caluniado e incompreendido, atingido por amigos e inimigos, ferido por indecisões e cobardias, vítima de traição vinda de alto... Ambos serviram às ordens do irmão como os primeiros soldados das hostes falangistas — primeiros na obediência, na disciplina, na decisão e no sacrifício. Com êle, ao lado de elementos abnegados como Onésimo Redondo, Fernandez Cuesta e Sancho Davilla, sacudiram o marasmo das massas juvenis operárias, deram-lhes uma doutrina e prepararam-nas para a luta. Teceram ardentemente a rêde que daria ao movimento nacionalista, chegada a hora do combate, a cooperação da mocidade trabalhadora. Depois...

— Depois — conta Miguel com sua voz pausada — meteram-nos na cadeia. Encontramo-nos na prisão provincial de Alicante. Reüniram-nos na mesma cela, vigiados por um oficial nomeado propositadamente para isso. Chegavam-nos às mãos os jornais e íamos descobrindo, nas entrelinhas das notícias ou dos artigos, a aproximação dos acontecimentos. Trocávamos impressões. José António, ânimo inquebrantável, depositava fé cega na vitória. De manhã e à tarde, era-nos permitido curto passeio pelo pátio. Em determinado dia, mudaram-nos para o Departamento dos Prêsos Políticos. Apenas o cenário foi alterado, porque continuamos juntos. Meu irmão concentrava-se, meditava e escrevia muito. Esclarecia pontos de doutrina, aprofundava métodos da sua aplicação, desfazia dúvidas, reünia elementos preciosos para a história das jornadas revolucionárias.

Em 18 de Julho, soubemos que estalara o movimento. José António ficou delirante de alegria. Irradiava optimismo. Não alimentava ilusões acêrca do que sucederia em Madrid, mas quanto a Barcelona estava convencido de que só uma série de tremendas fatalidades poderia provocar o malôgro. Voltava-se para mim e dizia-me, comovido: — « A vitória será nossa! Chegou a revolução e triunfaremos. Temos a juventude e temos por nós a jus-

cução, certos milicianos pouco convencidos exigiram a exumação. Mostraram-lhes o cadáver putrefacto, e o juiz Enjuto disse-lhes:

---

tiça. Os nossos rapazes sabem o que querem e para onde caminham». Alimentava confiança absoluta no apoio moral de Portugal, país que lhe merecia, assim como a nosso pai, carinho profundo. Aguardamos, serenos, o desenrolar dos acontecimentos. De momento, bastava-nos saber haver explodido a bomba que com tanto esfôrço prepararamos.

«SE SAIRES VIVO DAQUI, DIZE A FRANCO E DIZE AOS NOSSOS RAPAZES QUE É FALSO QUANTO ESCREVEU ÊSSE MISERAVEL!»

Da parede fronteira, os olhos perscrutadores de José António parecem examinar-nos. Do outro lado, desenha-se a silhueta altiva do marquês de Estella. Respiro o ambiente simples da residência de Pilar Primo de Rivera que, neste momento, com a camisa asul de chefe da «Falange Feminina», deve debruçar-se para a sua secretária, trabalhando sem descanso para que a mulher espanhola saia do pleito sangrento dignificada e engrandecida. Há calor e carinho e graça feminina nesta casa modestissima. Ninguém diria viverem aqui os herdeiros daquele que foi o poderoso senhor dos destinos do povo espanhol. Lá fora, há gêlo aos montes e a neve não cessa de caír. Burgos principia a embrulhar-se, friorenta, no manto de noite que chega de mansinho.

Miguel permanece ensimesmado por segundos. Curva-se para a tradicional braseira castelhana e revolve devagar a cinza com a espátula de bronze.

— A atmosfera em que, até aí, viveramos, transformou-se. Passaram a guardar-nos oito milicianos da F. A. I. e da C. N. T. Não volveu a chegar-nos às mãos qualquer jornal. Havia cinqüenta e tantos camaradas falangistas encerrados na mesma cadeia, mas raramente e só à custa de ardis obtínhamos comunicação com êles.

— Como vêem, camaradas, é certo que êle está morto.

Aquêles que conheciam os discursos de José Antó-

Se nada sabíamos a respeito do que ocorria, êles não sabiam mais do que nós. José António conversava com os milicianos. Prendia-os com sua palavra fluente. Ao cabo de pouco tempo — posso garanti-lo — os oito rapazes estavam convertidos à doutrina da «Falange». O tratamento não era mau. Pela janela gradeada da nossa prisão, víamos passar camiões com milicianos armados. Isto indicava-nos que a luta prosseguia. Avistávamos, ainda, ambulâncias que regressavam das «frentes» e escutávamos frases soltas suficientemente explícitas para depreendermos que os nossos levavam a melhor. As preocupações familiares assoberbavam-nos. Minha mulher fôra prêsa, acusada de cumplicidade connosco. Ao resto da família surpreendida em território «rojo» sucedera o mesmo. José António adivinhava o que ia acontecer. Escrevia febrilmente, à luz da lanterna de petróleo. Concedia-se curtos minutos de repouso e volvia a escrever, em silêncio. Por vezes, erguia-se do escabelo, dava rápidos passos pela cela e tornava a mergulhar no trabalho, monologando: — «É preciso deixar isto concluído! É preciso!»

Certa ocasião, a porta do cárcere abriu-se e apareceu-nos um indivíduo anguloso, louro, tipo anglo-saxónico, acompanhado por elementos da «Frente Popular». Disseram-nos ser jornalista e norte-americano. Trazia para mim um cartão do director da «United Press» em Madrid. Queria entrevistar José António. Êsse, que até aí se recusara a falar aos correspondentes dos jornais, viu um ensejo de obter notícias da marcha dos acontecimentos. O homem, claramente integrado no plano da propaganda «vermelha», dava a tôdas as preguntas cunho tendencioso, o que nos ennervava. Inquiriu se sabíamos que «as potências fascistas ajudavam os rebeldes». José António olhou-o e sorriu-se. «Ignoro-o — ripostou-lhe. — O que sei é que a Rússia ajuda a «Frente Popular». Tenho visto desta janela camiões e «tanks» com inscrições em russo». O americano insistia, e meu irmão teve a frase: — «Neste momento, há dois princípios em luta: fascismo e comu-

nio, poderiam evocar as palavras por êle pronunciadas em 17 de Novembro de 1934:

— Nesta hora solene, posso profetizar que o próximo

---

nismo — fontes doutrinárias de revolução. As ideas atingem maior alcance do que as nações onde nasceram. Não me admira, pois, que êsses países lutem pela vitória da sua doutrina ».

O homem saíu e, tempo depois, *El Liberal*, de Murcia, reproduzia a entrevista publicada em conhecida gazeta dos Estados Unidos. Lemo-la. Era uma série de infâmias repugnantes! O reporter *yankee* atribuía a meu irmão afirmações contra o Exército Espanhol, palavras anti-fascistas, frases das quais um observador consciente notaria sem demora a falsidade. José António encolerizou-se. Agarrou-me pelo casaco e sacudiu-me, gritando: — « Miguel, se saíres vivo daqui, dize a Franco, dize aos nossos rapazes que é falso quanto êsse miserável escreveu! Dize-lhe que José António foi, até o fim, consciente e patriota e revolucionário! Dize-lhe que estou com êles, que sempre estive e que sofro por não poder lutar a seu lado, de armas na mão! »

A SENTENÇA DAS « BOLAS NEGRAS », NA FRIA MADRUGADA DE 18 DE NOVÊMBRO.

Miguel fala-me do julgamento. Evoca o cenário, a assistência que, em mangas de camisa, exalando bafo a aguardente, ululava de ódio. No banco dos réus, sentavam-se êle e sua espôsa. José António defendia-os e defendia-se, a-pesar-de só lhe ter sido permitido consultar o volumoso processo durante uma hora. Advogado fogoso, com larga prática do fôro, elemento de prestígio da sua Ordem, ouvira, impassível, a arenga do promotor de justiça — indivíduo sanguinário, epiléptico, pedindo em altos gritos a cabeça dos três, chamando-lhes « señoritos », apontando-os como inimigos das classes operárias. A seguir, falou êle. Galvanizava a multidão com seu verbo inflamado, abalava as crenças assentes na propaganda contrária, abria-lhes novo e desconhecido horizonte. « Êste processo —

combate — muito mais dramático do que as lutas eleitorais — não será travado entre os valores caducos denominados « direita » e « esquerda ». Travar-se-á entre a

---

clamava — baseia-se numa questão de ordem política. Coloquemo-lo, pois, no terreno político. Será êste o meu último discurso da « Falange Espanhola » !

Furioso, olhos desorbitados, o promotor queria interrompê-lo com insultos, mas da sala inteira subiam rumores de protesto e o homem berrava, esbracejando com desespêro: — « Não o escutem ! Não lhe dêem crédito ! Não lhe dêem ouvidos ! »

— José António estava magnífico — murmurou Miguel. — Cabeça alta, olhando de frente os adversários, bradava-lhes: — « Sou responsável, senhores, e orgulho-me de sê-lo ! Desejo a vitória do Exército e da « Falange ». Trabalhei para ela. A minha inteligência, o meu coração encontram-se unidos aos que lutam pela revolução nacional-sindicalista ! Meu braço, se fôsse livre, combateria a seu lado ! Estou com êles, senhores, pela Pátria, pelo Pão, pela Justiça ! »

No recinto, o ambiente era de espanto, mas José António, sem atender aos que o cercavam, logo passou a defender o irmão e a cunhada. Embaraçou o promotor, rebateu-o com os próprios argumentos, convenceu os juízes. Levou dias o julgamento. Na noite de 14 de Novembro, sem ilusões sôbre o resultado, o fundador da « Falange » redigiu o seu testamento. Leu-o a Miguel que, de cabeça entre as mãos crispadas, o escutou, chorando.

Chegou a madrugada de 18. A espôsa de Miguel, quási desfalecida, amparava-se ao marido, que diligenciava animá-la. José António mantinha-se calmo, num prodigioso esfôrço da sua vontade de ferro. Dentro, o júri deliberava, em acesa discussão. Recorreu, por fim, à votação por « bolas negras » e « bolas brancas », para decidir a sorte do moço chefe do nacional-sindicalismo. Nessa emergência, todos se pronunciaram pela morte.

A sentença foi ouvida em silêncio pela turba. Ao compreender que ao irmão coubera a pena de trinta anos de cadeia, José António inclinou-se para êle, radiante, balbuciando: — « Estás salvo ! » Depois, escutou a sua condenação ao fuzilamento. Parecia ter cres-

« frente » asiática, sombria, anunciadora da revolução russa em tradução espanhola, e a « frente » nacional desta geração alinhada para a luta.

---

cido. Ergueu mais a fronte espaçosa, sorriu e exclamou: — « *Bueno! Procurarè guardar la linea hasta el final!* »

Unidos pelas mesmas algemas, voltaram para a cela. Minutos decorridos, separaram-nos. Começara a agonia!

« IRMÃO, AJUDA-ME A SER VALENTE! AJUDA-ME A MORRER COMO EU QUERO! AJUDA-ME! »

Miguel atinge o ponto crucial da narrativa dolorosa. Seus olhos estão mais encovados. Fala aos repelões. Há tremuras quási imperceptíveis na sua voz. Reage. Compreendo que opera esforços admiráveis para dominar-se.

— No dia 19, consentiram que nos víssemos pelo espaço de uma hora. Êle conservava a presença de espírito. Falou-me de assuntos de família, deu-me listas de amigos e camaradas da « Falange » para os quais enviava os últimos « saludos ». Passeávamos na cela, quando me disse: — « É pena que eu acabe quando a « Falange » começa! » Instantes após, murmurava, como se respondesse a uma dúvida íntima: — « Estou preparado comigo próprio e com Deus! Talvez seja preferível morrer agora do que mais tarde! » Eu dizia-lhe da possibilidade do indulto, mas êle sorria. Desesperado, afirmava-lhe a minha esperança de que não seria cometida a barbaridade de matar um homem em semelhantes condições. Limitava-se a sorrir e apertava-me muito as mãos. De súbito, encarou-me e disse: — « Não, Miguel! Tenho de morrer! Os camaradas de Aliçante já caíram todos! Sou o chefe. Cairei também! » Saí dêste encontro atordoado, esmagado, com o cérebro em fogo. Todavia, José António, ao ficar só, dirigiu-se aos milicianos: — « Hoje, quero banquetear-me. Tragam-me uma lata de sardinhas ». Serviram-lhe carne, pão e vinho. Comeu pouco e mandou-me metade.

Miguel suspende-se. Logo brota de seus lábios um turbilhão de palavras. Fala de olhos perdidos na sombra anoitecente que nos

Na Espanha nacionalista, não se acreditou, ninguém quis acreditar, na sua morte. Até o fim da guerra, nenhuma biografia oficial do fundador da Falange apare-

---

envolve. Distingo seus punhos crispados. É o fim. Ouço-o com angústia e visiona a cena atroz.

Dia 22 de Novembro. Seis horas e vinte minutos. Amanhece. A ventania uiva melopeias lúgubres pelos corredores frios da cadeia. Os guardas vão buscá-lo para a despedida. Cambaleando, atinge a pequena cela. O irmão descansa na enxerga húmida sob a claridade oscilante da lanterna que balouça e range. A aragem sacode a chama incerta. Espalha-se pela estreita quadra o fumo acre do petróleo. Na rua, as sentinelas gritam roucos « alertas », batem coronhas de espingardas no lagedo. Os dois irmãos olham-se longamente e trocam um abraço que dura largos minutos. Estreitam-se com desespêro. Une-os a idea da infância não distante, a recordação dos pais, as ilusões comuns, a mesma ânsia de vida e a mesma causa ideológica. Miguel não consegue reter as lágrimas. José António aperta-o mais de encontro ao largo peito generoso e rouqueja: — « Miguel, irmão, ajuda-me a ser valente! Ajuda-me a morrer como quero! Ajuda-me! » Os milicianos entram. É a hora. O condenado despe o sobretudo e oferece-o a um dos verdugos. Perto, desfilam entre escolta dois falangistas e dois « requetés » que também vão ser passados pelas armas. Outro abraço fremente, decisivo, o último. Correcto no seu trajo cinzento, o criador da « Falange » quási empurra o irmão para fora. Miguel sobe para o cárcere titubeando, a cambalear, desvairado pela dor, tremendo, soluçando, cabeça apertada entre os punhos. Já o sacrificado marcha ràpidamente para o sítio onde alinha o pelotão. Vê os outros. Dirige-lhes a palavra: — « Rapazes, ânimo! Isto é rápido! » Tira do peito um pequeno crucifixo. Beija-o. Ergue o braço na saüdação e o seu derradeiro grito é para a madre-pátria: « Arriba España! » Os quatro companheiros secundam-no. Do lado oposto, uma ordem sêca...

Lá em cima, de olhos escancarados, emudecido pelo sofrimento, Miguel ouviu a descarga. A seguir, cinco tiros de pistola. Tudo acabara!

José António morrera, mas os que ordenaram o seu fuzilamento

ceu à venda [1]. No decurso das cerimónias em que se procedia à chamada dos mártires, uma voz ia respondendo « Presente! », a cada nome pronunciado. Só quando se ouvia o de José António a resposta era: « Ausente ». E assim se tornou o *Ausente*, até que foi anunciada oficialmente a sua morte. « Mesmo que êle apenas houvesse despertado nos espanhóis o sentimento da Revolução nacional e apontasse à mocidade os caminhos do heroísmo — escreveu Manuel Aznar — o fundador da Falange já teria feito o bastante para ser considerado um dos homens exemplares da vida espanhola. Mas a pureza da sua vida, o vigor da sua acção, as circunstâncias da sua morte, tornaram-no um herói. Recordâmo-lo e amâmo-lo como um verdadeiro herói ».

José António tornou-se figura votiva e legendária da Espanha e apareceu em tôdas as paredes a sua ima-

---

haviam esquecido que a semente por êle lançada à terra germinara e que já ninguém podia cortar os troncos fortes surgidos da gleba brava e fecunda, adubada com sangue. E foi dêsses troncos que mãos enérgicas fizeram os arcos dos archeiros que lutaram pela fé do mártir juvenil de Alicante. E foi dêsses arcos que partiram, vibrando, na febre ardente dos combates, as cinco flechas da vitória. » — *(N. do T.)*.

[1] Tratava-se certamente de um lapso de Brassillach e Bardéche, lapso ligeiro, aliás. Meses antes de ser proferida a famosa e emocionante frase: « A guerra acabou », encontrei nas livrarias de várias cidades espanholas, como Sevilha, Saragoça, Burgos, San Sebastian, Salamanca, etc., vários livros e folhetos, de nítido carácter oficioso, traçando o perfil e assinalando a obra do mártir de Alicante. Em Janeiro de 1939, por exemplo, havia à venda, em Sevilha, na própria secção de propaganda da « Falange », um « facsimile » bem encadernado do testamento de José António. Já muito antes ninguém duvidava, na zona nacionalista, de que o chefe do nacional-sindicalismo morrera. — *(N. do T.)*.

gem. Todavia, um morto é, por vezes, um elemento perigoso. Houve numerosas ocasiões em que Franco dirigiu repreensões directas àqueles que diziam seguir José António e compreendê-lo melhor do que o próprio *Caudillo*. A influência alemã, que já era importante, sôbre as hostes iniciais da Falange, ameaçava tornar-se preponderante, sob a direcção de Gimenez Caballero. Franco pediu à Wilhelmstrasse que retirasse de Espanha o seu primeiro embaixador, general Von Faupel, que pretendia incutir nas juventudes falangistas o espírito do nacional-socialismo e que infundia receios aos católicos. Também se evidenciava a influência desastrosa do liberalismo e de um socialismo determinado nos antigos elementos « gil-roblistas » convertidos à Falange. Esta transformou-se num refúgio de todos os oposicionistas, a tal ponto que se passou a conceder, apenas, aos filiados, cartões « provisórios » — facto revelador de desconfiança em face das conversões algo bruscas. Por fim, houve uma crise secreta. Acêrca dela poucas informações existem. Um falangista a quem pedimos esclarecimentos, limitou-se a exclamar:

— Tabu!

Com efeito, é um assunto *tabu*. Sabe-se apenas que, na Primavera de 1937, foi descoberta uma espécie de conspiração dirigida contra Franco, ao que parece. Um dos antigos lugar-tenentes de José António, de nome Manuel Hedilla, foi prêso e condenado à morte. Diz-se que a intervenção pessoal de Mussolini lhe salvou a vida. Teria efectuado uma confissão completa, após o que deu entrada numa cadeia. E pouco ou nada transpirou da questão [1].

---

[1] Também esbarrei, várias vezes, com a compreensível re-

As bases da Falange passaram a formar a constituïção da nova Espanha. Mas os elementos perigosos para o regime foram afastados, e nenhuma medida atin-

---

serva dos jovens falangistas, quanto ao acontecimento. Todavia, um dêles, « camisa-vélha », espírito devotado ardentemente à sua causa, que sofreu violências dos « vermelhos » durante as campanhas de propaganda e que se bateu, nas linhas de fogo, quando chegou a guerra, confiou-me esta versão:

Quando Franco decidiu proceder à unificação dos partidos e proclamar-se seu chefe supremo, esta resolução desagradou profundamente nos sectores da Falange animados pelo espírito do nacional-sindicalismo revolucionário difundido por José António e Onésimo Redondo. Entre a Falange e os tradicionalistas *(requetés)*, havia profundas diferenças doutrinárias, por muito que se diga o contrário. Só o objectivo comum de derrotar o marxismo ligava as duas fôrças, porque subsistiam entre elas numerosos motivos de fricção. Até certa altura, ouvir um falangista referir-se aos « requetés » ou escutar a um dêstes palavras sôbre os falangistas, era obter a impressão de que, mais dia menos dia, surgiria um conflito. Criara-se, inegàvelmente, uma desconfiança mútua, e de ambos os lados se exercia uma vigilância atenta, com receio de que algum dêles pretendesse quebrar o equilíbrio de influências junto das massas e junto de Franco. Os uniformes eram ostensivamente diferentes, e se os falangistas adaptavam versos chocarreiros ao hino dos « requetés », estes ripostavam da mesma forma. A situação apresentava, pois, características reveladoras de que a Falange e os tradicionalistas eram fôrças progressivamente hostis, com grave risco para as finalidades da luta comum.

Ao ser conhecida a resolução de Franco, o qual compreendera ser urgente solucionar radicalmente o delicado problema, a extrema-esquerda falangista depreendeu que o *Caudillo* se inclinava para os seus aliados-adversários, e quis opor-se. Outros sectores da Falange discordaram de semelhante atitude, classificando-a de traição, o que parece ter complicado singularmente o caso. Manuel Hedilla, então chefe dos falangistas, colocou-se à frente da oposição, fazendo sentir ao *Caudillo* que não concordava com o plano unificador. As outras facções, talvez inspiradas do alto, destituíram

giu os outros. Serrano Suner e Fernandez Cuesta, amigos de José António, tornaram-se duas personalidades preponderantes no govêrno. Tal como equilibrou as

---

Hedilla, numa reünião efectuada em Salamanca, nomeando para substituí-lo um « camisa-vélha » menos intransigente e mais compreensivo das necessidades do momento: Sancho d'Ávila, outro amigo e companheiro de José António, elemento que prestava à causa relevantes serviços. O chefe falangista destituído, apoiado pelos seus partidários, decidiu agir. Segundo o meu informador, teria tentado, uma noite, assassinar Sancho d'Ávila, no quarto do hotel de Salamanca, onde êle se encontrava. Chegou a fazer fogo, mas a bala atingiu, mortalmente, ao que parece, um dos adeptos fiéis que velavam pela segurança do novo dirigente da Falange. Êste não estava desprevenido. Perto, conservavam-se, vigilantes, alguns falangistas que acorreram em seu auxílio. Os conspiradores foram dominados, após rápida luta, e encarcerados.

No dizer do meu informador, um outro grupo de conjurados teria, também, esboçado uma tentativa contra Franco, sofrendo sorte igual à dos seus companheiros. Haveria ligações com algumas das fôrças políticas do território marxista, fôrças entre as quais referviam igualmente rivalidades terríveis? O meu informador disse-me que sim. Os anarco-sindicalistas e os trotzkistas teriam conseguido entrar em contacto com Hedilla, por intermédio de agentes instalados em Biarritz e Hendaye, combinando uma acção simultânea — uns contra Franco e as correntes tradicionalistas, outros contra os comunistas estalinistas. Se vencessem, poriam têrmo à guerra e criariam um Estado com base num programa social revolucionário comum. Terá sido assim? Haverá nisto uma grande dose de verdade? Sabê-lo-emos em dia talvez não distante. Até lá, suponho que esta versão não é isenta de certa lógica, nem pode ser posta de parte totalmente. Uma coisa importa, no entanto, assinalar: é que Franco demonstrou, nesta emergência, ser um político de larga e rápida visão, enérgico, resoluto e, simultâneamente, prudente. A Espanha nacionalista teve, de-facto, nesse instante, à sua frente, o único homem capaz de impedir com inteligência um conflito na retaguarda, conflito que de-pressa chegaria às « frentes » e provocaria, sem dúvida, uma derrocada fatal. — *(N. do T.)*.

relações de amizade com a Alemanha e a Itália, Franco logrou com igual equilíbrio vencer as dificuldades internas. Nada quebrou e nada renegou do espírito inicial do movimento: os « requetés » continuaram a ter uma posição honrosa, e a táctica de Franco permitiu conservar em posições de primeiro plano, simultâneamente, falangistas, carlistas e realistas. No entanto, o *Caudillo* destruiu tudo quanto julgou susceptível de provocar uma cisão dentro do movimento nacional.

Em 19 de Abril de 1937, publicou um decreto que nos demonstra com nitidez o pensamento que o animava: os « requetés », os falangistas e as outras milícias combatentes ficavam, de futuro, unificados, sob a denominação de « Falanges Españolas Tradicionalistas y de las J. O. N. S. ». Foi assim que Franco considerou ter aniquilado o antigo espírito de partidarismo. E foi desta maneira que, ao começar a Primavera, a Espanha nacionalista se preparou para viver o segundo ano de guerra.

II

A Europa e a Espanha

As dificuldades experimentadas pelos dois blocos inimigos não eram apenas de ordem interna. Assim que o movimento eclodiu, assistiu-se à intervenção de tôda a Europa. Os rebeldes evocaram, em Roma e Berlim, os comuns princípios totalitários, ao passo que o govêrno de Madrid buscava em Moscovo um apoio vigoroso. Havia, no entanto, uma incógnita, no conjunto dos países interessados na Revolução. Essa incógnita era a atitude da França. Desde Junho que, em Paris, o poder estava nas mãos de um govêrno do « Front Populaire » nìtidamente favorável à « Frente Popular » espanhola, mas a oposição nacionalista continuava a ter fôrça. Madrid diligenciou, sem perda de tempo, atrair o presidente do ministério francês, Leon Blum, a-fim-de lhe arrancar uma promessa formal de auxílio.

As intervenções oficiais

A Imprensa do « Front Populaire » marcara a sua posição contra os nacionalistas espanhóis, logo que

estes empreenderam a sublevação. Tudo parecia indicar aos vermelhos que podiam contar com o apoio de Paris. Em 21 de Julho, dois oficiais aviadores chegaram ao aerodromo de Bourget, incumbidos de reclamar o envio de combustível para a esquadra marxista, munições, artelharia e aviões. No dia seguinte, o vapor *Arara Mendi* fundeava em Bayonne, e um dos seus oficiais ia a terra pedir, friamente, ao « maire », ao prefeito e ao sub-prefeito, quatro peças de artelharia calibre 7,5, quarenta mil espingardas e metralhadoras. O prefeito transmitiu o pedido ao secretário geral da presidência do Conselho, Jules Moch, mas o ministro da Guerra negou-se a tomar em consideração êste pedido singular.

— É indispensável pelo menos — disse êle — uma diligência oficial da embaixada espanhola [1].

A diligência foi feita imediatamente, não em Paris mas em Londres. O embaixador de Espanha naquela capital pediu a Delbos, que nessa altura estava em Inglaterra, o seguinte: 1.° autorização do govêrno parisiense para que as fôrças vermelhas utilizassem as bases aéreas do Marrocos francês, a-fim-de bombardearem Larache, Tetuão e Ceuta ; 2.° fornecimento de armas e munições ; 3.° reabastecimentos de combustível para os navios de guerra, e fornecimento de farinha. Yvon Delbos declarou-lhe que transmitiria os pedidos ao seu govêrno [2].

A campanha empreendida por Maurice Pujo nas colunas da *Accion Française* originou o malogro de tais planos. Em 23 de Julho, o referido jornal revelava que um telegrama do dia 20 reclamava 25 aviões de bom-

---

[1] e [2] *Je suis partout* (25 — Julho — 1936).

bardeamento, e que um outro, no mesmo dia, encomendava doze milhões de cartuchos e peças de 7,5. Em 21, o antigo embaixador espanhol Cardenas, foi falar com Blum e, em 24, a *Action Française* anunciava terem chegado a Marselha, com destino à Espanha, dez mil bombas aéreas, transportadas em dois combóios. Revelava ainda que haviam sido vendidas a aviadores espanhóis e estavam prestes a partir do Bourget quatro aparelhos « Potez 54 » e dezassete « Potez 25 ». Fernando de los Rios — dizia o mesmo jornal — chegou a Paris com o propósito de acelerar as remessas. Na mesma tarde, o govêrno formulava um desmentido categórico destas revelações cujo efeito foi a expedição ficar em suspenso. Todavia, foram retirados das reservas do Exército vinte e quatro « Potez 25 », que logo seguiram para Etampes, emquanto a A. P. E. N. A. (associação dos aviadores civis) convidava vinte pilotos, aos quais prometia trinta mil francos pelo trabalho de conduzir os aparelhos, e um seguro de vida de duzentos mil francos. Em 26 de Julho, a *Action Française* anunciava que, no Conselho de Ministros, numerosos membros do govêrno tomaram uma atitude contrária à intervenção, e a verdade é que também a remessa dos aeroplanos ficou anulada. Não tardou, porém, que ò jornal monárquico recomeçasse a fazer revelações, quanto às singulares manobras do ministro do Ar, Pierre Cot, que encomendara oito aviões « Bloch » à casa Potez, entregando-lhe, em troca, dezassete « Potez 25 », que ela poderia vender à Espanha marxista. O ministro demonstrava pouco se importar com a idea de que as reservas do Exército francês ficavam deminuídas. Mas a denúncia da *Action Française* entravou, mais uma vez, o envio dos aparelhos, e estes continuaram em França.

Por seu lado, a Imprensa das esquerdas começou a explorar o facto de um avião « Junkers » ter chegado a Tetuão, ido da Alemanha, afirmando que eram esperados ali, na semana seguinte, mais dezanove « Junkers » e vinte « Capronis ».

Em 25 de Julho, Fernando de los Rios enviou ao presidente do Conselho madrileno, José Giral, uma carta na qual reconhecia o fundamento da campanha desencadeada na Imprensa anti-esquerdista. Eis o texto integral dêsse documento [1]:

« Paris, 25 de Julho de 1936. — *Ex.*^mo^ *Sr. Presidente do Conselho de Ministros, D. José Giral. — Meu querido amigo.* — Desisto de fazer história, porque a hora adiantada a que começo esta carta, depois de uma última conferência com o govêrno, ou, para melhor dizer, com elementos proeminentes dêle, tornaria impossível enviá-la pelo avião « Douglas », que há-de levá-la a Madrid, para ser entregue pessoalmente a si.

« A campanha que a Imprensa de Paris, talvez com a única excepção de três jornais, empreendera contra a possível entrega de armamentos, depois do momento em que, por infidelidade, fôra entregue o telegrama cifrado que, na noite de segunda-feira para terça, v. enviou ao govêrno, acentuou-se com a chegada dos aviadores e tornou-se mais viva ao ser conhecida a minha chegada a Paris e ao conhecerem-se minúcias, que reve-

---

[1] É interessante registar que *O Século* foi o primeiro jornal do mundo a publicar o « fac simile » desta carta, graças à diligência de Tomé Vieira, que nessa altura era seu redactor e estava em serviço de reportagem em Salamanca. — *(N. do T.)*.

lam amplas traições, acêrca de cada uma e de tôdas as nossas petições.

« Ontem, à noite, logo que cheguei de Londres, fui convidado pelo chefe do govêrno a ir a sua casa, onde estavam os quatro ministros a que os nossos desejos interessavam, pela índole especial das suas pastas. A conversa teve um carácter essencialmente político. A pedido dêles, tive de fazer algumas considerações sôbre o aspecto que apresenta a luta espanhola, a qual não pode ser considerada estritamente nacional, por uma série de razões que analisámos. Vieram à baila a fronteira dos Pirineus, as Baleares, o estreito de Gibraltar, as Canárias e a ruptura da unidade política da Europa Ocidental.

« Tinham por isso interêsse directo em ajudar-nos. Como ? Discutimos as nossas petições. Pela atitude de um ministro verifiquei que havia divergências.

« Surgiu uma questão nova : a semi-impossibilidade de os nossos aviadores virem a Paris buscar os aparelhos dada a escassez que temos de pilotos. Além disso, era nosso propósito reter em Espanha os aviadores franceses. Foi-me dito, por quem podia fazê-lo, que todo o material (aviões e bombas) estava preparado, e que, na manhã de hoje, P. Cot, ministro da Aeronáutica, queria falar-me com urgência. Cot já me tinha procurado na embaixada. Como não me encontrou, amigos comuns disseram-me que, para não suscitar mais suspeitas, devia ir eu a casa dêle. Fui. Comunicou-me a impossibilidade de convencer o ministro dos Negócios Estranjeiros de que era lícito os aviadores franceses levarem os aeroplanos a Espanha. A fórmula era êles conduzirem-nos a Perpignan, etc., como comuniquei para aí, ontem, 24.

« Quando, esta manhã, estive no Ministério da Aeronáutica, tudo caminhava bem. Porém, ao chegar à Casa Potez, as dificuldades pareciam insuperáveis.

« A campanha da Imprensa, com a reprodução de documentos, adquiriu proporções tais, que Blum, quando foi despachar com o Presidente da República, achou-o perturbado e em tal disposição de espírito que ouviu dêle: « Isso que pensa fazer, de entregar armas a Espanha, pode ser a guerra europeia, ou a revolução em França ». E o Chefe do Estado pediu a reünião de um Conselho de ministros extraordinário, às 16 horas.

« A posição do Presidente da República era a mesma de alguns ministros, e, no Conselho, houve divergências. O próprio presidente da Câmara, Herriot, foi avistar-se com Blum, para lhe pedir que reflectisse, pois achava que tal coisa jamais se fizera e podia levar a Alemanha e a Itália a fazerem o reconhecimento, de facto, de qualquer aparência de poder que se estabelecesse em qualquer cidade espanhola e a enviar-lhe armas e munições, em quantidades superiores àquelas que a França pode fornecer.

« A pressão é enorme. Das 2 e meia às 4 menos um quarto, estive reünido com o chefe do govêrno e um ministro, em casa de uma terceira pessoa. « Tenho a alma confrangida », dizia Blum, convencido, « como podemos estar todos nós, da transcendência europeia da partida que se joga em Espanha ». Nunca o tinha visto tão profundamente comovido. « Manterei a minha posição, a todo o custo, e com todos os riscos » — disse-me. « É preciso ajudar a Espanha amiga. Como ? Veremos ».

« Às 4 e meia, voltei a reünir-me com alguns dêles. A luta foi dura e, na discussão, representou um grande papel uma cláusula secreta (que o acaso me fêz conhecer)

do tratado ou acôrdo comercial subscrito em Dezembro de 1935, por Martinez de Velasco. Existe uma espécie de nota confidencial, contendo a obrigação, por parte da Espanha, de comprar vinte milhões de francos de armamento e munições à França. Preguntava-me, por isso, ontem, à noite, o ministro da Guerra, se eu sabia alguma coisa acêrca dessa cláusula. Respondi que sim, e, com efeito, era verdade, pois neste ambiente da embaixada, dissera-me, por meias palavras, o sr. Castillo, algo que me fizera suspeitar um pouco da sua existência.

« Pedi o *dossier* do tratado e, com efeito, achei a nota confidencial, nota que nenhum dos actuais ministros franceses conhecia e que a nossa Constituïção proíbe, e que não passou pela comissão os negócios estranjeiros. A resolução do Conselho foi não reconhecer nenhuma venda de govêrno a govêrno, mas dar as autorizações que fôssem necessárias para que a indústria nos entregue o material que adquirimos. O modo de executar isto e de facilitá-lo será estudado por uma comissão de ministros, na qual contamos com alguns dos nossos mais fiéis amigos. Estes terão, amanhã, uma reünião mais importante e decisiva, mas informaram-me já de que poderemos, quási com segurança absoluta, retirar os aparelhos de aviação, na segunda ou terça--feira, e organizarmos, ou, melhor, organizarei com Cruz Marin e algum outro amigo espanhol, ajudado por alguns excelentes amigos franceses, a passagem das bombas. Isto é difícil, sobretudo para quem, como eu, não é, precisamente uma raposa astuta. Mas veremos do que a necessidade nos torna capazes.

« Construir-se-ão os aparelhos « Potez 54 » e procurar-se-á encurtar os prazos para todo o armamento. Creio que só poderemos entender-nos com a Hotchkiss.

« As nossas conversações são captadas e tôdas as coisas que os senhores dizem, com leves variantes, são difundidas. Pelo interêsse da Espanha e para eficácia das negociações, conviria, pois, extraordinária reserva na linguagem, emprêgo de palavras convencionais e sobriedade extrema, quanto à necessidade de tais ou quais meios para a luta. Quando os senhores usam palavras como *imprescindível, urgente, essencial,* etc., facilitam, dada a organização secreta que existe, a sabotagem do que se importa.

« Diàriamente lhes darei uma nota das minhas impressões.

« Quero também dizer a v. que esta noite, em face de um pedido do prefeito da Polícia, me instalei num aposento da embaixada. Lamento-o, mas não quero que os senhores considerem isto incorrecto. Creio indispensável que venha urgentemente o embaixador e tome a direcção disto, com plena personalidade e responsabilidade.

« Para todo o govêrno, as minhas saüdações e as minhas melhores palavras de alento e fé na nossa Espanha. Para v. o abraço sincero de um vélho amigo seu. (a) — *Fernando de los Rios* » [1].

Tal era o plano que ia ser pôsto em prática, desde a primeira semana de luta, a despeito dos entraves postos à sua execução pelas campanhas da *Action*

---

[1] Fernando de los Rios, antigo ministro socialista, depositara num Banco francês, assim que chegou a Paris, cinco milhões de pesetas destinadas à compra de armamento. Pouco depois, ancorava em Marselha o navio « Ciudad de Diós », para carregar

Française e do *Jour*. Em 31 de Julho, seis aviadores italianos foram obrigados a descer em Moulouya, na zona francesa de Marrocos. Eram pilotos civis. Em Rabat, correu o boato de que tinham chegado ao protectorado espanhol catorze aparelhos da mesma nacio-

---

armas compradas por intermédio de um certo Roy. A importância total da aquisição elevava-se a quatro milhões e meio de francos. Também estava fundeado ali outro barco espanhol destinado a transportar recrutas para as milícias « vermelhas », segundo revelações feitas por alguns jornais de Paris.

É oportuno frisar que, na opinião de alguns sectores das esquerdas espanholas, que a exprimiam nos seus jornais, Fernando de los Rios não era a pessoa indicada para « tratar de assunto de tal envergadura », como se escrevia no *Treball*, de Barcelona. Depreende-se, também, que Azaña preferiria ter visto confiar a delicada missão a outro diplomata, por questões de ordem puramente pessoal, ao que parece. Isto não repugna acreditar, relendo as famosas memórias íntimas do então Presidente da República, memórias cujo original foi roubado, segundo me asseguraram, por um audacioso agente secreto de Franco, e que os jornais da zona nacionalista, bem como numerosas gazetas estrangeiras, publicaram. Por elas se apurou — *e o facto teve influência nas relações do presidente valenciano com os seus colaboradores* — que Azaña nutria o maior desprêzo por quási todos aquêles que, nessa altura, o apoiavam. Na página de 4 de Setembro de 1932, lê-se:

« Esta noite, Fernando fêz-me uma confidência. « Não gosto dos homens com barbas; assustam-me » — disse-me êle. »

Em 18 de Agôsto de 1932, Azaña registara: « Fernando rodeia-se de gente nova, não observa a troça tremenda que dêle andam fazendo. Tôdas as vezes que ouso chamar a sua atenção para o caso, fala-me da necessidade de uma « efebocracia »... Isto leva-o a fiascos terríveis ». No mesmo dia: « Fernando é de uma ingenuïdade *pedante* ».

Em 13 de Janeiro de 1933, lê-se isto: « Fernando diz-me que o que se passou em Casas Viejas *era muito necessário*, dada a situação do campo andaluz e dos antecedentes anarquistas da pro-

nalidade ([1]). Êste incidente (posterior, no entanto, aos fornecimentos aos marxistas) foi imediatamente um motivo de especulação para a Imprensa revolucionária, que se apoiou, desde êsse momento, na intervenção italiana para reclamar a intervenção francesa. No primeiro

---

víncia de Cadiz. Por seu lado, Largo Caballero *concorda, a-propósito, que o rigor, neste momento, é inevitável* ».

15 de Janeiro de 1933. Na Cidade Universitária, inaugurou-se a Faculdade de Letras. Azaña assiste e, à noite, anota : « Fernando falou depois. Tratou de coisas universitárias ; disse não sei quê sôbre o hispanismo imperial e falou do cavalo de Troia, sem propósito nenhum. Quando saí da tribuna, Prieto disse-me, em voz baixa : « Tive tentações de arrancar ao Fernando as ferraduras do cavalo de Troia. Que série de parvoíces ! »

Azaña, em 14 de Julho de 1933, queixa-se : « Fernando, sem dar contas ao govêrno, está a acelerar as negociações para o reconhecimento dos sovietes. Tudo isto é resultado da *sua infinita vaidade*, que já nos tem custado muitos desgôstos e criado grandes dificuldades ».

12 de Agôsto de 1932. Nesta data, escreveu o presidente valenciano: « Fernando é de uma *mediocridade alarmante*. Está possuído de uma *idiotia fanática*. Só emprega expressões *pedantes e rebuscadas*. A sua *falta de tacto político* é absoluta ».

Fanático, pedante, ridículo, idiota, vaidoso ! Nisto se resumia a figura de Fernando de los Rios — no critério de Azaña. De resto, êste escreveu, em 25 de Janeiro de 1933, acêrca de quantos o rodeavam :

« Espanta-me o estado de incultura desta gente política. Não sei se chegam a duas dezenas as pessoas do mundo parlamentar e jornalístico com as quais se possa raciocinar a sério, certos de que sabem o que queremos dizer. » — *(N. do T.)*.

([1]) Os aviões, em número de doze, partiram em 30 de Elmas, Itália, e só nove chegaram no mesmo dia a Nador, Marrocos espanhol. Foi, pois, em 30, que seis aviadores italianos desceram, por engano, no território francês. A-propósito dêste caso, vide a nota publicada no 1.º volume desta obra, pág. 205 a 207. — *(N. do T.)*.

dia de Agôsto, Yvon Delbos, ministro dos Negócios Estranjeiros, enviava um importante comunicado aos jornais franceses: « *O facto de serem agora enviados do estranjeiro aos insurrectos espanhóis fornecimentos de material de guerra obriga o govêrno francês a reservar a sua liberdade de apreciação quanto a aplicar as decisões por êle tomadas* ». Isto representava simplesmente uma confissão da intervenção francesa. Em 6 de Agôsto, o ministro da Guerra promovia o envio de armas, expedidas de Bordeus em vagões camuflados. Perante uma nova campanha da Imprensa anti-marxista, o govêrno publicou, em 8, outro comunicado que foi uma nova confissão: « O govêrno decidiu *suspender* as exportações com destino a Espanha ». Não obstante, nesse dia, foram aprontados treze « Dewoitine » e seis « Potez » de bombardeamento destinados aos vermelhos espanhóis. O escritor comunista André Malraux preparara o contrato com os seus pilotos.

Em 20, a *Action Française* divulgou dois documentos importantes — um era o « fac simile » da guia de expedição de um carregamento de munições enviado pelos comunistas de Barcelona aos correligionários de Irun, através do território francês, pelo entroncamento de Toulouse. Nessa fôlha, via-se uma etiqueta vermelha sôbre a qual se liam, em caracteres brancos, estas palavras: « Matérias inflamáveis ou explosivas ». O outro documento ainda tinha maior valor: Tratava-se dêste contrato firmado, em 12 de Agôsto, entre o embaixador da Espanha, tornado engajador em território estranjeiro — o que é contrário às regras da diplomacia — e os pilotos convidados por André Malraux.

Embaixada de Espanha em Paris

República Espanhola

CONTRATO

Entre o govêrno da República espanhola e o sr.... fica estabelecido o seguinte:

1.º — O sr.... a partir de 13 de Agôsto de 1936 até 13 de Setembro de 1936 inclusivé, ou seja durante um mês, está à inteira disposição do govêrno espanhol para todos os trabalhos de aeronáutica que lhe sejam confiados, nos *territórios francês ou espanhol,* e pelos quais o govêrno espanhol lhe atribue o vencimento mensal de 25:000 francos, a pagar em moeda francesa: 10:000 francos líquidos entregues à partida de Paris, e 15:000 depositados num Banco, em 12 de Agôsto de 1936, e colocados à disposição do interessado em 13 de Setembro de 1936 ;

2.º — O govêrno espanhol contrata, a favor do sr.... ou de qualquer pessoa por êle indicada como sua herdeira, a partir de 13 de Agôsto de 1936, um seguro de vida na importância de 200:000 francos, compreendendo todos os riscos, inclusivé os de guerra, válido de Paris a Paris, ficando o regresso assegurado, além disso, pelo govêrno espanhol.

3.º — O govêrno espanhol reconhece como chefe responsável dos pilotos o sr. André Malraux a quem, com a assistência de dois técnicos, competirá assegurar os contratos daqueles com o govêrno espanhol.

Êste contrato é renovável todos os meses, por acôrdo entre as duas partes interessadas.

Escrito e assinado em duplicado, em Paris, em 12 de Agôsto de 1936.

O Embaixador de Espanha
(a) *Alvaro de Albornoz*

O interessado

....

Em 26 de Agôsto, por « ordem especial » do ministro do Ar, foi preparado um avião em Villacoublay, para seguir com rumo a Espanha. A campanha da *Action Française* impediu, mais uma vez, que a ordem fôsse executada.

A-pesar disto, quer pela via férrea, quer pela estrada, por via aérea e por meio de navios que ocultavam a sua nacionalidade, o govêrno madrileno recebeu, desde as primeiras semanas da guerra, as armas e as munições de que necessitava. A França forneceu-lhas por sua própria conta e, como país de trânsito, deixou passar os carregamentos expedidos da Suécia, da Checo-Eslováquia e da Bélgica. A Rússia utilizava a via marítima para as suas remessas, e o mesmo faziam os industriais britânicos. A exposição de armas tomadas na « frente », realizada em 1938, em San Sebastian, não deixou dúvidas de que o armamento vermelho era fornecido por diferentes países (espingardas russas, checas e mexicanas, metralhadoras e outras armas automáticas russas, francesas, suecas, mexicanas e checas ; carros de assalto ùnicamente russos, aviação russa e francesa). Os inglêses, ao que parece, venderam poucas armas e, logo que se descobriram batarias de artelharia britânica em Bilbao, o govêrno de Londres garantiu que queria manter-se alheio a semelhante comércio. A verdade é

que foi em navios matriculados mais ou menos regularmente em Inglaterra que se fizeram quási todos os transportes de armas, durante trinta meses.

Por essa altura, aviões de fabrico italiano e alguns de marca alemã começaram a chegar ao território governado por Franco. Foram êles que asseguraram o transporte das tropas marroquinas e asseguraram a posse da ilha Maiorca.

Quanto ao recrutamento de homens, teve um carácter romântico, no princípio. A Imprensa marxista pedia o alistamento de voluntários e lembrava as páginas da Revolução francesa. O govêrno madrileno enviava a Paris a deputada por Oviedo, Dolores Ibarrurri, conhecida por « Pasionaria », que realizou um comício, no Velodromo de Inverno, onde a assistência clamava: « Blum, à acção ! » Coube à « Pasionaria », cujo talento oratório é incontestável, o papel de principal agente de propaganda dos vermelhos, incutindo-lhes um entusiasmo romântico. Mulher de um mineiro asturiano, aparecia aureolada pelas legendas da luta social e da guerra civil, contando-se a seu respeito episódios que, segundo os casos, são desmentidos ou confirmados. Diz-se, por exemplo, que ela dilacerou, com os dentes, as carótidas de um sacerdote. Verdade ou mentira, a história parecia não lhe causar desagrado. Pela fronteira, passaram centenas e, a seguir, milhares de voluntários, os quais devem ser classificados em duas categorias: 1.º — os combatentes por doutrina, comunistas, anti-fascistas decididos a fechar o caminho à reacção; 2.º — os desempregados de todos os países, para os quais a guerra constituía um meio como qualquer outro de ganhar a vida. Foi em relação aos últimos que se cometeram alguns erros de táctica: engajar menores de 17 anos reclamados pelas

famílias, não cumprimento das promessas de rendosos vencimentos, etc. Chegou a desilusão, deram-se deserções e os fugitivos vieram contar os horrores do Exército marxista e a ditadura sangrenta do deputado comunista francês André Marty, bem de-pressa cognominado de « Carniceiro de Albacete ». As organizações operárias exerciam pressão sôbre os trabalhadores, chegando a privar muitos dêles das cartas de trabalho, se se recusavam a marchar para a Espanha. Emfim, também se efectuava uma propaganda especial junto dos russos brancos, antigos oficiais, aos quais a organização « Regresso à pátria » prometia fazê-los voltar à Rússia, onde entrariam nas fileiras, com os antigos postos, se fizessem, primeiro, um estágio na Espanha marxista.

Como era natural, funcionaram sem demora em Espanha os maiores centros de recrutamento, organizados nas cidades pelos partidos esquerdistas, principalmente pelo dos comunistas. A Bélgica forneceu contingentes consideráveis. O conjunto formou brigadas internacionais de certo valor militar. Na realidade, a organização dêstes « soldados da liberdade » não estava aperfeiçoada, nos primeiros meses: foi a época a que André Malraux chamou « o apocalipse da fraternidade » [1].

A U. R. S. S. devotara-se com todo o interêsse a esta guerra. Por decreto de 28 de Agôsto de 1936, Estalin declarara solenemente interdito todo o comércio com a Espanha, mas enviou, sem perda de tempo, os seus agentes a Londres e Paris, contando exercer pressão, por intermédio dêles, nas duas capitais. Criou-se

---

[1] André Malraux, *L'Espoir.*

em Espanha, uma sucursal da G. P. U., sob a direcção de Slontzki. Em tôda a Europa, foram organizadas sociedades de importação e exportação ; dentro de cada uma delas agia um delegado da polícia política moscovita. O primeiro fornecedor de armas foi a Skoda, checo-eslovaca ; seguindo-se-lhe a França, a Holanda, a Suécia, etc. Hamburgo vendeu grande quantidade de metralhadoras e espingardas de modelos desusados. Um tal Oulanski organizou, na Rússia, uma sociedade « particular » para a compra de armas e embarcava estas, em Odessa, em navios espanhóis.

— Nem um só vapor soviético — ordenara Estalin.

Havia a recomendação de levar as armas para Alicante e não para Barcelona, com receio de que elas servissem para dar fôrça aos separatistas e aos anarquistas [1]. Os caminhos de ferro governamentais estavam nas mãos do agente russo Brovsky, o qual trabalhava de parçaria com Fisher Neumann, antigo chefe do partido comunista alemão. O director da *Pravda*, Koltzov, esteve em Barcelona em missão especial ; o terrorista italiano Rosa comandava o batalhão « Octobre », emquanto Pietro Nenni, chefe do partido socialista italiano, organizava em França o recrutamento de voluntários. A « rádio », em Barcelona, era dirigida por Kolzow Ginsburg, a polícia política por Atadel, Jacobson e Wronski. Tôda a organização do país se encontrava nas mãos dos agentes soviéticos, os quais também fiscalizavam, nas nações estranjeiras, o reabastecimento em material e o recrutamento de homens.

---

[1] Vidé na *Saturday Evening Post*, no mês de Março de 1939, as revelações do antigo general soviético Krivitzski.

Nos países totalitários, o recrutamento efectuava-se quási da mesma forma, incidindo também sôbre as duas referidas categorias de homens. No que respeita à Itália, é preciso acrescentar-lhes os antigos soldados da campanha da Etiópia, e no que se refere à Alemanha os cidadãos do Reich que já residiam em Espanha. Não obstante, nos primeiros tempos os contingentes estrangeiros foram pouco importantes, no Exército nacionalista. Só a partir do Outono tiveram organização de maneira definitiva. Durante o Verão, estavam longe de igualar em número as brigadas internacionais. A ajuda prestada por Berlim e Roma consistia, sobretudo, em fornecimentos de material.

Logo que a fronteira de Portugal ficou completamente controlada pelas tropas de Franco, de Badajoz a Huelva, o material afluiu em quantidades importantes. A aviação foi organizada no aerodromo de Caceres. Compunha-se, em especial, de aparelhos italianos e alemãis: aviões de caça « Heinkel 52 », « Arado 68 », « Fiat C. R. 32 », monomotores de 600 e 700 H. P., armados com duas metralhadoras de tiro rápido ; aviões de bombardeamento trimotores « Junkers 52 » e « Savoia Marchetti S. 81 ». Também eram recebidos, ao mesmo tempo, carros de assalto ligeiros [1].

Na zona governamental, os russos forneciam essencialmente quadros de dirigentes, aviação e « tanks ». As fôrças aéreas eram constituídas por aparelhos de caça biplanos « I.-15 », e monoplanos « I-16 », e bombardeiros S. B., chamados « Katiuska ». O avião « I-15 » atingia a velocidade horária de 350 quilómetros, cifra

---

[1] General Duval — *Les leçons de la guerre d'Espagne.*

que passava a ser de 450 para o tipo « I-16 ». Os « Katiuska », bimotores « Hispano » monoplanos, transportavam seiscentos quilos de bombas ([1]).

Estas intervenções, quer de um lado, quer do outro, não eram oficiais, e o recrutamento de « voluntários » não tinha carácter de conscrição. Os governos podiam garantir que se mantinham neutrais, e esta aparência teve, pelo menos, o alto resultado de evitar que a guerra espanhola se transformasse em guerra europeia. Seria sôbre semelhante neutralidade que se construiria, no decurso dos meses de Agôsto e Setembro, a ridícula farsa da não-intervenção. A luta limitou-se a ser simbolisada, na Europa, a acreditar nas aparências, pelas discussões em Genebra e pelas diferentes reüniões do « Comité » de não-intervenção. Com efeito, a Sociedade das Nações, já desqualificada por não haver impedido o conflito italo-abexim, desenvolveu os maiores esforços para obstar a que a guerra espanhola se generalizasse, mas por outro lado, fiel aos direitos formais, recusava-se a considerar os dois partidos em pé de igualdade, obstinando-se em reconhecer o govêrno de Madrid como único govêrno legítimo da Espanha.

A não-intervenção

Sob a pressão da opinião pública, e não obstante as manifestações marxistas a favor da Espanha republicana, o govêrno francês viu-se forçado a desmentir periòdicamente os envios de armas. O ministro do Inte-

---

([1]) General Duval, *op. cit.*

rior, Roger Salengro, tornou conhecido que, a partir de 1 de Agôsto, « a-fim-de evidenciar nìtidamente o seu desejo de neutralidade, o govêrno francês resolvera que os voluntários franceses ou estranjeiros desejosos de passarem ao território da Espanha só poderiam fazê-lo desde que estivessem munidos de passaportes individuais, e sob condição de entrarem, circularem e saírem da França, sem armas ». Entretanto, na Câmara dos Comuns britânica, travavam-se vivas discussões entre os partidários do govêrno « legal » e os da absoluta neutralidade.

Em 3 de Agôsto, a França propôs às demais potências uma declaração comum de neutralidade e a criação de um « Comité » de não-ingerência nas questões da Espanha. Imediatamente a Imprensa italiana opôs certas restricções. Segundo a *Tribuna* proclamava, em 5 de Agôsto, na guerra espanhola digladiavam-se dois princípios irreconciliáveis, um dos quais, o nacionalismo, é a actual base da ordem europeia. Impunha-se, portanto, pelo menos, ao formular a declaração de neutralidade, reconhecer os direitos de beligerância aos dois partidos em luta. O *Berliner Tageblatt*, comentando a proposta italiana tendente a conceder a beligerância a ambos os contendores (o que tornaria legal os fornecimentos de armas), acrescentava que isso não poderia deixar de criar complicações. De uma maneira geral, o Reich conservava uma atitude muito cautelosa. No entanto, tôda a sua Imprensa insistia em falar do carácter duvidoso da neutralidade da França, afirmando que dela partiam constantemente armas para os vermelhos espanhóis. Por seu lado, os sovietes aproveitavam o ensejo para reclamar a suspensão imediata do auxílio

prestado por « certos Estados » aos « rebeldes ». Só a Inglaterra caminhou de inteiro acôrdo com a França. A Itália, ampliando o quadro das suas objecções, preguntava se a França pensava num sistema de contrôle e encarava a possibilidade de impedir os gestos de « solidariedade moral », tais como as manifestações, campanhas de Imprensa, subscrições, alistamento de voluntários, etc. O próprio Indalécio Prieto declarava considerar que a nota francesa não era « concreta » nem « justa ».

A Gran-Bretanha afirmou, em 8, o seu acôrdo em princípio. A nota da França foi, então, comunicada à Bélgica, Alemanha, Itália, Portugal, Holanda, U. R. S. S., Checo-Eslovaquia e à Polónia. As negociações decorreram numa atmosfera singularmente pouco propícia. A Imprensa socialista, liberal *(News Chronicle)* e até a conservadora, em Inglaterra, mantinha uma campanha favorável ao govêrno « legal ». Em França, no dia 10 de Agôsto, organizava-se, em Saint-Cloud, uma grande manifestação « pró-paz », que decorria no meio do clamor: « Canhões para a Espanha ! » E ainda que a proposta francesa houvesse partido de um gabinete socialista, foi o próprio órgão do partido socialista, *Le Populaire*, que publicou um artigo do seu director interino, Braeke, intitulado « Neutralidade imoral ».

Todavia, no conjunto, o projecto de Paris tivera bom acolhimento oficial. A própria Itália, a despeito das suas numerosas reservas, reconheceu-lhe valor moral. Quanto a Portugal, também evidenciou uma atitude reservada sôbre a conduta da U. R. S. S. e a neutralidade da zona de Tânger, reclamando o direito de tomar as precauções tornadas necessárias pela sua situa-

ção geográfica ([1]). Deu a sua adesão de princípio, tal como a Bulgária, a Holanda, a Grécia e, finalmente, a Alemanha, que o fêz sob reserva, em 17. A Bélgica e a Checo-Eslovaquia aderiram sem quaisquer objecções. E o mês de Agôsto foi consumido em discussões bizantinas e em marcar subtis distinções entre as adesões verbais, as adesões sem reserva, as adesões escritas e as adesões de princípio. Os Estados Unidos não se ligaram à proposta.

Para mais complicar as coisas, davam-se incidentes diplomáticos, quer no território espanhol, quer nas suas águas. Em 24 de Junho, quatro rapazes alemãis foram fuzilados em Barcelona, e logo o Reich declarou que êles eram irmãos dos alemãis mortos na luta contra o comunismo. Em princípios de Agôsto, também na capital catalã, foram assassinados três italianos. Em Seo de Urgel, um religioso francês, o padre Chamayon, após estar encerrado numa cadeia, tombava sob as balas dos filiados do P. O. U. M., ao pretender, munido de salvo--conduto, atingir a fronteira de Andorra. O ministério dos Negócios Estranjeiros francês, emquanto a Alemanha e a Itália levantavam um clamor de cólera em face da morte dos seus nacionais, pedia ao jornais que não falassem no caso do sacerdote, o que não impediu que êle de-pressa fôsse conhecido. Em 20, o navio alemão *Kamerun* era apresado por um cruzador marxista, que disparou três tiros de peça para obrigá-lo a parar. O incidente provocou viva emoção em Berlim. Nessa altura, Roma e Lisboa aderiam à proposta da

---

([1]) Vidé nota final n.º 2 do tradutor, quanto à atitude portuguesa.

França, mas o Reich tornava público que resolvera proteger os seus nacionais, enviando barcos de guerra para o local do incidente. Isso não impediu, porém, que aceitasse a proposta de Paris relativa ao embargo do envio de armas para Espanha. Em troca, Madrid tomava, em 21 de Agôsto, o compromisso de não apresar navios no alto-mar, se bem que, no mesmo dia, um barco inglês fôsse apresado por um cruzador marxista.

No fim do mês, tomaram-se diversas medidas destinadas a tornar efectiva a não-intervenção. A sua eficácia estaria em relação directa com a distância a que os países se encontrassem da zona dos combates e com os seus meios, o desejo e as possibilidades de intervir. Aparentemente, todos proclamaram o embargo. No entanto, o Reich e Portugal, nos primeiros dias de Setembro, ainda não haviam afirmado a sua adesão à proposta definitiva do « Comité » de contrôle.

O « Comité » internacional para a coordenação das medidas relacionadas com o embargo reüniu-se, em Londres, pela primeira vez, sob a presidência de W. S. Morrison. Compareceram os delegados de vinte e seis nações. Faltaram Portugal e a Suiça. A sessão limitou-se em dar publicidade à declaração da França e às respostas que ela originara. Eis o texto inicial, base de tôdas as negociações :

« O govêrno da República francesa,

Deplorando os trágicos acontecimentos que se registam em Espanha,

Resolvido a abster-se rigorosamente de tôda a intervenção, directa ou indirecta, nos negócios internos daquele país,

Animado pela vontade de evitar tôdas as complicações prejudiciais para a manutenção das boas relações entre os povos,

Declara o seguinte:

1.º O govêrno francês, no que lhe diz respeito, proíbe a exportação, directa ou indirecta, a reexportação e o trânsito, com destino a Espanha, às possessões espanholas e à zona espanhola de Marrocos, de tôdas as armas, munições e outros materiais de guerra, assim como de aeronaves montadas ou desmontadas, e de tôda a classe de navios de guerra;

2.º Esta interdição é aplicável aos contratos em vias de execução;

3.º O govêrno francês conservará os outros governos ligados a êste compromisso informados de tôdas as medidas por êle adoptadas com o fim de pôr em prática a presente declaração.»

Em meados de Setembro, abriu a sessão da S. D. N., na qual se chocaram as diferentes opiniões sôbre a guerra da Espanha. É um facto que o organismo genebrino se ocupou muito mais da Itália e da Etiópia, mas o certo é que, em segundo plano, as reüniões do «comité» londrino ou do sub-«comité» motivaram comunicados solenes e burlescos. Porque já então se tornara evidente que a farsa da não-intervenção, da qual tanto se falava nesse momento, não tinha qualquer importância diplomática ou militar, e que seria inútil entrar nos pormenores daquela autêntica mistificação. Em Genebra, as coisas assumiam um aspecto mais sério, merecendo destaque os dois discursos pronunciados, em 25 de Setembro, por Eden, afirmando que «após séculos de experiência, a democracia impõe-se como meio de

assegurar a liberdade e a paz», e sobretudo o de Alvarez del Vayo, o qual iniciou, assim, a sua brilhante carreira de representante da Espanha vermelha na S. D. N. O delegado madrileno explicou que o govêrno republicano estava seguro da vitória, que a guerra lhe fôra imposta e que os rebeldes recebiam armas em proporções cada vez maiores. Chamou, nestes têrmos, a atenção da assembleia para a política não-intervencionista:

— Falo perante homens de Estado... Qual dêles será incapaz de compreender que nós, os responsáveis pelo futuro da Espanha, pelo futuro do povo espanhol, de todo o povo espanhol, interpretamos aquilo a que chamam não-intervenção como uma política intervencionista em prejuízo do govêrno constitucional e responsável? Qual dêles não reconhecerá ser para nós inteiramente inadmissível que se procure colocar-nos num plano igual ao daqueles que, violando uma jura de honra feita à República, se levantaram em armas para destruir o nosso regime de liberdade?

E concluíu:

— É bem clara a monstruosidade jurídica da fórmula da não-intervenção.

Tal era a recompensa dada à França por haver procurado oficialmente evitar a generalização da guerra. Sabia-se, bem entendido, que tudo isto era teatro, e que tôdas as semanas, quer pela via férrea, quer pela estrada, afluiam à Espanha republicana os materiais de guerra de que ela precisava. Quando a sessão da S. D. N. foi encerrada, o problema espanhol não ficara resolvido, nem sequer esclarecido. É que só as armas podiam solucioná-lo.

Voluntários

Entretanto, à margem das operações puramente verbais realizadas em Genebra e Londres, a verdadeira guerra instalara-se e continuava, e as religiões do fascismo e do anti-fascismo enviavam para a esbrazeada terra espanhola legiões de homens encarregados de defender, ali, as causas respectivas. Foi no decurso do Outono e do Inverno do primeiro ano que os dois partidos organizaram os seus recrutamentos de voluntários, dos quais nasceu o aspecto internacional da luta. De uma maneira genérica, o conjunto dos acontecimentos poucas alterações viria a sofrer.

Entre os soldados nacionalistas, havia certo número alistado no « Tércio », obedecendo a oficiais espanhóis e envergando a camisa esverdeada da Legião Estrangeira, procedente de diversos países, principalmente de Portugal e da França. Georges Oudard, que publicou um livro acêrca das intervenções estranjeiras em Espanha, descreveu-nos alguns dêles, com os quais teve ensejo de falar [1]. Ostentavam, em geral, nas patilhas das camisas e dos « dolmans » as côres dos respectivos países. Ao que parece, os franceses não iam além de duas ou três centenas. Uniam-se-lhes alguns belgas e alguns suiços. No decurso do primeiro ano de guerra, certos elementos nacionalistas franceses alimentaram a intenção de constituir um importante corpo de voluntários seus compatriotas, no Exército de Franco. Um

---

[1] Georges Oudard, *Chemises vertes, brunes, noires, en Espagne...* — obra da qual colhemos, em parte, os elementos referentes à organização italiana em 1936-1937.

oficial, o capitão Bouneville de Marsangy, dizia, quando vinha a Paris no gôzo de licença:

— Desejo que, no momento de se entrar em Madrid, não se vejam apenas as bandeiras italiana e alemã, mas também a bandeira da França.

Buscou-se com ardor organizar uma companhia que deveria denominar-se « Bandera Juana de Arco ». Os jornais marxistas começaram, em 1937, a publicar revelações escandalosas acêrca de subscrições abertas para a criação desta « bandera » e cujos dinheiros se tinham volatizado misteriosamente. O capitão Marsangy, herói da guerra, dotado de uma coragem admirável, não soube, talvez, defender-se dos especuladores que gravitam em tôrno de tôdas as revoluções. A sua morte fêz cessar a campanha dos marxistas, e os franceses recrutados não passaram de um número limitado, muito mais reduzido do que se supõe, divididos pelo « Tércio » e pelos « requetés ». Muitos dêles não revelavam os seus verdadeiros nomes e, no princípio da guerra, por exemplo, foi enterrado em San Sebastian, com solenidade, na presença das autoridades e coberto pelas bandeiras francesa e espanhola, o corpo de um rapazito francês, do qual ninguém quis saber outro nome além do de Juan.

Os portugueses eram mais numerosos que os franceses, ainda que a cifra de 10:000 « mercenarios » proclamada por Barcelona, em 1937, seja sem dúvida exagerada. Neste caso, não seguiremos a versão de Oudard, segundo o qual só havia, em Espanha, uns mil portugueses. À medida que a guerra prosseguia, o dr. Oliveira Salazar, que continuava a reorganizar o Exército de Portugal, enviava oficiais e praças a instruírem-se na campanha espanhola. Bateram-se corajosamente, e houve entre êles — ao que se diz — um número

de mortos superior ao dos demais contingentes estrangeiros. Quiseram, no entanto, manter sempre uma posição discreta [1].

É preciso dizer que, percorrendo a Espanha, não era raro encontrar certos homens de meia idade, que falavam freqüentemente o francês e balbuciavam poucas palavras espanholas. Êsses indivíduos que se batiam valorosamente eram oficiais e soldados do antigo Exército imperial russo. Estavam ali para tirar vingança do marxismo.

Estas fôrças de voluntários não atingiam, evidentemente, as proporções dos contingentes fornecidos pela Alemanha e pela Itália.

Uma informação dada, em Barcelona, em 1937, dizia atingir 20:000 o número dos alemãis ao serviço de Franco, devidamente organizados. Alvarez del Vayo no « Libro Blanco » publicado pelo govêrno espanhol e apresentado à S. D. N., em 28 de Maio de 1937, afirmava

---

[1] Em artigo no *A B C*, o marquês de Quintanar escreveu que houve doze mil mortos e feridos portugueses, durante a campanha. Ao contrário do que supõem os autores, os portugueses que, em Espanha, faziam parte da Missão Militar ou do bravo grupo de « Viriatos » comandados por Botelho Moniz, só constituiam uma pequena e especial minoria dos combatentes nossos compatriotas. O maior número estava nas *banderas* do « Tércio » sem qualquer intervenção das autoridades, levados pelo espírito de aventura, impelidos pelo desejo de lutar por uma causa com a qual concordavam ou arrastados pelas suas precárias condições de vida. Chegará, sem dúvida, o dia de fazer a verdadeira história dos « Viriatos » e dos milhares de homens que, obscuramente, saíram da sua terra para ir morrer do outro lado da fronteira. Por emquanto, é cedo. Quando surgir a oportunidade, caberá a um homem semelhante missão — ao capitão Jorge Botelho Moniz. — *(N. do T.)*.

que, em Guadalajara, combateram soldados regulares alemãis e italianos, em duas brigadas especiais. Isto não é exacto. Nunca existiram, nas fileiras de Franco, soldados da infantaria alemã. Se é verdade que os voluntários vindos do Reich desempenharam um papel importante, também não é menos certo que êsse papel foi muito diferente daquele que Alvarez del Vayo referiu. Estavam distribuídos pelos serviços técnicos: aviação, defesa anti-aérea (tôda a artelharia contra-aeronaves era germânica ; o canhão anti-carro evidenciou-se excelente, e os segredos desta arma foram mantidos de tal maneira que nem aos próprios espanhóis se permitia acercarem-se das bôcas de fogo), tanks, engenharia, etc. A T. S. F. e os telefones estavam nas suas mãos. Muitos eram instrutores, outros ocupavam lugares no Estado-Maior do Grande Quartel General nacionalista, mas Franco nunca consentiu que ali entrasse um general alemão para desempenhar missões oficiais. De resto, tratou de eliminar, pouco a pouco, o elemento germânico, no G. Q. G

A traição da Armada levara Franco a recordar-se da promessa feita, em tempo, pelos nazis a Sanjurjo, quanto a apoiar um movimento por êle dirigido. O general Mola enviou, por isso, um delegado a Berlim e dois a Roma ([1]). Os italianos resolveram sem demora prestar a sua ajuda. Todavia, é crível que o embaixador Pedrazzi, a quem se atribuem as negociações nos anos anteriores, não deu completa satisfação aos espanhós, visto que não o enviaram para Burgos, como ministo, em 1937. Quanto aos alemãis, mostraram-se pèssimistas

---

([1]) Armand Magescas — in *Je suis partout* (13-I-39) e *Revue hebdomadaire* (4-II-39).

em relação ao êxito do movimento, e Ludendorff, que podia exprimir-se livremente, declarou-se-lhe francamente hostil, na sua revista, até o dia em que morreu. Não obstante, os hitlerianos compreenderam o interêsse económico da questão, e em fins de Agôsto chegaram a Ilhaube, a título de empréstimo (e não de venda) vinte aviões « Junkers », com uma centena de aviadores e rádio-telegrafistas. O embaixador alemão em Salamanca, general Faupel, reclamou, pouco depois, ao seu govêrno, em nome de Franco, o envio de certo número de voluntários. Mas da capital do Reich sugeriram-lhe, de preferência, uma espécie de reorganização do Exército nacionalista, no qual os serviços técnicos passariam a ter um lugar preponderante. E assim foi criada a « Legião Condor », que acabou por contar sete a oito mil homens.

Um estudo do general de aeronáutica alemão Sperrle revela que, em princípios de Novembro de 1936, chegaram a Cadiz 6:500 voluntários, a-fim-de « apoiar a luta travada pelo general Franco para libertar a Espanha do comunismo » [1].

« Êsses legionários — diz — foram conduzidos para Sevilha, onde estavam à sua disposição aviões, batarias anti-aéreas, material de transmissão, armas e automóveis. Em certo espaço de tempo, ficaram constituídos um grupo de combate (três esquadrilhas de aviões « Junker's », tipo J U 52); um grupo de caça (três esquadrilhas de aviões Heinkel, tipo HE 51); uma esquadrilha de reconhecimento (doze aviões Heinkel, tipo HE 70); quatro batarias de canhões anti-aéreos,

---

(1) Die Wehrmacht (Maio — 1939).

de 88 ; duas de canhões anti-aéreos ligeiros ; um destacamento de informação e transmissão, compreendendo, em especial, uma companhia de T. S. F. e uma companhia de telegrafistas ; um grupo de aviões com parque e instalações técnicas, e um Estado-Maior de Comando.

...A semelhantes fôrças juntavam-se uma esquadrilha de combate JU 52, que havia meses lutava em Espanha ; uma esquadrilha de caça HE 51 ; uma esquadrilha de « hidros » HE 60, e uma bataria de canhões contra-aeronaves de 88.

...Foram aviões alemãis que, em poucos dias, transportaram para Jerez 5:000 homens da « Legião Estranjeira » e marroquinos, com seus armamentos. Utilizaram-se os aparelhos « Junkers » JU 52.

...A Alemanha criou, também, em Espanha, uma organização de instrutores, que exerceu primeiramente a sua missão relativamente aos oficiais de infantaria e, a seguir, aos das outras armas. Os alemãis deram igualmente instrução de lança-minas, engenharia, defesa anti-gases, etc. Até na Armada, os aspirantes e os graduados receberam instrução alemã de infantaria ».

A referida revista alemã avalia em 56:000 o número dos espanhóis que receberam os ensinamentos ministrados pelos instrutores germânicos.

Em 8 de Agôsto de 1937, foi firmado um tratado comercial entre Burgos e Berlim. A « Legião Condor » tratou de obter para a Alemanha importantes concessões económicas, com base na troca de material de guerra por matérias primas. É oportuno dizer que os alemãis pretenderam alcançar vantagens exorbitantes. Queriam impor à Espanha, como condição do seu apoio, a entrega de todos os seus minérios, e a promessa de só exportar para outros países depois de fornecidas

as quantidades necessitadas pelo Reich. Franco recusou-se categòricamente a discutir semelhantes propostas, e o embaixador alemão foi chamado pelo seu govêrno, pouco depois ([1]). As concessões obtidas eram já substanciais. A Alemanha criou linhas de aviação comercial e organizou a extracção de minérios. A isto se dedicaram dois mil homens da « Legião Condor », freqüentemente denominados « intérpretes », e que eram, na realidade, comerciantes, engenheiros e industriais. Muitos dêles já estavam instalados em Espanha, antes da Revolução. Outros viviam na Alemanha, mas iam ao território espanhol fazer uma espécie de estágio. Viam-se, nas ruas, êsses grandes aryanos louros e melancólicos passear com um aparelho fotográfico e certo ar de nostalgia. Também os aviadores e os oficiais da defesa anti-aérea faziam idênticos estágios. Passavam seis meses em Espanha, após o que eram substituídos. O território espanhol tornara-se para o Reich algo semelhante a um campo de manobras, simultâneamente militar e económico, e as vantagens que disso obtinha tornavam inteiramente inúteis as atoardas de conquista territorial propaladas, de vez em quando, pelos marxistas.

No que diz respeito aos aviadores, muitos dêles eram rapazes hitlerianos aos quais fôra oferecido um sôldo elevado, que ia até 24 marcos por dia, além de um prémio de 2:500 marcos, ao cabo de um ano de campanha... O seu papel esteve sempre dentro do campo da técnica. Cumpriram-no com segurança e discrição. É preciso, bem entendido, não esquecer o alistamento de voluntários

---

([1]) Armand Magescas, escritos citados.

combatentes no « Tércio ». Tôda a gente sabe que os soldados alemãis são considerados entre os melhores do mundo. No entanto, isto já assume aspecto muito diferente, visto que no « Tércio » os quadros são espanhóis.

Quanto aos italianos, os jornais vermelhos falaram em cem mil homens. Por seu lado, o govêrno de Roma declarou não irem além de 40 a 50:000 os seus voluntários em Espanha, número que ia baixando progressivamente. O govêrno britânico considerou certa esta cifra oficial, e a maior parte dos observadores que viajaram pela Espanha também a reconheceram exacta, tanto quanto puderam apurar os fundamentos dêsse cálculo. O mais interessante do assunto não era o número dos combatentes italianos; era a sua organização.

Com efeito, só êles tinham uma organização independente e pròpriamente italiana. Além das esquadrilhas aéreas e de duas companhias independentes de carros de assalto, estavam constituídos em quatro divisões de duas brigadas, cada uma das quais compreendia dois regimentos. As divisões tinham os nomes de « 23 de Março », « Chamas Negras » e « Flechas ». Esta última compreendia a brigada « Flechas negras » e « Flechas azues ». A princípio, a brigada « Flechas azues » era mixta, composta de contingentes italianos e espanhóis. O seu conjunto formava o comando das tropas voluntárias — C. T. V. Depois, tôdas as divisões legionárias se tornaram mixtas e compreenderam tropas espanholas.

Os primeiros voluntários italianos que partiram para Espanha eram, na sua maior parte, antigos soldados da guerra da Etiópia. A seguir, afluiram outros, inscritos nos « fasci », para servir o partido e combater Moscovo,

exactamente como se inscreviam, do outro lado, por convicções, os milicianos das brigadas internacionais. Recebiam dois soldos: um, de duas pesetas diárias, pago por Franco; outro, de 20 liras, pago pela Itália, o qual podia ser entregue como pensão à família ou depositado numa caixa económica ou num Banco. Só em Janeiro de 1937 os voluntários começaram a afluir em massa. Em Fevereiro, não iam além de 20:000. No comêço, concentravam-se em Sevilha, onde existia o comando da milícia italo-espanhola, que tomou o nome de C. T. V., em Fevereiro. Todavia, os aviadores tinham principiado a chegar em Agôsto do ano anterior.

Os italianos de-pressa se apresentaram com uniforme especial, ainda que, no princípio, houvessem envergado a farda do « Tércio ». Parte dêles, elementos de cavalaria licenciados ou reservistas, formavam duas ou três companhias de rigoroso espírito militar. O resto dos recrutados, de tôdas as idades e de tôdas as origens, deixava um pouco a desejar. Foi decidido enquadrá-los, e Roma recebeu um pedido para enviar oficiais superiores e subalternos, escolhidos entre « os oficiais licenciados e inscritos como voluntários para todos os serviços, fôsse qual fôsse o ponto onde deveriam ser prestados ». Êsses elementos constituíram ràpidamente dez por cento do conjunto. Sabe-se que exerceram importantes missões dentro dos Estados-Maiores, e que numerosas operações foram discutidas com os generais italianos, cujos conhecimentos e experiência eram muito apreciados. Os planos de ataque, nas regiões do Norte, foram elaborados com a sua cooperação. Foram êles os organizadores da manutenção militar e dos serviços sanitários; estabeleceram, em Vitória, um centro do Estado-Maior e de cartografia, cuja falta era sentida,

pois os espanhóis chegavam a ser forçados a utilizar as cartas Michelin de turismo, a-pesar-de tudo insuficientes para uma campanha militar, como se deve compreender.

É também necessário assinalar que o apoio económico italiano teve característiras diferentes do apoio económico alemão. Berlim, pouco confiante no início, fêz-se pagar a pronto, e a dívida espanhola à Alemanha é pequena. Pelo contrário, é elevada em relação à Itália, que sempre concedeu empréstimos com largueza e generosidade.

Fôsse qual fôsse o auxílio prestado a Franco pelos italianos, os alemãis e os outros voluntários estranjeiros, é evidente que a importância de tais contigentes era reduzida, em relação à das tropas puramente espanholas, que totalizavam cêrca de um milhão de homens. É isto que se impõe lembrar, para bem apreciar o papel desempenhado pelos estranjeiros, e a parte que lhes coube na vitória.

As brigadas internacionais

Do outro lado, estavam as famosas brigadas internacionais. É difícil saber como foram organizadas. Contràriamente às milícias dos revolucionários espanhóis, eram compostas de homens que, na maioria, tinham prestado serviço militar nos países de origem. Os quadros, em geral, estavam formados por oficiais reservistas. Nos campos de instrução, entre os quais o de Albacete estava considerado o principal, os voluntários eram adaptados à carreira das armas. O deputado comunista francês Marty, antigo marinheiro que se revoltara no

Mar Negro, foi o organizador daquele campo, emquanto o escritor André Malraux tinha o encargo de recrutar aviadores. Ao que parece, eram sobretudo russos e franceses os quadros das unidades especializadas (artelharia, engenharia, carros de combate e aviação). A U. R. S. S. atribuia grande importância ao recrutamento das brigadas, as quais poderiam vir, mais tarde, a formar tropas de choque para a Revolução internacional. Fôra distribuído um questionário significativo, e buscava-se tirar aos recrutas os seus passaportes nacionais, que viriam a servir aos agentes secretos. Foi por êste processo que a G. P. U. reüniu dois mil passaportes americanos e oito mil franceses (1).

Nunca foi possível fixar com exactidão o número dos voluntários, tanto mais que muitos dêles se naturalizaram espanhóis (mesmo ignorando a língua). O delegado da Alemanha no « Comité » de não-intervenção, falava, em Dezembro de 1936, de 35:000 russos (cifra absolutamente errada); 25:000 franceses (número provável); 10:000 polacos (cifra duvidosa) e 5:000 inglêses. É necessário juntar-lhes 4 a 5:000 norte-americanos, cêrca de 8:000 belgas, algumas centenas de mexicanos e de checos, e finalmente os alemãis expulsos do seu país e os italianos anti-fascistas. No comêço, tôdas as brigadas foram internacionais. Mais tarde, os alemãis reüniram-se na 11.ª; os italianos na 12.ª, os eslavos na 16.ª, os franceses na 15.ª e os inglêses na 16.ª. Tanto às brigadas como a certos batalhões foram dados nomes. Os americanos formavam a brigada Lincoln, os polacos a brigada Dombrovsky, os italianos a brigada Garibaldi.

---

(1) Krivitzki, in *Saturday Evening Post*.

Havia ainda as formações Thaelmann, alemã; Edgar--Andrée; Barbusse, Marty, etc. A brigada Garibaldi estava num plano de relêvo, por motivos políticos fáceis de adivinhar, e os outros voluntários nem sempre viam com bons olhos o facto de serem atribuídas aos marxistas italianos acções nas quais só haviam desempenhado papéis muito secundários. Na generalidade, consideravam-nos maus soldados. Os belgas e os franceses constituiam, em compensação, verdadeiras tropas de choque, durante tôda a guerra, e bateram-se valentemente. Quanto aos russos, a-pesar-de quanto foi dito pelo delegado alemão em Londres, parece que nunca passaram de algumas centenas e sempre utilizados em armas de especialidade. É interessante notar que os próprios vermelhos espanhóis acreditavam na existência de brigadas russas, e gritavam « Viva a Rússia ! » à passagem de franceses, belgas, polacos, etc., imaginando que se tratava de uma fôrça de cossacos. E o facto não agradava aos voluntários [1]. Os únicos russos verdadeiramente combatentes eram... russos brancos, por vezes recrutados pela « Obra de Regresso à Pátria », e outras vezes « mercenários » em busca de uma situação. O chefe do corpo expedicionário soviético chamava-se Berzin, tendo a seu lado, como comissário político, o general Stachevski. Em Moscovo, « inventara-se », com novelescos dados biográficos, um general Kleber, que dava aos jornais entrevistas emocionantes. Seria êle quem defenderia Madrid, ao lado do general Miaja. Na realidade, tratava-se de um israelita da Bukovina, de nome

---

[1] Nick Gillain — *Le Mercenaire.*

Sotern ([1]). Stachevski impôs a escolha de Negrin para ministro e fêz transportar para a Rússia uma parte do ouro espanhol. O pobre general Kleber desapareceu ao mesmo tempo que Tukahtchevsky, na Primavera de 1937. Berzin e Stachevski foram executados, alguns meses mais tarde, por não obedecerem inteiramente às instruções da G. P. U. ([2]).

O número dos voluntários aumentou, até Junho de 1937. Foram êles que sofreram as perdas mais importantes, muito mais consideráveis proporcionalmente que

---

([1]) Nem todos os observadores são do parecer de Brassilach e Bardèche. Upton Sinclair, no já famoso livro *Tsey shall not pass* (Não passam!) diz que os voluntários americanos, ao chegarem a Madrid, « formaram numa praça, para ouvir algumas palavras do seu comandante supremo — Emílio Kleber, nascido na Áustria e nacionalizado canadiano. Combatera, com os russos, contra os invasores brancos, e com os chineses contra os soldados nipónicos. Era um homem de meia idade, robusto, tranqüilo, em camisa e sem gravata, como se quisesse indicar que se estava em guerra e não em parada ». (Conf. Upton Sinclair — in *No passaran!* — Ed. do Comissariat de Propaganda de la Generalitat de Catalunya — Barcelona, 1937).

Por seu lado, Jean François, no *Paris-Soir* (27-9-39), diz que o principal conselheiro militar de Miaja, em Madrid, foi o general russo Gorew, o mesmo que, depois de dirigir as « milícias vermelhas », na Alemanha, sob o nome de Skobelewsky, comandou as tropas soviéticas no Turquestão e no Sin-Kiang. « Saiu dali — diz — para coordenar o apoio russo à Espanha marxista, em 1936 ». Jean François conta que Estalin deposita grande confiança nesse general e que êste é amigo pessoal de Hitler. Teria sido o « Fuhrer» quem lhe salvou a vida, em Berlim, em 1932. Coïncidência curiosa: Gorew foi encarregado de comandar as tropas russas que, em Setembro último, invadiram a Polónia e tomaram contacto com as fôrças alemãs, em Brest-Litowsk. — *(N. do T.)*.

([2]) Krivitzki, in *Saturday Evening Post*.

as das formações constituídas apenas por espanhóis, e talvez tenham sido êles que impediram a rápida liquidação da guerra.

Em princípio, os chefes eram eleitos, mas podemos admitir que nem sempre se seguiu essa orientação. Em todo o caso, « os chefes militares tinham a seu lado, em todos os postos da hierarquia, comissários políticos, sendo os seus actos apreciados em reüniões públicas [1]. Como é de calcular, de-pressa houve dissidências dentro desta singular organização. Registaram-se igualmente variações na proporção das nacionalidades. O campo de Albacete conheceu o período dos chefes húngaros, depois a fase dos dirigentes alemãis, búlgaros, polacos, etc.

A atmosfera que reinava nas brigadas nem sempre era de confiança. A polícia política, ali, como em tôda a parte, organizara a vigilância e a denúncia. Havia deserções, conspirações, células falangistas, nos centros menos suspeitos. Quando o entusiasmo inicial deminuiu, surgiu a questão das licenças. Acabou-se por organizá-las, em relação aos franceses e aos belgas, os quais podiam voltar aos seus países, ao contrário do que sucedia com os alemãis e os italianos. Não se fêz isso por humanidade, mas sim porque o govêrno fôra advertido de que o recrutamento estava a tornar-se difícil e que os voluntários exigiam um compromisso categórico quanto às licenças. Na Primavera de 1937, pôs-se em prática essa medida de propaganda, ainda que as licenças apenas fôssem concedidas com parcimónia.

Entre os mais importantes chefes das brigadas é

---

[1] Nick Gillain, *op. cit.*

preciso citar o tenente-coronel Dumond, chefe da companhia (mais tarde batalhão) « Comuna de Paris ». Marchou com a coluna Durruti sôbre Saragoça e combateu, em seguida, na Cidade Universitária. O tenente-coronel Dumond tornou-se, depois, o chefe da 14.ª brigada, uma das principais. Era homem de modesta origem. Fizera a grande guerra, fôra promovido a capitão e recebera a Legião de Honra. Em seguida, fôra colono, durante dezassete anos, em Marrocos, de onde o expulsaram [1], após prisão e exautoração, em conseqüência de se dedicar à propaganda comunista junto dos indígenas. Bem falante, gostando de discursos, não era desprovido de qualidades de organizador.

Os homens das brigadas foram julgados das maneiras mais opostas. Alguns dêles vinham de longe, viajando sôbre os vagões dos combóios, como o rapazito polaco do qual Simone Térry nos conta a história. Muitos eram « mercenários », soldados profissionais criados pela guerra moderna, sem uma fé definida, que tanto apareciam a bater-se no Chaco, como na China ou em Espanha. Impõe-se reservar um lugar à-parte aos técnicos enviados pelos russos, e é preciso também dizer que, entre os quarenta ou cinqüenta mil homens que combatiam pelos marxistas, não figuravam apenas « mercenários », famintos e bandidos, visto haver também indivíduos de boa fé, simples e com convicções. Entre êles poderemos incluir os alemãis e os italianos, sem pátria, que ali foram para lutar contra o fantasma do fascismo. Muitos dos franceses e dos belgas que, repetimos, constituiram a alma dêste estranho exército, não eram infe-

---

[1] Simone Térry — *Front de la Liberté*.

lizes nas suas terras: Tinham nelas o « Front Populaire » e as leis sociais. No entanto, partiram para as linhas de fogo, numa espécie de cruzada. Nas aldeias francesas, leram-se listas de nomes de pobres rapazes iluminados que encontraram a morte em Espanha. Houve famílias, às quais os filhos mais vélhos, e por vezes, os próprios pais, desapareceram. Escutou-se isto da bôca de uma rapariguinha, quando um irmão, rapazola de 17 anos, seguia para a luta :

— O meu irmão mais vélho morreu. É preciso que êste parta para substitui-lo, não acha ?

Tais homens, cumpre dizê-lo, honram uma revolução. São da raça da Comuna. Apenas há motivo para espanto, perante o facto de aquêles que regressaram terem consentido que ainda vivam os instigadores, os *meneurs* do partido comunista, que os incitaram a entrar na aventura.

Se esta história vos diverte...

Emquanto prosseguia, desta maneira, a intervenção mais ou menos oficiosa dos Estados europeus na guerra espanhola, os « comités », sub-« comités » e delegações dos « comités » continuavam as suas conversações cortezes ou ásperas, confortáveis e retribuídas. A delegação governamental junto da S. D. N. comunicava, em 4 de Outubro, à Imprensa, uma lista de infracções cometidas pela Alemanha, a Itália e Portugal: em 20 de Setembro, tinham chegado a Tetuão doze aviões germânicos ; em 6 do mesmo mês, três trimotores italianos desceram na Maiorca ; em 7, um combóio de 23 vagões, ido de Portugal, chegou a Sevi-

lha, transportando catorze aviões alemãis desmontados, etc. Kagan, delegado russo no « comité » londrino, entregou, em 8 de Outubro, uma nota, repetindo as histórias. Em 14, Kalinin e Largo Caballero trocaram telegramas de saüdações.

Entretanto, a tensão das relações entre Madrid e Portugal acentuara-se. A nota de 8 de Outubro era extremamente severa e reclamava que a frota inglêsa estabelecesse algo semelhante a um bloqueio aos portos portugueses. Como é natural, semelhante sugestão imperativa nem sequer foi tida em consideração. Diversas notas enviadas pelo govêrno de Lisboa ao de Madrid nenhum efeito tiveram. Em 14 de Outubro, foram desembarcados, em Tarragona, a expensas do govêrno português, 1:400 refugiados espanhóis. Naquele pôrto, deram-se vários incidentes desagradáveis que Portugal registou com um legítimo mau humor. Kagan, em resposta à sua nota, ouvia do « comité » londrino que os factos eram já conhecidos e que, portanto, não havia motivo susceptível de justificar uma reünião. Em 23, Portugal cortou as suas relações diplomáticas com Madrid.

Desde então, foi clara a luta entre os países totalitários e os países revolucionários. Luta surda, aborrecedora, inútil, cujas peripécias os jornais da época assinalaram e da qual o futuro reduzirá a zero o superficial interêsse. Em nome da Itália, Grandi denunciava as intervenções moscovitas. Em nome da U. R. S. S., Maisky acusava os países totalitários de violações do pacto, e escutava-se, com assombro, que Portugal era por êle considerado o inimigo n.º 1. Os italianos traziam para público uma carta de Estalin, na qual se dizia que « a revolução da Espanha não é um caso

nacional, visto pertencer à causa da revolução comunista no mundo» ([1]). Em 12 de Novembro, após magníficos rasgos de oratória, o sub-« comité » apresentou um projecto de fiscalização nos portos, aeroportos e nas demais grandes vias do trânsito internacional. Todavia, em 13, Largo Caballero proclamava o bloqueio da costa espanhola, decisão injustificável no terreno do Direito, visto que ela deve ser tomada contra um inimigo *beligerante*, e Franco não obtivera o reconhecimento da beligerância. Travaram-se discussões, os delegados esgrimiram os diferentes textos ; uns agitavam os espectros dos soldados alemãis, outros falavam dos recrutamentos em França e das brigadas internacionais.

Em 18 de Novembro, a Itália e a Alemanha reconheceram *de jure* o govêrno de Franco e redobraram de violência nos seus ataques ao comunismo, e, em 25, o Japão aderiu ao pacto anti-« Komintern ». Impávido, o « comité » da não-intervenção continuava reünido.

No princípio de Dezembro, o seu presidente, Lord Plymouth, decidiu enviar aos dois partidos em luta o famoso projecto de fiscalização dos portos elaborado pelo sub-« comité ». Maisky buscava por todos os meios complicar uma situação já de si muito confusa. Por seu lado, Leon Blum proclamava, na Câmara dos Deputados, que o único govêrno legal da Espanha era o da República. Londres hesitava, protestava contra o afluxo de voluntários ao território nacionalista, até que, em 10 de Dezembro, foi assinada pela França e pela Inglaterra uma declaração comum, afirmando a unidade de pontos de vista dos dois países ; propondo uma media-

---

([1]) A. Bollati e G. del Bono — *La guerra di Spagna.*

ção, e indicando terem o firme desejo de impedir todo o auxílio directo ou indirecto a um dos dois campos adversos. Bem entendido, tudo isto eram palavras que o vento levou. A Itália e o Reich aceitaram a idea da mediação, declarando-a, no entanto, impraticável, e Portugal ainda foi mais categórico. Por seu lado, Valencia protestava: « Não existe possibilidade de mediação entre « rebeldes » e um govêrno legal ». Os incidentes no mar, entre êles a captura de navios alemãis, complicaram as coisas. Mas o « comité », sempre fleugmático, enviou aos governos interessados notas relativas à interdição da partida de voluntários para Espanha.

Em Janeiro, os incidentes prosseguiram, pondo em causa Valencia, Burgos, a Inglaterra, a Alemanha, Portugal e o México. No dia 9 do referido mês, Roma e Berlim responderam a uma nota franco-britânica de 23 de Dezembro. Aceitavam a retirada dos voluntários, desde que o convénio tivesse leal cumprimento de uma parte e de outra. Os Estados-Unidos proclamavam o embargo sôbre a venda de todo o material de guerra destinado à Espanha, qualquer que fôsse o partido comprador. Em todos os países do mundo, os marxistas intensificavam a sua propaganda. Em França, corriam torrentes de boatos. Um dêles, lançado pelo sub-secretariado de Estado, Viénot, logo difundido por *Pertinax*, no *Echo de Paris* e Genoveva Tabouis, na *Œuvre*, assumia aspectos particularmente graves, pois afirmava haverem desembarcado em Marrocos milhares de voluntários alemãis, e que estavam a ser construídas fortificações contra a França, com violação do tratado de 1912, relativo ao protectorado. Em 11, o Reich formulou o seu desmentido. Hitler assegurou pessoalmente ao embaixador francês que a Alemanha nenhumas ideas

expansionistas alimentava, quanto aos territórios da Espanha e das suas possessões. Franco assegurava que não cederia, fôsse a quem fôsse, um único palmo do território do seu país e que nenhum soldado germânico desembarcara em Marrocos. Pedia que oficiais inglêses fôssem verificar *de visu* o que se passava, na realidade. As mentiras dos jornais belicistas desmoronaram-se. E a guerra não satisfez os desejos de Viénot, de *Pertinax* e da senhora Tabouis.

Daí em diante, não houve dúvidas de que certos interêsses compassivos pela Espanha ocultavam o propósito de explorar aquêle magnífico terreno para as agitações revolucionárias. Explorar os pequenos incidentes, os auxílios alemão e italiano, já não bastavam: Tornava-se preciso reforçar a série de notícias falsas, propositadamente fabricadas, divulgadas pelas agências « Havas » e « Fournier », ambas dirigidas por elementos do judaísmo internacional, a-fim-de fazer resultar desta guerra localizada a grande revolta contra o fascismo e, em especial, contra Hitler. O « comité » de Londres, pela iniludível hipocrisia, tanto dos Estados totalitários como dos democráticos, nada mais conseguia do que avolumar a confusão. Era evidente que todos intervinham no conflito. Tornar-se-ia pueril negá-lo. Mas os grandes cartazes de Genebra e os grandes princípios serviam para mascarar a realidade. Nisso se apoiavam as fôrças revolucionárias para preparar a guerra universal que era o seu sonho. Os espíritos simples deixavam-se arrastar, e daí resultou que os trabalhos genebrinos ou londrinos, ainda que inúteis, suscitassem preocupações.

A U. R. S. S. queria aproveitar todos os ensejos. Em 6 de Fevereiro de 1937, reclamou um lugar na fis-

calização. Logo a Itália e Portugal se recusaram enèrgicamente a consentir qualquer contrôle exercido, respectivamente, no Mediterrâneo ou nas fronteiras, pelos sovietes. No entanto, supôs-se estar conseguido, em Londres, um acôrdo, em 15 de Janeiro, acêrca da interdição do envio de voluntários. A proïbição deveria ser proclamada no dia 20, e o plano de contrôle começaria a ser executado em 8 de Março. Na fronteira francesa, o movimento das remessas aos vermelhos tornou-se febril. Portugal concordou em aceitar uma fiscalização, nas suas fronteiras, confiada aos inglêses. Os sovietes renunciaram a participar no contrôle naval, porque « a U. R. S. S. nenhum interêsse tem, nem político, nem de qualquer outra espécie, em enviar fôrças para pontos tão afastados das suas bases », e no dia 8, com efeito, fecharam-se oficial e solenemente as fronteiras espanholas. Só em 19 de Abril entraria em execução o contrôle marítimo.

Nessa data, findou, no meio de vaidade e hipocrisia, o primeiro período das relações da ensangüentada Espanha com a Europa. Nem a Inglaterra nem a França souberam ver onde estava o interêsse geral e até os seus interêsses próprios, e deixaram-se encerrar numa rêde de incidentes diplomáticos e jurídicos, e de teatrais discussões neurastenizantes. No entanto, já se tinham dado factos susceptíveis de abrir os olhos aos mais obstinados. Em 8 de Dezembro, em Madrid, o avião da embaixada francesa, que levantara vôo para Paris, fôra abatido com rajadas de metralhadora. Entre as vítimas, figurou o jornalista do *Paris Soir*, Louis Delaprée, que nunca se mostrara hostil aos governamentais. Em França, as paredes cobriram-se de cartazes, nos quais se denunciava êste « crime dos fascistas ». Mas bem cedo se

descobriu que o avião fôra atacado *voluntàriamente*, por transportar Enny, delegado da Cruz Vermelha suíça, e os seus relatórios. Apurava-se que os culpados eram « governamentais », e Leon Blum teve de pedir explicações e satisfações a Madrid. Em 5 de Janeiro, um adido à embaixada da Bélgica, o barão Jacques de Borchgrave, foi assassinado, em Madrid. O govêrno marxista, reconhecido como responsável, teve de pagar um milhão de francos de indemnização. Como é de imaginar, a Imprensa marxista ou não publicava uma única palavra relativa a estes graves acontecimentos, ou deformava-os. Entregue à exploração de quantas atoardas lhe podiam servir para isso, apostada em demonstrar que Franco vendera as Baleares, Marrocos e as Astúrias à Alemanha e à Itália, esquecia-se de anunciar aos seus leitores que o govêrno madrileno estava na disposição de oferecer à França e à Gran-Bretanha concessões territoriais, em troca de armamento e munições. No entanto, os governos parisiense e londrino acabaram por tornar públicas as propostas dos « governamentais », elaboradas com a data de 1 de Fevereiro de 1937:

«1.º — O govêrno espanhol encara o futuro da política externa da Espanha, no que diz respeito à Europa ocidental, sob a forma de uma activa colaboração com a França e o Reino-Unido ;

« 2.º — Para tal efeito, a Espanha está pronta a tomar em consideração os interêsses das duas referidas potências, desde que sejam compatíveis com os seus, quer na reconstrução da sua economia como nas relações militares, navais e aéreas ;

« 3.º — Na mesma ordem de ideas, a Espanha está disposta a examinar, numa negociação de conjunto, a

conveniência de modificar ou não a situação actual, no que se relaciona com as suas posições na África do Norte (zona espanhola de Marrocos), desde que semelhante modificação não se destine a beneficiar outras potências que não sejam a França e o Reino Unido;

« 4.º — O govêrno espanhol é de parecer que a mobilização das suas possessões na África do Norte deve servir para tornar possível, por meio de um entendimento de carácter territorial mais vasto, a solução de problemas políticos que constituem o eixo de dificuldades actuais, e a cuja solução está estreitamente ligado o próprio futuro da política externa da Espanha. »

Em 25 de Março, os governos francês e britânico responderam que nenhum motivo existia para alterar o estatuto de Marrocos, emquanto durasse a guerra civil.

Tornara-se indiscutível a sinceridade com que os marxistas pretendiam defender a integridade territorial do seu país... Colocadas em embaraços, entre os seus interêsses e as suas ideologias, as nações « democráticas » da Europa viveram os primeiros meses num equívoco. Tal é a única palavra capaz de qualificar a sua política de então referente à Espanha.

III

A estabilização da "frente"

Tornara-se evidente que a solução dependia das armas. Mas, tal como registaram todos os críticos militares, a essencial diferença existente entre uma guerra civil e uma guerra internacional consiste em que os adversários, naquela primeira forma de luta, raramente se defrontam em pontos determinados. Batem-se por todos os lados, simultâneamente, o que torna difícil expor claramente os acontecimentos. Durante os meses de Agôsto e Setembro, por exemplo, se a batalha pelas comunicações e a batalha por Toledo foram os principais factos militares, é preciso não olvidar que se combatia, de maneira esporádica, mas por vezes também dura, em quási todo o território espanhol, particularmente no Aragão, nas zonas de Sevilha, nas Baleares, à volta de Oviedo, e no mar. Essas acções, por vezes confusas, não chegaram a atingir nenhum resultado importante, excepto na Maiorca, onde os nacionalistas conseguiram aniquilar definitivamente a esperança que os vermelhos alimentavam quanto à posse da ilha.

A "frente" aragonesa

O Aragão, em especial, experimentou, desde o começo, numerosos ataques da parte dos « governamentais », na maior parte dirigidos contra Saragoça, e todos sem êxito. De Barcelona, os marxistas tentaram alcançar a capital aragonesa e tomar Huesca, mas foram obrigados a entrincheirar-se nas zonas de Caspe e de Barbastro, que durante muito tempo marcaram o limite das linhas da « frente ». Foi ali que êles se entregaram aos piores excessos, massacrando centenas de pessoas cujo crime consistia em terem votado a favor dos partidos da direita e de haverem ido à missa. Anunciaram, por várias vezes, a tomada de Huesca e de Teruel. As serranias foram teatro de renhidos combates, mas as lutas de maior interêsse davam-se noutros pontos.

Foi o anarquista Durruti quem dirigiu, no princípio de Agôsto, a primeira expedição importante contra Saragoça, expedição que não chegou a alcançar a cidade. Na semana seguinte, os combates travados em tôrno de Belchite não modificaram a situação. O comandante Perez Ferraz, que era o principal animador da campanha ao lado de Durruti, tornava públicos comunicados optimistas, afirmando que se via obrigado a « moderar o ardor dos seus homens ».

— Vou avançar — dizia êle — mas procuro fazê-lo com o menor número de baixas possível. Estaremos em Saragoça mais cedo do que se julga.

Assim o dizia, também, o comunicado do ministério do Interior, em 13 de Agôsto. Na altura dos ataques sôbre Madrid e contra Irun, as tentativas para atingir

Saragoça recomeçaram com a finalidade de criar uma diversão, o que nenhum êxito obteve. A cidade defendeu-se sempre. O bombardeamento da célebre catedral da Virgem del Pilar por um aparelho governamental provocou viva emoção, mas a famosa imagem nada sofreu. Foi-lhe envergada uma túnica de sêda branca, na qual se destacavam as côres nacionalistas, e colocaram-lhe facha e galões — espécie de uniforme semelhante ao dos generais do Exército espanhol, que a imagem não envergava desde a época de Primo de Rivera.

Em Setembro, houve luta encarniçada, em volta de Huesca. As fôrças republicanas acercaram-se o suficiente para que, em 7, um grupo de operários marxistas se revoltasse no interior da cidade e ficasse senhor dos bairros em que habitava. As autoridades militares tiveram de pedir socorros a Jaca. Em 8, o movimento interno ficou aniquilado. No entanto, ao saberem da revolta, as tropas catalãs avançaram com maior rapidez e atingiram os bairros exteriores. Os jornais governamentais anunciaram imediatamente que se fizera a junção. A verdade era bem diferente: extinta a rebelião, os nacionalistas repeliram com facilidade relativa os ataques dos seus adversários. Os combates prosseguiram, no decurso dos meses de Outubro e Novembro. Os marxistas intentavam baldadamente cortar as comunicações entre Belchite e Saragoça, e lançar um ataque sôbre Teruel.

Se o Exército de Franco, como era possível prever desde início, não conseguiu vencer a fortaleza material e moral constituída pela Catalunha, as brigadas marxistas também não puderam apoderar-se de Saragoça, e a « frente », tal qual ficara após as primeiras lutas,

não deveria modificar-se durante muitos meses. E foi por isso que o govêrno de Barcelona buscou proceder à organização interna do seu território, e assegurar a liberdade dos mares, neutralizando os riscos da posse de Maiorca pelos adversários.

Nas Baleares

Durante o mês de Agôsto, o referido govêrno empreendeu, de-facto, uma tentativa para reconquistar as Baleares. Nos dias 8 e 9, partiu de Barcelona uma expedição comandada pelo capitão Bayo. Apoderou-se de Formentera e de Ibiza, a seguir ao que logrou fazer um desembarque em Porto-Ceiort, perto de Manacor, na Maiorca. Nada conseguiu, depois disso. Os milicianos viram-se enèrgicamente atacados pelos nacionalistas irregulares, principalmente pelos elementos falangistas, que constituíam uma formação bem organizada, se bem que pouco numerosa. A-pesar-de tudo, os marxistas apoiados pelos seus partidários residentes nas ilhas lograram manter-se em Manacor. De vez em vez, Barcelona anunciava que ia enviar outra expedição contra a Maiorca.

Em boa verdade, parece que para a salvação da Maiorca muito concorreu a aviação italiana. Os italianos, correspondendo ao apêlo que Franco lhes dirigiu em fins de Agôsto, chegaram, em 26, a Palma, num navio mercante, dentro do qual transportavam dois modernos biplanos « Fiat » de caça, dois vélhos « hidros » M. 41, outro material e essência. Os voluntários fascistas estabeleceram um aeródromo nos arredores de Palma, e logo três « hidros » de transporte chegaram de Tetuão, com

a missão de o proteger. Segundo conta Georges Oudard, na altura em que êles partiram daquele pôrto marroquino colocaram-se, nos pontos em que habitualmente estacionavam, três falsos « hidros » feitos de tela e madeira, fazendo crer que os autênticos continuavam nos sítios costumados ([1]). Os governamentais tinham a apoiá-los uma esquadrilha de « hidros » S. 62, com base em Ponta Amer, ao sul de Porto-Cristo. Em duas horas, no dia 28 de Agôsto, um dos « Fiat » italianos surpreendeu quatro dos S. 62, metralhou-os e abateu-os. Em 30, três trimotores vindos de Marrocos atacaram o vapor governamental « Marquês de Comillas ». Bayo pediu a Barcelona, pela T. S. F., que enviasse aviões de caça com a maior urgência. Todavia, em 2 e 3 de Setembro, os trimotores fizeram explodir o farol de Porto-Cristo e agiram de maneira a proporcionar aos nacionalistas a reocupação de algumas localidades. Entretanto, de Barcelona, comunicavam a Bayo que iam enviar-lhe duas esquadrilhas de caça, trinta aviões de bombardeamento, o couraçado « Jaime I » com dois « hidros » e o vapor « Mar Negro » com reforços. Mas os três trimotores italianos acometeram o « Mar Negro » e forçaram-no a desistir da travessia, e atacaram o « Jaime I », impedindo-o de atingir Porto-Cristo. Bayo expediu, em 5 de Setembro, uma última mensagem: « Os navios de guerra abandonaram-me. Sem aviação, não posso resistir ». Os marxistas regressaram a bordo do « Escaño », a-fim-de evacuarem a ilha, e enviaram gravemente ao « Jaime I » êste « rádio »: « Os comandos reüniram-se a bordo, com o objectivo de tomarem deli-

---

([1]) Georges Oudard, *Chemises noires*...

berações ». Na fuga, abandonaram oito canhões, 60 metralhadoras, 2:000 espingardas, um milhão de cartuchos, dois automóveis blindados e dois aviões com avarias. Em breve tiveram também que abandonar Ibiza e Formentera, devido à acção dos sete aparelhos italianos. Ficou-lhes apenas a Minorca, ilha inútil para as finalidades que os marxistas visavam ao pretenderem apoderar-se da maior das Baleares. A partir dêsse momento, a Maiorca não voltaria a estar ameaçada. E é curioso fixar que o plano de defesa da ilha fôra traçado pelo próprio general Franco, alguns anos antes.

Ali, como em tôda a parte, a desorganização da Armada vermelha teve considerável importância. Depois de se ter desembaraçado da sua oficialidade, a Marinha de guerra marxista perdera a batalha na Maiorca e ia perder, definitivamente, Marrocos.

No mar e em Marrocos

Após os dias febris em que os regulares marroquinos passaram para a Espanha continental, os navios marxistas não cessaram a sua actividade. Algesiras e Ceuta foram bombardeadas.

No começo de Agôsto, o general Millan Astray regressara da Argentina para tomar o comando da Legião Estranjeira da qual fôra fundador. No entanto, o seu estado físico (perdera um braço e um dos olhos) não lhe permitia tornar efectivo o exercício dêsse comando. Em Marrocos, os alistamentos de tropas indígenas fazia-se regularmente. Grande número de árabes acorreu a apresentar-se nos centros de recrutamento de Tetuão, Larache, Xauen, atraídos pelo sôldo e pela

regularidade com que era feito o pagamento. As tribus fronteiriças da zona francesa, como de resto já sucedia antes da Revolução, também forneciam muitos voluntários aos espanhóis, que ofereciam 2,50 pesetas diárias e o direito de viver junto da família, findas as horas de serviço.

A meio do mês de Agôsto, as tropas do Ifni aprisionaram o seu chefe, o comandante Montero, e fizeram causa comum com os rebeldes nacionalistas.

A tensão existente entre a França e a Espanha teve mais um motivo de acréscimo, quando um judeu espanhol naturalizado francês, um socialista de nome Aquilar, foi prêso e fuzilado em Tetuão, em 12 de Agôsto. O govêrno francês, que não reclamara satisfações, quando um outro francês, de apelido Tôrre, caíra fuzilado pelos marxistas, apressou-se em exigir desculpas e 300:000 francos de indemnização, pois de contrário ficariam cortadas tôdas as relações entre as zonas marroquinas francesa e espanhola. Certo número de nacionalistas marroquinos aproveitaram o ensejo para se ligarem abertamente ao movimento de Franco. O Califa, que se encontrava instalado em Larache, fêz uma entrada triunfal em Tetuão, ao lado do general Orgaz e precedido pela guarda indígena. O entusiasmo era grande, e os nativos afluíram, em consideráveis contingentes, a alistarem-se, durante o mês de Setembro, não obstante os comunicados de Madrid tenderem a fazer crer que havia sublevações. À reclamação do govêrno de Paris, o general Orgaz, respondeu ao general Noguès, residente geral no Marrocos francês, que deveria dirigir-se ao govêrno de Burgos para obter a reparação. Em face desta resposta, feita, de resto, em têrmos muito pouco diplomáticos (pois o pedido poderia ser trans-

mitido a Burgos), um « dahir » do sultão encerrava a fronteira. Mas logo as Câmaras de Comércio francesas protestaram, reclamando que se restabelecesse o movimento entre as duas zonas.

Talvez por instigação da França, foram feitas diligências para impedir a aliança inesperada do Islam com Franco. O sultão de Marrocos dirigiu uma constrangida mensagem à parte do seu povo colocada sob a soberania da Espanha ; no entanto, a zona espanhola encontra-se governada pelo grão-vizir, que cada vez mais vai tomando, ali, as atribuïções do Sultão. Outra mensagem, desta vez mais importante, chegou a Oran, em 18 de Agôsto. Firmava-a o « comité » executivo do Congresso Universal Muçulmano e era endereçada aos rifenhos, a-fim-de que estes não se alistassem nas fileiras de Franco: « O árabe — dizia o documento — jamais foi um mercenário. Tôdas as suas guerras têm sido guerras árabes... Os nossos irmãos do Oriente assistirão ao espectáculo de infelizes guerreiros que vendem o sangue para assegurar a vitória e a glória dos seus opressores, daqueles cujos chefes proclamam que o aniquilamento dos árabes pelos seus antepassados é um dos principais motivos pelos quais têm direito ao reconhecimento da Espanha ? » Êste apêlo, cujas origens logo se afiguraram muito suspeitas, nenhum resultado obteve junto das populações da zona espanhola. Os árabes e os berberes do protectorado estavam inegàvelmente ao lado dos nacionalistas, e até na zona francesa se notou um êxodo de indígenas que corriam a alistar-se sob a bandeira de Franco. Assim, sòlidamente apoiados no seu império, no qual encontravam homens treinados e corajosos, os nacionalistas apenas tinham que se preocupar em manter a supremacia no mar.

A partir do fim de Agôsto, conseguiram organizar-se e pôr côbro, em definitivo, aos inconvenientes da deserção da marinha. De-facto, lograram aumentar a sua esquadra com um cruzador que se encontrava em construção ao eclodir o movimento — o « Canarias ». Por seu lado, desprovidos de oficiais, os vermelhos pouco ou nada poderiam fazer. Improvisaram comandantes, e atribuíram a chefia suprema da esquadra ao capitão de fragata Manuel Buiza. Em 29 de Setembro, houve um combate naval a Oeste de Tarifa. O crusador nacionalista « Almirante Cervera » afundou o torpedeiro governamental « Gravina », às 6 horas da manhã. O vapor francês « Koutoubia », que passava nas proximidades, lançou os seus escaleres à água e recolheu numerosos marinheiros do barco marxista. Um outro torpedeiro, o « Almirante Fernandez », quis socorrer o « Gravina », mas foi igualmente atingido pelas granadas do « Almirante Cervera », e viu-se obrigado a fugir. Esta batalha de 29 de Setembro, deu aos nacionalistas a posse definitiva do Estreito de Gibraltar.

O assédio de Oviedo

Foi nas Astúrias que se travaram os combates mais encarniçados, no primeiro inverno da guerra. No Norte, os ataques contra Bilbao, e o longo cêrco de Oviedo, cidade heròicamente defendida por Aranda, constituíram as páginas mais empolgantes dessa época, fôsse qual fôsse a importância do ataque a Madrid. Têm-se escrito muitos livros acêrca de Oviedo e têm-se erguido hinos aos defensores da cidade sitiada quási em condições análogas às dos defensores do Alcazar de Toledo.

Aranda, ao que parece, não dispunha de mais de dois a três mil soldados e guardas, com doze peças de artelharia de 10,5, uma centena de metralhadoras e uns cinco mil litros de gasolina para os seus camiões. Esteve cercado, desde Setembro, por fôrças cujo total ultrapassava trinta mil homens. Ora, Oviedo é rodeado de alturas mais difíceis de defender do que de atacar. Com dois ou três mil soldados, cobrir um perímetro defensivo de doze quilómetros, afigurava-se emprêsa de êxito impossível. Os adversários tinham a favorecê-los a superioridade de posições, de tropas, de armamento e de aviação. Na realidade, os sitiados pensavam que um golpe de fôrça de-pressa os libertaria da pressão inimiga, e que a guerra não duraria mais de três meses.

Logo de comêço, foi necessário requisitar e raccionar os víveres. A carne faltou logo no princípio, e as batatas tornaram-se um género precioso. Só de memória se falava de ovos e de leite. É verdade que existiam uns dois ou três estábulos, mas o leite apenas era concedido mediante receita médica, e as existências do condensado foram requisitadas para as crianças. As fontes de água estavam nas mãos do inimigo, e o problema do precioso líquido não tardou a ser um dos mais graves. Decorria o verão, e de maneira nenhuma se podia contar com chuvas. Fizeram-se investigações, para descobrir os poços inutilizados ou abandonados. Naqueles que se encontraram, foram estabelecidos horários para sua utilização pelos sitiados. Simultâneamente, davam-se instruções para que todos fervessem a água, antes de a beber. A electricidade, após múltiplas interrupções, quási faltou totalmente, quando os marxistas ocuparam a central do Fresno, às portas da cidade. Nada mais restava além da corrente fornecida por um motor Diesel

da fábrica de armas, destinada aos edifícios públicos, às padarias e os jornais *(Region* e *La Voz de Asturias)*. Voltaram a ser usadas as candeias, os candeeiros de azeite e fabricaram-se mechas, com gorduras e enxôfre. No entanto, a situação não foi excepcionalmente dramática, no decurso do fim de Julho e de todo o mês de Agôsto, não obstante os bombardeamentos pela artelharia. Por infelicidades, a « rádio », salvo os receptores militares, deixou de funcionar, logo após a ocupação da geradora eléctrica pelos vermelhos. A princípio, apenas se tornou possível escutar os postos emissores governamentais. Depois, logrou-se escutar a « rádio » portuguesa e saber, por seu intermédio, da queda de Badajoz, de Irun, de San Sebastian e de Toledo. Montou-se, à custa de grandes esforços, um pôsto de emissão — « Rádio-Astúrias ». Nas trincheiras, as comunicações dos locutores da propaganda vermelha eram denominados, irònicamente, de « Rádio-Parapeito »... Entretanto, Aranda, imperturbável, agia para que o optimismo e a confiança reinassem na retaguarda, promovendo uma certa vida nocturna. Os soldados e os civis que combatiam voluntàriamente tinham ordens para se entregarem a folgedos, nas ruas, durante as noites sem luz. E a população, dentro das casas que as batarias inimigas visavam, ouvia, de súbito, na escuridão nocturna, passar grupos que riam e cantavam. Os burgueses despertavam, ouviam e não pensavam demasiadamente no fogo dos marxistas. Em certa noite de bombardeamento, os soldados de licença, os rapazes e as raparigas da « Falange », andaram pelas ruas, de braço dado, cantando e aclamando a Espanha. Para melhor aborrecerem o inimigo, eram precedidos por ternos de clarins e tambores.

A vida organizou-se, pouco a pouco, como em tôdas as cidades sitiadas, à semelhança do que sucedeu em Toledo no princípio. Havia, bem entendido, uma atmosfera menos densa, porque uma cidade não é uma fortaleza. A despeito dos bombardeamentos contra igrejas, o culto continuava a ser praticado, e às cerimónias católicas acorriam massas de fiéis. Apenas os funerais se realizavam com a máxima rapidez, quási isentos de qualquer manifestação de ritual, porque o cemitério estava sob o fogo do inimigo. Graças à sua autoridade, o coronel Aranda conseguiu manter a ordem, a esperança, a vida, a própria alegria, a-pesar-de se poder dizer que tudo se conjugara contra os sitiados. É preciso não esquecer que havia inimigos dentro da cidade, pois sabe-se que, em 19 de Julho, três quartas partes de Oviedo eram simpatizantes das ideas revolucionárias. Nem todos os marxistas haviam seguido nos combóios blindados e nem todos se converteram. Deram-se evasões e, de noite, descobriam-se luzes suspeitas que constituíam sinais para os vermelhos. Foi necessário proceder a investigações, inquirir, julgar, executar. Desconfiava-se de todos, de vizinhos, de comerciantes, de voluntários e, por vezes, de soldados. O hábito do perigo não impedia que a vida decorresse sem uma determinada febre e um certo constrangimento, como sucede em tôdas as cidades assediadas.

Todavia, ali, a situação era quási tranqüila, ao passo que, em Gijon, se travavam violentos combates. Nos primeiros dias, Radio-Gijon, nas mãos dos republicanos, anunciara que o movimento nacionalista estava jugulado e que a cidade se encontrava plenamente dominada pelos governamentais. Mas Aranda sabia que, naquela cidade — pôrto das Astúrias — ainda havia fôrças fiéis à Revo-

lução anti-marxista, se bem que a guarnição fôsse menor e menos segura que a de Oviedo e a população operária fôsse, pelo contrário, muito mais forte. Na realidade, uma parte de Gijon ficou, logo de comêço, cercada pelos vermelhos. Os aviadores nacionalistas tentaram, com seus bombardeamentos, obrigar os marxistas a abandonar a pressão, o mesmo fazendo, com idêntico objectivo, em 29 de Julho, o cruzador « Almirante Cervera » e, em 12 de Agôsto, o couraçado « Espanha ». Não bastava, infelizmente, êste auxilio marítimo e aéreo para apoiar suficientemente as fôrças rebeladas que estavam sitiadas nos quartéis e em determinados bairros. Para libertá-los, seria necessária uma acção por terra, o que, naquele momento, era impossível tentar. O « Cervera » e o « Espanha » limitaram-se, pois, a abrir fogo com os seus canhões e a procurar impedir que os vermelhos tomassem os quartéis. Todos os dias o comunicado do comando militar asturiano assinalava as tentativas dos nacionalistas para romper o cêrco e os revezes dos vermelhos. Emquanto Madrid anunciava a todos os momentos a rendição de Gijon, a realidade era diferente, pois a guarnição continuava a defender-se com verdadeiro heroísmo. Em 21 de Agôsto, o comunicado registou um violento incêndio nas cercanias de um dos quartéis. Foi esta a última notícia que, em Oviedo, houve da guarnição de Gijon. O regimento de Simancas tinha resistido, numa posição estratégica muito inferior à do Alcazar de Toledo, constantemente bombardeado, atacado por « tanks », inundado de gasolina, sob a metralha lançada pela artelharia e a aviação. O apoio do « Cervera » e do « Espanha », e os víveres e medicamentos lançados pelos aviadores de Franco permitiram-lhe agüentar-se. No entanto, tornava-se impossível

manter aquela situação por muito tempo. Logo que se declarou o incêndio a que o comunicado fizera alusão, do quartel de Simancas partiu um « rádio » dirigido aos dois navios de guerra:

— Façam fogo sôbre nós! O inimigo está a entrar nas nossas posições!

O « Espanha » hesitava, mas de terra insistiam:

— A defesa tornou-se impossível. O quartel está a arder e o inimigo começa a entrar. Fazei fogo sôbre nós [1].

À noite, alastrava pelo céu um clarão imenso: era o quartel de Simancas que ardia com os seus defensores.

Foi em virtude desta heróica resistência dos homens de Gijon que Oviedo conseguiu agüentar-se durante o mês de Agôsto. Se Gijon não houvesse resistido um mês, Oviedo teria, sem dúvida, caído em poder dos marxistas. Porém, as tropas vermelhas estavam retidas à volta do pôrto, as colunas nacionalistas tiveram tempo suficiente para avançar e as estradas do Norte começaram a ficar libertas dos elementos afectos ao extremismo da esquerda. Então, verificou-se que o heroísmo por contágio é um facto. Quando mais intensa se tornou a pressão marxista, Aranda preveniu os estranjeiros residentes em Oviedo de que poderiam partir para Gijon, onde ancorara o cruzador alemão « Leipzig », e que tôdas as facilidades lhes seriam dadas para sair da Espanha. Encontravam-se na cidade assediada alemãis, suiços, austríacos, sul-americanos e italianos. Todos, com absoluta unanimidade, declararam não querer deixar Oviedo e preferir aguardar a gloriosa en-

---

(1) Óscar Perez Solis, *Sitio y defensa de Oviedo.*

trada das colunas nacionalistas que marchavam para a cidade. Esta atitude dos residentes estranjeiros produziu funda impressão. O coronel Aranda divulgou-a e a todos convidou, em 6 de Setembro, a beberem pela Espanha, num dos « cafés » citadinos. Precisamente nesse dia, a aviação marxista efectuou um terrível bombardeamento contra o burgo. Isso não impediu que todos os estranjeiros comparecessem. O professor alemão Shiffauer, em nome dêles, pronunciou um discurso, declarando: « A única questão do momento é ser ou não ser. E a Espanha decidiu ser! Exige-o a cultura ocidental, exige-o a continuïdade histórica. Sem a Espanha, a Europa não seria Europa » ([1]).

Em 8 de Setembro, dia da festa da Virgem, tôda a gente foi, quási com solenidade, a um cinema, onde se realizou uma exibição de homenagem à colónia estranjeira. Facto curioso: O programa era constituído por um filme francês algo ligeiro, ainda que de tendência anti-soviética: «Tovaritch ».

Alguns dias mais tarde, uma sortida feliz deu aos sitiados a posse de um pequeno acampamento dos vermelhos, onde encontraram champanhe que beberam festejando o êxito. A vida tem, por vezes, dêstes pitorescos aspectos. Nas trincheiras mais avançadas, ainda não houvera ataques muito violentos. Em certo dia, os vermelhos fizeram sinais. O fogo cessou. E alguém gritou do lado dêles:

— Camaradas, quereis trocar os vossos jornais de hoje pelos nossos?

([1]) Perez Solis, *op. cit.*

De cada linha saíu um parlamentário. Apertavam-se as mãos. Um entregou as gazetas de Oviedo, *Region* e *La Voz de Asturias*, e o outro o *Heraldo de Madrid* e *Mundo Obrero*. A cerimónia repetiu-se diàriamente. Quando chegava um avião, os vermelhos gritavam:

— Atenção, *hombres!* É um dos nossos.

Por vezes, enganavam-se. Nessas ocasiões, respondiam-lhes:

— Não, êste é dos nossos. Obrigados.

De resto, porque deveria haver inquietação, nos primeiros dias de Agôsto? É verdade que os marxistas tinham organizado cientìficamente o cêrco e que a cidade estava completamente rodeada por um círculo de trincheiras. Os nacionalistas também haviam cavado outra linha de entrincheiramentos, mas o primeiro ainda estava muito ao largo, afastado do burgo. Nada, na cidade, deixara de submeter-se a uma boa organização. Os voluntários reservistas do coronel Ladreda mantinham a ordem. Todos os dias se sabiam novas da marcha das colunas galegas, que se acercavam para romper o cêrco. Em semelhantes condições, porque razão não se poderia ser correcto com os adversários? Estes, por seu lado, aguardavam uma rendição que consideravam inevitável. Além disto, de ambos os lados os homens sentiam certo aborrecimento, e as falsas notícias do outro partido sempre serviam de motivo de distracção.

A-pesar-de tudo, o cêrco ia-se estreitando, à medida que passavam os dias. Oviedo parecia não poder escapar à pressão dos vermelhos, a despeito dos grandes esforços dos nacionalistas. Em 1 de Outubro, alguns aviões idos de Vitória bombardearam Eibar, ponto de concentração de tropas governamentais. Bilbao também foi bombardeada. Os marxistas prepara-

ram a resistência. O estatuto da autonomia vasca fôra aprovado em Madrid e facilitava a aliança com os nacionalistas vascos. A Junta de Defesa da Biscaia conseguiu estabelecer o comando único, confiando-o ao comandante Ciudad, e tornar efectiva a cooperação dos milicianos, da polícia de Bilbao, inteiramente em poder dos vascos e, a frota governamental dirigida por D. Manuel Buiza. A linha da « frente » passava, em começos de Outubro, por Ondarroa, Eibar e Mondragon. Durango, importante centro de concentração dos reabastecimentos de víveres e munições, sofria freqüentes bombardeamentos. Os anarquistas tinham sido mandados para a « frente » de combate, e os reféns seguiram para bordo de navios de carga fundeados na baía de Las Arenas.

Na tarde de 4 de Outubro, o general Mola organizou com a oitava divisão uma coluna que avançou sôbre Oviedo. Por seu lado, os aviadores destruiam uma fábrica de explosivos e algumas fábricas de armas. Contra Bilbao, marchavam cinco colunas por vias de penetração concêntricas e a cidade de Eibar ficou inteiramente dominada por elas, na noite do referido dia. Em troca, os vermelhos diziam que tomariam Oviedo em 6 de Outubro, dia do aniversário da revolução de 1934. Os violentos ataques dos nacionalistas de-pressa lhes fizeram perder essas esperanças. Em Bilbao, corriam boatos de que os habitantes de Oviedo já se tinham manifestado numerosas vezes, reclamando a rendição da cidade. A única verdade é que as trincheiras da vanguarda foram tomadas pelos vermelhos e que os defensores tiveram de retirar precipitadamente para outras posições. Instalaram-se à entrada da cidade e pouco tardou que, nessa jornada de 6 de Outubro, os comba-

tes se desenrolassem nas ruas da periferia. Os mineiros asturianos ocuparam a praça de touros, o bairro de Santo António e a igreja de S. Pedro. Um dos seus camiões blindados chegou até o convento das Adoradoras, sendo forçado a voltar ao ponto de partida. Ao anoitecer, os vermelhos foram obrigados a abandonar quási tôdas as posições obtidas, ao passo que Aranda ficava senhor das ruas. No dia seguinte, os marxistas repetiram o assalto, atacando a fábrica de armas de La Vega. Deram-se novos e violentos combates nas ruas. A cidade ardia, não havendo água bastante para atacar todos os incêndios. As mulheres e as crianças estavam refugiadas nos subterrâneos, havia muitos dias. Declarara-se uma epidemia de tifo exantemático.

A luta não se interrompia. Aranda pedia, pela T. S. F., reforços à Corunha e a Valladolid. O êxito dos « rojos » tornava-se iminente. No dia 8, chegaram a ocupar a estação do Norte, posição estratégica que parecia permitir-lhes um ataque imediato sôbre o centro da cidade, especialmente sôbre a rua Uria, artéria principal de Oviedo, cujas casas estavam transformadas em autênticas fortificações. Lavravam numerosos incêndios no bairro de S. João e no convento das Adoradoras. Na « frente » ocidental da província, seiscentos soldados marroquinos e trezentos legionários procuravam socorrer Aranda e travavam, em 9 de Outubro, um combate encarniçado com os governamentais.

Prosseguindo nos ataques, os mineiros asturianos, na tarde de 10, ocuparam a praça da América, da qual puderam destruir numerosas casas da rua Uria. Previa-se que os nacionalistas seriam levados a refugiar-se na parte da cidade onde se encontram a catedral, os quartéis de Pelayo e a fábrica de armas. Os camiões

blindados tripulados pelos mineiros exerciam, nas operações, uma influência decisiva. Na sua retaguarda, marchavam os dinamiteiros, os quais iam desalojando os elementos defensores das casas das cercanias, com granadas de mão e cartuchos de dinamite. Entre os milicianos vermelhos, notava-se a presença de uma mulher, Pilar Lafuente, irmã de Aida Lafuente, conhecida por « Libertaria ». A primeira foi ferida num dos ataques e quási teve a sorte da segunda, que morreu, em Outubro de 1934, quando fazia fogo com uma metralhadora.

Pela « rádio » dos nacionalistas, era recitada a oração « Libertação espanhola », que nos foi assim transmitida com a indicação de haver sido dita pela primeira vez durante uma missa rezada, em Toledo, em 29 de Setembro, em acção de graças pela vitória do Alcazar:

« Deus te salve, minha pátria, plena de glória! A honra é contigo. Bendita és tu entre tôdas as nações e benditos são os feudos das tuas entranhas imperiais. Santa Espanha, mãi dos povos, roga por nós, para que sejamos dignos da tua grandeza, agora e na hora da nossa morte por ti » (1).

Durante muitos dias, os combates nas ruas prosseguiram. Os mineiros continuaram a dominar na maior parte da cidade e a atacar nos bairros de S. Cipriano, nas ruas das Astúrias e de Pumarin, e pelo lado do cemitério de S. Lázaro. Em 12 de Outubro, dia da festa da Raça e da reconciliação espanhola, os assaltantes tomaram o quartel de artelharia, os matadouros, o manicómio e a fábrica de fósforos, pontos que os naciona-

---

(1) Perez Solis, *Sitio y defensa de Oviedo*, pág. 174.

listas foram obrigados a abandonar uns após outros. Depois, os milicianos vermelhos preparam-se para bombardear a catedral. As colunas nacionalistas de socorro acercavam-se de Oviedo, com o objectivo de quebrar o círculo de ferro que se apertava em volta do burgo. Durante as jornadas de 14 e 15 de Outubro, lograram apoderar-se de importantes posições estratégicas que dominam a cidade. As fôrças comandadas pelo coronel Martin-Alonso instalaram-se a 6 quilómetros ao Norte da cidade, no Monte-Encampredo. O general Lombarte, por seu lado, conseguiu entrar em comunicação com Aranda, pela estrada de Arango, a qual, a-pesar-de ser batida pelas batarias vermelhas, não deixava de facilitar a ligação dos sitiados com aquêles que iam libertá-la. O círculo começava, pois, a apresentar uma ruptura.

Em 17 de Outubro, ao meio-dia, as tropas de Franco, que haviam ocupado posições ao Norte do Monte-Naranco, empreenderam a marcha para entrar em Oviedo. À uma hora da madrugada, passaram o rio Norra, nessa altura muito caudaloso devido às chuvas, e às 11 tinham o Monte-Naranco em seu poder. O general Lombarte dirigia as operações. Às 15 horas, a aldeia de Loriana era conquistada, e os mineiros que cercavam Oviedo principiaram a retirar em desordem. Às 16 e 30, três companhias de guardas de assalto e de voluntários entraram na cidade, com o coronel Martin-Alonso à sua frente. Antes da fuga, os mineiros provocaram a explosão de um paiol, mas os regulares e os legionários penetraram por outro lado, e um oficial correu à emissora de « rádio », a anunciar o triunfo a tôda a Espanha. Às 20 horas, Oviedo estava totalmente ocupada pelas tropas nacionalistas, e o coro-

nel Aranda recebia com um abraço o coronel Martin--Alonso, na rua de Uria. O cêrco findara, após três meses de tortura.

Aranda foi promovido a general e recebeu o cargo de comandante militar das Astúrias. A-propósito, o general Mola pronunciou um discurso, durante o qual disse:

— Há menos de um mês, libertámos o Alcazar. Agora, libertámos Oviedo. Afirmo que, dentro de pouco tempo, entraremos em Madrid.

Os marxistas não desanimaram e, passados dias, tentaram cercar de novo a cidade, lançando-se à reconquista do Monte-Naranco. Em 25, Aranda conseguiu cortar as comunicações entre Oviedo e Gijon, de maneira a impedir a chegada de reforços aos mineiros. A coluna governamental foi forçada a bater em retirada, Gijon ficou numa situação de isolamento e Oviedo teve o reabastecimento assegurado. Por seu lado, a frota nacionalista vigiava Bilbao, para impedir o contacto entre a cidade «e o cônsul marxista instalado em Bayonne» [1].

Os falangistas que guarneciam as linhas de Mondragon receberam ordens para resistir, e não para atacar. Durango, de onde partiam reforços e reabastecimentos destinados aos vermelhos, era bombardeada constantemente pelos aviões de Franco. Os soldados nacionalistas eram comandados pelo coronel Solchaga e pelo tenente-coronel Vigon.

Durante os meses de Novembro e Dezembro, a actividade quási se circunscreveu à «frente» de Ma-

---

[1] *Le Temps* (27/x/36).

drid. A Leste de Bilbao, os dois partidos estavam fixados no rio Orolo. Em Leão, os marxistas avançavam de novo para Oviedo, cortando a linha férrea. Em 27, alcançaram um êxito importante, atacando a linha entre Oviedo e Grado, onde estava o quartel general de Aranda. No dia seguinte, os nacionalistas viram-se forçados a evacuar Grado. Pelo Sul, alguns ataques bem orientados deram de novo aos vermelhos a posse dos extremos meridionais da cidade. Em 10 de Dezembro, Oviedo estava outra vez pràticamente isolada, sem mais comunicações do que um caminho que segue para o Norte. A situação tornou-se quási tão alarmante como em Outubro, ainda que as fôrças marxistas, na sua maior parte utilizadas na defesa da capital, não dessem, ali, provas de grande iniciativa. De-facto, passaram mais dois meses, sem perigos de maior para os sitiados.

Foi em Fevereiro que os vermelhos retomaram a acção. Franco, que fôra a Vitória estudar a situação no Norte, entregou a Aranda o comando geral das fôrças da Galiza, de Leão e das Astúrias, passando o comando de Oviedo para o coronel Alonso. Em 21, os marxistas lançaram novos ataques contra a capital asturiana. Foram repelidos, ainda que houvessem agido de surprêsa e com emprêgo de elementos algo poderosos. Actuaram quinze mil marxistas, dispondo de aviação e artelharia, contra os voluntários e os soldados de Oviedo, os quais com quási nada podiam contar, quanto a material aéreo e canhões. Os vermelhos tinham um chefe, o comandante da guarda de assalto, Caballero, a quem chamavam simplesmente « Comandante ». Êste conseguiu entrar na cidade, mas as suas tropas não lograram segui-lo nesse feito, se bem que, no fim do mês, ocupas-

sem as alturas, travando os mineiros combates encarniçados no bairro da zona meridional. O Monte-Naranco permanecia em poder dos nacionalistas, que o utilizavam como importante posição da artelharia.

A estrada de Oviedo a Grado voltou a ficar cortada. Os mineiros acercaram-se. Apenas restou ao comando da cidade um carreirito pedregoso para as comunicações com a retaguarda. Foram os próprios marxistas que, em fins de Março, retirando dali a artelharia para intentarem um ataque de surprêsa sôbre Burgos, abrandaram a pressão. Na Primavera, a situação estabilizou-se. A-pesar-de todos os esforços em contrário, Oviedo prosseguia em poder de Franco. A « frente » asturiana, após lutas penosas e um cêrco em que se evidenciaram heróicas virtudes, nenhuma modificação sofrera pràticamente, em seis meses de guerra. Só mais tarde seria dada a solução aos problemas que ela constituia.

A "frente" da Andaluzia

Entretanto, desenrolavam-se com lentidão as operações no sul, à volta de Granada e de Córdova. Aldeia por aldeia, os rebeldes diligenciavam atingir Malaga, e os governamentais procuravam lançar ataques sôbre Córdova, chegando a anunciar freqüentes vezes, no decurso do mês de Agôsto, que a cidade caíra em seu poder. Ao microfone de « Rádio-Sevilha », em 23 daquele mês, o general Queipo de Llano escarnecia dos comunicados vermelhos :

— A cidade de Córdova é qualquer coisa parecida com um queijo. Os ratos andam em tôrno, farejam,

acercam-se e, no último instante, são caçados pela ratoeira. Senhores de Madrid, não se esqueçam de que Córdova pode ser um queijo e que a ratoeira está preparada. Se ainda há uns restos de dignidade entre os chefes das vossas tropas, poderão servir-se dela, para se defenderem, quando caírem em nosso poder... como ratos !

Foi pelo seu tom jocoso que bem de-pressa os discursos de Queipo de Llano — as « charlas », em « Rádio-Sevilha » — se tornaram célebres em todo o mundo.

A Oeste, travavam-se combates de importância. Rio Tinto, região das minas, constituia elemento de valor nas mãos dos marxistas. Durante o mês de Agôsto, as fôrças de Queipo de Llano esbarraram, ali, com uma forte resistência. Convém, no entanto, acentuar que estavam detidos, nas minas, como reféns, alguns engenheiros britânicos, o que forçava os nacionalistas a retardar de certa maneira a sua acção. Em 26, finalmente, Rio Tinto foi ocupada pelos soldados e logo tôda a província de Huelva caíu sob o domínio nacionalista. Queipo declarara, havia pouco, pela « rádio », desejar apoderar-se das minas, sem lhes causar estragos. De-facto, assim sucedeu. E a Inglaterra, que avalia em quatro milhões de libras as riquezas que ela explora naquela região da Espanha, logo se pôs em contacto permanente com o director técnico das minas, Lawrence Hills, que permanecera no seu pôsto. Os rebeldes compreendiam não haver qualquer conveniência em provocar uma questão com os inglêses, e por isso as operações foram conduzidas com a mais extrema prudência.

Ocupada a zona de Rio Tinto, as tropas do Sul seguiram a juntar-se à coluna de Yagué e às fôrças do Norte, para colaborar na marcha sôbre Toledo, mas a

libertação da Andaluzia e da Estremadura continuou, pouco a pouco. Em 15 de Setembro, foi ocupada Ronda, localidade onde os vermelhos tinham praticado as maiores atrocidades. Depois, os soldados de Queipo tomaram outros centros de importância. Em dois meses, Queipo exerceu um contrôle prático sôbre tôda a Andaluzia.

No decorrer do mês de Outubro, houve actividades puramente locais com a finalidade de consolidar posições. No entanto, a situação geral esteve indefinida até que, em 13 de Outubro, três colunas de Queipo operaram a sua junção em Peñarroya e em Pueblo-Nuevo-del-Terrible. O principal objectivo das colunas do Sul era a junção com o Exército que avançava para Toledo, e a sua marcha na « frente » de Jaen quási libertou por completo Córdova da ameaça de cêrco. A importante região mineira de Peñarroya estava-lhes, agora, nas mãos. Em fins de Dezembro, foi constituído, no Sul, um Exército vermelho, cujo quartel general se instalou em Jaen. Apoiado por uma brigada internacional vinda de Albacete, logrou progredir cêrca de 25 quilómetros a Leste de Córdova, mas não conseguiu alterar o conjunto da situação. Foi necessário aguardar o ano de 1937, para ver a « frente » Sul animar-se bruscamente, em conseqüência da importante acção empreendida pelos nacionalistas contra uma cidade de primeira categoria — Malaga.

A situação desta cidade, que servia de ponto de apoio à frota vermelha, tinha uma influência capital. Desde 1936 que o general Queipo de Llano cogitava num vasto plano de ataques convergentes destinado a conquistar o pôrto malaguenho e isolar Almeria. Calculava-se que os vermelhos dispunham, ali, de 40:000

soldados, e os efectivos de Queipo em pouco excediam metade daquele número.

Em 10 de Janeiro, Queipo iniciou a ofensiva, ao longo da estrada do litoral, para se apoderar dos pequenos portos existentes entre Manilva e Malaga-Estepona, Marbella, Fuengirola, etc. Outro grupo de tropas, atravessando a Sierra de Ronda e seguindo pelas serranias de Bermeja e de Nieves, atacava San Pedro de Alcântara, posição também atacada de flanco pelas fôrças vindas de Manilva. Simultâneamente, três cruzadores diligenciavam proceder a um desembarque de infantaria de marinha, entre Estepona e Marbella. De bordo do « Canarias », Queipo seguia a tentativa, que foi inutilizada pelos marxistas. Então, as tropas de terra retomaram o avanço. Estepona foi evacuada pelos marxistas, cujos aviões e carros de assalto sofreram elevadas perdas, e, em 17, Marbella ficou sob o domínio dos soldados de Franco. Os vermelhos, decididos à resistência, fortificaram-se entre Ojen e Fuengirola.

Não tardou, porém, que uma coluna partida de Alora avançasse sôbre Malaga pelo vale do Guadalhorce. Os marxistas começaram, então, a compreender os perigos do plano de Queipo, o qual atacava por vários lados ao mesmo tempo. De Alicante, chegaram 4:000 homens das brigadas internacionais, em camiões. O general russo Gorgev foi chamado a Valência para estudar, com a cooperação do comandante militar de Barcelona, o meio de impedir a perda de Malaga. Entretanto, no sector Ojen-Fuengirola os atacantes deparavam com uma resistência encarniçada. Queipo de Llano fêz correr o boato de que apenas pretendia alcançar Marbella, mas o certo é que, na tarde de 22, novas colunas progrediram sôbre Malaga, partidas,

desta vez, de Leste. No dia 4 de Fevereiro, em Ojen, foi içada a bandeira nacionalista, como sinal de vitória, emquanto os navios de guerra bombardeavam a costa e Fuengirola, localidade que, no dia 6, capitulava.

No mesmo dia, uma coluna motorizada, precedida de carros de assalto, chegou a Alfarnate, ida de Loja. Protegiam-na, à direita, uma coluna de infantaria de Antequera e, à esquerda, uma coluna de infantaria de Alhama. Houve luta renhida, pois as tropas motorizadas chocaram com as poderosas posições fortificadas dos marxistas em Ventas de Zafarraya. A estrada fôra cortada antes de Alfarnate pelos marxistas, e tornou-se preciso proceder a uma prolongada preparação de artelharia para que êles cedessem. Então, as colunas marcharam e fizeram rápidos progressos, o que determinou grande pânico entre os vermelhos. Os fugitivos assaltavam os camiões e serviam-se de todos os veículos de que podiam dispor, no intuito de alcançar Almeria. Na manhã de 8, a frota nacionalista lançou ferro diante de Torre del Mar para lhes barrar o caminho da retirada, mas o certo é que a maior parte dos milicianos vermelhos já estava fora do seu alcance. Entre os dias 10 e 12, Malaga ficou quási totalmente ocupada, não obstante a resistência de alguns milhares de homens, que ali deliberaram ficar para defender corajosamente a cidade.

A operação, bem concebida e brilhantemente executada, constituíu um triunfo. Os nacionalistas fizeram dez mil prisioneiros e apoderaram-se de canhões, metralhadoras, um combóio blindado e outro material em quantidades consideráveis. Conseguiram, além disso, tirar ao adversário uma importante base naval. Eram mouros os componentes de uma parte das fôrças, mas nestas figuravam alguns milhares de voluntários italia-

nos desembarcados no pôrto de Cadiz, em Dezembro e Janeiro. Malaga foi a primeira vitória obtida pelos nacionalistas com a colaboração dos italianos.

Nos dias que se seguiram, o avanço continuou ao longo do litoral. As regiões de Malaga e de Granada quási ficaram limpas, em Fevereiro, dos núcleos de marxistas resolvidos a guerrear pelas montanhas, não obstante a resistência que estes ofereceram. Na Primavera, a « frente » andaluza podia ser considerada estabilizada. Dois anos decorreriam, sem que sofresse alterações dignas de registo.

O Santuário de "Nuestra Señora de la Cabeza"

Cumpre-nos, no entanto, assinalar um acontecimento cujo valor estratégico é deminuto, mas que teve considerável projecção moral. Se o Exército do Centro registou um cêrco célebre, o do Alcazar, e se o Exército do Norte conheceu outro, o de Oviedo, os nacionalistas da Andaluzia tiveram o assédio mais prolongado e talvez mais dramático de tôda a guerra — o dos guardas refugiados no santuário de « Nuestra Señora de la Cabeza ». Durante oito meses, tôda a Espanha observou com emoção a resistência dêsse punhado de homens.

No santuário, situado na Serra Morena, buscaram refúgio, nos primeiros dias da Revolução, duzentos e cinqüenta guardas-civis, acompanhados por suas famílias, uma centena de falangistas e algumas centenas de famílias de Andujar, a trinta quilómetros daquele ponto da montanha. Na altura em que eclodiu a sublevação, o governador de Jaen enviou os guardas da « Benemérita » para o seminário da cidade, pois não depositava

nêles confiança. Depois, para os afastar, autorizara-os a irem instalar-se no Santuário. Nos primeiros momentos de uma revolução, a incerteza domina, e é preciso tempo para localizar os adversários ou tomar uma atitude. Ora, os guardas, se eram suspeitos, não podiam, no entanto, ser encarados ou considerados como partidários dos insurrectos. Daí resultou a decisão do governador de Jaen.

A partir de 1931, funcionou, na montanha referida, um hospício mantido por cinco religiosos da Ordem da Santíssima Trindade, espíritos devotados às obras de caridade. Os marxistas assassinaram-nos em 19 de Julho. À capela destinada ao culto, seguiam-se várias dependências e, a cinco quilómetros dali, existia o palácio do Lugar Nuevo, o qual, ao princípio, constituiu o reduto dos refugiados. No conjunto formado pela capela, pelas demais construções anexas e pelo palácio, instalaram-se cêrca de mil e oitocentas pessoas, que para ali seguiram, a partir de 5 de Agôsto, em camiões, com provisões de bôca e armamento. O Santuário constituía uma espécie de « blokhaus » natural, numa plataforma sôbre abrupto despenhadeiro relativamente fácil de defender com espingardas e algumas armas automáticas. O tenente Ruano assumiu o comando efectivo de Lugar Nuevo e o capitão Cortes tomou a chefia do Santuário, secundado por aquêle oficial subalterno. Todavia, o dirigente supremo das fôrças continuava a ser o comandante Nofuentes, acêrca do qual os outros oficiais alimentavam suspeitas.

Em Jaen, ignorava-se a composição exacta desta pequena guarnição. Desconheciam-se sobretudo os sentimentos que a animavam. O tenente Ruano, aproveitando a desorganização e a desordem que iam pela

província, tratou primeiramente de organizar os reabastecimentos em Andujar. Comprou, ali, a crédito, e levou para o Santuário, muitas centenas de quilos de legumes e de presuntos, sete mil pesetas de tabaco, etc. Nos quartéis, logrou reünir algumas centenas de espingardas, duas espingardas-metralhadoras e uma metralhadora. Com extraordinária audácia, instalou semelhante carga em dez auto-carros. O governador autorizara que « as mulheres e as crianças » fôssem juntar-se na serrania, para não estarem expostas às conseqüências dos combates, e o capitão Reparaz conseguiu obter os salvo-condutos necessários (reservados, bem entendido, às « mulheres e crianças »). E, após um sem número de ardis e de serem vencidas grandes dificuldades, o referido oficial logrou, assim, proceder ao transporte de razoável quantidade de provisões.

O mais interessante é que o govêrno marxista nenhuma certeza tinha quanto às intenções dos guardas. Em Jaen, pensava-se na possibilidade de aniquilar os rebeldes, e La Cabeza não passava a seus olhos de um ponto perdido na montanha, do qual, fôsse como fôsse, nada de grave poderia resultar. Torna-se difícil atingi-lo, mas também era difícil saír dêle. De resto, durante êsse mês de Agôsto do primeiro ano, os marxistas tinham muito mais que fazer do que atacar refugiados de atitude indefinida, isolados, que talvez não hesitassem em apoiar a causa do govêrno de Madrid, assim que junto dêles se insistisse em tal sentido. Não obstante, enviaram, em 25 de Agôsto, um delegado, com o encargo de exigir a entrega das armas. Negociaram com o comandante Nofuentes e êste concordou em entregar a metralhadora e certo número de espingardas. Os oficiais e os falangistas resolveram então, pôr de

parte tôda a prudência, ainda que se encontrassem numa região hostil. O capitão Cortes foi procurar o comandante e disse-lhe:

— Não podemos continuar nesta atitude passiva, emquanto os espanhóis se batem pelo seu país. É preciso cortar as relações com os vermelhos.

Dizendo isto, apontou-lhe uma fôlha de papel de carta, para que Nofuentes redigisse a declaração de ruptura com os dirigentes de Madrid. O comandante hesitou, mas por fim escreveu o que lhe era pedido. Alguns dias mais tarde, os milicianos cercaram o Lugar Nuevo e o Santuário, emquanto um avião vermelho sobrevoava os sitiados, lançando proclamações nas quais êles eram convidados a entregarem-se imediatamente. Nofuentes pretendeu negociar, e logo a sua oficialidade o destituíu, assumindo o capitão Cortes o comando. A vida de Nofuentes foi respeitada, o que mais tarde lhe valeu ser passeado em triunfo pelos marxistas.

Eis, pois, como no fim do mês de Agôsto, após muitas incertezas e hesitações, os refugiados entraram em franca rebelião contra o govêrno. Ainda que isolados, lograram manter-se em contacto com Sevilha e Córdova, por intermédio de um heliógrafo (que lògicamente só funcionava em dias de sol), um receptor de T. S. F. e, sobretudo, um antiqüíssimo processo, o mesmo que o coronel Raynal utilizou no forte de Vaux: os pombos correios. No final de Agôsto, o pequeno núcleo de rebeldes dispunha de víveres para um mês. Os vermelhos efectuaram, nessa altura, o primeiro vôo de reconhecimento sôbre as posições dos refugiados, e o capitão Cortes enviou a Córdova dois guardas e um falangista, com o encargo de explicarem, ali, que a situação ameaçava tornar-se grave. Os guardas foram mortos, mas o falan-

gista logrou atingir o seu destino. Foi então que a Sociedade Columbófila de Córdova teve a idea de colocar à disposição dos sitiados os seus pombos. No comêço do Outono, o aviador Haya lançou gaiolas com as simpáticas aves, no reduto dos insurrectos. E coube desta maneira aos pombos a missão de transportar, até 30 de Abril, as mensagens do capitão Cortes. Foram êles também que deram um carácter particular a esta longa e heróica resistência.

Don Santiago Cortes Gonzalez era casado. Tinha mulher e cinco filhos, mas nem conhecia o mais novo, pois todos estavam encerrados numa cadeia de Jaen, pelos marxistas. Coube-lhe transformar o Santuário num dos locais mais falados da guerra de Espanha. Era homem calmo, robusto, rigoroso e evidenciando bondade. Até o último momento, teve como prisioneiro o comandante Nofuentes, além de um capitão e um tenente marxistas, exigindo que êles fôssem bem tratados. Demonstrava amplamente as suas qualidades, não só de comandante de uma fôrça em tempo de guerra, como de administrador de uma pequena cidade e ainda as de pai.

Contràriamente ao que se passou com o Alcazar de Toledo, êste cêrco não constituiu um isolamento completo. Logo de início, os aviões nacionalistas levaram aos sitiados, cartas, uma bandeira e jornais. Em Lugar Nuevo, os refugiados escreveram, em enormes letras, num pano branco, esta palavra: « SOCORRO ». O aviador que viu o angustioso sinal seguiu logo para Córdova, a explicar a urgência do envio de reabastecimentos. Em fins de Setembro, foi organizado um serviço especial com essa finalidade. No Santuário, os víveres começavam a escassear. As mulheres haviam diligen-

ciado comer ervas cozidas, mas por desgraça aquelas que escolheram eram impróprias para isso e envenenaram doze pessoas, entre as quais quatro crianças [1].

A princípio, os víveres lançados pela aviação caíam muitas vezes em território vermelho. Os aviadores Haya e Rodriguez Cueto estudaram, então, em Córdova, a maneira de tornar mais preciso êste « bombardeamento » alimentar. E foi pela analogia da operação com o lançamento de bombas que êles chegaram a solucionar o problema. Fabricaram uma espécie de grandes caixas metálicas com forma análoga à dos projécteis aéreos. Pesavam 80 quilos e mediam 1^{m},30 de altura por 30 centímetros de diâmetro. Os « Junkers » lançavam estes tubos como se de bombas se tratasse. Na parte superior, eram colocadas conservas, que serviam, assim, de amortecedores. Depois, uma camada de presuntos e ovos, outra camada de conservas e por fim, legumes. Cada « Junkers » transportava 450 quilos dêstes projécteis e mais sete sacos de pão, pesando 35 quilos cada. Os « Savoia » levavam 28 « torpedos » de menor tamanho. Por fim, os bombardeiros « Savoia » deixaram de fazer êste serviço com os seus lança-bombas, que eram pesados, e conseguiram dessa forma transportar cêrca de 1:400 quilos de víveres. Os sacos rompiam-se numerosas vezes, ao atingirem o solo. Decidiu-se, então, envolver o pão num envólucro duplo. Calcula-se que, de Sevilha, foram enviadas, assim, aos sitiados, oitenta toneladas de comestíveis. Córdova remeteu 17:000 quilos. É possível, portanto, calcular que

---

[1] Luis Montan, *Defensa y Martirio de Santa Maria de la Cabeza*.

dessa enorme massa só couberam duzentos gramas por pessoa e por dia, durante todo o cêrco [1]. Para as remessas mais delicadas (medicamentos, por exemplo), utilizaram-se perus. Havia-se observado que o vôo destas aves é pesado e vertical. Uma vez as patas amarradas e um pequeno volume ligado a meio do corpo, os perus desciam majestosa e precisamente no meio dos refugiados. Serviam de para-quedas. Desembaraçavam--nos da carga e... guizavam-nos com arroz, à moda de Valencia.

Às provisões de bôca, foi necessário adicionar medicamentos. O escorbuto não tardou a aparecer entre os refugiados, em conseqüência do excessivo uso das conservas. Faltavam vitaminas e diligenciava-se obtê--las, comendo castanhas durante o Inverno. As « bombas » passaram a transportar, além dos alimentos, aspirina, morfina, sôros, algodão e insulina. As doenças eram referidas tão pormenorizada e fielmente quanto possível por um dos sitiados, José Liebana, estudante de medicina, e os pombos-correios levavam êsses relatórios a Sevilha. Logo os aviões iam lançar no Santuário os medicamentos necessários. O envenenamento causado pelas plantas foi atacado a tempo, graças a estes meios de comunicação e de socorro. O pôsto receptor de T. S. F. era alimentado por um motor eléctrico, para o qual se tornava precisa gasolina. O carburante foi também fornecido aos refugiados, por meio dos aviões, que lhes levaram igualmente armas, granadas, e até um morteiro de 81. Êste, por infelicidade, ficou avariado.

---

[1] Capitan Reparaz, *Desde el Cuartel Gènèral de Miaja al Santuario de la Virgen de la Cabeza.*

Em virtude da prodigiosa organização e graças à sua situação em plena montanha, o Santuário e o Lugar Nuevo foram, durante oito meses, duas ilhotas de resistência, em pleno território marxista.

Já era importante o facto de os rebeldes não se sentirem isolados. Em Rádio-Sevilha, o general Queipo de Llano falava freqüentemente dirigindo-se aos sitiados, que recebiam, pela « rádio », bênçãos eclesiásticas e ouviam missas por alma dos seus mortos. Cortes pensava em tudo, tanto nas questões de ordem material, como nas de carácter espiritual. Os pombos levavam a tôda a Espanha as provas da sua vontade reflectida e da sua resistência. Indicavam com rigor as necessidades diárias e pediam ajuda moral e prática. Em 11 de Dezembro de 1936, numa mensagem endereçada à Falange, o capitão Cortes escrevia:

— O Santuário da Virgem de La Cabeza na Sierra Morena não será tomado pelos vermelhos, emquanto dentro dêle palpitar um coração espanhol.

Na noite de Natal — a *Nochebuena* espanhola — Cortes expediu duas mensagens, uma para Sevilha e outra para Salamanca. Os vermelhos tinham afrouxado a sua pressão, por necessitarem de tropas noutras « frentes ». Cortes afirmava aos chefes do movimento a sua vontade de resistência e a sua fé. Reclamava, apenas, leite condensado para as crianças, gasolina e abafos. A vida fôra organizada por êle com admirável confiança no futuro: os pequenitos, reünidos em secções de « flechas », como nas cidades da retaguarda, recebiam educação falangista. Os aviões levavam-lhes jornais e revistas infantis. As mulheres ocupavam-se de muitos dos trabalhos materiais, cuidavam do altar da Virgem, tratavam dos feridos e da comida. Como havia

sacerdotes entre os refugiados, os aviadores lançavam-lhes hóstias e vinho, para que pudessem dizer missa. Cortes pedira até alguns tubos de tintas vermelha e amarela, para com elas pintar as cruzes dos mortos, que eram sepultados no pequeno cemitério do hospício.

O Outono chuvoso e o rude Inverno aliaram-se aos sitiados. Os carreiros difíceis de percorrer e as penhas abruptas tornavam muito cara qualquer progressão dos vermelhos. Estes pensavam em obrigar os rebeldes à rendição pela fome, sem que sacrificassem para tanto um número elevado de homens. Mas os reabastecimentos permitiram que a resistência se prolongasse e, a partir de Janeiro, os marxistas fizeram todos os esforços para separar Lugar Nuevo do Santuário. No primeiro, estavam concentradas duzentas mulheres e crianças. E a situação foi-se tornando cada vez mais grave, à medida que o tempo decorria. Em princípio de Abril, o tenente Ruano, numa mensagem enviada por meio de um pombo, dizia ser-lhe impossível agüentar-se. Era aquêle o seu último pombo correio. Pedia outros e pedia, também, que lhe mandassem pão. Por sorte, chovia torrencialmente, e os marxistas tinham sido obrigados a suspender as operações. Na noite de 12, Ruano decidiu efectuar a evacuação de Lugar Nuevo, em pequenos grupos. Durante tôda a noite, os refugiados passaram, sob as chuvadas, atentos aos ruídos, na escuridão de vez em vez rasgada pelo deflagrar de um foguetão, pelo estrondo de um morteiro ou pelo estoiro sêco de um tiro disparado por qualquer sentinela aborrecida. Exhaustas, sem trajos que as protegessem, as mulheres, com as crianças lavadas em lágrimas, arrastavam-se pelos carreiritos rochosos, sob as ameaças da guerra. No dia seguinte, ao anoitecer, quási todos os

componentes de Lugar Nuevo estavam no Santuário. As mulheres e os pequenitos haviam levado quási quatro horas a percorrer os cinco quilómetros que as separavam do reduto principal.

Tal como em Toledo, os vermelhos não recuaram ante coisa alguma para obrigar os sitiados a cederem. Em Outubro, os milicianos tinham conduzido a mãi do tenente Ruano, uma pobre vèlhinha de 70 anos, a uma plataforma rochosa fronteira ao Santuário. Depois, utilizando um alto-falante, gritaram:

— Se vocês não se rendem, mataremos a mãi do tenente.

Foi o próprio Ruano quem respondeu:

— Vocês não passam de uns canalhas, criminosos e cobardes. Podem assassinar a minha mãi, mas emquanto nos restar um átomo de vida, nenhum de vocês porá aqui os pés.

Na madrugada seguinte, os milicianos levaram a infeliz anciã. De longe, a resignada mãi e o torturado filho arremessavam-se beijos. Os vermelhos voltaram a proferir ameaças e, como Ruano nada lhes respondesse, obrigaram a velhota a subir para um camião. Espancaram-na, e lá a levaram. Não se sabe que foi feito dela.

Entretanto, o tempo decorreu. Em Valência, pensaram que era preciso pôr têrmo a semelhante situação. Chegara a Primavera e, com ela, chegaram os dias grandes. Madrid resistia e os marxistas estavam cheios de esperanças. A resistência do Santuário não os incomodava, mas irritava-os como um escândalo geográfico. Foi mandada para ali a 16.ª Brigada Internacional, bem armada e com « tanks ». Era questão de dias a liquidação da rebeldia daquele bloco isolado. A Cruz

Vermelha, mal informada reclamava a evacuação das mulheres e das crianças. O general Franco enviou uma mensagem pessoal a Cortes, pedindo-lhe que recebesse delegados daquela benemérita instituïção, e que estudasse a retirada dos homens válidos através das montanhas. A situação sanitária tornara-se desastrosa. Registavam-se numerosos casos de gangrena. Em 25 de Abril, os delegados da Cruz Vermelha, que já ali tinham estado, e aos quais Cortes rogara que voltassem, tornaram a ir ao Santuário. Franco ordenara a evacuação das mulheres e dos pequenitos, sob a garantia da protecção dêsses delegados, para futura troca por prisioneiros vermelhos, e saüdava o capitão pelo seu « surpreendente heroísmo ». Eram dez ou doze mil os homens que cercavam o Santuário. Repetiu-se a série das negociações suspeitas registadas em Toledo. Os delegados da Cruz Vermelha eram pessoas honestas. Mas até que ponto podia ter valor prático a sua garantia? Que podiam êles fazer? A Imprensa marxista repetia em todos os tons que os sitiados nenhuma clemência tinham a esperar. E no Santuário a febre subiu e uma sombra de desolação ennegreceu os corações. Além disto, os delegados da Cruz Vermelha faziam o jôgo dos vermelhos, com grande surprêsa de todos: Levaram a Cortes propostas de rendição absoluta e pareciam pôr de parte a evacuação das mulheres e das crianças. Por heliogramas e por meio de pombos-correios, estabeleceu-se uma dramática conversação, durante seis dias, entre o Santuário e Sevilha. Esta devia estar mal informada. Em 29 de Abril, Franco participou ao comando da capital andaluza que, em resultado de uma nova negociação com a Cruz Vermelha, esta garantia as vidas e, pos-

sìvelmente, a saída para o estranjeiro, de mulheres, crianças e feridos.

Em 30, Queipo de Llano transmitiu ao Santuário estas propostas e acrescentou:

« A Cruz Vermelha Internacional garante também a vida dos defensores, se êles se renderem. Serão considerados prisioneiros de guerra. O generalíssimo, que conhece o vosso heroísmo, não vos ordena a rendição. Todavia, autoriza-a, caso seja impossível prosseguir na defesa ou proceder a uma retirada até às nossas linhas. Saúdo-vos com profunda emoção. (a) Queipo de Llano. »

No mesmo dia, Cortes comunicava com simplicidade:

— Faltam-nos os víveres desde ontem, além de medicamentos e desinfectantes. Rogamos que nos seja feita a remessa com a maior urgência.

E, pouco mais tarde:

— A tarde de 28, é impossível descrevê-la. Continuamos firmes nos nossos postos, porque a nossa fé nos dá fôrças. Viva a Espanha!

O último heliograma recebido tinha a data de 30 de Abril, às 13 e 20. Dizia:

« Impossível resistir. É necessário que a aviação nos socorra com rapidez. »

Na montanha, os vermelhos, enfurecidos, de tudo lançaram mão para aniquilar aquela resistência alucinada. Abriram caminhos praticáveis, empregaram milhares de armas automáticas, apoiados por aviões que bombardeavam sem descanso. A isto, juntavam-se os homens da 16.ª Brigada Internacional e grandes reservas de gasolina para incendiar o reduto. As negociações com a Cruz Vermelha estavam suspensas. Os marxistas

locais recusavam-se a tomar compromissos de garantias aos sitiados. Cortes, no seu pôsto, adivinhava a fúria que ia no íntimo do inimigo. Por fim, foi ordenado o ataque contra um milhar de sitiados torturados pela doença e quási sem armas. Cortes caíu ferido, atingido em pleno peito. Às 5 horas da tarde, alterosas chamas subiam da serrania, revelando que os marxistas haviam entrado no Santuário.

Pouco tempo decorrido, chegava um avião nacionalista com socorros. Os pilotos sobrevoaram aquela região desolada. Os camiões estavam cheios de feridos que para êles eram arremessados, no meio de gritaria e brutalidades. Os últimos defensores haviam içado uma bandeira branca, e os delegados da Cruz Vermelha diligenciavam levar os vencedores a adoptar um procedimento humano. Os milicianos ouviam-nos, encolhiam os ombros e obrigavam, à coronhada, as mulheres e as crianças a subirem para os veículos. Outros profanavam o pequeno templo e outros ainda incendiavam tudo quanto era susceptível de arder. As sombras daquela noite de Primavera desceram sôbre horrorosas cenas de fúria e de vingança. Quatro soldados lograram fugir e, através a montanha, em marcha dolorosa, atingiram as linhas nacionalistas. Foi por êles que se obtiveram alguns esclarecimentos acêrca do trágico assédio. Dos evacuados, a Cruz Vermelha não conseguiu voltar a ocupar-se. Ainda hoje se ignora se restam alguns sobreviventes. O heróico capitão Cortes morreu, alguns dias mais tarde, no hospital de Andujar, sem que para isso tenham ùnicamente concorrido as conseqüências dos ferimentos que recebeu. Na sua maior parte, os prisioneiros foram fuzilados, alguns um ano após o cêrco, sem respeito algum pela

sua resistência e pelo seu heroísmo. O dia 1.º de Maio de 1937, em resultado da rendição do Santuário de la Cabeza, tornou-se um dia de luto para a Espanha nacionalista.

No entanto, a verdade é que essa rendição em nada concorreria para modificar a situação geral. Em Abril de 1937, já a guerra entrara numa fase de suspensão, no principal sector. Os nacionalistas tinham sofrido um malôgro, perante o seu maior objectivo: a capital. Ao mesmo tempo que a « frente » se estabilizava em Oviedo, Aragão e Andaluzia, a campanha de Madrid atingia o seu têrmo.

IV

A campanha de Madrid

A guerra civil não estaria ganha emquanto a capital não houvesse sido tomada. Visto que falhara o golpe de Estado, era necessário conquistar Madrid pela fôrça. Tal fôra a intenção dos generais chefes do movimento. O primeiro, Mola, organizara, desde 21 de Julho, um avanço concêntrico, partindo do Norte. A coluna de Valladolid atingira o Alto de Leon, onde caíra a juventude heróica da Falange e Onésimo Redondo encontrara a morte; a coluna de Burgos detivera-se no desfiladeiro de Somosierra, e a coluna de Saragoça alcançara Siguenza, em 6 de Agôsto. Depois, estabeleceu-se a calma, devida às dificuldades do avanço e do reabastecimento, no meio daquelas montanhas bravias que envolvem a capital. A « frente » não deveria sofrer modificações, ao Norte de Madrid, durante todo o tempo da guerra, nessa cadeia desolada de penhas e penedias nuas, cobertas de gêlo no inverno.

A lentidão das primeiras operações retardou a acção decisiva. Foi preciso dominar no Estreito e proceder aos desembarques de tropas. Tornou-se necessário prepa-

rar as comunicações, reünir, através de Badajoz, os Exércitos do Norte e do Sul. A seguir, os nacionalistas compreenderam ser também necessário encerrar a fronteira francesa, do lado de Irun. Emfim, a marcha sôbre a capital foi iniciada, no decurso do mês de Setembro, transformando-se bem de-pressa num avanço para Toledo, avanço imposto pela precisão de pôr fim a um cêrco que já representava um símbolo da luta travada.

Entretanto, organizavam-se as primeiras milícias republicanas, chegavam os primeiros aviões e os primeiros « tanks » russos, e formavam-se as primeiras brigadas internacionais. No comêço do mês de Outubro, Madrid já não estava nas mesmas condições em que se vira no mês de Agôsto. Mas Badajoz, Irun e Toledo constituíam vitórias estratégicas pelas duas primeiras cidades, moral quanto à última, tôdas demasiadamente importantes para que seja possível observá-las com intenção de censura. A ajuda material prestada pelos estranjeiros era, agora, tão forte de um lado como do outro. Nomeado Chefe do Estado, em 1 de Outubro, Franco estabeleceu o seu quartel general em Salamanca : seria dali que êle trataria de encarar de novo o problema da capital.

A marcha sôbre Madrid

O mês de Outubro foi aquêle em que as tropas nacionalistas tomaram contacto com Madrid, pelas estradas de Toledo e de Maqueda. Foi pois necessário êsse espaço de tempo para vencer setenta quilómetros, ao passo que haviam levado quinze dias a cobrir trezentos quilómetros, de Badajoz a Talavera. O princípio foi rápido.

Após a queda de Toledo, a coluna Castejon preparou-se para o ataque a Madrid. Ficou decidido que os regulares seguiriam na frente e que a aviação apenas se ocuparia do aeródromo de Getafe e dos demais campos de aterragem. Franco buscava transpor Toledo por Este, para cortar as comunicações de Madrid com Valência, na região de Aranjuez. Em 1 de Outubro, os nacionalistas anunciaram que as suas guardas-avançadas estavam perto de Illescas, a 40 quilómetros de Madrid, emquanto uma outra coluna esboçava um movimento em direcção a Aranjuez. Ao mesmo tempo, na « frente » madrilena ocidental, as fôrças de Mola repeliam um ataque no sector de Avila, e apoderavam-se de elevada quantidade de material.

Foi, de-facto, na região de Nordeste que os nacionalistas atacaram, a princípio, com maior violência, a-fim-de criar uma diversão, pois o seu principal avanço continuava a estar traçado para o sector de Toledo. Os severos bombardeamentos da cidade despertaram viva inquietação nos meios governamentais. Os aviões iam lançar, também, sôbre o casario da capital, manifestos nos quais era feito um convite para a rendição. Os nacionalistas anunciavam, com desassombro, o seu desejo de estar dentro de Madrid em 12 de Outubro, dia da « Festa da Raça ».

Em 6, o aeródromo, os quartéis, as vias-férreas sofreram duros bombardeamentos. A evacuação de Madrid começou, e as organizações operárias davam salvo-condutos a tôdas as pessoas que — diziam elas — não estavam em circunstâncias de cooperar na defesa da cidade.

Mas o mau tempo principiou a prejudicar as operações. A Sierra, ao Norte de Madrid, cobriu-se de neve,

e os atacantes passaram a fazer convergir os seus esforços para o Sul. Obtiveram êxitos diversos e, em 6, avançaram para Fuensalida, Portillo e Santa Cruz de Retamares, pontos situados a uns trinta quilómetros a Nordeste de Toledo. Santa Cruz está apenas a 60 quilómetros da capital, na estrada de Navalcarnero, último ponto importante da resistência governamental. Esta povoação foi conquistada pelas tropas de infantaria e de cavalaria, que assim ligaram mais fàcilmente os sectores de Toledo e do Guadarrama. O coronel Yague, que tivera, por doença, de repousar uns dias em Marrocos, chegou, naquele mesmo dia, para assumir, sob o comando do general Varela, a direcção das operações na « frente » de Toledo. O cêrco da capital tornou-se quási completo, a uma distância que variava entre quarenta e sessenta quilómetros.

Em 8, desencadeou-se à volta da cidade um assalto quási geral. No Norte e a Nordeste, após vivos combates, os nacionalistas ocuparam Navalperal, San Martin de Valdeiglesias e Sotillo de la Andrada. Desta forma, ficou garantida a ligação das colunas da serra de Gredos com a de Toledo. Navalperal, onde passa a via férrea vinda de Irun, tinha particular importância, pois abria o caminho de Madrid. O general Mangada, comandante das fôrças vermelhas ali postadas, havia deixado a povoação, onde só ficou um cabo de infantaria como suprema autoridade militar. Dos milicianos que, naquele ponto, combateram, quási todos foram fuzilados. E o avanço prosseguiu nos dias seguintes. A temperatura tornara-se muito fria. Era de 3° negativos durante o dia e de 7°, de noite. Os combatentes envergavam todos os abafos que obtinham, para se defenderem da invernia.

O cêrco continuava com método. Desconhecia-se o plano de Franco. E ninguém saberia dizer se o ataque definitivo sôbre a capital partiria de Toledo e de Aranjuez, ou se se apoiaria em San Martin de Valdeiglezias, mais a Oeste. As colunas do general Monastério, subindo na direcção de Avila, efectuaram, em 10 de Outubro, a junção com o flanco esquerdo do general Varela, em Cebreros. Agora, a estrada de Avila a Maqueda poderia servir de base segura para a progressão. A Nordeste, o general Moscardó, que ali assumira o comando após a libertação do Alcazar, exercia uma pressão enérgica no sector de Siguenza.

Para cortar o avanço do adversário, os marxistas fortificaram Aranjuez e enviaram para ali numerosos contingentes de milicianos. O tempo piorou e interrompeu por dois ou três dias as operações. Em 12 de Outubro, dia da « Festa da Raça » e da descoberta da América, que os governamentais não comemoraram por qualquer forma, os nacionalistas organizaram numerosas cerimónias na retaguarda, na « frente » e em Marrocos. Desmentiam os boatos sôbre a existência de negociações com os marxistas. Afirmavam que não impediriam a evacuação da cidade, mas que também não fariam aos vermelhos quaisquer concessões. A tomada de Siguenza foi anunciada. Os seus defensores tinham-se refugiado na admirável catedral daquela cidade, e serviam-se de mulheres e de crianças como se fôssem muros de protecção. Na linha Navalperal-Cebreros, a luta continuava a ser de grande violência. San Martin de Valdeiglezias era encarniçadamente disputada. Por fim, os aviões e os « tanks » dos nacionalistas obrigaram os governamentais a recuar no referido sector.

Em 15 de Outubro, renderam-se os 400 milicianos que resistiam na catedral de Siguenza. Do facto resultou a libertação de 300 mulheres que êles ali tinham encerrado, e a apreensão de 400 espingardas e duas toneladas de dinamite. Em todos os sectores as tropas de Franco ocuparam pequenas localidades. Recolhia-se a impressão de que as operações se desenrolavam mais para ocupar as posições de partida de uma ofensiva final, do que para marchar directamente sôbre Madrid. Em tal altura, o conjunto das fôrças ocupava um vasto arco de círculo, que ia de Toledo a Siguenza. A oriente, a zona continuava livre. As tropas iam avançando em terreno plano, vencendo resistências que não se caracterizaram pela persistência. Varela comandava, então, pessoalmente, as operações. Em 17, ocupou Illescas. Nalgumas horas, a progressão nacionalista atingiu 25 quilómetros. As tropas estavam a trinta quilómetros de Madrid. E como as ligações telefónicas de Illescas com a capital não ficaram cortadas, foi o próprio Varela quem participou a Largo Caballero haver procedido à conquista da referida localidade, que ainda sofreu contra--ataques, inùtilmente, aliás. Em 21, os elementos avançados entraram em Navalcarnero, simultâneamente por Sul e por Leste. Às 16 horas, terminada a ocupação, os nacionalistas tinham efectuado uma progressão de doze quilómetros. E desta maneira se situaram a 25:000 metros de Madrid. A povoação estava protegida por seis linhas fortificadas, que foram conquistadas após um combate de dez horas. A segunda e a terceira linhas opuseram grande resistência, emquanto a artelharia governamental bombardeava as aldeias das cercanias. Com a posse de Navalcarnero e de Illescas, os nacionalistas dispunham de duas grandes posições da defesa de

Madrid. O êxito era considerável e em tôda a Espanha nacional o feito foi considerado o mais importante após Badajoz e Toledo. E a progressão não se interrompeu nos restantes sectores.

Por tôda a parte os nacionalistas consolidavam as suas posições. Fizeram prisioneiros, anunciando terem encontrado entre os combatentes muitos rapazitos milicianos. Isolaram completamente Aranjuez, mercê da ocupação do rio Jarama. O general Mola apareceu, em Talavera, onde conferenciou com Varela. Esperava-se que o Escurial caïria dentro de um prazo muito curto. Em 26 de Outubro, um intenso bombardeamento aéreo das estações de caminho de ferro e dos quartéis de Madrid foi o prelúdio da ofensiva. Franco dirigira aos governamentais um ultimato relativo à rendição da cidade. O prazo expiraria à meia-noite. Numa reünião de Mola, Franco e Saliquet, a questão tratada fôra esta: dever-se-ia tomar o Escurial ou bastaria isolá-lo?

O inimigo não oferecia resistência de maior. No fim do mês, o Exército de Varela ocupava tôdas as estradas que vão de Navalcarnero a Torrejon. Compreendeu-se a táctica de Franco. Atacava ora num sector, ora noutro, para dar repouso às suas tropas. Não obstante, em 28, a resistência governamental aumentou bruscamente. Tornou-se, de súbito, efectiva, e a ofensiva nacionalista sofreu a sua primeira suspensão. Deviam-se aos « tanks » russos as nítidas vantagens dos marxistas. Segundo o que se dizia entre os nacionalistas, o general Pozas, encarregado oficialmente da defesa de Madrid, estava, na realidade, sob as ordens de um general russo. Varela retomou vigorosamente a ofensiva. Em 1 de Novembro, as tropas coloniais entraram em Brunete, emquanto os regulares do coronel Yagué

progrediam em direcção ao aeródromo de Getafe. Desta forma se esboçava um movimento envolvente, que permitiria atacar pela retaguarda os milicianos concentrados no Escurial. O movimento de pêndulo continuava, com ataques ora a Oeste, ora ao Sul.

Os governamentais davam a impressão de estarem desamparados. Abandonavam sem combate trincheiras fortificadas e, em Madrid, os comunistas lançavam um apêlo desesperado à disciplina, reclamando que se levasse a efeito um novo contra-ataque. Por outro lado, parecia que os milicianos do Escurial já estavam, de facto, cercados. Em 4, Getafe, a seis quilómetros de Madrid, ficou em poder dos nacionalistas, que assim tiveram o principal aeródromo, ponto essencial das comunicações aéreas mediterrânicas. Na retirada, os marxistas incendiaram os depósitos de gasolina. Evacuaram também o aeródromo de Cuatro Vientos. Os aviões sobrevoavam Madrid e as cercanias, bombardeando vários pontos da cidade, o que provocou um protesto do embaixador do Chile, decano do Corpo Diplomático. Foi às 2 horas da tarde que as tropas dos coronéis Tella e Barron ocuparam Getafe. Tudo parecia indicar que Madrid ia caír em poder das fôrças de Franco. Contràriamente ao que costumava fazer, o govêrno reconheceu sem demora a perda de Getafe e ordenou a retirada de Cuatro Vientos.

Os nacionalistas tinham-se apoderado, também, do Cerro de los Angeles, centro geográfico da Espanha, onde se erguia uma estátua colossal de Cristo. O monumento fôra profanado pelos marxistas, logo no comêço da guerra civil. Em 6, o govêrno saíu de Madrid. No dia seguinte, as guardas avançadas de Varela ocuparam as entradas das pontes sôbre o Manzanares, que

dominam a entrada de Madrid por Sueste e Sudoeste. Outras fôrças tomaram Vallecas, cortando a única estrada que permitia aos vermelhos as comunicações com Valência. Desta maneira, ficara interceptada a via que Franco deixara aberta até aí, voluntàriamente, para permitir a evacuação da cidade. De novo os aviões sobrevoaram o casario, lançando proclamações dirigidas à população, convidando-a a passar-se para as fileiras nacionalistas. As colunas Castejon e Ascensio, tomaram a Cidade Universitária e a Casa de Campo. A capital fôra atingida.

"No pasaran!"

Na manhã de 9, coube ao general Mola, segundo parece, assumir o comando geral das operações nesta « frente ». Ordenou o ataque geral. Três regimentos marroquinos avançaram pelas pontes de Segovia e de Toledo, chocando com uma tríplice série de trincheiras. Os carros de assalto da coluna Tella progrediram em direcção à estação das Delicias. Na Casa de Campo, os soldados de Castejon e Ascensio continuavam a combater encarniçadamente. Vinte e cinco mil milicianos se lhes opunham, e os carros de assalto da coluna Tella, não apoiados pela infantaria, foram obrigados a retroceder. De 10 a 12, a aviação e a artelharia nacionalistas tentaram romper a defesa inimiga e bombardearam severamente a cidade. A Câmara dos Deputados foi alcançada por numerosas vezes. No entanto, a resistência era de tal forma tenaz que as alternativas de êxitos e de malogros não permitiam prever qualquer decisão definitiva.

O « Comité » da defesa de Madrid, agora dirigido pelo general Miaja, conseguira impor às tropas marxistas uma organização eficaz, tendo por principal base a brigada internacional, na qual dominava o espírito militar dos franceses. Decidira que a cidade não se renderia. « *No pasaran* » era a sua divisa, e tôdas as casas, tôdas as janelas, todos os terraços se transformaram em redutos, por sua ordem. Com a idea de destruir os elementos a cujo conjunto se dava o nome de « Quinta coluna », procedera-se a uma acção rigorosa contra todos os indivíduos suspeitos de simpatias pela causa dos nacionalistas. As milícias, já melhor instruídas por dirigentes franceses e russos, haviam chegado de Leste e reforçado a defesa da capital. Atingiu, em certa altura, cem mil, o número dos homens empregados nessa luta defensiva, apoiados por artelharia, « tanks » e aviação. De Barcelona, chegou, também, a coluna Durruti. Em poucos dias, a situação modificara-se. E o lema « *No pasaran* » adquiriu significado. De-facto, os nacionalistas não passariam e deveriam acabar por contentar-se em fortificar as suas posições.

O general russo Gorjev organizara, de acôrdo com Miaja, a defesa da cidade. Criaram-se oito sectores. Os voluntários foram enquadrados por milicianos. De Marselha, tinham afluído a Barcelona, a bordo do « Ville de Madrid », contingentes de franceses logo enviados para a « frente » de Castela. As fôrças vermelhas receberam ainda reforços constituídos por uma brigada catalã e pela 12.ª brigada internacional. Com estas duas formações, organizou-se a célebre 11.ª brigada — divisão de choque, composta por seis batalhões, comandada pelo judeu russo Stern, também conhecido por Kleber. Foi a estas tropas que coube a parte mais dura da

defesa. Das acções confusas travadas durante êsses dias é difícil extraír um ensinamento. É certo que faltava armamento às colunas nacionalistas, as quais temiam causar maiores estragos na cidade e dar a morte aos seus partidários existentes dentro do burgo. Mantinham as posições num arco de círculo, cujo centro geométrico era a Puerta del Sol, e cujo raio não ultrapassava quatro quilómetros. A evacuação da população fazia-se com intervalos regulares. Para isso, a Junta de Defesa mobilizara 3:800 « auto-omnibus » e 3:400 automóveis, mas só dispunha diàriamente de 2:500 litros de gasolina para semelhante número de veículos. A-pesar-disto, milhares de pessoas seguiram para o Levante. No fim do mês, a situação parecia entrar numa fase de estabilização. Os nacionalistas tinham entrado na Cidade Universitária, com os marroquinos de Yagué, mas a capital resistia.

A reorganização das fôrças vermelhas dava, pois, os seus frutos. E não só as tropas de Franco não lograram avançar, como os marxistas decidiram lançar uma ofensiva, na « frente » Oeste de Madrid, sempre assegurando uma sólida ligação com os demais teatros de operações. O comando organizou dois corpos de Exército, dotando-os de elementos motorizados importantes. O primeiro contava vinte mil homens ; o segundo dispunha de trinta mil. Ambos podiam actuar no sector madrileno — um na direcção de Teruel e outro sôbre Mérida e Badajoz, com o fito de separar em dois blocos as fôrças adversárias. Ao mesmo tempo, lançar-se-ia um ataque de diversão na « frente » vasca, dirigido pelo general Llano de la Encomienda. Ao Sul do Téjo, o flanco meridional das fôrças nacionalistas não conse-

guira formar uma « frente » contínua, facto que os governamentais buscaram, baldadamente, aproveitar.

Foi, sobretudo, na zona do Norte que a ofensiva vermelha atingiu maior impetuosidade. Os nacionalistas, com as suas avançadas na Cidade Universitária e na Casa de Campo, tinham o flanco esquerdo a descoberto. Arriscavam-se a ficar isolados. Mola ordenou uma deslocação de tropas do sector Sul, dirigido por Varela. Os vermelhos eram apoiados por « tanks » pesados fornecidos pelos russos, carros poderosamente armados, que se destinavam a esmagar os « tanks » ligeiros de Franco, apenas munidos de metralhadoras e desprovidos de aparelhos de « rádio ». Todavia, os soldados de Varela ainda conseguiram, em 30 de Novembro, conquistar numerosas localidades na referida zona. Os aviões marxistas lançaram nas linhas do inimigo panfletos anunciando que as colunas nacionalistas haviam sofrido perdas enormes — 10:000 mortos em poucos dias. Convidavam os soldados a depôr as armas. « De contrário — diziam-lhes — as entradas de Madrid servir-vos-ão de sepultura ». Nesse mesmo dia, a emissora de Teneriffe convidava os soldados marxistas de Madrid a revoltarem-se contra os seus chefes: « Lembrai-vos das tropas de Napoleão ! » [1] Era a guerra das ondas que prosseguia de um e outro lado.

O ano acercava-se do seu têrmo e era evidente que a grande ofensiva nacionalista se malograra. As acções registadas em Dezembro tiveram significado restrito e foram de natureza puramente local. Ainda que, no fim

---

[1] *La Guerra di Spagna.*

do ano, Franco alcançasse vantagens no sector de Brunete, a situação das outras tropas, a Leste do Manzanares e na Cidade Universitária, não deixava de ser crítica. Pelo contrário, os vermelhos continuavam a ser senhores do Escurial e da linha Madrid-Avila. Não surpreende, pois, que Franco resolvesse, em princípios de 1937, desencadear um novo ataque, com o objectivo de melhorar a situação e tendo por base de partida a Casa de Campo. Na manhã de 3 de Janeiro, a operação foi iniciada contra as linhas vermelhas que estavam sòlidamente protegidas e eram defendidas pelas brigadas internacionais. O ataque deu resultados na zona do Sul, onde foram reduzidas várias «bôlsas» criadas em Dezembro. E os contra-ataques vermelhos de nada serviram. Em vez de uma linha côncava, os nacionalistas dispunham de uma linha convexa. Na Cidade Universitária, a situação melhorara nìtidamente. No entanto, o Escurial prosseguia nas mãos dos marxistas, e as chuvas abundantes tornavam impossível qualquer operação de envergadura.

Miaja ordenara a partida de tôda a população, exceptuando os homens dos vinte aos quarenta anos e as mulheres que não quisessem abandonar a capital. Extensas filas de civis, em automóveis e carroças, seguiam para Sudeste. Tal como em Novembro, o perigo comum aproximava os irmãos inimigos, e a reconciliação parecia tornar-se efectiva entre os defensores da cidade, se bem que se amiüdassem os conflitos entre espanhóis e milicianos das brigadas internacionais. Nesse momento, as atenções dos observadores da guerra voltavam-se para Malaga. Não obstante, Miaja não perdia o importante terreno que pisara.

A batalha do Jarama

Ao cabo de uma pausa caracterizada pela calma, a batalha em tôrno de Madrid deveria continuar noutro sector, em conseqüência da táctica de Franco, que consistia em atacar ora de um lado, ora do outro, aproveitando todos os pontos do arco de círculo. Renunciara ao ataque imediato contra a cidade, pois a operação saïria cara, além de prolongada e sangrenta. Traçara, porém, o plano de a cercar por completo e, em especial, de lhe cortar as comunicações por Leste. Pensava em começar pelo Sul. Depois, fecharia o círculo mediante acção pelo sector de Siguenza e Guadalajara. Faltavam-lhe, para êste duplo e simultâneo empreendimento, os meios necessários. Quando muito, poderia tentar algumas acções secundárias por êsse lado, emquanto o maior esfôrço era desenvolvido no Sul. Esta ofensiva lançada por Franco iria suscitar uma contra-ofensiva improvisada de Miaja, talvez mais importante sob os pontos de vista moral e material. Destas duas iniciativas resultou o carácter geral das batalhas travadas em Fevereiro.

O general Varela recebeu, primeiramente, a missão de conduzir as operações no Manzanares, com trinta mil homens. Em 6 de Fevereiro, a ofensiva começou e ofereceu perspectivas animadoras. Havia bom tempo, o bom tempo de Fevereiro, tépido e cheio de sol. Espanhóis e mouros lançaram-se ao ataque com extraordinário entusiasmo. Ao cabo de alguns dias, no fim de uma intensa preparação da artelharia, os nacionalistas atacaram as margens do rio Jarama. Foi aberta uma enorme « bôlsa » nas linhas marxistas. Criou-se uma nova

« frente », cortando a estrada de Valencia. Por infelicidade, nessa altura tornou-se necessário suspender a ofensiva. Varela esperava os reforços de Malaga, que tardaram em chegar. A artelharia faltava, e foi impossível explorar o êxito obtido. Em 17, a situação mudou bruscamente. Os vermelhos lançaram uma violenta contra-ofensiva.

O facto não quere dizer que os governamentais não houvessem principiado por se sentirem inquietos. A queda de Malaga e o avanço de Varela desmoralizaram-nos. Os milicianos batiam-se mal, e o secretário do partido comunista vira-se obrigado a censurar pùblicamente a sua inércia. O general Ascensio, sub-secretário da Guerra, havia pedido a demissão, após a perda de Malaga. Mas ia revelar-se um chefe, o único homem que, entre os republicanos, tinha o sentido do Exército: o general Miaja. Em 15 de Fevereiro, recebeu o comando de todo o sector madrileno, do Escurial a Aranjuez. Destituíu o russo conhecido por Kleber e confiou a Pozas o comando da « frente » de Siguenza. Proclamou a mobilização geral, isto é, a de todos os homens dos 16 anos aos 45 anos. Dispunha de 50:000 combatentes com instrução quási completa. Agrupou-os em cinco brigadas internacionais e dez brigadas espanholas, cada uma das quais contava entre duzentos e quinhentos homens. Em 17, Miaja, reagrupadas as suas fôrças, lançou a sua contra-ofensiva, a Sudeste, sôbre o flanco das tropas de Varela, a seguir a uma intensa preparação de artelharia apoiada por vinte e dois bombardeiros e uma esquadrilha de caça. Em 24, foi forçado a suspender a operação, mas o certo é que, pela sua iniciativa hábil e enérgica, conseguiu paralizar o avanço do adversário e libertar a estrada

de Madrid a Valencia, reconquistando uma parte do terreno. Não é menos verdade que a referida estrada ainda ficou a ser batida pelo fogo da artelharia de Franco, mas já se tornava fácil utilizar as vias secundárias. Foi esta a batalha a que se chamou do Jarama. Melhorou consideràvelmente as posições de Franco, sem isolar definitivamente Madrid. Os nacionalistas ficaram nas proximidades da estrada, e viria a ser-lhes necessário procurar outra solução para o problema. Esta fase da luta demonstrou a habilidade de Miaja e os bons resultados das tentativas de organização do Exército vermelho.

Guadalajara

Franco tentou outra coisa. Em princípios de Março, pela primeira vez, diligenciou atacar Madrid pelo sector Nordeste. É certo que já houvera combates sérios naquela região, mas nenhuma operação de envergadura ali fôra lançada. O malogro da batalha do Jarama serviu para decidir Franco. Seria naquela zona que se serviria dos elementos italianos empregados na conquista de Malaga, e que haviam sido organizados definitivamente em divisões e brigadas.

Miaja dispusera, assim, as suas tropas (90:000 homens aproximadamente): a Sudeste, fazendo frente a Varela, 20:000; a Oeste e Noroeste, quatro divisões espanholas, isto é, 25:000 homens; ao Norte, da Serra do Guadarrama a Siguenza, vinte batalhões — 10:000 combatentes; na retaguarda, algumas reservas; em Madrid, vinte mil milicianos indisciplinados e mal armados. Franco constituíra três colunas: a do centro, na

qual predominavam os legionários italianos, estava encarregada de operar ao longo da estrada Siguenza-Guadalajara (duas divisões); outra, à direita, avançaria pela estrada de Soria; a terceira, à esquerda, seguiria um pouco mais à retaguarda.

Sentia-se intenso frio. O termómetro registava cinco graus negativos. A luta desenrolou-se em zona situada a mil metros sôbre o nível do mar. Chovera nos dias que precederam a ofensiva. O terreno ficara encharcado e oferecia poucas condições de praticabilidade sobretudo para as unidades motorizadas. O mau tempo prejudicava também o trabalho da aviação. A despeito destas circunstâncias, o ataque foi combinado dias antes de 8 de Março. A coluna central concentrou-se ao Sul de Siguenza. A um quilómetro dali, em Mirabueno, estavam as posições avançadas dos vermelhos. A dez quilómetros, encontravam-se as fôrças principais.

Na madrugada de 8, a acção principiou por um bombardeamento aéreo desencadeado por nove aparelhos protegidos por uma esquadrilha de caça. Ao mesmo tempo, a artelharia entrava em actividade. Mirabueno foi tomada ràpidamente. Na jornada de 10, em resultado das progressões, a « frente » estava a trinta quilómetros à retaguarda das anteriores posições dos marxistas. Duas das cidades mais importantes da província, Brihuega e Jadraque, defendidas pelos « Leões Vermelhos » e pelos « Leões de Alicante », ficaram conquistadas, com suas fortificações. O material de artelharia fôra evacuado em camiões, e os defensores, singularmente desmoralizados, nem pensaram em aproveitar as vantagens naturais do terreno.

Súbito, na noite de 11, Miaja desguarneceu audaciosamente a « frente » Sul, diante de Varela, e levou

os homens, em camiões, para o sector de Guadalajara. Varela diligenciou lançar uma diversão por aquêle lado, mas a insuficiência das suas fôrças obrigou-o a ataques de pequena envergadura. Na manhã de 11, os nacionalistas prosseguiam tranqüilamente no avanço em direcção a Guadalajara, tendo por objectivo imediato Torrija, que constituia posição de importância. A coluna da direita, a 9 quilómetros da localidade, teve de parar, em face de uma resistência de-veras encarniçada. Nevou. A seguir choveu. Soprava forte ventania. As unidades motorizadas progrediam com dificuldade. Em 12, os reforços enviados por Miaja opunham-se à progressão do adversário, mas não lograram impedir a queda de Trijueque. Na linha central, estabelecera-se um « engarrafamento » de carros e de homens da coluna italiana e foi precisamente ali que os vermelhos começaram a atacar, na noite de 13, com as Brigadas Internacionais.

Lançaram-se especialmente em direcção a Brihuega e de Trijueque. Dispunham de 28 aparelhos vindos dos aeródromos de Madrid, ao passo que o mau estado dos terrenos não permitia aos italianos que se servissem como desejavam dos seus aviões. Foi uma das raras vezes, nesta guerra, em que a aviação governamental, por efeito das condições meteorológicas e da proximidade dos terrenos de Madrid, teve nítida superioridade. Em Trijueque, as posições foram perdidas e recuperadas muitas vezes durante o dia, mas conservam-se na posse dos metralhadores italianos na noite de 13. Combateu-se duramente no decurso da manhã do dia seguinte, e a povoação só foi evacuada na manhã de 15, por ordem do Estado-Maior. Os voluntários recuaram. Os ataques dos marxistas prolongaram-se por muitos dias. Houve, em tôda a extensão da linha, um avanço

dos vermelhos. Em 21, recebidos reforços, os nacionalistas consolidaram as suas posições e, em 23, a contra-ofensiva de Miaja estava paralizada. O frio aumentara. O termómetro marcava 12° negativos. A neve, o vento, a chuva, transformaram estes combates em jornadas singularmente atrozes. Os belgas e os franceses defendiam-se com fúria. Na « frente », os italianos « republicanos » gritavam, pelos altos-falantes [1], aos seus compatriotas, que se rendessem:

---

[1] Nas camadas dirigentes dos marxistas, o êxito obtido pelas suas fôrças em Guadalajara foi atribuído, em parte, à propaganda derrotista desenvolvida entre as tropas italianas, cuja organização, nessa altura, ainda apresentava certas lacunas importantes. Nas instruções dadas aos « comissários políticos», apresentava-se-lhes o caso como exemplo a estudar e seguir. « Nos dias da ofensiva das armas republicanas na « frente » de Guadalajara — lê-se naquelas instruções— tivemos ensejo de apreciar o grande valor político e militar da propaganda e da agitação bem orientadas e dirigidas nas fileiras inimigas. Atinge centenás o número dos soldados italianos do Exército fascista que estão, agora, do nosso lado: uns, prisioneiros; outros, que se passaram para nós, voluntàriamente. A cada dia que decorre, aumenta o número dos prêsos e dos desertores. Como se conseguiu isto ? Além de outros factores, teve enorme influência o trabalho político realizado junto dos elementos inimigos pelas brigadas do nosso exército que combatem na « frente » de Guadalajara, trabalho que, como acima dizemos, foi bem orientado e dirigido desde princípio ».

Mais adiante, diz-se que se procurou « diferenciar os soldados italianos dos seus chefes e dirigentes políticos » e, « como resultado desta diferenciação, fazer chegar por todos os meios aos soldados italianos um forte espírito de solidariedade, convencendo-os de que combatem os seus próprios interêsses de povo escravizado, ao lutarem contra nós ». Semelhante actividade foi desenvolvida por meio de « centenas de milhar de panfletos e manifestos, e muitas alocuções difundidas pelos altos-falantes da « rádio » que funcionava na « frente ». Nestas últimas, tivemos a colaboração de prisioneiros

— Camaradas operários e camponeses da Itália, porque combateis contra nós? Enganam-vos... (¹).

O resultado definitivo da batalha de Guadalajara (na realidade a luta travou-se a grande distância da cidade) foi favorável aos nacionalistas, que conquista-

---

e desertores». Acêrca do último período, observa-se, numa das conclusões (a 4.ª) destinadas ao estudo dos «comissários políticos»: «Os factos de os prisioneiros se terem dirigido aos seus compatriotas, quer por carta, quer proferindo alocuções pela «rádio», e de se haverem prestado a ser nossos colaboradores, demonstram a utilidade de sabermos conquistar ràpidamente a confiança do desertor e do prisioneiro, para torná-los activos auxiliares nossos junto dos seus antigos companheiros».

Na quinta conclusão a que me reporto, lê-se: «Convém aproveitar a deficiente situação física das tropas inimigas, e as faltas praticadas pelos seus serviços de reabastecimento. Na «frente» de Guadalajara, ao serem conhecidas as declarações dos prisioneiros, unânimes em referir a fome, o frio e a má organização dos serviços de reabastecimento, tratou-se imediatamente de empreender um intenso trabalho de propaganda baseado em tais deficiências. Logo verificámos que o objectivo fôra alcançado, pois o afluxo dos desertores aumentou». E acrescenta-se: «Espalhámos nas fileiras do adversário, em Guadalajara, muitas centenas de milhar de manifestos, quer fornecidos pelo «Comisariado General de Guerra», quer feitos nas próprias brigadas. Por exemplo, o Comissário de uma brigada anuncia no seu relatório, terem sido impressos, ali, quatrocentos e trinta mil exemplares de vários manifestos, com e sem fotografias». E, no final: «A propaganda realizada nas fileiras italianas constitue um bom exemplo prático para todos os comissários, que assim podem verificar como é eficiente uma política acertada de interpretação do carácter das fôrças inimigas que estejam na nossa frente e das possibilidades com que contamos a-fim-de trazer os seus soldados para o nosso lado. — Conf. *Manual del Comisario.* — Ed. *Vanguardia* del Comisariado General de Guerra — Madrid — 1937 — *(N. do T.).*

(¹) André Malraux — *L'Espoir.*

ram um território de 35 quilómetros de profundidade por 40 de largura. Depois, tiveram de abandonar 15. Uma subtracção elementar prova que lhes restaram vinte. A contra-ofensiva de Miaja, muito hábil, foi celebrada como uma grande vitória, o que não corresponde à realidade. Mas as campanhas de Imprensa aproveitaram o ensejo para proclamar clamorosamente o malôgro experimentado pelas tropas italianas. Que se passara, quanto a êsse aspecto particular da luta? É evidente que se tratou, sobretudo, de uma simples falta de táctica. A coluna central, isolada das duas outras colunas, sofreu os inconvenientes das armas motorizadas. O mau tempo detivera os « tanks », os camiões e as motocicletas, impedira a aviação de agir (salvo os aparelhos vermelhos, cujas bases estavam próximas), e criou na estrada um enorme « engarrafamento ». A ordem de retirada só pôde ser executada com a mais extrema dificuldade. Sem comunicações com os flancos, colocada em flecha e quási isolada das bases pelo avanço excessivamente audacioso, a coluna italiana sofreu um ataque violentíssimo e deixou no terreno 400 mortos e 2:000 feridos. Segundo os jornais italianos, houve 250 desaparecidos [1]. Os comunicados vermelhos apenas falaram em 150 prisioneiros. Ora, foram estes desaparecidos que, na Imprensa anti-fascista, se transformaram, como por milagre, em batalhões e regimentos de desertores. Foram anunciados suïcídios de generais, o que logo a seguir se desmentiu. Evocava-se a derrota de Caporetto. Tudo isto era agir de maneira excessiva e dando largas à fantasia.

---

(1) *La Guerra di Spagna.*

Na realidade, a « derrota » tinha, estratègicamente, pouca importância, e cifrava-se, afinal, num ganho territorial. Todavia, o general Queipo de Llano, na sua palestra radiofónica de 21 de Março, declarava que os nacionalistas tinham sofrido um desaire pela primeira vez ([1]). E os jornais italianos da Páscoa de 1937, que se diz terem ocultado o assunto, anunciavam, pelo contrário, o revez militar, em títulos enormes, com muita franqueza e até com algum excesso. Estávamos em Itália nessa altura, e foi por intermédio dessas gazetas que tivemos conhecimento do que se passara. Quanto à maneira como a retirada se operou, o *Popolo d'Italia*, no seu número de 17 de Junho, reconhece, em certa frase, ainda que protestando contra os exageros da Imprensa anti-fascista, ser possível que certos elementos tenham recuado em desordem ([2]).

Os marxistas contaram que os soldados italianos se rendiam cantando a « Bandiera Rossa », hino revolucionário dos marxistas italianos. Depois, obrigaram fàcilmente os prisioneiros a fazerem declarações anti-fascistas. E foi assim que se conseguiu dar grande importância moral a esta batalha.

No entanto, é interessante registar que o caso tam-

([1]) O comentador oficial dos comunicados de guerra, « El Tebib Arrumi », encontrava-se fora de Espanha, em fins do mês de Março. No livro que reúne os seus artigos — *Campaña del Jarama y del Tajuna* — quási nada existe acêrca da questão de Guadalajara. Na introdução, declara que apareceram várias crónicas nos jornais em que êle colaborava, não as reproduzindo por não ser seu autor e por não concordar com elas, « nem com a forma, nem com a substância ».

([2]) « A retirada imposta pelo comando foi executada numa ordem *quási* perfeita » *(che si svolse in ordine quasi perfetto)*...

bém impressionou os espanhóis nacionalistas. Era um facto que os italianos haviam sido forçados a recuar ainda que o terreno perdido pouca importância tivesse. A falta partira de um comando aventuroso e imprudente (ao contrário do comando espanhol). Certos elementos manifestaram nervosismo durante a retirada. Tudo isto é explicável pela falta de ligações e pelo estado do terreno. Mais tarde, os italianos saberiam aproveitar a lição. « A operação de Guadalajara — escreveu o general Duval — foi contrariada por infelizes circunstâncias e constituíu uma dura prova. No entanto, os seus ensinamentos não se perderam. A legião italiana teve, desde êsse momento, uma organização definitiva » ([1]). Fôsse como fôsse, o certo é que o povo espanhol, sempre cioso da sua independência, viu no facto um ensejo de fazer ironia acêrca dos seus aliados. E cantou, com a música dos « Faccette Nere », uma canção na qual dizia:

Guadalajara no es Abissinia.
Los Españoles, aunque rojos, son valientes:
Menos camiones y mas cojones...

Os homens raramente são justos em face das desgraças dos seus amigos.

Em todo o caso, após Guadalajara, tal como depois do Jarama, das batalhas do Manzanares e da Cidade Universitária, tornara-se iniludível que Franco não tomaria Madrid imediatamente. Todos os ataques lançados contra a capital haviam esbarrado com as dificuldades

---

([1]) General Duval — *Les leçons de la guerre d'Espagne.*

do terreno, do qual Miaja se aproveitara com verdadeira habilidade. A partir dêsse instante, Franco iria exercer o seu esfôrço noutros pontos, sem procurar atingir directamente Madrid. Por isso podemos considerar que findou em Guadalajara a primeira parte da guerra espanhola. Conta-se que a mais alta personalidade militar francesa dera oficiosamente a Franco, no mês de Outubro, o conselho de não atacar a capital e de procurar, de preferência, atingir o mar e a Catalunha. Era judicioso êste ponto de vista. Em Março, Franco convenceu-se disso. Consolidou a frente, em quási todos os sectores e não abandonou o esporão cravado na Cidade Universitária, a-pesar-de ter renunciado à conquista da capital, conquista que provocaria o fim dos combates. Sabia, agora, que a guerra seria demorada.

III PARTE

A LIBERTAÇÃO DO NORTE

(Março 1937 — Outubro 1937)

I

As operações militares

Depois das operações em volta de Madrid, procedeu-se, de ambos os lados, à reorganização dos Exércitos, de maneira profunda. Findaram os tempos do « Apocalipse da fraternidade », das partidas em massa e do entusiasmo. Fêz-se uma cuidadosa coordenação dos impulsos por vezes desordenados no princípio, e tratou-se de enquadrar os voluntários. O trabalho era, sem dúvida, mais fácil do lado dos nacionalistas, que dispunham da fôrça do Exército regular. Mas êste Exército era pouco numeroso, e tornava-se necessário reforçá-lo. A semelhante obra se lançou o general Orgaz. No território vermelho, onde quási nada estava feito, coube essa missão ao general Miaja e, sobretudo, a Indalécio Prieto, quando êste se tornou, em 15 de Maio, ministro da Guerra.

Os dois Exércitos

« Marroquino » como Franco, amigo de Sanjurjo, o general Luis Orgaz fôra um dos iniciadores do movi-

mento e tomara parte, brilhantemente, nas primeiras acções empreendidas. Finda a campanha de Madrid, foi a êle que Franco entregou o encargo de formar os oficiais destinados a preencher as vagas existentes nas fileiras das tropas nacionais. Em alguns meses, Orgaz criou numerosas Academias militares para cada uma das diferentes armas (infantaria, artelharia, aviação, engenharia). Para se entrar nelas e obter o pôsto de alferes provisório (isto é, aspirante), exigia-se que o candidato contasse seis meses de permanência na « frente » e possuísse um diploma universitário ou profissional. O general criou igualmente escolas de sargentos. Foram aos milhares os voluntários que, desta forma, após os seis primeiros meses de « frente », entraram no concurso e, ao fim de cêrca de dois meses de estudo nas escolas das academias, voltaram às linhas com as divisas de sargento ou os galões de oficial. A sua formação era evidentemente mais sumária do que em tempo de paz, mas evidenciava-se como suficiente. Foram estes quadros, já experimentados em combate, que permitiram a Franco encorporar, pouco a pouco, elevado número de homens. Graças ao general Orgaz, é possível dizer que tôda a mocidade culta, que se destinava às profissões liberais, passou ràpidamente para o Exército nacionalista, para nêle exercer funções de comando. É preciso lembrar que a mobilização geral nunca foi decretada na Espanha nacionalista. Foram alistados todos os homens que ainda não tinham completado vinte e nove anos. Os outros prestaram serviço na retaguarda ou foram utilizados no policiamento das estradas. A guerra civil pressupõe necessidades diferentes das da guerra com um país estranjeiro, e não era possível encarar o envio para a « frente » de indivíduos pertencentes a territórios recém-

-ocupados, elementos pouco seguros, espanhóis ainda não assimilados, nem convertidos, nacionalistas sòmente pela posição das suas terras, aos quais era chamado com certo humor « brancos geográficos ». Quanto à Armada, se no princípio da guerra ela pertencia, na sua maior parte, aos vermelhos, a situação estava modificada, ao cabo de um ano. É verdade que os marxistas possuiam 95:000 toneladas contra as 40:000 de que dispunham os nacionalistas, e que estes últimos tinham perdido o couraçado « España », que chocou com uma mina. Mas Franco era detentor das melhores unidades, o « Canarias » e o « Baleares », duas das três bases navais espanholas, Ferrol e Cadiz (a terceira é Cartagena), e a tomada de Bilbao deu-lhe a posse de estaleiros importantes. Tinha, sobretudo, a organização, a disciplina, a fôrça. Após os primeiros dias, a marinha marxista — pode dizer-se — não voltou a desempenhar qualquer papel.

Do lado vermelho, há testemunhas afirmando que a obra de reorganização é devida a Indalécio Prieto, o qual teria obtido, com o auxílio de Miaja, resultados técnicos incontestáveis [1]. Podemos olhar com certo espanto os resultados obtidos pelas milícias, nas quais, nos seis primeiros meses de luta, reinaram a desordem e os maus instintos. A eliminação progressiva dos anarquistas, em Barcelona e em Madrid, e a criação de um exército regular, conseguiram, já no princípio de Março, melhorar consideràvelmente a situação. Oficial de carreira, bom estratega, amante da sua profissão e

---

[1] Conf. os artigos de Jaume Miravitlles, em *La Flèche*, especialmente o de 10 de Março de 1939.

profissionalmente intangível, o general Miaja sentia-se precisamente aterrado perante as milícias e a sua indisciplina. Quanto a Indalécio, pretendia, possìvelmente, nessa altura, alcançar a mediação. Mas como sabia que para haver mediação é preciso poder discutir, e que para poder discutir é necessário ser forte, tratava de reorganizar as fôrças vermelhas. Partilhava das opiniões de Miaja, que era apoiado, não obstante a sua hostilidade ao comunismo, pelos elementos moscovitas, que nunca acreditaram nos bons resultados da indisciplina colectiva e que preferiam uma concepção mais militar da guerra. Ora, a situação assumira tal gravidade que um escritor partidário dos governamentais a descreveu nestes têrmos:

« Nunca, em nenhuma guerra e em nenhum tempo, houve tamanho esbanjamento, como aquêle que se verificou nas formações dos milicianos da República. Esbanjava-se tudo: víveres, material, meios de transporte... e vidas humanas. O número de soldados não ia além de 30:000, mas os serviços de Manutenção Militar de Madrid distribuiam diàriamente 250:000 rações. Durante as horas de calor, os milicianos abandonavam as mantas que lhes tinham sido distribuídas, mas corriam a reclamar outras, assim que sentiam frio, no decorrer da noite. Menendez preguntou, em certa ocasião, a Asensio, que era o comandante no Alto de Leon:

— Afinal, quantos soldados tens tu ?

— Para fazer fogo, calculo dispor de uns cinco mil ; para receber as dez pesetas, cêrca de dez mil. Mas não te esqueças de recomendar à Manutenção que me envie tôdas as manhãs cinqüenta mil rações de rancho. É o que nós consumimos por dia.

— Mas quem é que come essas cinqüenta mil rações ?

— Sei lá! Os « comités », as várias « frentes populares », a gente de tôdas as aldeias dos arredores das linhas. Todos são alimentados pelo Exército » [1].

Na verdade, no seu conjunto o Exército vermelho contava quási trezentos mil homens. Prieto quis pôr fim à desordem, e principiou pelas coisas exteriores. Tornou interdito aos oficiais não profissionais um pôsto superior ao de major. Os milicianos não se mostraram perturbados por tão pouco, e presenciaram-se então cenas curiosas de majores comandando brigadas e divisões, e dando ordens a coronéis e generais de carreira. « É provável — escreveu gravemente a Senhora Simone Téry — que se houvesse menor desconfiança em relação a chefes isentos de contacto directo com o povo, a República teria vencido, antes do envio de artelharia e aviação por Hitler e Mussolini » [2]. A-pesar-de tudo, Prieto abriu uma excepção, nomeando tenente-coronel o chefe anarquista Lister, que foi comandante de um regimento e, a seguir, comandante de uma divisão. Tratava-se de um simples operário pedreiro, primeiramente e por acaso nomeado capitão. Era um brutamontes hercúleo e obstinado, feroz nos combates. Substituira o « No pasaran » pelo grito evidentemente mais dinâmico de « Pasaremos ». De uma ignorância prodigiosa, êste galego gozava de fama de possuir uma certa intuïção, mas esta, como se viu pelo desenrolar dos acontecimentos, não pode substituir a arte militar. De resto, não se situava, sob êsse ponto de vista, a grande distância de Largo Caballero, que deu esta resposta, quando lhe explicaram ser preciso cavar trincheiras:

---

(1) J. Martin Blazquez, *Guerre civile totale.*

(2) Conf. Simone Téry, *Front de la liberté.*

— O quê? Vocês imaginam que os espanhóis se baterão alguma vez metidos na terra, como ratos? [1]

É de admitir que nem Miaja nem Indalécio alimentavam pronunciadas simpatias por estes métodos singulares. Todavia, como Lister dominava graças a um misto de terror e de bonhomia, como exercia certo ascendente nos seus homens, e por se entender bem com os comunistas, mantiveram-no em funções de comando. Desde que as brigadas internacionais ficaram bem organizadas, depositou-se confiança nelas e na coragem individual dos espanhóis, procurando-se com medidas respeitantes a pormenores, atingir defeitos que corroíam o conjunto. Em todo o caso, registemos que foram postas de parte as iniciativas pessoais, e que se deram poderes a verdadeiros chefes militares como o general Miaja, ou aos generais russos enviados por Estalin, ainda não suspeitos, nessa altura, de trotzkismo, anarquismo e « derivação anti-colectivista ».

Eram estes os dois Exércitos que iam continuar a luta, no Norte, durante o segundo verão da guerra.

A tomada de Bilbao

Os combates nunca foram suspensos na « frente » setentrional, mas esta só tomou aspectos de principal no decurso do segundo ano da guerra. Por conselho do general Mola, Franco, que acabava de sofrer um desaire em face de Madrid, quis acabar com a situação existente no Norte, antes de explorar as suas vantagens,

---

[1] Simone Téry, *obr. cit.*

noutros pontos. Uma vez liquidada, ali, a campanha, poderia dispor das fôrças consideráveis naquela zona empregadas e fecharia uma fronteira marítima. Durante seis meses, se excluirmos alguns combates de secundária importância e, em Julho, uma acção de certo modo enérgica em Castela, a luta travar-se-ia quási exclusivamente nas linhas da Biscaia e das Astúrias.

A resistência prosseguia, em Oviedo, ainda que a situação da cidade fôsse crítica, e se bem que os mineiros asturianos, com o apoio da artelharia, continuassem a ser senhores dos bairros da periferia. No fim do mês de Março, os vermelhos chegaram a tentar um avanço sôbre Burgos, tentativa inutilizada a uns cinqüenta quilómetros da vélha cidade castelhana. Foi, no entanto, êste incidente de pequena projecção que decidiu Franco a « limpar » definitivamente o Norte da Espanha, e a empreender na Biscaia uma ofensiva poderosa, tendo por objectivo principal a conquista de Bilbao. Mola recebeu o comando supremo das operações. Solchaga, general vasco, assumiu o comando efectivo das tropas. No Estado-Maior, quer para levar Franco a decidir-se, quer para preparar a campanha, e executá-la em pormenor, desempenhava papel preponderante o coronel Vigon, técnico de relêvo e estratega sabedor. Os italianos colocaram à sua disposição as suas qualidades técnicas, a ciência do Estado-Maior e o capital moral e material existente nos seus serviços montados em Vitória. O caso da tentativa de progressão sôbre Burgos demonstrava ser necessário tornar mais segura a zona nortenha.

A « frente », após a tomada de San Sebastian, estabilizara-se. Desta vez, o ataque principal seria lançado de Norte para Sul, da zona de Vitória. A região estava

cuidadosamente fortificada, e o estado do terreno dificultava o emprêgo das unidades motorizadas. Bilbao transformara-se numa enorme fortaleza. A Imprensa marxista do mundo inteiro exaltava em têrmos ditirâmbicos esta nova « linha Maginot », declarando-a intransponível. Na verdade, não deixava de ter certo mérito. O « cinturão de ferro » — assim lhe chamavam — tinha 70 quilómetros de extensão, mas os vascos não compreenderam que lhes faltavam homens para agüentar uma linha de tal forma considerável. De resto, por um êrro singular, a linha não abrangeu muitas colinas que a dominavam. Compunha-se, na sua maior parte, não de muitas trincheiras, mas de uma só, em cimento armado, demasiadamente visível. Era uma obra mais de ostentação que de eficácia.

O ataque nacionalista foi preparado, tendo por apoio uma outra acção de Leste para Oeste entregue aos marroquinos e aos « requetés », os quais exerceriam pressão nos flancos do adversário, a-fim-de facilitar o avanço da principal coluna. Em Vergara, estacionava um contingente de cinco mil homens, constituídos em coluna motorizada, prontos a avançar sôbre o Norte, logo que o golpe contra Durango tivesse êxito. A aviação concentrara todos os aparelhos disponíveis no campo de Vitória. A esquadra pairava, também, nas cercanias da costa, para bloquear Bilbao e bater as fortificações do litoral.

Na noite de 31 de Março, começou a preparação da artelharia contra as alturas de Arlaban, Villareal e Salinas. Ao cabo de três horas de bombardeamento, a aviação agiu e, por fim, a infantaria atacou. A-pesar-da resistência dos vascos, que era favorecida pelo terreno, os nacionalistas obtiveram, nesse dia, um avanço sensí-

vel. Nos dias seguintes, a progressão continuou naquela zona montanhosa. De-pressa ficaram dominadas pelas fôrças de Franco as principais estradas e as principais localidades. A aviação agiu de maneira a impossibilitar a resistência, bombardeando as estradas que servem Bilbao, além dos aeródromos. O govêrno vasco mobilizou três classes e dirigiu um apêlo a todos os homens válidos, convidando-os a juntarem-se aos mineiros asturianos e a organizarem batalhões de milicianos. Em Bilbao, os víveres começaram a faltar. O bloqueio naval tornara-se rigoroso, e já se reconhecera ser impossível pensar em evacuar para França uma parte da população. Só o mau tempo lograva dificultar um avanço mais rápido e opor-se à actividade aérea.

Os vascos defendiam o terreno palmo a palmo, emquanto os operários civis, os milicianos e até as milicianas acabavam de construir o « cinturão de ferro » que, a dez quilómetros da cidade, era destinado a defendê-la. Em Madrid, o general Miaja tentava uma diversão, no intuito de aliviar a pressão inimiga na « frente » setentrional. Dezasseis mil homens, quási todos das brigadas internacionais, apoiados pelos carros de assalto russos, receberam a missão de cortar as comunicações dos nacionalistas entre a Cidade Universitária e o Manzanares. Mas o plano malogrou-se, porque o ataque foi contido, e a situação voltou a ser a anterior. Via-se que era em Bilbao, e não em Madrid, que ia ser jogada a sorte do bloco nortenho dos marxistas.

Emquanto isto se passava, haviam surgido certas dificuldades nos contactos dos nacionalistas com o govêrno britânico, o qual proïbira os seus navios de entrarem nas águas territoriais de Bilbao. Mas a definição das águas territoriais motivou controvérsias, e

viu-se que, de facto, os cruzadores inglêses protegiam a descarga de navios que iam reabastecer Bilbao, não só em víveres mas em armas e munições.

Os desfiladeiros, os picos, os montes, foram conquistados um após outro. Não tardou que a estrada de Vergara a Durango ficasse liberta. Eibar, onde existe a fábrica de armas, foi também ocupada, depois de os marxistas a incendiarem e dinamitarem. Os vencedores só ali encontraram umas trinta mulheres e crianças. A pobre gente contava que os vermelhos haviam saído dali, gritando: « Vamos a Bilbao cortar a cabeça ao Aguirre ! Foi êle quem nos enganou ! » Então, começou a agir uma coluna conservada como reserva em Vergara. Parte dela, juntou-se à coluna que se aproximava de Durango. O resto, composto, na sua maior parte (80 %) por soldados e oficiais espanhóis, e por elementos italianos (20 %), estes últimos formando a brigada denominada « Flechas Negras », avançou de Elgoibar para o Norte, a-fim-de se apoderar do litoral.

Em 26 de Abril, estavam quebradas tôdas as resistências nos diferentes sectores. Os vascos resolveram abandonar Durango, mas antes disso destruíram sistemàticamente a cidade, forçando depois a população civil a segui-los. Em 28, os nacionalistas contavam aquêle burgo no número das suas conquistas, emquanto os « Flechas Negras » intensificavam o avanço no litoral. Guernica seria o objectivo da progressão que ia seguir-se. Não cessava de cair uma chuva torrencial. Pelas estradas semi-destruídas, caminhavam tristes cortejos de mulheres e crianças, fugindo, a pé ou em carroças, das localidades ameaçadas.

Guernica, considerada a « cidade-santa » do país vasco, era defendida por oito batalhões de filhos daquela

zona da Espanha, dois de mineiros asturianos e dois de milicianos de Santander. No entanto, nenhuma destas fôrças opôs resistência. Preferiram abandonar as suas posições, havendo prèviamente, tal como sucedera em Durango, destruído tôda a cidade, da qual as colunas de Franco se apoderaram sem combate. A propósito de Guernica, a Imprensa anti-fascista britânica e francesa espalhou, nos têrmos mais violentos, a acusação de que haviam sido os aviadores alemãis os destruïdores da « cidade-santa ». E juntavam às suas descrições de Guernica em chamas, as de Durango, perto da qual os pilotos germânicos bombardearam, sem necessidade, uma aldeia isenta de objectivos militares, à hora em que certo número de fiéis saía da missa. Bastava, no entanto, ler os jornais insuspeitos, como o *Temps*, nos meses de Setembro e Outubro de 1936, isto é, muito antes da campanha do Norte, para verificar que os esforços dos atacantes convergiam para Durango, ponto de grande importância estratégica. Quanto a Guernica, uma visita às suas ruínas bastava para adquirir a certeza de que ela foi, sobretudo, incediada antes da evacuação; assim como aconteceu em Irun.

Logo que conquistaram Durango, os soldados franquistas marcharam sôbre Amorebieta, também dinamitada e incendiada pelos anarquistas. Naquele país católico, quási não ficou de pé uma igreja. Nesse particular, os vascos nunca ofereceram resistência aos seus aliados. Agora, as tropas de Mola estavam em contacto com o « cinturão de ferro ». Impunha-se pensar no ataque a Bilbao, que seria levado a efeito depois de ocupado o porto de Bermeo. Não tardou que tal sucedesse. Em 30 de Abril, a vanguarda dos « Flechas Negras » saiu

de Guernica e, nessa tarde, Bermeo estava em seu poder.

No dia seguinte, os vascos contra-atacaram violentamente e chegaram a colocar em situação crítica aquêle pequeno núcleo das fôrças nacionalistas, procurando cortar-lhes a estrada entre Bermeo e Guernica. Os voluntários instalados naquele pôrto, isto é, italianos e espanhóis, viram-se, em breve, acometidos por todos os lados, e bombardeados, ao Norte, por três canhoneiras vermelhas. Estas, em resultado do afundamento do « España » por uma mina, haviam readquirido a liberdade de movimentos. No entanto, os elementos atacados resistiram durante todo o dia 1 de Maio e tôda a noite seguinte, suportando o fogo das batarias inimigas. Em 2 a situação complicou-se. Os marxistas receberam reforços e dez carros de assalto. Às 9 horas, perante a violência das arremetidas do adversário, os defensores de Bermeo comunicaram a Guernica a delicadeza da emergência. Responderam-lhes que se agüentassem custasse o que custasse, e que iam enviar-lhes reforços. De facto, seis « tanks » buscaram ir até Bermeo, mas foi só na tarde de 3 que a maior parte da divisão logrou passar. Instalaram-se batarias nacionalistas a Oeste do Golfo, para bater Bermeo e reduzir a acção das canhoneiras. A resistência prosseguiu, na noite de 3 de Maio. Houve combate nas próprias ruas do pôrto. Finalmente, o avanço das tropas idas de Guernica e a intervenção dos aviões despedaçaram o círculo que ameaçava os legionários. Logo foi retomado o ataque. O episódio de Bermeo não dera o resultado que os marxistas dêle esperavam.

A luta tomou, então, maior acuïdade. Aguirre, presidente da República vasca, tinha o auxílio do gene-

ral Uribarri, antigo director da Escola Militar de Toledo, e que noutros tempos se tornara conhecido pelo seu reaccionarismo. Dispunha de cêrca de 50:000 homens, vascos e asturianos, agrupados em cinco divisões. Por seu lado, Mola tinha 40:000 homens — navarros, marroquinos e « Flechas Negras ». Os italianos estavam decididos a desforrar-se de Guadalajara, e os que os rodeavam mostravam-se amistosamente resolvidos a permitir que o fizessem. Os navarros apoiavam-nos com energia, e o avanço desenrolou-se, nas primeiras semanas de Maio, a partir da segunda linha da « frente » estabelecida entre Guernica, Durango e Bermeo. Uma diversão vermelha na « frente » de Avila não deu resultados sensíveis, e o cêrco a Bilbao foi-se apertando, no decurso do mês, lentamente, aldeia por aldeia. No Sul, os marxistas evacuaram Orduña em 8 de Junho, e isso logo permitiu que outra coluna de Franco marchasse por aquêle sector sôbre Bilbao, conjugando os seus esforços com as tropas idas de Leste. Calcula-se que, nessa altura, os vascos já haviam perdido entre 25 a 30:000 homens. Tornou-se-lhes preciso organizar novos batalhões de milicianos destinados aos trabalhos da retaguarda, e enviaram as crianças para o estranjeiro. A meio de Junho, Aguirre transferiu o seu govêrno para Santander, confiando a uma Junta a defesa de Bilbao. O facto causou pânico na população, a qual era convidada a render-se pelos manifestos lançados sôbre o burgo pelos aviadores nacionalistas. Mola morrera, num desastre de aviação, em 3 de Junho, mas a batalha por êle encetada continuou, com ímpeto já incontível, segundo os seus planos. O « cinturão de ferro » foi atingido em todos os pontos, e devemos recordar que um dos salientes estava construído de tal maneira que os flancos logo fica-

ram batidos pelo fogo dos atacantes instalados no monte Bizcargui. Na costa, o movimento vermelho já não era possível. Estabeleceu-se ligação entre as fôrças franquistas de Leste, de Norte e do Sul. A cidade sofrera estragos mínimos. Em duas horas, no dia 12 de Junho, os « Flechas Negras » avançaram do monte Bizcargui e atingiram o sistema defensivo. Por detraz dêle, ninguém estava. É a conseqüência destas fortificações de uma só linha de redutos. O famoso « Cinturão de ferro » de Bilbao não existiu, afinal, muito tempo, em face do ataque nacionalista.

Para os vermelhos, isto foi a derrota. Os centros mineiros, as pontes, as grandes instalações industriais foram ocupados sem que os vencidos tivessem tempo para destruí-los. Bilbao preguntou quais as condições em que poderia capitular, e Franco respondeu exigindo a rendição pura e simples. Então, começou a retirada dos defensores para Santander, emquanto o general Davila avançava pelos caminhos ocidentais e atingia, a Noroeste de Bilbao, em 17 de Junho, a aldeia de Baracaldo. A capital estava quási completamente cercada. Por seu lado, os « Flechas Negras » apoderaram-se de tôda a linha costeira e desceram, também, para o Nordeste da cidade. Só ficou livre, desde essa altura, a estrada de Baracaldo para Santander. Em 18 de Junho, a estação de Bilbao ficou em poder dos nacionalistas ; no dia seguinte, sucedia o mesmo à colina que domina o burgo e, à tarde, os carros de assalto e os automóveis dos jornalistas penetraram, antes do grosso das tropas, na capital da Biscaia. A artelharia da Legião martelava os restos das tropas vascas em retirada, e a ocupação da cidade logo foi concluída. O *Auxílio Social* transportou prontamente pão branco e carne. Celebrou-se

missa, na presença de Franco e do Exército, perante a imagem da Virgem de Begoña, patrona dos vascos; abriu o comércio, centenas de fugitivos regressaram a suas casas. Sob a chuva ininterrupta, a vida renasceu. Dois dias depois, inaugurou-se um monumento provisório à memória do general Mola, o chefe que não viu o triunfo coroar a campanha por êle empreendida. Nesse monumento, lia-se a inscrição:

« Na Bilbao reconquistada, pela qual deste a vida, oferecemos nós, os « requetés », sempre às tuas ordens, general Mola, esta vitória, que vem de ti — de ti que fôste privado da glória do teu sonho emfim realizado. Os que passarem perante êste monumento gritarão connosco, por Deus e pela Pátria: Viva a Espanha! Viva Franco! — Os « requetés ». »

A tomada de Bilbao constituiu uma vitória de imensa projecção política, económica e estratégica. Ficaram em poder de Franco as maiores riquezas minerais do país. Dura, em região montanhosa, acompanhada pelo mau tempo agreste e chuvoso, a campanha foi uma obra prima de energia e previsão. Nas jornadas seguintes, o resto foi, pouco a pouco, libertado. O material de guerra apresado atingia quantidades enormes. Ao Norte, uma coluna seguiu pela costa, e outra marchou paralelamente, sôbre Santander. A princípios de Julho, a situação melhorara consideràvelmente a Oeste de Bilbao.

A batalha de Brunete

Podemos considerar sem importância os combates travados, noutros pontos secundários da « frente », durante o tempo em que se executou a campanha da Bis-

caia. No entanto, na Estremadura, nos primeiros dias de Março, uma importante coluna franquista progredira de Cordova sôbre Almaden, principal centro europeu de produção do mercúrio. Decorreu todo o mês, sem que outra coisa houvesse além de várias refregas, naquela zona.

Por seu lado, os marxistas, após a batalha de Guadalajara, retomaram a ofensiva com êxito. Nos meses de Abril e de Maio, ao mesmo tempo que se apoderavam do Santuário de la Cabeza, progrediam para Fonteovejuna (a *Fuente de las Cabras*, de Lope de Vega), bem como em direcção a Peñarroya. Ao cabo de certo período, os resultados obtidos eram bem escassos. O mesmo ocorreu na « frente » de Aragão e à volta de Toledo. A partir de então, a iniciativa de combates só seria retomada pelos marxistas um pouco mais tarde e noutro terreno.

Com efeito, em Junho, o general Miaja comunicou ao govêrno de Valencia um projecto de ofensiva no sector Nordeste de Madrid, exactamente entre o Escurial e a estrada de Madrid a Toledo. A ofensiva seria levada a efeito por duas colunas. Uma, teria, de Norte a Sul, a missão de avançar até Navalcarnero. A outra lançaria o ataque pelos lados de Leste e dos Carabancheis. A fôrça principal era a do Norte, composta de dois corpos de Exército — um de nove brigadas internacionais e outro de cinco brigadas espanholas, isto é, um conjunto de 40:000 homens. Restavam a Miaja 35:000 homens para constituir a coluna de Leste e defender Madrid. Contava, além disto, com 150 « tanks » e uma centena de aviões. Os nacionalistas ignoravam totalmente o projecto. As suas posições não eram contínuas, e o terreno parecia favorecer o plano de Miaja

Em 5 de Julho, o ataque desencadeou-se. Nos primeiros dias os marxistas alcançaram determinadas vantagens. Forçaram a linha dos postos avançados nacionlistas e lograram criar, até o Sul de Brunete, uma « bôlsa » profunda, que terminava a cinco quilómetros de Navalcarnero. Então, em vez de progredir, quiseram alinhar a « frente » e ampliar para Leste o saliente. Em Boadilla del Monte, os soldados de Franco resistiram desesperadamente, e a aviação vinda de Biscaia auxiliou-os. As perdas dos vermelhos foram consideráveis. A partir de 10 de Julho, o impulso estava quebrado. Os nacionalistas recompuseram-se, o general Varela tomou a direcção das operações e, em 18, lançou três ataques simultâneos, para reduzir, por Leste, Oeste e Sul, o saliente de Brunete. O general Franco seguira para o teatro das operações, onde permaneceu durante uma semana, dirigindo, pessoalmente, o ataque, ao lado do seu Estado-Maior. Em 20 de Julho, a tomada da cota 660 deu-lhe virtualmente a vitória. A artelharia e a aviação apoiaram com firmeza os infantes, e os combates atingiram grandes proporções durante muitos dias. Miaja tentou desguarnecer o Escurial para salvar os últimos resultados da sua ofensiva, mas em 24 Brunete foi retomada pelos nacionalistas e o rio Guadarrama foi ultrapassado, numa grande extensão. Dois dias depois, a-pesar-dos desesperados esforços desenvolvidos pelas tropas de Madrid para a recuperação de Brunete, a « frente » estabilizou-se. Miaja falhara. Uma diversão intentada na « frente » aragonesa não chegou para dar-lhe o desafôgo que pretendia obter. Pelo contrário, a conquista de numerosas povoações pelos soldados de Franco tornou ainda mais sólidos os sectores de Teruel de Guadalajara.

Aparentemente, todos estes efeitos são deminutos e a posse de algumas aldeias não apresenta grande importância. No entanto, há uma razão pela qual a batalha de Brunete pode ser considerada grave: é que foi terrìvelmente mortífera e dispendiosa, uma das mais caras em homens e material travadas nesta guerra. Os nacionalistas não tiveram, na verdade, perdas pesadas, e Varela sempre mostrou saber economizar vidas humanas, mas calcula-se que Miaja deve ter perdido cêrca de trinta mil homens. A 14.ª brigada internacional, cujo ardor combativo foi magnífico, deixou no terreno algo semelhante a oitenta por cento dos seus efectivos. Caíu um número considerável de aviões marxistas, e cêrca de cinqüenta carros de assalto russos foram apresados. Franco viu-se obrigado a constituir batalhões especiais *(Cuerpos de batallones de sepulteros)* para enterrar os mortos inimigos. Os hospitais madrilenos ficaram tão cheios que se tornou preciso evacuar centenas de feridos para Barcelona, e pedir para França soros e medicamentos. « O único resultado da ofensiva de Miaja — escrevem dois críticos militares italianos — foi o de produzir um atraso temporário nas operações nacionalistas sôbre Santander. Resultado efémero, mas pago muito caro » [1].

A ofensiva sôbre Santander

Deu-se pouco mais ou menos o mesmo com outras ofensivas de menor importância lançadas pelos chefes

---

[1] Bollati e G. del Bono — *La guerra di Spagna.*

marxistas para distrair Franco dos seus planos no Norte. No fim de Julho, houve uma tentativa dêsse género, na frente aragonesa. Travaram-se combates a Leste de Teruel, na serra de Albarracin e nos montes Universais. Os vermelhos empregaram carros de assalto e tropas aguerridas. Mas os nacionalistas readquiriram a superioridade em escasso número de dias, infligindo aos adversários perdas graves. Tomaram tôda a região dos montes Universais e, em 3 de Agôsto, alargaram e consolidaram o saliente de Teruel, pela tomada de numerosas aldeias. Lá em cima, no Norte, as operações contra os restos da zona marxista recomeçaram.

Sem pensar em estabelecer à roda de Santander um « cinturão de ferro » que valesse tanto como o de Bilbao, o general Uribarri, dirigente da defesa, contentou-se em organizar fortificações de emergência. Tinha sob as suas ordens cem mil homens que os nacionalistas não hesitaram em reconhecer serem bons combatentes, corajosos e activos, aos quais não faltava um bom comando e o apoio de uma eficiente aviação hispano-russa. Em face dêle, estava o general Davila com duas brigadas da Navarra, quatro brigadas castelhanas e três divisões de legionários italianos *(Littorio, 23 de Março* e *Chamas Negras)*, além da brigada mixta de « Flechas Negras » que progredia ao longo da costa. Ao todo, Davila dispunha de 80:000 homens. Por comum acôrdo, ficou estabelecido que os italianos, na maioria antigos combatentes de Guadalajara, teriam as honras da campanha. Foram reorganizados, melhor enquadrados e bateram-se com galhardia. O plano de ataque teve a colaboração do Estado-Maior italiano. Os navarrenses apoiariam com vigor os legionários fascistas. Segundo o projecto inicial, uma parte daqueles

e dos castelhanos marcharia, ida de Leste, para Santander. Os legionários progrediriam de Sul, e dez divisões da Navarra por Oeste. Para começar, tratar-se-ia de reduzir a « bôlsa » constituída pela « frente », no Sul, junto ao Ebro, em tôrno de Reinosa.

O ataque principiou em 14 de Agôsto. Os italianos agiram a Leste, emquanto os homens da Navarra, a Oeste, alcançavam Reinosa. Os vermelhos de-pressa manifestaram renunciar a uma resistência organizada, e os legionários puderam progredir com rapidez, ao passo que os navarrenses seguiam para o Norte, em marchas forçadas. Em 18 de Agôsto, com fulminante rapidez, o saliente do Ebro ficou reduzido e estabeleceu-se uma nova linha, exactamente paralela à costa. O avanço não abrandou de ritmo. Parece que os marxistas só opuseram até aí resistências estrictamente locais. Destruiram pontes e fizeram saltar a dinamite enormes massas de rochedos, para dificultar a progressão inimiga nos desfiladeiros. As tropas italianas de engenharia trabalharam dia e noite. Os espanhóis da « frente » Leste entraram em acção no dia 23 de Agôsto, e logo avançaram, também com rapidez.

Já os soldados de Navarra haviam alcançado, idos de Oeste, Torrelavega e cortado a estrada de Gijon. Os legionários italianos não tardaram a alinhar a sua « frente » na mesma altura. O pânico era enorme em Santander, e Aguirre pôs-se em fuga, a bordo de um navio de guerra inglês. O cronista radiofónico Tebib-Arrumi, observou, com bom humor: « Dissolve-se o Azucarillo de Santander » [1]. Os navarrenses operaram

---

[1] *Campaña de Santander.* — O *azucarillo* feito de clara de ovo e açúcar tem a forma de um bloco de neve. Dissolve-se desde

uma infelxão para alcançar a cidade ao mesmo tempo que os italianos, e as tropas de Leste foram ocupando a província tranqüilamente. Foi decidido lançar o ataque final em 26 de Agôsto. Ao anoitecer, apresentaram-se ao comando italiano três parlamentários, pedindo certas concessões em troca da capitulação. Responderam-lhes que só seria aceita uma rendição incondicional. Os homens dirigiram-se a Santander e, ao regressarem, traziam a aceitação pura e simples. Ao meio-dia, por entre aclamações do povo, os navarrenses, levando à sua frente Solchaga, entraram na cidade. Logo se lhes renderam trinta mil homens ainda armados. Em Burgos, o general Franco elogiou, em conjunto, navarrenses e italianos, e trocou telegramas de congratulação com Mussolini. Durante tôda a ofensiva, as tropas legionárias tiveram 410 mortos. Caso interessante. No decurso da parada triunfal, foram os milicianos vermelhos que organizaram um serviço de ordem, estabelecendo um duplo cordão, ao longo dos passeios, no meio de « Vivas » à Espanha.

Assim findou a tomada de Santander, operação brilhante e rápida, mais obra de cálculo, de comando e de táctica do que de um esfôrço custoso. Operação relativamente facilitada pela débil resistência dos vascos, que foi muito inferior àquela que as brigadas internacionais acabavam de oferecer em Brunete. É certo que o único e verdadeiro chefe do exército republicano, o general Miaja, não se encontrava ali, para animar aquelas tropas corajosas mas inexperientes. De resto, já não

---

que o metam em água para adoçá-la. Num « café » espanhol, ninguém toma chocolate sem um copo de água acompanhado pelo *azucarillo*.

havia fé na vitória. Aos espanhóis, renderam-se os espanhóis desanimados (55:000 prisioneiros), entregando material importante, vinte « tanks », cem peças de artelharia, ambulâncias, aviões e grande quantidade de gasolina. Tôda a zona montanhosa ficou pacificada com rapidez, quási sem se disparar um tiro. Facto estratégico importante, facto económico de maior importância ainda, a tomada de Santander teve, sobretudo, um resultado moral: foi contra tropas quási inteiramente desencorajadas pelos seus chefes marxistas que Franco e os seus aliados ganharam, pela primeira vez, uma batalha.

A queda de Gijon

Poucos dias levou a libertação final de tôda a « frente » Norte. Miaja tentou lançar uma diversão na « frente » aragonesa, encarregando disso o general Pozas, que a preparou com a idea de alcançar Saragoça. A frente nacionalista era, ali, frágil e com soluções de continuïdade, e o saliente de Teruel, ainda que consolidado pelos montes Universais, não poderia resistir muito tempo às conseqüências da queda da capital de Aragão. Um forte grupo de tropas marxistas, entre os quais havia uma divisão chefiada por um homem vindo não se sabe de onde, miliciano de-repente agaloado e chamado *El Campesino (O Camponês)*, logrou romper as linhas, no fim de Agôsto. No entanto, a tomada de Santander deu às fôrças aéreas nacionalistas a necessária liberdade de acção noutras zonas. Os « Flechas Negras » afluiram, vindos da « frente » vasca ; da Andaluzia chegaram os « Flechas Azues ». Logo se criou uma divisão mixta italo-espanhola, que contra-atacou com

energia. Em princípios de Novembro, a ofensiva de Miaja e de Pozas estava paralisada, ainda que nas mãos dos vermelhos estivesse Belchite, por êles ocupada no dia 3. Era o único prémio de consolação oferecido àqueles que não puderam alcançar Saragoça e que estavam em vésperas de perder o que lhes restava nas Astúrias.

Apenas continuou em poder dos marxistas uma facha de território entre Gijon e Santander. O inverno acercava-se, a fome começava a sentir-se naquela zona mal abastecida. Era preciso agir com rapidez. Franco preparou com o coronel Vigon um vasto plano de cêrco por Leste, Sudeste e Sul. O avanço mais difícil seria o das fôrças meridionais, que teriam de transpor as montanhas mais altas. Nos últimos dias de Agôsto, a marcha recomeçou.

Ia Setembro em princípio, quando a coluna que seguia junto ao mar atingiu Villahormes ; as outras reduziram, pouco a pouco, a primeira « bôlsa » na zona montanhosa. A-pesar-da destruïção de pontes e de estradas, o avanço foi rápido. Em Gijon, os vermelhos mobilizaram rapazitos de 16 anos, e até gente de idade avançada. Os sindicalistas e os guardas de assalto combatiam entre êles, nas ruas. Os navios britânicos enchiam-se de foragidos. Valencia anunciava, em vão, pela T. S. F., vitórias imaginárias, recomendando a Gijon que resistisse. O general Uribarri foi destituído. Chovia. O frio recomeçou a fazer-se sentir, e os marxistas julgavam que êle retardaria as operações militares. Enganaram-se. Franco e Davila decidiram acelerá-las. Procederam por infiltrações, ao longo dos vales, a-fim-de contornar e ultrapassar as posições inacessíveis. As maiores resistências que encontravam eram as do

terreno e do tempo. O desânimo dos seus adversários tonara-se iniludível. Caíram em seu poder, sucessivamente, as aldeias, os picos, as estradas, as cadeias de serranias. Ribaderella foi conquistada em 26 de Setembro; Cangas de Onis viu, em 5 de Outubro, a bandeira vermelho-ouro sôbre o seu casario. A tomada de Covadonga foi festejada como uma grande vitória moral, não porque a vila tivesse alto valor estratégico, mas por haver partido dela a reconquista da Espanha ao Islam. Entretanto, o ditador de Gijon, Belarmino Tomas, ameaçava massacrar cinco mil reféns, se os aviões nacionalistas tornassem a sobrevoar a cidade. Em 19 de Outubro, os soldados de Franco alcançaram Villaviciosa — a 15 quilómetros de Gijon. Então foi a derrocada. As tropas idas do Sul progrediram para Oviedo e tôda a região ficou limpa, a pouco e pouco. Apenas restava, como um ilhéu, a cidade de Gijon, onde Belarmino jurara agüentar-se até o fim. Esquecia-se, porém, de que nem tôda a população era marxista. A longa resistência das tropas rebeladas, meses antes, assim o demonstrara. Também ali existia uma « quinta coluna », esperando o momento de agir. Vendo que êle chegara, sublevou-se, desarmou os milicianos, e correu aos quartéis, onde lhe deram apoio os guardas civis e os guardas de assalto, que sempre foram, no fundo, inimigos da revolução, do separatismo e da ditadura sangrenta dos sindicalistas. A emissora logo ficou em seu poder e entrou em comunicação com Santander. Belarmino Tomas fugiu, num avião, e, em 21 de Outubro, sem um tiro, acolhidas pela « quinta coluna », no meio de frenética alegria, as fôrças nacionalistas entraram em Gijon.

Após esta vitória, a Espanha governamental viu-se reduzida a quinze províncias. Quarenta e cinco estavam

em poder de Franco. Restava-lhe um terço do território nacional, com nove milhões de habitantes. Franco obteve, assim, libertos daquela campanha, 70:000 homens aptos a agirem noutra « frente ». Pelo contrário, os vermelhos pareciam haver perdido a melhor parte dos efectivos pròpriamente espanhóis.

Tôdas as regiões ficaram pacificadas, sem oposição efectiva. Em quatro dias, tudo findou. Em 25 de Outubro, chegou a Oviedo o primeiro combóio ido de Leon. E o comunicado oficial de 21, transmitido às 11 horas da noite pela « rádio », escutado de pé e de braços erguidos em tôdas as cidades espanholas, terminava com esta pequena frase triunfal:

— *A « frente » Norte desapareceu!*

II

A Europa e a Espanha

Emquanto a luta interna se desenrolava, prosseguiam as dificuldades externas. As ideologias e os interêsses continuavam a opor os países totalitários aos países « democráticos ». Na S. D. N. e no « comité » londrino, os discursos continuavam, assim como as tentativas mais ou menos sinceras para limitar a luta e evitar um conflito europeu. Durante longos meses, os jornais mais conspícuos simulavam interessar-se por tais coisas, cuja importância era secundária e até nula. As discussões não impediram que os países aliados de Franco organizassem o reabastecimento de munições e de homens, e não evitaram que a França e a Rússia faltassem a todos os compromissos de não-intervenção. Quási todos os dias passavam pela fronteira de Le Perthus camiões carregados de armas automáticas, ao mesmo tempo que os combóios atravessavam a fronteira em Tour de Carol e em Cerbére, e os navios « britânicos » ou balcânicos desembarcavam, em Valência, víveres « para as crianças espanholas » — víveres que, na verdade, eram suculentas metralhadoras... Porque, na realidade a hipocrisia atin-

gia o cúmulo! Os partidos revolucionários afirmavam que se tratava de alimentos para os famintos de Madrid e Barcelona. Por desgraça, de vez em quando explodia um camião carregado de bolos sêcos...

Breve história do contrôle internacional

Isto não quere dizer que o « comité » londrino deixasse de evidenciar o seu tom grave e sério. Fôra decidido organizar um contrôle naval, a-fim-de manter a não-intervenção, mas o govêrno valenciano protestara, em fins de Março, contra o facto de cooperarem nesse contrôle as frotas italiana e alemã.

« A guerra já estaria terminada há muito tempo — dizia Largo Caballero — se uma falsa política de não-intervenção, apenas respeitada pelas potências democráticas e sistemàticamente violada pelas totalitárias, não tirasse ao govêrno legítimo da Espanha os meios para se defender de um punhado de traidores e de certas nações que querem utilizar a Espanha como base dos seus planos políticos e belicosos ». E acrescentava: « As zonas das concessões feitas à Alemanha e à Itália constituem meios excelentes que lhes permitirão atingir os seus fins ».

O delegado soviético Maisky acorreu em apoio de Largo Caballero e reclamou que se organizasse uma comissão de inquérito para verificar a invasão da Espanha pelos italianos e pelos soldados germânicos. A Imprensa inglêsa saíu-lhe ao caminho, apoiando-o com tal violência que Mussolini ordenou a retirada dos correspondentes italianos em Londres e, salvo duas ou três excepções, proïbiu a presença de jornalistas britânicos

em Itália. Franco expulsou, também, alguns repórteres londrinos, e houve uma altura em que os observadores preguntaram a êles próprios se os sistemas wilsonianos de regular questões internacionais não conduziriam a complicações mais graves. A situação nunca apresentara semelhante aspecto, quanto às relações entre Roma e Londres. Nos Comuns, o sr. Eden reconhecia ser lógico conceder a beligerância aos dois partidos, mas logo observou que, se tal se fizesse, as frotas em presença teriam o direito de impedir o trânsito dos navios inglêses que buscassem forçar o bloqueio. Finalmente, após longas discussões, o princípio do contrôle internacional entrou em vigor, em 19 de Abril de 1937:

1.º — O contrôle terrestre seria exercido na fronteira francesa por fiscais de diferentes nacionalidades. Na fronteira portuguesa, só os portugueses agiam, visto que nada mais havia consentido, além da presença de observadores inglêses.

2.º — O contrôle naval seria exercido pelas quatro grandes potências marítimas: Inglaterra, França, Alemanha e Itália. A Rússia foi excluída. Os italianos controlariam a costa catalã, de Port-Bou a Castellon de la Plana, compreendendo a Minorca. A Alemanha teria a seu cargo a zona de Castellon a Almeria. Isto, no que respeita a territórios governamentais. A Inglaterra fiscalizaria a zona compreendida de Almeria a Portugal, Estreito de Gibraltar, Canárias e Rio do Ouro e, ao Norte, de Irun a Gijon. A França controlaria a costa das Astúrias e da Galiza, de Gijon a Portugal, a zona marroquina espanhola, Maiorca e Ibiza. De uma maneira geral, os nacionalistas ficaram controlados pelos amigos dos governamentais, e os governamentais pelos amigos dos nacionalistas.

O contrôle exercia-se numa zona que começava a três milhas e findava a dez milhas da costa. Isto é, começava nos limites das « águas territoriais » e findava no « alto mar ». As patrulhas de contrôle podiam passar buscas nos barcos dos 27 países signatários do pacto de não-intervenção, mas o uso da fôrça não era consentido. As desobediências, comunicavam-nas, com desgôsto, ao « comité » londrino, que delas informava o govêrno responsável. Quanto a sanções, aplicá-las-iam os próprios países, isto é, os culpados castigar-se-iam a êles próprios... Em relação aos países navegando sob falsa nacionalidade, nenhuma forma havia de os atingir. Isto, sem contar que, dentro do famoso limite das três milhas territoriais, era possível transportar legalmente o que se quisesse, de França e de Portugal, sob o olhar contristado dos respeitáveis fiscais.

O contrôle naval de Abril de 1937, constituiu a encenação de uma das mais completas farsas inventadas pelo espírito humano. Os acontecimentos bem o demonstraram.

As campanhas jornalísticas tomaram tais proporções de violência que Lord Plymouth, presidente do « comité », deplorou a divulgação de notícias falsas. Poderia ter deplorado que certas intenções, excelentes em princípio, de-pressa foram utilizadas em benefício dos interêsses revolucionários. Nos comêços de Maio, a França e a Inglaterra decidiram proteger, fora das águas territoriais, navios que transportassem foragidos da Biscaia, a-pesar-de ser contestável a qualidade de não-combatentes de muitos dêsses elementos. Um contra-torpedeiro inglês que chocou com uma mina, em águas de Valência, logo foi apresentado, pela Imprensa marxista, como ignominiosamente afundado por ordem de Franco.

Os jornais apoderavam-se do menor incidente e exploravam-no. Entretanto, os aviões vermelhos iam tranqüilamente reabastecer-se em França, sob a bênção do « Front Populaire ». Assim que Franco pôs em liberdade centenas de prisioneiros inglêses, franceses e belgas das brigadas internacionais, o facto foi logo aproveitado para que se espalhassem atoardas sôbre os campos de concentração onde êles haviam permanecido. Era fácil prever que se dariam incidentes.

O mais grave não tardou a registar-se : Produziu-se em Palma de Maiorca, onde permaneciam a patrulha de contrôle italiana composta por nove navios, o cruzador alemão *Deutschland*, o torpedeiro alemão *Albatroz*, o couraçado inglês *Hardy* e o *Baleares*, couraçado nacionalista espanhol. Em 24 de Maio, oito aviões idos de Valência bombardearam o pôrto, ainda que o *Baleares* dêle houvesse saído. Em 26, o *Albatroz* e um barco italiano foram atingidos por bombas. No « comité » londrino, o embaixador italiano Grandi protestou, declarando que os ataques eram directamente dirigidos contra a patrulha de contrôle e, em especial, contra os navios da Itália. O « comité » declarou deplorar o incidente. Todavia, em 29 de Maio, dois aparelhos de bombardeamento atingiram o *Deutschland*. As bombas mataram vinte marinheiros e feriram 73, dez dos quais vieram a falecer. Houve enorme emoção em todo o mundo. Antes que o « comité » deplorasse platònicamente o caso, a Alemanha agiu com fulminante rapidez. Em 31 de Maio, o couraçado « Admiral-Sheer » e dois torpedeiros bombardearam o pôrto vermelho de Almeria. « Como medida de represálias pelo criminoso atentado por bombardeiros marxistas contra o couraçado *Deutschland*, que estava ancorado, as fôrças navais

alemãs bombardearam o pôrto fortificado de Almeria. Destruídas as instalações do pôrto e reduzidas ao silêncio as batarias vermelhas, a acção de represálias terminou ».

A rapidez da decisão causou tanta surprêsa como a inconveniência do ataque. Valência pretendeu que o *Deutschland* fôra o primeiro a fazer fogo sôbre os aparelhos, dizendo que êle não deveria entrar num pôrto, mas a dez milhas da costa, etc. Surgiu a eminência de uma discussão enorme e ridícula. Mas a resposta surgiu, e rápida. Em 31, o govêrno italiano informou o « comité » de que o ataque a Palma revelara a « existência de um plano de agressão premeditada contra as fôrças navais do « comité » de não-intervenção », pelo que a Itália resolvia saír do referido organismo e ordenar ao seu representante que o abandonasse, emquanto não se tomassem medidas para impedir a repetição de semelhantes incidentes. O Reich enviou uma nota análoga. Mas quer os navios italianos, quer os alemãis, não saíram das águas espanholas, e a Alemanha até enviou para elas o *Leipzig*, a-fim-de manter o contrôle pelos seus próprios meios. Portugal protestou, num sentido idêntico.

Em princípio, isto nada mais era do que uma interrupção, por questões de « segurança ». O « comité » londrino atravessou uma fase de desespêro e duvidou da democracia e dos princípios de Wilson. Acabou por elaborar, aos 12 de Junho, um acôrdo para pedir aos dois partidos espanhóis que respeitassem os navios de guerra estranjeiros. Os alemãis e os italianos deixaram-se impressionar e, magnânimos, retomaram os seus lugares, no « comité », no dia 17. Não devia ser prolongada a sua presença ali.

Certos ataques contra o navio italiano *Madda* e ataques submarinos (dos quais foi difícil precisar a origem) contra o *Leipzig*, alemão, suscitaram polémicas internacionais e discussões intermináveis. A Itália reconheceu abertamente a sua participação na luta anti-bolchevista em Espanha, publicando os nomes dos seus mortos e juntando-os aos nomes daqueles que caíram na Revolução fascista e na conquista do Império abissínio. A Inglaterra pedia prudência e fazia votos pela retirada dos voluntários estranjeiros; a Itália e a Alemanha propuzeram uma manifestação colectiva das quatro potências contra o agressor do *Leipzig*, mas Londres e Paris recusaram-se, declarando que o agressor era desconhecido. Em 23 de Junho, a Itália e a Alemanha, ainda que continuassem representadas no «comité», declararam saír, em definitivo, do sistema do contrôle. Em 29, o sub-«comité» propôs que a França e a Gran-Bretanha tomassem por sua conta tôda a fiscalização das costas da Espanha, proposta que foi regeitada (sob o pretexto de não haver garantias suficientes de imparcialidade) pelas duas outras potências.

— Aceitaríeis — observou o conde Grandi — um contrôle exercido ùnicamente pela Itália e pelo Reich?

Recomeçaram as discussões sôbre os voluntários, as falsas notícias acêrca de desembarques, as polémicas entre fascistas e anti-fascistas e os incidentes inúteis e estúpidos. O conde Grandi, em 2 de Julho, propôs sensatamente que se concedesse a beligerância, idea que Lord Plymouth não aceitou. A Imprensa marxista reclamava, pelo contrário, a abertura da fronteira franco-espanhola, a favor do govêrno de Valência, para salvaguardar — dizia ela — as comunicações mediterrânicas da França. A verdade é que o encerramento da

fronteira era muito relativo. Só na primeira quinzena de Maio, passaram por ela, vindos de diferentes países, cento e cinqüenta vagões carregados de munições, mil metralhadoras, carros de assalto e muitas centenas de camiões. A interdição legal não deixava de apoquentar os traficantes. É preciso notar que a França, como provaria a exposição efectuada em San Sebastian, não foi a única a vender armas. Serviu sobretudo de país de trânsito. Foi pouco mais ou menos nessa altura que surgiu uma questão sombria — a das « cobaias humanas ». Um tal Bouguenec teria sido transformado em « portador de bacilos », para contaminar a Espanha franquista. Aventura rocambolesca, incrível se quiserem, tentativa ainda inusitada de guerra bacteriológica, mas que teve, pelo menos, o mérito de chamar as atenções para os meios dos traficantes de estupefacientes que, organizados em Saint Jean de Luz, se entregavam a tôda a espécie de negócios escuros.

Em Londres, continuavam as sessões acêrca das teses opostas dos diferentes países. Pretendia-se estabelecer um contrôle mais efectivo, terrestre e marítimo, criar funcionalismo, comissões e sub-comissões, uma nova máquina de administração. Em 13 de Julho, entrou em discussão um novo programa, contendo nove artigos. A Inglaterra e a França concederiam a beligerância a Franco, logo que os voluntários estranjeiros abandonassem « os dois lados ». Abria-se uma nova fase, um novo tema de disputas, porque ninguém acreditava que os adversários do « outro lado » fôssem retirados. Sabia-se que os elementos das brigadas internacionais eram nacionalizados ràpidamente. O êrro do plano de Lord Plymouth consistia em unir a questão do direito da beligerância, direito normal, simples, concedido com

rapidez, no passado, em circunstâncias idênticas, e a questão da retirada dos voluntários. Na realidade, o que dominou a política franco-britânica, perante a guerra espanhola, foi o mêdo doentio de confessar um êrro. Nenhum dos dois países queria admitir que fizera mal em conceder a sua confiança ao partido que a não merecia.

Talvez ciümenta das atoardas espalhadas a todos os momentos pela Imprensa marxista, a Imprensa alemã anunciou que a Legião Estranjeira francesa ia ser enviada para Valência. O govêrno francês logo procedeu a um desmentido categórico. Então, os marxistas espanhóis afirmaram que haviam sido instaladas batarias alemãs na fronteira franco-espanhola, dirigidas contra a França. Coube a vez ao govêrno de Burgos de publicar um desmentido. A atmosfera tornava-se demasiado turva para que se elaborasse um plano qualquer. A Rússia dizia, no « comité » londrino, que nem sequer encarava a concessão da beligerância a Franco, pois considerava isso contrário ao direito internacional. Os revolucionários não simpatizaram com os rebeldes [1]. Desde que a Rússia se recusava a reconhecer Franco, a França viu-se forçada a ser prudente e a dar uma resposta ambígua. No entanto, em fins de Julho, a-pesar dos esforços da Inglaterra, os sovietes haviam conseguido sabotar completamente os projectos (vagos, aliás)

---

[1] Foram as manobras de Maisky, bem visíveis e bem infelizes, que muito concorreram, nessa altura, para a aproximação da Itália e da Inglaterra, separadas desde as sanções de 1935. Neville Chamberlain escreveu pessoalmente ao Duce e o Lord do Almirantado pronunciou discursos, reclamando a ressurreição da amizade anglo-italiana.

do « comité ». Com uma insolência cada vez maior, propuseram planos inaceitáveis e manobraram nos bastidores, os delegados franceses. Certos aviões desconhecidos bombardearam em águas da Córsega um navio inglês e logo a Imprensa marxista acusou Franco, ainda que esta agressão servisse, com oportunidade, os interêsses moscovitas. E foi assim que, tendo introduzido o bolchevismo num organismo com o qual êle nada tinha, os espíritos bem intencionados de Londres prepararam um malôgro absoluto.

Numerosos incidentes tornaram o Verão agitado. Como o govêrno de Paris decretasse a expulsão de alguns representantes oficiosos de Franco, a Espanha nacionalista logo ameaçou expulsar os franceses, sem excepção, que se encontrassem no seu território. Em face disso, o govêrno francês anulou o decreto. Os refugiados das províncias vascas afluíram em número considerável a França. Apareciam navios suspeitos no Mediterrâneo. Tentou-se erguer protestos contra a troca de telegramas oficiais entre França e Mussolini. Em Verdon, França, aparecia o submarino vermelho « C. Y », para sofrer reparações. Discussões diplomáticas e jornalísticas amargavam as relações italo-russas. A França e a Gran-Bretanha redigiam um apêlo tendente a criar a confiança no Mediterrâneo, e dirigiam-no à Alemanha, Itália, Rússia, Iugoslávia, Grécia, Roménia, Bulgária, Albânia, Turquia e Egipto. Reüniu-se uma conferência em Nyon, em 10 de Setembro de 1937, e logo nela se estabeleceram violentas discussões italo-soviéticas. No mesmo dia, abria, em Genebra, a sessão da S. D. N., presidida pelo chefe do novo govêrno valenciano, o dr. Juan Negrin.

Em 11, começou a construir-se, em Nyon, um plano de contrôle no Mediterrâneo, pràticamente reservado às frotas britânica e francesa. O projecto provocou protestos, não só da Alemanha e da Itália, como em Londres e Paris. Fêz-se notar que o direito de protecção concedido às esquadras inglêsa e francesa sôbre todos os navios, mesmo hasteando bandeiras de outros países, equivalia a um direito de protecção sôbre os navios russos, isto é, a um auxílio concedido aos vermelhos espanhóis. A conferência passou de Nyon para Genebra, e prosseguiu, ali, os seus trabalhos, na mesma atmosfera de hipocrisia e inutilidade. A Itália, à qual era reservado o Adriático (o que era de uma ironia singular), declarou considerar o plano pura e simplesmente inaceitável. Desde êsse instante, fácil se tornava prever o fim do contrôle naval. Com mais violência do que nunca, a Imprensa marxista reclamava a abertura da fronteira, em 18 de Setembro Lord Plymouth foi informado pelos governos londrino e parisiense de que estes decidiam abandonar o contrôle das costas espanholas.

Gravemente, a Conferência de Genebra, ex-conferência de Nyon, nem por isso deixou de se reünir, e de querer estender aos aviões a capacidade de vigilância concedida aos navios. Ao mesmo tempo, na S. D. N., o Duque de Alba, representante de Franco, protestava contra a presença dos delegados vermelhos e proclamava a « ilegalidade e ilegitimidade do pseudo-govêrno de Valencia », reivindicando « o direito incontestável e absolutamente legal de ser considerado o único representante da nação espanhola ». Negrin ripostou, definindo o movimento como « uma agressão de potências estranjeiras ». Mas o certo é que já não foi reeleito

para o Conselho da S. D. N., facto que se tornou significativo.

Buscou-se, então, modificar o acôrdo de Nyon, para nêle dar lugar à Itália, que muitas declarações fizera a-propósito da independência absoluta da Espanha, e do seu desinterêsse quanto às Baleares. A França e a Inglaterra propuseram um acôrdo tripartido, tentando negociar o reconhecimento do direito de beligerância. Mas os sovietes continuavam a manobrar. Reclamavam a abertura da fronteira franco-espanhola, sob o pretexto de que a retirada da França e da Itália do contrôle naval favorecia os nacionalistas. Conseguiram que a S. D. N. aprovasse uma resolução obscura tendente a « reconsiderar o fim da política de não-intervenção », se os voluntários estranjeiros não saíssem imediatamente de Espanha.

Apenas Portugal e a Albânia formularam votos contrários, além de quatorze abstenções. O número de votantes era de quarenta e oito. De novo a atmosfera se tornou demasiadamente tensa para que fôsse possível chegar a decisões conciliadoras. Com singular retumbância, a Imprensa marxista anunciava que o torpedeiro inglês *Basilisk* fôra atacado, em 4 de Outubro, por um submarino desconhecido. No entanto, o próprio Almirantado britânico desmentiu que tal barco houvesse sido atacado por quem quer que fôsse. Em 9 de Outubro, a Itália respondeu à França, dizendo que tomava em consideração o seu projecto, duvidando, no entanto, do interêsse de uma conferência tripartida. Preguntava se, sem se contar com a adesão de Burgos e de Valencia, seria possível atingir resultados práticos. Ora, Valencia nenhuma vontade tinha de evacuar as brigadas internacionais, e deu-o claramente a compreender.

Quanto a Burgos, não existia, perante a opinião democrática. Era, pois, inútil criar um novo « comité ». O de Londres bastava, e foi nêle que a França e a Gran-Bretanha decidiram apresentar uma proposta urgente para ser observada a possibilidade da retirada dos voluntários. Fixava-se, então, que o número dos voluntários italianos (sempre exagerado nas polémicas jornalísticas), andava por 40:000.

O « comité » londrino abriu a sessão em 15 de Outubro. O representante da França declarou que o direito de beligerância, ainda que limitado, só seria concedido após a saída dos voluntários estranjeiros de Espanha. Lord Plymouth sugeriu, nessa altura, uma retirada parcial e « simbólica » — prelúdio da retirada geral. Em nome da Itália, o Conde Grandi afirmou que o seu país estava disposto a examinar tôdas as propostas razoáveis. Tinha autorização — disse — para acatar uma retirada parcial dos voluntários, em igual número, dos dois campos. Naturalmente, os sovietes reclamaram sem demora para Valencia o direito de comprar armas e munições, opondo-se, no entanto, de forma categórica, à concessão da beligerância a Franco.

— Nunca tal aprovaremos — declarou Maisky — antes que o último soldado italiano e o último soldado alemão hajam abandonado o solo espanhol.

A Itália propôs, em 20 de Outubro, um plano de contrôle reforçado na fronteira franco-espanhola, uma declaração de neutralidade acompanhada pelo reconhecimento de beligerância, uma retirada progressiva dos voluntários fiscalizados por uma comissão internacional. Era um plano simples e razoável, do qual os inglêses e os franceses reconheceram o carácter construtivo, emquanto que os sovietes se muralharam no seu oposi-

cionismo. Uma grande parte da Imprensa inglêsa e francesa reclamou, em semelhante emergência, que a Rússia fôsse afastada, dadas as suas atitudes de elemento constantemente disposto a contrariar os interêsses da Europa. Atravessavam-se os dias em que a vitoriosa campanha das Astúrias viera dar a Franco novos trunfos para alcançar a vitória.

A-pesar-de tudo isto, não é possível dizer que, ao começar o segundo Outono da guerra, as relações de Espanha com a Europa houvessem efectuado progressos claros e sensatos. Morrera o contrôle internacional, organizado em bases falsas e transformado em frete de questões diárias. A Itália e a Alemanha apoiavam, agora, abertamente, a causa dos nacionalistas. A Rússia apoiava os marxistas, e a França escondia, sob um não intervencionismo contrariado e semi-fictício, as suas remessas de armas. Os que reclamavam a concessão dos direitos de beligerância eram os únicos a fazer propostas justas com algum interêsse prático. A França ainda se recusava a ouvir falar do general Franco, com o qual nem sequer tinha oficialmente relações comerciais, emquanto que numerosos países, no decurso dêste primeiro ano de guerra, já o tinham reconhecido como chefe de govêrno, quer *de jure*, quer *de facto*. Tôdas as palavras proferidas em Londres e Genebra nenhum efeito deveriam ter, porque estavam longe da realidade das coisas e da aceitação das vitórias dos nacionalistas espanhóis.

A questão religiosa

Emquanto os governos discutiam, assim, de maneira cortês ou violenta, em assembleias consagradas, as ma-

nobras da propaganda ainda menos claras tornavam os acontecimentos. O ano de 1937 foi o ano em que essa propaganda foi desenvolvida no terreno mais difícil, mas também mais fecundo — o terreno religioso. Na verdade, o mundo viu-se submergido por uma vaga de notícias mais ou menos exactas, acêrca da situação religiosa na Espanha nacionalista, na altura em que as tropas de Franco ocupavam o país vasco, da maneira que já referimos. Tratava-se de responder às revelações que despertaram horror em todo o mundo civilizado. O massacre de milhares de sacerdotes e de alguns bispos constituía obstáculo considerável para a simpatia dos católicos quanto a Valencia. Mas os republicanos de-pressa compreenderam que nem tudo estava perdido, graças à inacreditável atitude do cristianismo político.

Começou-se por dizer que Franco perseguia os pastores protestantes. Mas os pastores protestantes são pouco numerosos em Espanha, e os exemplos que se citavam eram tão pouco demonstrativos que os jornalistas suíços, ao procederem a inquérito sôbre tal assunto, nada apuraram. Declarava-se que, nas Vascongadas, os sacerdotes católicos não-franquistas eram massacrados. Emfim, na Primavera de 1937, determinados « intelectuais » franceses e católicos, entre êles Mauriac e Jacques Maritain, publicaram um manifesto, no qual se dizia: « *A guerra civil espanhola acaba de tomar no país vasco um aspecto particularmente atroz* ». Somos levados a crer que os inúmeros assassínios de Julho de 1936, não se tornavam « particularmente » condenáveis. « *Ontem* — continuavam os autores do manifesto — *foi o bombardeamento de Durango; hoje, é a destruïção quási completa, pelo mesmo sistema, de Guernica, cidade indefesa e santuário das tradições vascas* ». Tal manifesto

chegou fogo à pólvora, ainda que a destruïção de Guernica pela aviação fôsse uma das coisas menos demonstradas em tôda a guerra. Não se hesitou em recorrer a falsificações, e a propaganda marxista fêz espalhar uma circular firmada pelo clero de Guernica e de muitas outras cidades veneráveis contra os abomináveis atentados. Por desgraça, em Agôsto de 1937, um jornal católico belga — *La Libre Belgique* — publicava uma carta do clero da catedral de Vitória « protestando contra as mentiras, as falsificações e as omissões de um documento atribuído pelos vermelhos a sacerdotes vascos ». Esta carta fôra dirigida, em 18 de Junho, a S. E. o Cardeal Gomas, arcebispo de Toledo. Nela se recordavam os crimes dos marxistas, a sua política francamente anti-religiosa, e se declarava haver lido « *com dor e grande surprêsa* » o documento « dirigido a S. Santidade pelos supostos representantes do clero vasco ». No final dizia: « Quanto a certos nomes, após os quais existe a referência « *encarregado da paróquia de...* », está verificado que os referidos sacerdotes estavam ausentes dali, pois viram-se obrigados a esconder-se ou a fugir, por causa dos vexames, dos encarceramentos e dos assassínios aos quais se viam expostos » [1]. O famoso capítulo de Guernica era um capítulo de romance-folhetim.

Os signatários do manifesto nem se moveram. Por seu lado, certos teólogos espanhóis, entre êles o padre Ignacio Menendez-Reigada, publicaram teses das quais se destacava que « *a rebelião armada contra a « Frente Popular » e o seu govêrno, não só era justa e permitida,*

---

[1] Cit. na *Je suis partout* — 3-9-37.

como obrigatória » ([1]). Os bispos de Sevilha, Santiago, Vitória, Burgos, Salamanca, afirmavam-no nas suas pastorais. Dois dominicanos, os padres Carro e Beltran de Heredia, publicaram, em Roma, em 15 de Maio, uma brochura veemente e perspicaz, na qual diziam : « Apresentar uma atitude neutra e imparcial nada mais era do que reconhecer direitos iguais ao assassino criminoso, traidor a Deus e à sua pátria, e ao cidadão leal que, para cumprir os seus deveres religiosos e patrióticos, tudo sacrifica, até a própria vida. Os que assim procedem, esquecem uma verdade elementar: que o pecado e o crime nenhuns direitos têm » ([2]). O padre Menendez-Reigada havia esclarecido que « os nacionalistas vascos, ainda que cristãos, se rebelaram ilegalmente contra o govêrno nacional » ([3]). O padre Constantino Bayle, jesuíta, recordava êste período da carta enviada por Pio XI ao Episcopado mexicano, com data de 28 de Março de 1937: « *É muito natural que se atacam as mais elementares liberdades religiosas e civis, os cidadãos católicos não se resignem passivamente a renunciar a elas* » ([4]). No estranjeiro, começava a notar-se emoção. O arcebispo católico de Westminster descrevia, em Junho de 1937, a Guerra de Espanha, como « *uma batalha* furiosa entre a civilização cristã e a mais bárbara forma de paganismo que jamais escureceu o mundo » ([5]). O arce-

---

([1]) P. Ignacio B. Menendez-Reigada — *La guerra nacional española ante la Moral y el Derecho.*

([2]) Tradução integral na *Je suis partout* — 23/VII/37.

([3]) P. Ignácio G. Menendez-Reigada — *La guerra nacional española ante la Moral y el Derecho.*

([4]) P. Constantino Bayle — S. J. — *Que pasa en España?*

([5]) P. Const. Bayle — Id.

bispo de Paris decidiu-se a pronunciar palavras análogas. Os intelectuais vermelhos-cristãos evidenciavam os seus erros, mas devemos dizer que não concordavam com a cooperação de Paul Claudel, o qual saüdava na causa dos nacionalistas a causa de Deus. A-pesar-de tudo isto, os signatários do manifesto não desarmavam.

Então, em 1 de Julho, surgiu um documento capital, a « carta colectiva dos bispos espanhóis aos dos de todo o mundo, a-propósito da guerra de Espanha ». Os jornais vermelhos-cristãos não puderam ocultá-la. « *Agradecemos à Imprensa Católica estranjeira* — diziam os bispos — *de terem admitido a realidade das nossas declarações e lamentamos que alguns jornais e revistas, que deveriam dar um exemplo de respeito e de submissão à voz dos prelados da Igreja, as tenham combatido ou discutido* ». Quarenta e três bispos e arcebispos e cinco vigários capitulares firmavam o longo documento, que produziu enorme impressão no mundo inteiro. Sabia-se já que a Santa Sé olhava com simpatia o general Franco, e o próprio Pontífice declarara que os sacerdotes espanhóis assassinados eram « mártires » no sentido teológico do têrmo. Pouco tempo após a carta do episcopado, Sua Santidade daria uma prova ainda mais importante da sua benevolência Os países que tinham reconhecido *de jure* a existência do govêrno de Franco, e rompido com Valencia, eram, então, em número de quatro: Guatemala e San Salvador, desde 8 de Dezembro de 1936 ; a Itália e a Alemanha, desde 18 do mesmo mês. Em 28 de Agôsto de 1937, a Santa Sé, que já tinha relações oficiais com os nacionalistas, reconheceu, *de jure*, o seu govêrno e enviou um Núncio para Burgos.

Após êste reconhecimento, o terreno dos católicos da esquerda tornou-se difícil para as obstinações. A sua

resistência tornou-se mais surda e menos organizada. Os artigos de Mauriac testemunharam, no entanto, até o fim, um renitente espírito de rebelião. Foi em 1938 que Georges Bernanos, anarquista cristão, publicou os seus *Grandes cemitérios ao luar*, panfleto anti-nacionalista e anti-episcopal. Um professor vasco, Mendizabal, julgou poder afirmar, em fins de 1938, que os católicos deveriam manter-se neutrais. Logo o órgão oficioso do Vaticano, *Observatore Romano*, declarou que êle lavrava um êrro, e que o direito estava do lado de Franco. Os jornais vermelhos-cristãos de Paris, *Sept*, *L'Aube*, *Temps présent*, foram forçados a inserir estes diferentes desmentidos opostos à sua actividade.

E foi assim que, no meio de erros, por vezes bem intencionados, dos liberais, dos democratas de tôdas as origens, as mais altas autoridades religiosas indicaram qual era o caminho da verdade. A Igreja é, como diz Charles Maurras, « a única Internacional que se mantém ». Por esta razão, ela pode falar às nações, não segundo as regras falsas de uma imparcialidade mentirosa, mas segundo as da justiça e da necessidade. Se as nações democráticas imitassem o Papa e tivessem reconhecido Franco em 1937, teriam certamente trabalhado muito melhor pela causa da paz do que nas inúteis discussões do « comité » londrino.

III

A guerra na retaguarda

Tornava-se natural que o avanço das tropas franquistas, as progressivas dificuldades de organização, o desânimo, as lutas partidárias e o prolongamento da guerra, provocassem incidentes cada vez mais graves na Espanha marxista. Do outro lado, também existiam os problemas da organização, mas a ordem que reinava, a severa autoridade militar, a confiança inspirada pelos êxitos, tornavam-nos de mais fácil solução. Pelo contrário, em Madrid, Valência e Barcelona eclodiam a todos os momentos incidentes dramáticos. Foi especialmente em Barcelona, onde a luta dos anarquistas contra os comunistas assumira grandes proporções, que se deram os acontecimentos de maior vulto. E de tal maneira surgiram, por tal forma se desenvolveram que o facto capital registado em 1937 talvez não fôsse a conquista de Bilbao ou a de Santander, mas as jornadas tumultuosas de Maio, com as quais a Catalunha preparou a sua derrota futura.

Os tumultos de Maio

Para combater a influência soviética, os anarquistas aliaram-se ao partido marxista anti-estalinista denominado P. O. U. M. Deve ter sido esta a origem da sua perda, porque os sovietes não dão quartel a qualquer partido revolucionário impregnado de trotskysmo. Logo que o cônsul russo Antonov Ovsenko reclamou que os membros do P. O. U. M. deixassem de ser admitidos no Govêrno, a C. N. T. anarquista defendeu com violência os seus aliados marxistas não-ortodoxos. A partir de tal emergência, foi alvo do ódio soviético. Daí resulta podermos dizer que, para a F. A. I., o P. O. U. M. foi, não a causa, mas o elemento que suscitou a ocasião da sua perda.

As rebeliões dos anarquistas aumentaram de violência, desde a segunda quinzena de Abril, e Companys viu-se compelido a exortar os insubmissos a portarem-se com serenidade. À cautela, tomou medidas para desarmá-los. Em 17 de Abril, o gabinete foi remodelado. Os anarquistas viram-se excluídos. A tempestade tornou-se inevitável. Compreendendo-o, o cônsul francês reclamou um navio de guerra para evacuar os cidadãos seus compatriotas. A borrasca rebentou nos primeiros dias de Maio, sem que existam, por emquanto, elementos relativos à organização secreta do movimento. É muito provável que os anarquistas pretendessem matar para não serem abatidos pelos seus adversários.

Os marxistas filiados no P. O. U. M. eram numerosos em Barcelona ; os anarquistas continuavam a dispor da maior fôrça. Quanto ao cônsul soviético Ovsenko tornara-se impopular. Censuravam-se àsperamente as

suas constantes intervenções pela « rádio » e nos comícios da sua Imprensa. Existiam, evidentemente, em Barcelona, todos os elementos de uma insurreição espontânea. No entanto, supomos muito provável também que os anarquistas hajam procedido a preparativos para reconquistar a supremacia numa cidade que êles sempre consideraram ser sua capital. Estavam armados. Ocupavam edifícios, alguns dos quais foram transformados em autênticos fortes. Tinham as suas patrulhas de contrôle encarregadas do policiamento partidário. Os seus elementos de choque agrupavam-se no batalhão Rovina.

Segundo as acusações que a polícia comunista formulou, à margem dos interrogatórios e do processo de Junho de 1937, a P. O. U. M. teria, desde Abril, concentrado em Barcelona, « tanks », camiões blindados, metralhadoras e munições — tudo vindo da « frente » para a retaguarda. Os « comités » locais, o « comité » executivo do partido e o jornal *La Batalla* teriam recebido metralhadoras, granadas de mão e até numerosas peças de artelharia. Não obstante a supressão das licenças, foram muitos os milicianos do P. O. U. M. que afluíram à capital catalã para fortificar os centros das suas organizações, com vista a sublevarem-se. Por seu lado, os comunistas aglomerados no P. S. U. C. também haviam tomado medidas preventivas. Especialmente os edifícios do partido e a Casa de Carlos Marx tinham sido fortificados. O quartel Vorochilov, assim como os de Pedrera, no Paseo de Gracia, tornaram-se, igualmente, autênticos fortins comunistas, por ordem dos delegados de Moscovo, que também haviam aconselhado aos seus elementos catalãis que assumissem os cargos principais da Polícia da « Generalidad ». O seu homem

de confiança, Rodriguez Salas, comissário da ordem pública, dispunha de 7:000 guardas de assalto e 4:000 guardas-civis, e descobriu o processo de conseguir, graças a uma assinatura falsificada, que lhe entregassem onze « tanks » destinados à « frente » e que foram cuidadosamente guardados no quartel Vorochilov. Quanto aos serviços da polícia secreta, estavam inteiramente nas mãos dos partidários do comunismo estalinista.

Havia sido organizada uma secção autónoma do ministério do Interior, sob o título de « Grupo de Informacion » Tinha o seu centro na Puerta del Angel. Dispunha de um funcionalismo especial, quási todo composto por estranjeiros. A ninguém prestava contas. A maioria das acções empreendidas para exterminar o P. O. U. M. foram levadas a cabo sem que o govêrno houvesse sido consultado.

As fôrças em presença eram organizadas e, sobretudo, melhor camufladas, do lado estalinista. Os elementos podiam, de resto, aparentar que agiam por ordem do govêrno, em virtude dos serviços oficiais que lhes estavam confiados.

Foi nestas condições que se atingiu o princípio do mês de Maio. Não sabemos claramente quais os incidentes que precipitaram os acontecimentos. De uma maneira geral, tornara-se eminente um golpe de fôrça de qualquer género. No dia 1 de Maio, o govêrno proïbiu tôdas as manifestações em Valência e Barcelona. Num apêlo ao operariado, publicado nessa altura, o P. O. U. M. falava em « putsch » e recomendava aos trabalhadores que não se deixassem arrastar para qualquer golpe de fôrça ou para uma acção improvisada. Depois, os acontecimentos sucederam-se. Em 3 de Maio, pouco depois do meio-dia, numerosos camiões com guardas de assalto,

comandados por Rodriguez Salas, pararam em frente da Central Telefónica, na praça da Catalunha, que era a principal posição estratégica dos anarquistas. Quási todos os seus empregados pertenciam à C. N. T. A central era, simultâneamente, um quartel, um arsenal e um pôsto de comando. A hora fôra bem escolhida: os anarquistas almoçavam. No entanto, havia piquetes de vigilância, que receberam os guardas de assalto com rajadas de metralhadora. Houve um combate rápido, e os guardas lograram ocupar o rés-do-chão, emquanto o resto do edifício continuava em poder dos homens da C. N. T.

Êste conflito foi o sinal para a sublevação. Uma hora mais tarde, apareceram na praça da Catalunha as patrulhas de contrôle da C. N. T., que não tardaram a desencadear um ataque aos guardas de assalto; construíram-se barricadas; deu-se o sinal de alarme nas fábricas; os estabelecimentos fecharam e, às seis horas da tarde, Barcelona voltou a respirar a atmosfera das jornadas de Julho. A noite foi aproveitada, de um e outro lado, para consolidar posições. Os guardas de assalto ocuparam as praças e os cruzamentos de ruas. Por seu lado, os anarquistas fortificaram ràpidamente os sítios onde se encontravam as suas organizações, reforçando, igualmente, as barricadas à volta do pôrto e nos subúrbios. Apenas se ouviu um ou outro tiro isolado. De manhã, nada se passou de molde a impedir que o público se reabastecesse, nos mercados e estabelecimentos. Cêrca das 10 horas, a batalha recomeçou.

O dia 4 foi verdadeiramente o mais importante da luta. Houve as habituais escaramuças, mas bem depressa os combates assumiam a fisionomia particular das

insurreições. Executavam-se diferentes operações com objectivos precisos.

Primeiro, houve certo número de ataques das fôrças da polícia contra os redutos anarquistas. A grande batalha, na praça da Catalunha, para a posse da Telefónica, durou todo o dia. Os guardas de assalto, postados nos telhados dos hoteis Vitória e Colon, e das casas da rua Pelayo, reviveram as suas façanhas de 19 de Julho. Os sítios eram os mesmos, como eram os mesmos os ângulos de tiro. E faziam fogo, como naquele dia, sôbre os seus camaradas de combate contra aquêles que, vestindo os uniformes das milícias, haviam disparado sôbre os que envergavam uniformes do Exército. Obedeciam, sem tal saber, às leis irónicas e implacáveis da confusão revolucionária. Havia fortins improvisados noutros pontos. Na « Rambla », a casa em que se encontrava a séde do P. O. U. M., suportava um autêntico cêrco, Os milicianos do batalhão Rovira, dispersos pelos terraços das casas vizinhas, constituiam as guardas avançadas e vigiavam os flancos e a retaguarda do edifício. O grosso dos sitiantes instalara-se em frente da casa, no interior de um « café ». Também na praça do Teatro, o centro do « comité » local do P. O. U. M. fôra transformado numa fortaleza defendida por « um cinturão de ferro » organizado com trincheiras. Também ali existiam postos de vigilância à volta do edifício, emquanto os guardas faziam fogo, dos telhados, sôbre o interior do improvisado fortim. Noutros locais, os anarquistas não se cingiram à defensiva, e atacaram. Os seus esforços convergiram para dois pontos — o quartel Carlos Marx, no Paseo de Grácia, e a séde da Polícia secreta, na rua Corcega. Eram, de-facto, os dois edifícios mais importantes dos comunistas. Mas os seus

ataques não alcançaram êxito, tal como sucedia com o cêrco dos guardas e dos comunistas às instalações da F. A. I. e do P. O. U. M.

Na periferia, os combates travavam-se, sem vantagens decisivas para qualquer dos lados, entre a estação de França, em poder dos anarquistas, e a « Gobernacion », defendida pela Guarda Civil. Lutava-se igualmente no Parque, onde os milicianos anarquistas atacaram as trincheiras adversárias com auxílio de morteiros, e no quartel Vorochilov. Os subúrbios eram geralmente favoráveis à orientação da F. A. I. e os guardas civis por ali dispersos deixaram-se desarmar, sem resistência, ou uniram-se aos rebeldes.

Ao fim do dia, a situação era a seguinte: Os subúrbios estavam calmos ; no centro de Barcelona, os dois blocos inimigos mantinham as suas posições. Quanto ao govêrno, decidira que falassem ao microfone as figuras que julgou mais convenientes em relação à emergência. Vidiella, da U. G. T. ; Vasquez, da C. N. T., o catalonista Jaume Miracolles, delegado da propaganda, que seria o secretário geral das milícias, e o próprio Companys, todos falaram. Um avião foi a Valência buscar os ministros anarquistas, Garcia Oliver e Federico Montreny. Fizeram promessas pagas e lacrimejantes, aliás sem êxito nenhum. Os anarquistas exigiam a evacuação da parte da Telefónica, em poder dos inimigos. Durante a noite, falou-se de trégua. Os anarquistas exigiam a evacuação do rés-do-chão da Telefónica e a « punição » de Rodriguez Salas. O cônsul russo aconselhou que não dessem ouvidos às fórmulas preconizadas pelos rebelados. Não foi possível chegar ao estabelecimento e a noite decorreu nestas condições.

« De manhã — conta um anarquista francês — as cenas da véspera repetiram-se. As donas de casa foram reabastecer-se e voltaram ràpidamente para os domicílios, emquanto os comerciantes, terminadas as breves transacções, encerraram, de novo, as portas. As ruas, animadas por uns momentos, ficaram outra vez desertas. As pessoas que se mostravam às janelas foram convidadas a meterem-se para dentro, em tom que não admitia réplica. E a luta recomeçou... » [1]. Travaram-se combates nos mesmos pontos. No entanto, a situação evolucionou. Os anarquistas instalaram-se no consulado da Alemanha, lançaram carros blindados contra as fôrças da Polícia e desencadearam ataques contra alguns centros oficiais. No entanto, ao fim da tarde, os homens da F. A. I. viram que a sua posição não era favorável. Perderam, uma após outra, algumas das suas posições mais consideráveis, como a Telefónica, eixo do combate, e a estação de França. Ao mesmo tempo, a « rádio » anunciava que o govêrno valenciano, supondo que o conselho da « Generalidad » se sentia impotente para dominar os acontecimentos, decidira tomar nas suas mãos o restabelecimento da ordem. Três navios de guerra, entre êles o *Jaime I*, e uma brigada de infantaria vinda da « frente » do Jarama, haviam recebido ordem para avançar sôbre Barcelona. Os malogros sofridos durante a jornada e a resolução tomada pelo govêrno marcaram o princípio do fim para os anarquistas. Na noite de 5 de Maio, a revolta da F. A. I. podia considerar-se pràticamente perdida.

---

[1] Marcell Olliver — *Les journées sanglantes de Barcelone.*

Os chefes da C. N. T. tiveram bem a noção do que acontecia e, nessa mesma noite, deram ordem aos seus militantes para abandonar as barricadas. Renunciaram às condições formuladas anteriormente, e pronunciaram-se « a favor da manutenção da ordem ». Foi grande o número de operários que acataram a determinação. Mas os elementos mais avançados do partido anarquista, formando o grupo dos *Amigos de Durruti*, recusaram-se a aceitar a decisão do « comité » central e resolveram continuar a peleja. Por seu lado, elevado número de filiados no P. O. U. M. decidiram juntar-se-lhes. A despeito de tais atitudes, era impossível obter o que quer que fôsse de uma situação de tal forma comprometida. No decurso do dia 6 de Maio, ainda houve combates nalgumas barricadas, mas os últimos redutos dos rebeldes foram ràpidamente aniquilados. No dia 7, às 9 horas da manhã, os últimos combatentes insurrectos abandonaram as trincheiras. Anunciou-se oficialmente ter havido duzentos mortos e quatrocentos feridos. Ninguém acreditou nestas cifras. Segundo refere o jornalista inglês L. A. Fernsworth, a direcção do Hospital Clínico registara a entrada ali de 500 mortos, e uma alta individualidade do govêrno catalão falara em mil cadáveres (1). Outro repórter, N. H. Brailsford, após uma conversação confidencial, falou em novecentos mortos e dois mil e quinhentos feridos (2). Tal teria sido o balanço da última resistência oferecida pela Catalunha aos empreendimentos dos sovietes. Quinze dias mais tarde, os representantes dos sindicatos eram irradiados do govêrno de Valência, e o ministério Largo Caballero

(1) *New Statesman* — 16 de Agôsto de 1937.
(2) Id. — 21 de Maio de 1937.

era substituído pelo ministério Negrin. O primeiro resultado das jornadas de Maio foi a dissolução do P. O. U. M. e a instauração de um processo contra o referido partido.

A princípio, deram-se algumas « desaparições » discretas. As que mais se tornaram notadas foram as do anarquista italiano Berneri e de doze membros das « Juventudes Libertárias », cujos cadáveres foram encontrados, mutilados, quási irreconhecíveis, numa das casas do partido comunista, Le Pedrera, no Paseo de Grácia. Mas a calma voltou a restabelecer-se. Barcelona retomou o aspecto habitual. No mês de Junho, foi possível organizar a feira anual do Livro. Entretanto, havia quem se ocupasse dos vencidos. Em 5 de Junho, o govêrno da « Generalidad » decretou o desarmamento de todos os não-combatentes, e a dissolução das organizações não legais. Os comunistas, senhores da organização da Polícia, empregaram um método mais seguro. Reüniram elementos terríveis contra o P. O. U. M., e os inspectores da polícia do Estado notificaram, em 16 de Junho, aos membros do « Comité » executivo do P. O. U. M. que eram acusados de conspirar contra os poderes constituídos. Nesse mesmo dia, André Nin, chefe do partido, foi prêso. O mesmo sucedeu, na noite de 16 para 17, aos demais membros do « Comité » executivo, além dos militantes mais activos. Interrogaram-nos nas instalações do *Grupo de Informacion,* junto à Puerta del Angel. Depois disto, nunca mais se soube o que sucedeu a André Nin.

Foi, sobretudo, esta desaparição que fêz compreender no estranjeiro o verdadeiro carácter das jornadas de Maio. O govêrno republicano conseguira que a Imprensa marxista do estranjeiro não fizesse demasiado

ruído em tôrno destas « jornadas sangrentas ». Foram apresentadas geralmente como um indispensável acto de repressão contra os anarquistas, que não cessavam de perturbar a ordem e que comprometiam com semelhante atitude a futura vitória republicana. Mas a desaparição de André Nin destruíu esta ficção. Os artigos de Victor Serje, os protestos dos trotskystas, as sindicâncias que o govêrno republicano foi forçado a permitir, revelaram muitas coisas. Eis o que foi possível apurar. O documento revelador da existência de uma conspiração do P. O. U. M. foi um plano de Madrid descoberto em casa de um nacionalista de nome Golfin, e no verso do qual fôra escrito, com tinta simpática, uma mensagem destinada às autoridades do govêrno de Franco. Em tal mensagem, falava-se de um tal N..., activo agente dos nacionalistas no território « vermelho » ! A prisão de Nin e dos dirigentes do P. O. U. M. nunca fôra ordenada pelo govêrno. A Polícia, de sua própria iniciativa, assim o decidira, e assim o fizera. O ministro da Justiça, Irujo, chegou a declarar que Nin nunca esteve prêso em qualquer cadeia governamental, e que desaparecera depois de haver sido conduzido a uma casa particular. Foi possível descobrir sinais da passagem do chefe do P. O. U. M. em muitas dessas « casas particulares »: em Valência, no Paseo de la Castellana ; em Madrid, na « tcheka » da « calle » de Atocha e, depois, na do Pardo ; em Alcalá de Henares, num « chalet » próximo do aeródromo. Era ali que se perdia o seu rasto. Acrescentemos que, após o inquérito ordenado pelo govêrno, o chefe dos serviços de segurança de Barcelona foi destituído. Os polícias acusados de haverem perpetrado o « rapto » foram prêsos, mas postos em liberdade, pouco tempo decorrido. Nos meios anarquistas, correu que um

oficial das brigadas internacionais, o comandante Orloff, tivera um papel importante neste caso.

Os outros elementos do « comité executivo » do P. O. U. M. foram levados para o « Grupo de Informacion », onde os submeteram a interrogatórios prèviamente estudados e planeados, sôbre os quais se encontraram documentos numerosos, após a tomada de Barcelona pelos nacionalistas. Certo número das declarações dos militantes que conseguiram a liberdade, apareceram. em 1937, numa brochura clandestina do P. O. U. M., intitulada « Los antros del terror stalinista ». Nêle se encontram testemunhos que foram publicados em 1939, a seguir à conquista da capital da Catalunha, pelos principais jornais franquistas. Eis um dêles, o de J. H. Tr..., publicado por Katia Laudau, no seu livro *Le Stalinisme en Espagne* (1938):

« Cêrca da meia-noite, levaram-me ao terceiro andar, onde estava a secretaria do chefe, e o interrogatório começou. A encenação era digna do local e do carácter do interrogatório. Eu estava sentado num sofá. A meu lado, Dalman e, do outro, Calero, um dos seus ajudantes, que brincava com um punhal. Em tôrno, havia vários outros polícias que, por vezes me interrogavam em côro. Ao mesmo tempo, por detrás de um biombo, alguém me acusava de haver estado, num automóvel, em frente do palácio da Justiça, no dia do atentado contra Andren, presidente do tribunal. O espectáculo era daqueles capazes de desequilibrarem os nervos mais sólidos. A fadiga, a debilidade, as preguntas, os insultos, o enorme projector eléctrico apontado sôbre o meu rosto, o punhal que me ameaçava, tudo isto exercia influência no meu torturado cérebro. Desejoso de pôr têrmo a semelhante pesadelo, eu balbuciava: « Sim, fui eu.

É verdade, fui eu com Azaña e Companys »! Nem sabia o que dizia. Isto levou-os a compreender que deviam mudar de processos. Dalman levantou-se, dizendo: « Vocês já sabem o que devem fazer... Procedam como de costume ». Descemos. Fizeram-me entrar numa casa de banho. Lançaram um pedaço de sabão na banheira e abriram as torneiras. Eu assistia a tudo, sem compreender quais eram as intenções daqueles homens. Findos os preparativos, o interrogatório recomeçou. Meia hora depois, Calero dirigiu-se aos seus auxiliares: « Que acham vocês? Só nos resta dar-lhe uma molhadela... » Antes que eu compreendesse porque queriam obrigar-me a tomar um banho, achei-me no ar, suspenso, de pés para o tecto. Começou a verdadeira tortura. A cada pregunta, a minha cabeça roçava a água, e mergulharam-me várias vezes, até que ela batesse no fundo da banheira. Recordo-me que os punhos, inchados pela pressão das algemas, me provocavam um sofrimento cruel. Mergulhada a cabeça, tentei resistir, suspendendo a respiração. Consegui isto durante certo número de segundos. Depois, não pude mais. Faltando-me o ar, a água começou a penetrar-me pela bôca, pelas narinas e pelos ouvidos. Perdi o domínio da vontade. Só agia o instinto de conservação.

Não sei quanto tempo sofri esta situação. Quando recuperei os sentidos, estava deitado numa cadeira, a cabeça pendia de um lado e as pernas do outro. Havia expelido grande porção de água. O sabão é um excelente vomitório. Parecia-me que a cabeça girava sôbre os ombros. Sentia-me entontecido, como se houvesse bebido alcool em demasia. No entanto, logo que voltei a mim, o interrogatório continuou.

Em face do malôgro sistemático das preguntas, fui mergulhado outra vez na banheira, emquanto os polícias me insultavam. Também êles haviam perdido o domínio dos nervos. Espancavam-me com a maior brutalidade, a murro e a pontapé, acompanhados de frases grosseiras : « Filho de p... ! Havemos de acabar com vocês todos ! » Ao cabo de não sei quantas horas, levaram-me para outro cárcere. Os polícias despiram-me e atiraram-me para cima de uma enxerga. Levaram-me tôda a roupa. E eu fiquei nu, durante quatro dias. »

É preciso dizer que a Imprensa anti-estalinista teve ensejo de publicar estes documentos dezóito meses antes da Imprensa nacionalista espanhola e francesa. Foi assim, pois, que após os tumultos de Maio os anarquistas mortos ou prêsos (afirma-se que mais de quinze mil foram arremessados para enxovias) deixaram o campo livre aos comunistas estalinistas, os quais passaram a ser os únicos senhores do que restava da Espanha republicana.

A ditadura soviética

Em 15 de Maio, o govêrno de Largo Caballero demitiu-se. Os comunistas, que haviam apoiado aquêle que era designado por « Lenin espanhol », julgaram poder dominar melhor, tendo à frente do govêrno um elemento moderado — Indalécio Prieto. Segundo o seu critério, um chefe de tendência moderadora estaria muito afastado do extremismo revolucionário, do P. O. U. M. e da F. A. I. Com efeito, Indalécio era adversário encarniçado dos extremismos. Queria reorganizar o exército, restabelecer a ordem, mas queria também — e isso

ignoravam-no os marxistas — negociar a paz. Em todo o caso, êle preferiu manter-se numa posição diferente da chefia do govêrno, que foi entregue a um imbecil, Joan Negrin. Aparentemente, a constituïção do govêrno era tranqüilizadora, firme, e falava-se, discretamente, de uma tentativa de mediação da Bélgica. A pasta da Guerra fôra entregue a Indalécio, mas os sovietes fizeram-lhe saber, com a maior brevidade e num tom nada condescendente, que se tratava, sobretudo, de provocar um conflito mundial e que, portanto, nem por hipótese deveria ser encarada a mediação. Daí em diante, coube-lhes governar a Catalunha, e os outros territórios « vermelhos », ocultos sob o rótulo do govêrno Negrin. Logo que não tiveram confiança em Indalécio, irradiaram-no [1]. A ala direita do partido socialista, tendo à sua frente Besteiro, o qual sempre conservara excelentes relações com a Inglaterra, viu-se obrigado a abster-se e a esperar a sua hora. Em Barbastro, foram massacrados os anarquistas e os filiados no P. O. U. M.; em Puigcerda, os milicianos atacavam os guardas de assalto; em Almeria foi afogada em sangue uma insurreição sindicalista. A ditadura dos sovietes tornava-se mais esmagadora de dia para dia.

No entanto, na Catalunha a luta prosseguiu, quer na sombra, quer pùblicamente. Os catalanistas, numerosos em todos os partidos, fôsse qual fôsse a sua etiqueta política, não tinham renunciado à independência do seu território. Queriam que a « Generalidad » estivesse totalmente liberta do domínio de Valência. Os comunistas, que apoiaram os autonomistas, quando estes

---

[1] Cf. os artigos de Jaume Miravitlles na *Flèche* (Fevereiro-Maio de 1939).

serviam os seus planos, eram agora os que mais clamorosamente reclamavam a centralização. O general Pozas exterminou, no princípio de Julho, alguns dos seus dirigentes excessivamente irritados, que haviam acreditado na « desaparição » de André Nin e dos chefes sindicalistas. O « Grupo de Informacion » fazia o resto.

A-pesar-de tudo, as revoltas latentes encontraram aliados, por vezes em sectores onde ninguém diria que existiam. Largo Caballero não aceitara de bom grado o seu afastamento do poder. Em 7 de Agôsto, houve em Valência violentas manifestações contra o govêrno de Negrin, que era acusado de ter objectivos anti-revolucionários. Indalécio via-se particularmente detestado por ter reorganizado o Exército e não haver manifestado nenhum respeito pelos sagrados princípios da indisciplina colectiva. Sabia-se que, no fundo, Largo Caballero não era alheio a estas manifestações « espontâneas ». O « Lenin espanhol », que nenhuma simpatia tinha pelos anarquistas, entendia-se agora com êles, em face do adversário comum. A tomada de Santander, que avolumara as desilusões e os receios, nada mais fizera do que dar motivos para que os mais avançados odiassem o govêrno e o combatessem por todos os meios. As cadeias encheram-se. Eram russos, os elementos que tudo organizavam. Todos os que não estavam classificados de adeptos cegos de Moscovo, fascistas e trotskystas, reaccionários e anarquistas, sofreram os efeitos da sua acção. Lançados para as celas horríveis das prisões denominadas « Tchekas », não voltavam a ser vistos. Sete meses depois, o mesmo sucedeu aos generais e coronéis responsáveis pela perda de Malaga! Como na U. R. S. S., as funções de comando não davam bom resultado para quem as exercia ou exercera.

Mantinham-se certas aparências, para fazer crer às democracias que se tratava verdadeiramente da República espanhola. Em 2 de Outubro, o govêrno de Valência convocou as côrtes. De 470 deputados, compareceram 185. O regulamento parlamentar exigia a presença de um mínimo de duzentos, para que as decisões tivessem validade. O deputado sindicalista Angel Pestana teve de confessar, com certa ingenuïdade, que o regresso ao liberalismo não era mais do que um meio de seduzir o estranjeiro: — « Considero que o regresso dos deputados moderados só poderá provocar no exterior, um reflexo favorável. Mas é preciso não perder de vista que, uma vez obtida a vitória sôbre os rebeldes facciosos, a República não poderá ser o mesmo que em Julho de 1936 ».

A « Pasionaria » não ocultava a sua opinião aos pálidos radicais que se tinham aventurado a comparecer em Valência : — « É preciso velar pela « limpeza » da Câmara, para que ninguém nela possa descobrir o que de mais podre havia no antigo regime ».

Entretanto, o radical Portela Valadares, fantoche desprezível, cuidadosamente refugiado no estranjeiro, de onde mandara a sua adesão a' Franco, em Outubro de 1936, voltava a « ligar-se » a Valência, no meio de um côro de risadas.

De essencial, há a frisar o facto de após o desmoronamento da « frente » Norte, o govêrno se ter transferido de Valência para Barcelona, onde Companys lhe fêz um acolhimento nada agradável. Sob a ditadura estalinista (que os catalanistas puros regeitavam com horror) a Espanha « vermelha » rolava vertiginosamente para a decomposição.

A caminho da unidade nacional

Entretanto, para Franco o verdadeiro problema interno, durante estes seis meses de campanha, era o da unidade nacional, ou da unidade partidária, o que vinha a ser o mesmo. O « Caudillo » pensara em solucioná-lo com o decreto da unificação publicado em 19 de Abril. Estava certo de que, de futuro, se houvesse luta de influência entre espíritos de formação diversa, nunca as divergências entre a « Falange » e os carlistas poderiam tomar o terrível aspecto das lutas fratricidas dos revolucinários. Também nenhuma oposição se estabeleceu entre os chefes militares: Aranda, Solchaga, Davila, Varela, mostraram-se sempre fidelíssimos a Franco. O impetuoso Yagué foi, por vezes, afastado por causa do carácter intempestivo da sua linguagem e das opiniões pouco diplomáticas manifestadas, por vezes, acêrca dos aliados dos nacionalistas. No entanto, tôda a gente sabia estar ali um magnífico soldado, com o qual se podia contar. Queipo de Llano governava em paz as suas terras do Sul. Poucos combates, poucas tropas, mas uma esplêndida organização política e social. Era uma espécie de senhor absoluto. Para se distrair, tinha a « rádio », pela qual insultava Miaja e a democracia. Houve ocasiões em que foi preciso obrigá-lo a manter-se silencioso, a moderar-se. Mas a sua popularidade era enorme, e êle nada mais ambicionava do que o comando militar e civil da província que êle conquistou por forma tam singular. Quanto ao general Mola, chefe do Exército do Norte, morrera, num desastre de aviação, no dia 3 de Junho, em Castel de Peones. Saíra de Vitória, a-pesar-do mau tempo. A tempestade fizera

perder altura ao aparelho e êste foi chocar com um píncaro penedoso. Acidente estúpido e filho do acaso, quiseram fazê-lo passar por provocado pelos vermelhos (disse-se que teria sido colocada uma bomba no avião), privou os nacionalistas de um grande chefe. A Alemanha, a França, a Itália e a Inglaterra enviaram condolências pela sua morte. Por seu lado, o general « vermelho » Pozas enviou um telegrama a António Aguirre, alegrando-se com êle pela desaparição do « inimigo do Evskadi ». Coube a Davila comandar daí em diante, o Exército do Norte. O do Centro foi entregue a Saliquet.

A guerra atingiu o fim do seu primeiro ano. Em 18 de Julho, dia do aniversário da revolução, Franco resumiu o passado, deplorou o desconhecimento das verdadeiras razões da luta manifestado por muitos países estranjeiros, prestou homenagem aos seus aliados, e proclamou que o seu objectivo consistia em estabelecer um Estado justo para todos. Em 6 de Agôsto, sempre atento à manutenção da união nacional, promulgou um decreto sôbre a « Falange » que é uma verdadeira constituïção. « É ela — disse o « Caudillo » — o movimento militante que dirige o novo Estado Espanhol. A ela incumbe a honra de restituir à Espanha o sentido profundo da indestrutível unidade do seu destino e da sua fé, e de retomar, unida, a sua missão católica e imperial. O seu regime será pleno de um sentido profundo da justiça social e da liberdade cristã.

Para atingir estas finalidades, unem-se o ideal tradicionalista, garantia da continuïdade histórica da nação, e o ideal falangista, que forma a base da revolução nacional. Os seus adeptos unem-se, num movimento único. A « Falange » tradicionalista terá a seu cargo a guarda dos valores nacionais, enèrgicamente defendidos

em três guerras civis e definitivamente salvos em 1936 pelo Exército e pelas milícias populares ».

O decreto determinou que os membros da « Falange » tradicionalista são divididos em duas categorias : os militantes e os aderentes. O comando supremo pertence a Franco. O partido tratará de criar e desenvolver uma organização sindical do trabalho e uma organização económica para melhor repartir a produção. « Só ao general Franco cabe nomear o seu sucessor ».

Desta maneira, ao começar o segundo Inverno da guerra, o Estado espanhol obtivera a consolidação para prosseguir na tarefa de reconstrução começada desde os primeiros meses e que, no ano seguinte, já estaria magnìficamente desenvolvida. Em flagrante contraste, o Estado marxista, a-pesar-da sua ditadura feroz, não obstante os esforços dos agentes moscovitas, já tinha dentro dêle o germe que lhe causaria a morte.

IV PARTE

A LIBERTAÇÃO DA ESPANHA

(Outubro 1937 — Março 1939)

I

A marcha para o mar

A partir do momento em que a « frente » Norte desapareceu, a guerra de Espanha tomou, sob o ponto de vista militar, um aspecto diferente. Visto do exterior, o conjunto das operações parecia menos rápido, isto é, durante quinze meses, assistiu-se a uma campanha cujo ritmo compreendeu pausas longas e ataques violentos. A melhor organização dos dois adversários permitiu que a luta tomasse certas semelhanças com a guerra de 1914. A redução das « frentes » permitiu que combatessem efectivos mais numerosos, ao mesmo tempo que o terreno tomava, aos olhos dos observadores, um outro aspecto. A freqüência dos bombardeamentos, a abundância cada vez maior da artelharia, tiraram à guerra de Espanha a feição da guerra de outro tempo. No decurso de quinze meses, só haveria uma « frente », a da Catalunha, atingida, pela primeira vez, em 1938, após uma longa e extenuante batalha no Ebro, e completamente liquidada no princípio de 1939.

As fôrças em presença

Segundo o general Duval, que estudou a fundo o aspecto técnico desta guerra e cujos dois livros assumem uma importância capital, Franco trabalhou com o general Orgaz, após a desaparição da « frente » setentrional, na « transformação das suas grandes unidades em divisões de composição uniforme. Cada uma delas comportaria quatro regimentos de infantaria a três batalhões e dois grupos de artelharia de três batarias, dos quais um de peças de campanha e outro de obuses » ([1]). Em Novembro de 1937, os homens de idades compreendidas entre os 19 e os 29 anos, estavam nas fileiras, num total de 600:000 soldados, comportando 50:000 cada classe. É preciso juntar-lhes os marroquinos e a Legião, o que eleva a 750:000 aquela cifra. Ao lado dessas tropas espanholas, havia cêrca de 40:000 italianos (que acabariam por ser 25:000) e 7:000 alemãis. Os portugueses, cujo número veio a aumentar, eram cêrca de 10:000. A presença dêstes últimos não deixou de ser discreta, e nunca se conheceram os seus verdadeiros efectivos, até Junho de 1939, quando regressaram ao seu país. O conjunto das tropas, independentemente daquelas que guarneciam as « frentes » sem animação, era formado por cinco corpos de Exército, cada um dos quais com três divisões — 1.°, da Navarra (general Solchaga); 2.°, de Aragão (general Moscardó); 3.°, de Castela (general Varela); 4.°, da Galiza (general Aranda); 5.°, Corpo Marroquino (general Yaguë). « A cada Corpo de Exército

---

([1]) General Duval — *Les espagnols et la guerre d'Espagne*.

cabiam três grupos de artelharia pesada (105 e 155 milímetros)». Os italianos tinham duas divisões *(Litorio* e *23 de Março)*, comandadas pelo general Berti. O comando supremo destas fôrças expedicionárias estava entregue ao general Gambara. Fôra criado um serviço de mobilização industrial comandado pelo general Martin-Moreno, com quatro direcções regionais — Sul, Norte, Biscaia e Astúrias.

A aviação, como se sabe, desempenhou um grande papel aparente (mais aparente do que real) nesta guerra. Os nacionalistas não devem ter possuído mais de seiscentos aparelhos, nem os governamentais mais de quatrocentos (aviões de bombardeamento e de caça). Como a Espanha não fabricava material aéreo algum, os aeroplanos eram adquiridos, de um lado, na Alemanha e na Itália; do outro, na Rússia, na Checo-Eslováquia e em França. Os aviadores nacionalistas eram, ao princípio, especialmente italianos e alemãis. Depois, segundo o general Duval, já uma grande parte dêles era de nacionalidade espanhola. « Existem — escreveu êle — dois centros de instrução, um em Sevilha e outro em Marrocos. Os alemãis têm a sua base em Leon... A aviação italiana, a aviação alemã e a aviação espanhola constituem corpos distintos, mas estão reünidos sob as ordens do general espanhol Kindelan, aviador desde há vinte e cinco anos. Kindelan depende directamente de Franco. Não existe qualquer unidade aérea que não esteja ligada directamente ao Exército... As esquadrilhas são formadas por três aparelhos. Duas ou três esquadrilhas constituem um grupo; três ou quatro grupos formam uma esquadra; ao conjunto de seis a oito grupos é dado o nome de brigada. A cada avião são atribuídos dois mecânicos. É de quarenta oficiais, graduados e soldados,

o efectivo de uma esquadrilha. Em Sevilha e Logroño existem oficinas de reparação ». Os aparelhos de bombardeamento eram « Junker's 52 » e « Savoia 73 » equipados com metralhadoras. Os de caça eram « monoplaces » « Fiat 32 », « Heinkel » e « Messerschmitt ». Como se vê, o Exército aéreo formava uma arma autónoma, diferente de tôdas as outras. Digamos ainda que a aviação governamental também estava organizada conforme estes princípios.

A Armada, cujos chefes eram o almirante Juan Cervera, o vice-almirante Moreno e o vice-almirante Manuel de Vierna, não desempenhava papel secundário na guerra. Tinham, agora, os nacionalistas a superioridade naval, ainda que lhes coubesse deplorar, em 6 de Março de 1938, a perda de uma das suas melhores unidades — o *Baleares*. Diz-se que foi um torpedo do « destroyer » *Lepanto* que afundou o navio. Outros pensam ter sido um submarino russo [1]. Em todo o caso, é preciso dizer que o *Baleares*, com as luzes apagadas, manobrava para enquadrar os navios inimigos, quando um torpedo lhe provocou a explosão do paiol das munições. Com desprêzo por tôdas as leis da guerra naval, os sobreviventes foram bombardeados por aviões. Dois barcos britânicos acorreram para salvar os náufragos. Conseguiram recolher 306 marinheiros e 12 oficiais. Uma bomba « vermelha » matou um marinheiro inglês. Foi assim que Franco perdeu um dos seus melhores vasos de guerra.

Quanto à infantaria, parece que se haviam formado cinco exércitos marxistas: os da Catalunha, do Levante, do Centro, da Estremadura e da Andaluzia. Cada um

---

[1] Pierre Héricourt — *Porquoi Franco a Vaincu.*

dêles compreendia dois, três ou quatro corpos de Exército. « Cada um dêsses corpos — escreveu o general Duval — tinha entre duas e quatro divisões, e cada uma destas contava duas ou quatro brigadas. A brigada era mixta, compreendendo quatro batalhões de infantaria com artelharia. Havia um total de 50 divisões e 170 brigadas. Devemos acrescentar a existência de cinco brigadas internacionais ». Todos os observadores foram unânimes em reconhecer a inconsistência de tais quadros. Cumpre, no entanto, frisar o esfôrço do coronel Cordon, que tentou operar no Exército republicano o trabalho que o general Orgaz realizou nas fileiras nacionalistas. Conseguiu fazer uma organização relativa, e o mesmo podemos dizer do general Miaja, cujo talento militar é incontestável, e do general Rojo, chefe do Estado-Maior. Ainda que Miaja haja aderido ao partido comunista (e não devemos esquecer que o comunismo, inimigo dos anarquistas, era considerado o *partido da ordem*), as suas simpatias não convergiam para a ditadura estalinista, como viria a demonstrá-lo a sua acção em Março de 1939. Com Rojo, sucedia o mesmo. Eram dois oficiais algo tímidos quanto a questões políticas, tal como ocorre com muitos outros. *Legalistas* acima de tudo, tentaram jogar uma pratida antecipadamente perdida. As ideas nacionalistas de Rojo eram bem conhecidas antes da guerra, e todos prestavam homenagem aos seus conhecimentos militares. Se colocarmos de parte estas figuras, nada teremos a registar digno de atenção, porque as divisões anarquistas ou anarquizantes chefiadas por « El Campesino » só tinham a caracterizá-las o pitoresco e o valor brutal dos bandidos armados. A divisão Lister continuava a ser uma tropa de choque vigorosa. Também ainda constituiam uma fôrça sólida os restos das

brigadas internacionais, tão duramente dizimadas em Brunete. No entanto, muitos dos seus elementos, já desanimados, haviam saído de Espanha e regressado aos seus países. Pelo menos, assim fizeram aquêles que o conseguiram, porque o deputado comunista « francês » Marty, antigo oficial-maquinista da Armada, condenado, em 1918, por traição à sua pátria, fôra nomeado « inspector geral das brigadas internacionais », e há testemunhas numerosas de que êle perseguiu severamente os refractários, sendo responsável pela morte de muitos dêsses homens (especialmente do comandante Delesalle). Na Câmara francesa, em Março de 1939, foi tornado público o caso de um antigo aluno da Escola Militar Central francesa, de nome Firminhiac, pertencente às referidas brigadas internacionais. Seus pais haviam-no chamado a França, sob o pretexto de que a mãi estava gravemente enferma. Firminhiac foi vê-los e regressou a Espanha. Porém, Marty soube que a mãi do voluntário não estivera doente, e isso constituíu razão bastante para que o mandasse fuzilar. Poderíamos citar outros crimes, que tiveram por teatro o campo de manobras de Albacete.

Entretanto, estabilizada a « frente » na maior parte da sua extensão, só algumas escaramuças se registaram. A despeito de uma certa actividade local persistente na Estremadura, as tropas do Sul não tiveram ensejo de intervir. Quanto às do Centro, permaneciam sòlidamente instaladas em frente de Madrid. Na Cidade Universitária, só os aviões, os morteiros de trincheira e as espingardas rompiam, de quando em quando, a relativa calma dominante. Ali, a organização apresentava um aspecto que merece a nossa atenção, visto ter sido

naquele ponto que melhor se conheceu, em Espanha, a guerra de trincheiras.

A Cidade Universitária madrilena está pouco afastada da capital. Os soldados de Franco encontravam-se entrincheirados às portas de Madrid, numa espécie de « bôlsa » assediada e constantemente minada, cuja única ligação com a retaguarda era proporcionada por uma zona da Casa del Campo, e por uma ponte de madeira construída sôbre o Manzanares, exposta ao fogo das metralhadoras. Era aquêle o terreno que as tropas de Franco ocupavam, onde viviam e onde mostravam com justificado orgulho as surpreendentes realizações por elas empreendidas e levadas a cabo.

Logo que se transpunha a ponte, atingia-se um acampamento que, na verdade, apresentava certo aspecto de colónia de férias. O tenente-coronel dispunha de uma casita côr-de-rosa, reconstruída entre o arvoredo. Chamava-se « Villa Isabelita » e reinava nela o confôrto. Tinha cozinha e casa de banho. Quanto aos soldados, logo que chegou o verão de 1938, foi-lhes aberta uma piscina suficientemente vasta para que pudessem esquecer alegremente os rigores da canícula.

As trincheiras despertavam curiosidade. Estavam limpas e enfeitadas da maneira mais bizarra. Dos palacetes situados na vizinhança vieram os mais diferentes materiais, por vezes luxuosos. O mármore, os mosaicos e os tijolos mesclavam-se, em certos pontos, numa singular amálgama. Na Cidade Universitária pròpriamente dita, poucos edifícios, ou antes, poucos montes de ruínas pertenciam aos nacionalistas. Visitámos os escombros da Casa de Velasquez, que foi uma casa francesa; estivemos nas ruínas imponentes do enorme hospital-clínico, que era um dos melhores da Europa. A Escola de Ar-

quitectura era a que se apresentava em melhores condições. Ali se reüniam os oficiais de serviço ; ali existiam, protegidas por blindagens, algumas casernas de sargentos e soldados, e o hospital, um dos locais mais extraordinários que vimos em Espanha. No recanto mais abrigado do edifício, haviam sido instalados serviços cirúrgicos modernos. Para aquêle ponto eram conduzidos os feridos, que logo recebiam tratamento. A cinqüenta metros, estava o inimigo. Havia constantemente tiroteio. Não longe, via-se a cratera provocada pela explosão de uma mina, devido à qual pereceram trinta mouros. Por tôda a parte, de resto, existiam minas prontas a explodir. Trincheiras havia onde só era colocada uma sentinela, por se aguardar que fôssem pelos ares de um momento para o outro. Entretanto, no hospital tudo funcionava com perfeição, o que permitiu salvar todos os dias feridos cujo transporte era impossível. Cuidavam dêles médicos dedicados e mulheres que desempenhavam corajosamente o seu papel de enfermeiras a cem passos das linhas do adversário.

E foi assim que esta « frente » *calma* se tornou um dos sítios onde melhor se podia compreender claramente, em 1938, a fôrça da organização apoiada no entusiasmo e da doutrina que formavam o carácter essencial da Espanha nacionalista.

A batalha de Teruel

No fim de Outubro de 1937, ocupados todos os pontos importantes das Astúrias, só restava dominar certos focos isolados de resistência, e pacificar o território. Êsse trabalho levou muitas semanas, mas a ver-

dade é que as tropas do general Solchaga puderam ser transferidas para outra zona. Passou-se um mês antes que Franco empreendesse qualquer acção de envergadura. No seu Estado-Maior, havia hesitações, quanto a retomar a marcha sôbre Madrid, que dera, no Outono e na Primavera antecedentes, resultados pouco animadores. Predominava a opinião de que a Catalunha constituía o último reduto da resistência republicana, e que seria inútil atacá-la imediatamente. O relêvo montanhoso do terreno impedia que a província fôsse ràpidamente separada da fronteira francesa, e as tropas nacionalistas, num avanço em cunha, correriam o risco de ser atacadas simultâneamente por Norte, Sul e Oeste, pelas fôrças de Madrid, Valência e Barcelona. A « frente » estava a duzentos e cinqüenta quilómetros da capital catalã e as vias de acesso eram difíceis. Isto não quere dizer que a posse do litoral e a faculdade de impedir a chegada de reabastecimentos idos da França não fôssem objectivos tentadores. Assim o entenderam, por fim, o general Franco e o coronel Vigon. Ambos elaboraram um plano da marcha para o Mediterrâneo, a empreender por três corpos de Exército — os da Navarra, da Galiza e de Castela — e pelas tropas marroquinas, que foram concentradas nos arredores de Pamplona. Com efeito, daquela região os contingentes poderiam, segundo as conveniências, marchar para Saragoça ou para Madrid. Parece que, tendo sempre por objectivo principal a Catalunha, Franco quis, então, impedir qualquer esfôrço inimigo sôbre a sua retaguarda. Para isso, tencionava, primeiro, retomar a malograda ofensiva de Guadalajara, de maneira a tornar inúteis todos os esforços do adversário para uma contra-ofensiva. A manobra — segundo se diz — poderia ser iniciada entre 15 e 16 de Dezem-

bro, e as tropas foram concentradas, para isso, a Nordeste de Madrid.

A espionagem dos governamentais conseguiu ter conhecimento dos projectos de Franco. Urgia desviar o golpe. Para isso, não existia melhor sector que a saliência de Teruel, ponto perigoso para os « vermelhos », visto ameaçar as comunicações entre Barcelona e Valência. De resto, parecia que aquela protuberância seria fàcilmente eliminada. O general Rojo reforçou ràpidamente as suas tropas com divisões anarquistas e brigadas internacionais. Colocou uma divisão ao Norte e outra ao Sul, para lançar um ataque convergente. A acção começou na noite de 14 para 15 de Dezembro. Teruel contava um número reduzido de defensores. Tratava-se mais de isolar a cidade do que tomá-la por ataque frontal. A estrada de Calatayud foi cortada. Na tarde de 15, as fôrças do Norte fizeram a sua junção com as do Sul. Ao anoitecer, no próprio momento em que Franco deveria desencadear o seu ataque sôbre Guadalajara, Teruel ficou isolada do território nacionalista. Então, o « Caudillo », a despeito das opiniões contrárias de alguns dos seus auxiliares, resolveu renunciar ao projecto e dar combate ao adversário no mesmo ponto em que êle o desafiava. O seu objectivo imediato era libertar Teruel. Sabendo que os republicanos haviam suspendido a ofensiva, resolveu obrigá-los a recuar. Mandou para a « frente » duas divisões da Galiza comandadas por Aranda, e o Corpo de Exército de Castela, comandado por Varela. Seguiram-nos as tropas marroquinas e a artelharia. A direcção das operações foi entregue ao general Davila, assistido pelo coronel Vigon.

Fazia um frio intenso. O termómetro marcava dezoito graus negativos. Caía neve e corria uma ventania atroz. Varela e Aranda receberam ordens para ocupar a Muela de Teruel, ao Sul da Cidade, posição colinosa que constituía a chave da resistência dos « vermelhos ». Pelo Norte, os soldados da Galiza atacaram as alturas de Santa Bárbara. Sabia-se que Teruel continuava a ser enèrgicamente defendida, e que os republicanos só haviam conseguido ocupar os bairros da periferia. Os soldados nacionalistas da guarnição estavam fortificados no seminário, no hospital, no Banco de Espanha e no Govêrno Civil, sob o comando do coronel Roy. Pela T. S. F., êste comunicava com Davila, informando-o, durante os primeiros dias — a despeito da violência dos bombardeamentos, da falta de víveres e de água — que se agüentaria. Em 30 de Dezembro, a Muela de Teruel foi ocupada pelas tropas de Aranda, mas, ao Norte, os soldados franquistas pouco conseguiram aproximar-se dos seus objectivos e tiveram de se manter nos montes Celados. A neve não deixava de caír, e o frio era cada vez maior. Em 3 de Janeiro de 1938, o comandante dos sitiados comunicou : « Apressai-vos. Já nada temos para os feridos, nem sôro anti-gangrenoso nem sôro anti-tetânico ».

Numa « frente » de doze quilómetros em semi-círculo, dez divisões nacionalistas batiam-se contra doze divisões governamentais. Varela conseguiu o mais profundo avanço na direcção da Muela, mas as condições atmosféricas obrigaram-no a parar, tal como sucedera a Aranda. A situação dos sitiados tornou-se precária. A-pesar-da pressão das fôrças de Franco, os republicanos iam ocupando os bairros, casa por casa. Sùbitamente, em 7 de Janeiro, ao cabo de vinte e quatro dias

de resistência, soube-se, com espanto, que o coronel Roy se rendera. Em tôda a Espanha nacionalista houve unânime sentimento de indignação. Dizia-se que se tratava de uma traição preparada antecipadamente (o que é inverosímil). Os mais indulgentes diziam que o comandante tinha a seu lado a mulher e a filha, o que lhe abalara o moral. É preciso, no entanto, lembrar as condições atrozes em que o assédio era suportado, o frio e a fome. Uma parte dos soldados conseguiu romper por entre os « vermelhos » e atingir o território nacionalista. E a cidade caíu em poder dos republicanos, devido à inesperada capitulação, a única desta guerra.

A actividade franquista foi retomada como conseqüência imediata do sucedido. Aranda logrou saír dos montes Celados, ao Norte, e dominar todo o vale do Alfambra, ainda que já não tivesse motivo para se apressar, dada a rendição de Teruel e o desejo de Franco relativo a conduzir minuciosamente a ofensiva. Empreendeu-se uma manobra de maior envergadura, pela qual a cidade ficaria cercada. Em 19 de Janeiro, com uma forte preparação de artelharia, as linhas de alturas passaram para a posse dos nacionalistas. As tropas de Yaguë defendiam a retaguarda, numa linha de « frente » bastante extensa, o que os republicanos aproveitaram para lançar sôbre elas um contra-ataque. O coronel Vigon decidiu assegurar, primeiramente, a facilidade das comunicações, envolvendo, simultâneamente, o inimigo, pelo Norte e pelo Sul. Yaguë marcharia para o Sul ; Aranda para o Norte. A ligação seria feita no vale do Alfambra. Como os republicanos estavam fraccionados em grupos pequenos, êste ataque em massa deveria desconcertá-los. De-facto, entre 5 e 7 de Fevereiro, Alfambra foi ocupado por contingentes naciona-

listas. Conquistadas as alturas, os republicanos viram-se encerrados numa « bôlsa ». Só lhes restava renderem-se. Franco voltou-se, então, para Teruel. Aranda atacou-a pelo Norte ; Varela agiu, ao mesmo tempo, por Norte e Sul. Em 22, sôbre a cidade tremulou de novo a bandeira vermelho-ouro. A batalha durara setenta dias. Os marxistas perderam vinte mil homens e tiveram mais de 18:000 feridos, e foram milhares os soldados republicanos feitos prisioneiros. Os nacionalistas possuíam, agora, o rio Alfambra, numa extensão de cinqüenta quilómetros, e dominavam a estrada de Alcaniz. Os republicanos, justo é dizê-lo, defendiam-se heròicamente, entrincheirados no cemitério e, a seguir, na parte alta da cidade. Mas colhidos entre as duas extremidades de uma torquez de aço e fogo não puderam resistir por muito tempo. A vitória não podia demorar em caber ao Exército de Franco.

A importância moral desta batalha foi considerável, pois os dois adversários atribuíram à posse e à perda da cidade um relêvo enorme. O efeito da surprêsa do ataque governamental provara duas coisas : primeira que os nacionalistas tinham demasiadamente a tendência para desdenhar os adversários e não desconfiar dêles ; segunda, que os « vermelhos » não estavam organizados para explorar os resultados da surprêsa, e que o Estado-Maior de Franco era superior ao dos republicanos. No entanto, a batalha também teve outra conseqüência. Desviada a sua atenção de Madrid, Franco ficou inteiramente convencido de que se tornava necessário exercer directamente o seu esfôrço no sentido da Catalunha. Teruel e o Alfambra permitiram-lhe rectificar a « frente ». Seria dali que se empreenderia a marcha para o Mediterrâneo, na Primavera de 1938.

A marcha para o mar

Não se tratava, evidentemente, de atacar Barcelona. A configuração do terreno obrigava as tropas a só tentar a sua ofensiva partindo do Sul. Mas seria já obter uma vantagem considerável separar a Catalunha da província de Valência e impedir, assim, o reabastecimento de Madrid por Barcelona. O general Davila, auxiliado pelos italianos, deveria, primeiramente, consoante o plano de Franco, atacar Caspe e Alcaniz. Em seguida, o êxito seria explorado, com um avanço para o Segre e para o Ebro. Calculava-se que quinze divisões nacionalistas, apoiadas por uma artelharia poderosa, íam atacar seis divisões republicanas de efectivos reduzidos.

A operação começou em 9 de Março. Na noite de 11, os marroquinos apoderaram-se de Belchite. Em tôda a « frente » a progressão dos soldados franquistas era contínua. Apenas o Corpo de Exército da Galiza deparava com uma resistência tenaz. Em 14, uma coluna motorizada italiana alcançou Alcaniz. Em 15 estavam obtidos quási todos os objectivos previstos para a primeira fase da ofensiva. Franco conseguiu, por isso, lançar um novo ataque, que se estenderia do Ebro aos Pirinéus. Ao Sul, Garcia Vallino ocupou Caspe. Os italianos, após um avanço rápido, estavam prestes a transpor o Guadalupe. Os republicanos concentraram na sua frente as brigadas Lister e Campesino, logo obrigadas a bater em retirada para muito longe pelo general Berti, comandante das fôrças italianas.

Por seu lado, em 22 de Março, Moscardó e Solchaga romperam a « frente » em muitos pontos. Huesca ficou

quási totalmente liberta da pressão « vermelha ». Em 23, Yaguë transpôs um sector do Ebro onde os republicanos dispunham de redutos. Estabeleceu, para isso, durante a noite e de surprêsa, uma ponte de barcas, o que lhe permitiu atravessar ràpidamente o rio. Os italianos, que tiveram certamente nesta parte da campanha a sua melhor actuação, avançaram contìnuamente em tôdas as zonas da « frente » que lhes confiaram. O general Berti pensava em atingir a estrada de Gandesa a Tortosa com certa rapidez, mas Davila ordenou a Garcia Vallino que não ultrapassasse o Ebro, por temer que êle viesse a ficar isolado. Com isto não conseguiu, porém, que a tentativa sôbre Tortosa fôsse abandonada pelos italianos.

Atacados pelo Sul, os republicanos desguarneceram a « frente » Norte. Deram provas de que não haviam previsto um empreendimento de semelhante envergadura. Nos pontos onde apenas tinham uma ligeira cortina de tropas, a progressão dos atacantes foi muito rápida. No princípio de Abril, o Segre foi transposto. No dia 2 daquele mês, os marroquinos alcançaram Lérida e ocuparam imediatamente parte da cidade. Todavia, no extremo Norte, o avanço tornava-se mais difícil, não tanto por causa da resistência como pelas condições do terreno. Coube aos navarrenses do general Solchaga a missão mais dura. Tinham de contornar as montanhas, criando « bôlsas » em que os milicianos ficavam encerrados. Não havia, verdadeiramente, batalha, mas sim marcha que as circunstâncias, o terreno e o tempo tornavam muito lenta. Pouco a pouco, as fôrças republicanas renderam-se, ou passaram a fronteira, indo depois para Barcelona, através do território da França, com evidente desprêzo pela não-intervenção. Barbastro fôra con-

quistada no fim do mês de Março. Em Abril, Solchaga avançou para as importantes centrais eléctricas de Tremp, San Lorenzo e Camaraza, que alimentam de energia e luz eléctrica grande parte da Catalunha, e Balaguer, chave da resistência nos sectores do norte. Tremp ficou em poder dos nacionalistas, no dia 7 de Abril. Cada vez que alcançavam um ponto importante, os navarrenses subiam para o Norte, pelos vales, cortavam a retirada aos milicianos e criavam, assim, novas « bôlsas ». Em 10 de Abril, a fronteira francesa foi atingida, em Pont du Roi. Em Junho, esta batalha estava terminada, graças à série de manobras hábeis e pouco mortíferas.

O Sul, pela fôrça das coisas, era mais custoso de alcançar. O general Berti, que não afastara a sua atenção de Tortosa, decidiu-se a lançar ao ataque as suas divisões, em 3 de Abril. Deparou com sérias resistências, o que levou o general Davila a renunciar à tomada da cidade, cujo interêsse estratégico não era, de resto, merecedor de grandes sacrifícios. Tratava-se, sobretudo, de atingir o mar, fôsse onde fôsse. Ordenou às tropas italianas que vigiassem o Ebro, emquanto as da Galiza avançariam até o Mediterrâneo. A ligação entre ambas seria mantida pelas fôrças de Garcia Vallino. Em 15 de Abril, os soldados de Aranda entraram em Vinaroz e pisaram as areias do Mar Latino. Em 18, os italianos chegaram em frente de Tortosa, ocupando a periferia. A margem direita do Ebro ficou totalmente em poder dos nacionalistas. E a Espanha marxista ficou fraccionada em dois blocos.

Assim findou esta primeira batalha do Ebro, iniciada logo após Teruel, e que deu a Franco, de 9 de Março a 18 de Abril, vantagens enormes. Menos rápida que a marcha sôbre Santander, não produziu, porém,

impressão menor. Foi certamente a emprêsa militar mais interessante da guerra de Espanha. Isto, porque houve grande resistência, e perdas importantes dos dois lados. Os italianos desempenharam um papel importante nos ataques e sofreram perdas grandes (cêrca de três mil homens). Desde essa altura, tornava-se evidente para os observadores mais obtusos que a luta só poderia terminar pela vitória de Franco.

A marcha sôbre Valência

Fôra tão profunda, de-facto, a impressão causada por esta série de vitórias, pelo fraccionamento da Espanha republicana e pela rapidez do avanço ao Sul do Ebro, que se acreditou numa decisão rápida. Pensava-se, em especial, que Valência não suportaria por muito tempo a progressão nacionalista e que, uma vez aquela cidade conquistada, a situação de Madrid seria de tal maneira insuportável que a capital teria de se render.

Urgia, porém, alargar a facha de terreno ocupada durante a marcha para o Mediterrâneo, e impedir qualquer tentativa de ataque na região de Teruel. As tropas de Aranda, as de Varela e as de Garcia Vallino receberam ordens para efectuar estas operações, tendo por objectivo a posse de Castelon de la Plana. Em 22 de Abril, Varela rompeu de novo a « frente » e instalou as suas fôrças de frente para Sudeste. No fim do mês, as tropas haviam ocupado certo número de aldeias, conquistado linhas de alturas, e estavam em boas posições para ataques de maior fôlego. A dificuldade consistia nas condições do terreno — trinta quilómetros de serranias sem comunicações. A única planície, ainda que

exígua, estava nas proximidades de Castelon de la Plana. Nas montanhas, cuja altura, ali, não vai além de 1:000 metros, não admirava que as operações fôssem lentas, e que se procedesse, como fêz Solchaga nos Pirinéus, utilizando os vales e criando as famosas « bôlsas ».

Foi precisamente êsse o sistema utilizado por Varela e Aranda nos primeiros dias de Maio. Ao cabo de um mês, conquistando aldeia por aldeia, os nacionalistas haviam progredido três dezenas de quilómetros, o que parecerá pouco, se compararmos tal resultado com o rápido avanço obtido na marcha para o Mediterrâneo. Há, porém, que recordar êste facto importante : o terreno oferecia, por assim dizer, uma resistência maior que a dos milicianos. Bruscamente, nos primeiros dias de Junho, Aranda avançou com maior celeridade. No dia 12, tomou Oropesa e, em 13, os soldados de Franco ficaram senhores de Castellon de la Plana. As tropas de Garcia Vallino marcharam para estabelecer o contacto, emquanto Varela também progredia. Valência estava, agora, a 65 quilómetros das avançadas nacionalistas, cujas colunas ocupavam cem quilómetros do litoral. A Catalunha estava completa e definitivamente isolada. Supunha-se que, dentro em pouco, a bandeira vermelho-ouro flutuaria sôbre o casario de Valência.

Todavia, tornava-se difícil atingir o burgo valenciano pelo litoral, onde não existe linha férrea e onde Aranda era reabastecido a custo. Era necessário tomar a via de Teruel a Sagunto, assegurar as comunicações e dispor de uma larga zona para agir. Varela atacou os republicanos, no princípio de Julho, ao Sul e a Norte de Teruel. Avançou para Sagunto, numa progressão paralela à via férrea, de maneira a dominá-la numa extensão tão larga quanto possível. Ao mesmo

tempo, Aranda conseguia chegar a uns vinte quilómetros de Sagunto, ocupando as povoações de Burriana e Nules, quási inteiramente reduzidas a escombros pelos marxistas, quando estes bateram em retirada. Em Nules, a igreja estava repleta de explosivos, transformada numa espécie de bomba gigantesca. Aranda e Varela viam-se separados por uma « bôlsa » montanhosa, mas esperavam poder reduzi-la com facilidade. No entanto, foi precisamente nessa altura que a ofensiva sofreu uma suspensão brusca, pois os republicanos, fiéis à sua táctica, atacaram, de novo, no Ebro, em 24 de Julho. Surpreendido, tal como já sucedera em Brunete e Teruel, Franco susteve a progressão. Durante bastante tempo, a batalha fixar-se-ia, outra vez, no rio. De momento, impunha-se abandonar a idea de tomar Valência.

A surprêsa de novo beneficiara os republicanos.

Lições técnicas da guerra

Foi das mais importantes a lição que, assim, os dois partidos receberam, nesse mês de Julho de 1938, têrmo de uma das fases da luta. Fácil se torna verificar que os nacionalistas sempre mantiveram as vantagens, e mais fácil é ver, numa carta ainda que elementar, a continuïdade dos seus avanços. É conhecido que a defensiva constitue uma técnica insuficiente, quando se reduz a ser defensiva pura. As faltas cometidas pelo Estado-Maior, as insuficiências dos comandos subalternos e a ausência de disciplina são elementos bastantes para explicar os malogros dos marxistas, mas é preciso notar que estes quási sempre se *defenderam*, que quási nunca tiveram a iniciativa dos combates e que,

em suma, perderam constantemente terreno. De resto, só conseguiram *defender-se* verdadeiramente com a *contra-ofensiva*. Em Brunete, em Teruel, em Belchite e no Ebro, foi por meio de uma brusca diversão que êles obrigaram Franco a renunciar aos seus planos de ataque sôbre Madrid e sôbre Valência. Só a contra-ofensiva lhes deu, pois, uma vantagem momentânea.

Franco também recebeu uma lição: por mais minuciosamente que fôssem preparados os seus planos, parece que êle negligenciou muitas vezes a previsão das contra-ofensivas e das diversões. Há a impressão de que o « Caudillo » não atribuíu grande importância às possibilidades de manobra do seu adversário, e que, em conseqüência, foi forçado a aceitar combate em terreno que não escolhera. Em compensação, a superioridade evidente do seu Exército permitiu-lhe retomar com rapidez o ascendente. Os republicanos puderam aprender que a surprêsa, a astúcia ou a habilidade do Estado-Maior não bastavam para fazer frente à situação, desde que o Exército não tinha quadros e os soldados não eram disciplinados. Negligência do adversário por um lado, negligência das leis da guerra por outro, tais foram as duas lições da guerra no primeiro semestre de 1938. O primeiro êrro, ainda que importante, foi remediado muito melhor que o segundo.

Quanto aos armamentos, os críticos militares discutem entre êles os ensinamentos fornecidos pela guerra espanhola. A vulnerabilidade dos novos engenhos ficou evidenciada, por vezes devido a processos primitivos, como as « ratoeiras » e o arremesso de garrafas de gasolina ou de cobertores embebidos neste carburante contra os carros blindados e os « tanks ». O aperfeiçoamento dos carros teve o efeito de provocar o aperfei-

çoamento dos canhões destinados a combatê-los. Os «tanks» maiores revelaram-se pouco manejáveis e muito sensíveis ao fogo dos morteiros. A aviação, cujo papel teve características espectaculares, nada mais fêz do que auxiliar os progressos da infantaria. O sistema de ataque denominado «cadena», que consiste no vôo de uma dezena de aviões, cada um dos quais «pica», de súbito e, passando perto do solo, dispara rajadas de metralhadora sôbre o inimigo, tem grande importância moral, visto submeter a rudes provas os nervos dos soldados. Mas tal sistema só assume todo o seu valor, num exército com certa escassês de artelharia. Contra os aviões, há a assinalar a eficácia do canhão anti-aéreo Œrlikon, de 20 milímetros (de fabrico suíço), o qual, segundo o general Armengaud, envia uma granada a dois mil metros de altura. Regista-se, também, o êxito do misterioso canhão anti-aéreo empregado pelos alemãis. No critério de certos críticos militares, a defesa anti-aérea abateu cinco aparelhos por cada um dos derrubados pelos aviadores de caça. É uma proporção enorme, superior à registada em 1918, mas afigura-se-nos exagerada. Os republicanos falaram na proporção: 27 aparelhos abatidos pela aviação de caça por cada 15 derrubados pela artelharia anti-aérea; os nacionalistas falaram respectivamente, em 41 e 10. Como se vê, estas indicações são contraditórias ([1]). Cumpre-nos, porém, reconhecer que todos os técnicos assinalaram os progressos realizados no domínio da defesa anti-aérea. Devemos acrescentar que — coisa curiosa! — dada a velocidade dos aviões (cem metros por segundo) a me-

---

([1]) Roger Labonne, *Les leçons de la guerre d'Espagne*, in *Revue Universelle* (1-2-39).

tralhadora que dispare, por exemplo, cinco tiros por segundo, passou a ser um elemento de caça verdadeiramente medíocre. Contra os aparelhos que vôem baixo, o melhor meio a empregar é o fogo de espingarda individual, em certas condições.

Falou-se, principalmente, da acção aérea na guerra de Espanha, a-propósito do bombardeamento de cidades abertas. Travaram-se polémicas, na Imprensa, a tal respeito, e a propaganda marxista soube tirar proveito delas. Sob o ponto de vista do Direito, as regras do bombardeamento aéreo ficaram estabelecidas, em 1923, na Haia. O artigo 23.º da convenção internacional respeitante à questão, diz : « Semelhante bombardeamento só é legítimo quando dirigido contra os seguintes objectivos : fôrças militares, obras militares, depósitos militares, fábricas constituindo centros importantes, meios empregados no fabrico de munições, ou transportes empregados com fins militares ». Foi com base neste artigo 23.º que se levantaram acusações contra Franco, argüindo-o de bombardear por tôda a parte objectivos civis e de haver provocado, assim, a morte de elevado número de mulheres e crianças.

Convém, antes de mais nada, registar aqui a hipocrisia dos republicanos. Os primeiros bombardeamentos contra cidades abertas, contra Saragoça, em especial, foram levados a cabo por êles próprios. Córdova sofreu 27 ataques dêsse género ; Palma de Maiorca, 25 ; Granada, 24 ; Avila, 14 ; Sevilha, 11, e Valladolid, 9. De 18 de Julho a 26 de Setembro de 1936, os republicanos bombardearam por 57 vezes cidades nacionalistas (1).

---

(1) André Nicolas (10 de Fevereiro de 1939), in *Je suis partout*.

Foi o progresso da defesa anti-aérea e da aviação de caça que lhes restringiu a actividade, e não os sentimentos humanitários. Portanto, de nada têm que se queixar. Em 1938, comunicaram a uma comissão inglêsa quarenta e seis casos de bombardeamentos feitos pelos aviadores de Franco. A comissão, após um trabalho de muitos dias em território republicano, reconheceu e declarou que quarenta e um dos bombardeamentos foram levados a efeito regularmente contra objectivos militares, alguns dêstes duvidosos, e que apenas dois haviam sido nìtidamente dirigidos contra objectivos civis.

Notemos que a vizinhança de edifícios militares e edifícios civis torna, por vezes, difícil fazer distinção entre êles, dada a velocidade com que os aviões têm de agir. Publicou-se a lista dos objectivos militares de Barcelona atingidos — pôrto, fábricas de material de guerra, molhes, quartéis, etc. Isto não impede que consideremos muito deplorável a prática dos bombardeamentos aéreos, salvo em certos casos bem definidos. É um facto que Durango, por exemplo, constituía até certo ponto um objectivo militar, que com razão se procurou alcançar. A Imprensa que ergueu uma campanha a tal propósito procedeu de má fé! Poder-se-á dizer o mesmo em relação aos *portos* de Barcelona e de Valência. Todavia, os bombardeamentos de Madrid, ainda que menos numerosos do que se disse, não tiveram justificações de ordem militar. As probabilidades de atingir um objectivo importante eram muito reduzidas. E a experiência demonstrou que o sistema não desmoraliza uma população; antes serve para exasperá-la e decidi-la a resistir. Foi possível reconhecer isto na guerra de 1914, durante a qual os alemãis bombardearam cidades abertas, e torna-se-nos desagradável registar que êles in-

troduziram o método em Espanha. O resultado prático nenhum foi; o efeito moral foi deplorável. Infelizmente (e os protestos de nada servem) na guerra moderna o sistema será empregado, ao que parece, sejam quais forem os beligerantes.

Em todo o caso, é preciso dizer que a decisão de uma luta de envergadura não poderá ser obtida pela aviação. A lição que a guerra de Espanha proporcionou com maior nitidez foi esta: há uma verdade militar eterna, tal como existe uma verdade psicológica. A aviação foi muito útil aos nacionalistas, na Maiorca; aos republicanos, prestou bons serviços em Guadalajara. Não obstante, tal como nos tempos de Napoleão ou de César, a vitória foi sempre obtida por dois elementos: o valor do Estado-Maior e o valor da infantaria. Esta verdade, que havia certa tendência para esquecer, tornou-se evidente na guerra de Espanha, onde os meios da artelharia foram visìvelmente medíocres. *Eis precisamente o que nos impede de procurar nela as directrizes definidas para uma guerra futura.* Isto não pode deminuir, porém, aquilo que os nacionalistas souberam explorar em seu proveito, e os republicanos não tiveram capacidade para utilizar: a necessidade de um comando e de organização, e o grande papel que ao infante cabe desempenhar.

II

O que era a Espanha em 1938

Foi no decurso do ano de 1938 que as duas Espanhas tomaram, em definitivo, as suas características. Certo número de leis anteriores começaram a produzir efeitos, a par das leis não escritas da necessidade e da natureza das coisas. Seis meses mais tarde, a guerra teria pràticamente desaparecido, e tornar-se-ia preciso fazer preparativos para escrever a história da paz.

A Espanha vermelha

Qual era a situação da Espanha vermelha ? Se dermos atenção às brochuras de propaganda, tudo nos parece que marchava bem. Dir-se-ia uma revolução inteligente preparando as leis novas que deveriam reformar o Estado sem brutalidades. A colectivização das fábricas e outras emprêsas só fôra aplicada àquelas que empregavam mais de cem pessoas. Quanto à situação rural, havia respeito pela pequena propriedade e procedia-se à colectivização das grandes lavouras. Porém, a realidade era diferente. As fábricas nada produziam. Tor-

nava-se problemático encontrar um artigo manufacturado. Os produtos agrícolas atingiam preços fabulosos. De resto, assim o confessaram os próprios marxistas, organizando subscrições no estranjeiro e criando, em todos os grandes armazéns de Paris, serviços especiais para o envio de géneros alimentícios aos espanhóis da zona vermelha. Todos os decretos publicados acêrca dos conselhos de fábrica, da colectivização, etc., são resumíveis neste facto: instaurara-se uma ditadura dos sindicatos. E a ditadura dos sindicatos produziu a miséria. Em muitos pontos não era aceita a moeda fictícia emitida pelo Estado, pela « Generalidad » da Catalunha e pelas municipalidades. Eram papéis aos quais o povo dava o nome de « pijamas »... No estranjeiro, a peseta marxista baixara de um franco para 75 cêntimos. Depois, para 60. Em fins de 1938, só valia 30, e encaminhou-se para a situação em que já nem era cotada. A obra social e económica da República não merece que lhe chamemos malôgro. Foi um zero absoluto. Não vale a pena discuti-la.

A coisa tornou-se de tal maneira inequívoca que os propagandistas preferiram enveredar pelo terreno da « cultura » e da tolerância religiosa. Na Catalunha, criara-se um Conselho de Cultura, desde o princípio da República. Aquêle conselho teve uma preocupação imediata: organizar o ensino do catalão nas escolas, uma Escola Normal catalã, um ensino superior e uma Junta dos Museus. Esta Junta e o Conselho, os quais tiveram como figura preponderante o poeta Ventura Gassol, desempenharam um papel interessante, impondo-se prestar-lhes homenagem. Esforçaram-se por arrancar os objectos de arte à barbaria das multidões. Lutaram com dificuldades, sempre que se tratou de obras

dispersas, mas conseguiram proteger as que já estavam reünidas nos museus ou nas grandes colecções. Assim se tornou possível realizar em Paris uma exposição da Arte Catalã. Juntas análogas haviam sido organizadas nas maiores cidades da Espanha republicana. Os quadros do Prado foram enviados para Valência, e, nos dias da derrocada catalã, passaram, em camiões, para França, a-fim-de serem confiados à guarda da S. D. N. O govêrno republicano julgou dar uma prova de espírito de iniciativa nomeando Picasso conservador dos museus madrilenos. Mas Picasso não se incomodou muito com as telas veneráveis. Foram os arquivistas, os vélhos conservadores e, por vezes, os milicianos, que trabalharam para impedir a destruïção ou a perda dos Greco e dos Goya.

Por outro lado, a revolução marxista, como tôdas as revoluções, ocupou-se do combate ao analfabetismo e da « instrução do povo ». Cumpre observar que o mesmo se passou do lado de Franco. É certo que, a-pesar-de as fábricas não trabalharem e os campos não serem cultivados, os professores ensinavam. A propaganda marxista insistiu em dar relêvo aos esforços feitos para instruir os milicianos. « A escola nas trincheiras » é um tema emocionante. Fôssem quais fôssem os exageros dos propagandistas, a verdade é que, durante o ano de 1938, das tentativas realizadas dimanava qualquer coisa impressionante. « Visitei, na « frente » de Madrid, uma escola instalada a quinhentos metros das trincheiras, na retaguarda de um muro de pedras sôltas, sôbre uma colina — escreveu Antoine de Saint-Exupéry. — Um cabo ensinava botânica. Decompondo com as mãos os frágeis órgãos de uma flor, chamava para junto dêle os homens barbudos que, saindo do lamaçal das linhas,

caminhavam para o seu lado, como peregrinos, a-pesar--das granadas. Uma vez ali, escutavam, sentados no chão, o queixo apoiado nas mãos. Franziam o sobrecenho, cerravam os dentes. Não compreendiam grande coisa da lição, mas alguém lhes dissera: « Sois uns brutos! Sois homens das cavernas. É preciso alcançar o nível da humanidade! » E êles alargavam seus pesados passos, para ver se a atingiam » ([1]).

Pouco mais ou menos na mesma época, os marxistas reconheceram os enormes prejuízos que, no mundo inteiro, lhes resultaram das perseguições religiosas. Buscaram, então, fazer crer que restabeleciam a liberdade dos cultos. A verdade é que só em 8 de Dezembro de 1938 foi criado um Comissariado Geral dos Cultos. É certo, também, que as unidades combatentes de origem vasca, quási tôdas profundamente religiosas, tiveram, por vezes, a seu lado, sacerdotes. Também não oferece dúvidas que se celebrou missa em Barcelona. Foi aberta oficialmente *uma capela*. No entanto, por tôda a parte os sacerdotes eram forçados a oficiar secretamente, dispensados pelo Papa de envergar os paramentos. Melhor: a missa era transmitida, à meia-noite, pela « rádio » nacionalista, e os que a escutavam eram considerados (medida eclesiástica até então nunca adoptada), como se houvessem assistido, de-facto, à cerimónia. No princípio do Outono, foi fotografado o funeral *religioso* de um oficial vasco, em Barcelona. Milhares de reproduções dessas fotografias foram distribuídas pelos serviços da propaganda. O *Temps* publicou um artigo descrevendo êsse entêrro, prova da tolerância

---

([1]) A. de Saint-Exupéry — *Terre des hommes*.

religiosa dos vermelhos. Em Paris, a antiga repartição do turismo espanhol, transformada em central de propaganda, organizou uma exposição religiosa, na qual se viam « fotos » gigantescas do funeral, além dos retratos dos srs. Mauriac, Maritain e Bernanos. Ali se apresentaram igualmente fotografias de homens políticos espanhóis acompanhados de afirmações tolerantes. Até era possível observar a fotografia de um miliciano conversando com um padre. *Infelizmente*, não fôra possível obter uma única declaração firmada por um bispo, um cónego ou um simples pároco. Esta ausência de qualquer texto eclesiástico dizia muito sôbre a situação real do culto na Espanha marxista, destruindo o efeito da exposição.

Com efeito, a situação, à medida que o ano avançava, tornou-se cada vez mais grave. Não que houvesse execuções em massa comparáveis às de Julho de 1936 ou de Maio de 1937. A maioria das execuções eram agora puramente políticas, e permitia-se que vivessem quási tranqüilos os homens e as mulheres cujos sentimentos eram conhecidos, mas que não evidenciavam desenvolver actividade. Por precaução, a maior parte dos crucifixos e dos objectos religiosos haviam desaparecido. Os franceses reünidos em Barcelona, protegidos pela sua bandeira, reüniram centenas dêles nas suas residências. A T. S. F. particular estava proïbida, mas funcionava secretamente. Nas cidades desorganizadas, acabou por predominar uma certa indiferença. Sabemos que chegou a haver discussões muito amigáveis entre « fascistas » e « anti-fascistas » da retaguarda. Os « fascistas » contavam adeptos entre os médicos, telefonistas ou empregados em diferentes ramos de comércio ou indústria. De tempos a tempos, um dêles era fuzilado.

Não era possível fuzilar todos... Tornava-se cada vez mais difícil obter géneros alimentícios. No que se refere a vestuário e calçado, era impossível conseguir o que quer que fôsse. A luz faltava tôdas as noites e, no inverno, não havia carvão. Morreu-se de fome e de frio, em Madrid e Barcelona.

Mas também se morreu na cadeia. Os anarquistas foram os primeiros a contar os horrores das singulares « tchécas » inventadas pelos elementos russos. Quando as tropas de Franco entraram em Barcelona, foi possível fotografar os cárceres. Quási tôda a Imprensa reproduziu a narrativa de Serrano Suñer, ministro do Interior do govêrno nacionalista :

« Na « tchéca » de San Juan, impressiona o facto de depararmos com construções recentes. Vê-se que se procedeu à elaboração de planos e de projectos e que nenhum resto de humanitarismo houve capaz de interromper semelhantes trabalhos inspirados por um instinto criminoso refinado. Há pavilhões divididos em pequenas celas pintadas de côres vivas, com uma pronunciada tendência para a arte do crime. Em vez de encontrarmos um solo normal, vi superfícies cobertas de tijolos dispostos em T. Desta maneira, nenhum recurso restava aos prêsos para se sentarem, e muito menos para se deitarem. Ao lado de um dêstes pavilhões, há um outro, ainda mais impressionante. Entrei num cárcere totalmente pintado de negro. No teto, estava um projector extremamente poderoso. Logo que se penetra ali, sentimos uma alucinação ; tortura-nos a vertigem. Descobrimos, noutro sítio, aquilo a que chamam « túmulos ». Tinham pendentes do teto cordas que serviam para içar pelos pés os supliciados. Imprimiam aos corpos dêsses

mártires um movimento de pêndulo e mergulhavam-lhes as cabeças num recipiente cheio de água. »

O famoso ruído do metrónomo alucinava, de-facto, como os singulares suplícios imaginados por Edgar Poë. Todos os observadores são unânimes em afirmar que estas torturas nenhuma relação têm com os crimes dos anarquistas. Os « Águias da F. A. I. », os « Chacais da Noite » e o « Bando Garcia Atadell » pertenceram à época romântica da revolução. O suplício friamente aplicado só apareceu com o advento ou ditadura dos sovietes e com a chegada dos especialistas da G. P. U. que acompanharam Rosemberg. Foram êles os organizadores do Serviço de Informações Militares (S. T. M.), incumbido de depurar o país de todos os indivíduos « suspeitos ». As « tchécas » eram instrumentos do S. I. M. E « o arquitecto da morte lenta » era um eslavo.

A-pesar-de tudo isto, os homens da « Quinta coluna » conseguiram atravessar essa época e organizar-se. Calcula-se que havia 25:000 falangistas em Madrid, em Janeiro de 1939, segundo a contagem feita nas últimas reüniões « macissas », em grupos de cinco e de seis ([1]). Convém acrescentar, para esclarecer o assunto, que se registou, nos últimos meses, um número tão considerável como singular de conversões ao nacional-sindicalismo, conversões de cuja sinceridade os espanhóis manifestam uma desconfiança evidente. Por seu lado, os anarquistas e os comunistas não abandonavam a sua resistência surda. Nenhum dêstes dois grupos desistira de eliminar a ditadura de inspiração estalinista. Quanto aos socialistas, muitos dêles desejavam a paz.

([1]) Claude Popelin, in *Candide* (5-4-39).

Em Novembro de 1937, a chegada do govêrno valenciano a Barcelona não foi bem acolhida pela população. A transferência violava o espírito do Estatuto da Catalunha, e atraía para a grande cidade as atenções dos elementos de ataque nacionalistas. E de tal maneira isto se fêz sentir no ânimo dos chefes marxistas, que muitos dêstes desistiram de dormir nas suas residências, preferindo passar as noites num ponto qualquer dos campos dos arredores. O povo chamava-lhes « coluna do mêdo ». De uma maneira geral, lutava-se abertamente, entre o govêrno central e o da Catalunha, por muito que ambos proclamassem estar de acôrdo. O ministro do Interior ameaçava mandar matar qualquer pessoa que tentasse passar a fronteira, e reclamava de todos « uma obediência de cadáver ». Suspendeu os jornais anarquistas e ordenou que se vigiasse de perto Largo Caballero, cujas pretensas ligações com o P. O. U. M. eram motivo de censuras.

A perda de Teruel produzira péssima impressão, e pensou-se logo em remodelar o ministério Negrin-Prieto. Alguns desejariam uma composição susceptível de agradar à Inglaterra. Preconizavam o regresso ao poder de Martinez Barrio e Marcelino Domingo. O general Rojo sobraçaria a pasta da Guerra e o católico Osorio y Gallardo tomaria conta dos Negócios Estranjeiros. Outros, concordando com semelhante ponto de vista, tinham de reserva certos pseudo-« falangistas desde a primeira hora », que diziam defender o programa de José António contra Franco. Seriam fantoches aceitáveis para darem uma impressão de união nacional. Em 15 de Março, deram-se graves desordens em Barcelona, logo sufocadas. Pouco tempo antes, o govêrno anunciara a fusão da U. G. T. e da C. N. T. Os anarquis-

tas, ainda poderosos, a despeito das terríveis perseguições, não se deixaram manobrar e torpedearam tôdas as tentativas de união favoráveis aos pontos de vista moscovitas. Reinava a maior confusão. Negrin ofereceu o poder a Besteiro, socialista moderado e anglófilo, o qual respondeu que só o aceitaria para negociar a rendição. Negrin proclamou, nessa altura, o « levantamento em massa », que êle julgava trazer às fileiras cem mil homens.

Em Agôsto de 1938, deu-se outra crise ministerial em Barcelona, o que demonstrou as divergências constantes dos partidos. Havia ainda no gabinete dois políticos moderados : Jaime Ayguadé, da Esquerda Catalã, e o nacionalista vasco Irujo. O catalão foi substituído por um comunista do P. S. U. C., e o vasco por um socialista. E desta forma se buscou consolidar a aparência do marxismo ortodoxo do gabinete. Já se falava, porém, num govêrno moderado. Pensava-se novamente em Besteiro, então retirado da vida política. Os russos opuseram-se a tais planos, e conseguiram a suspensão da *Vanguardia,* jornal que os avolumava e concretizava.

Perante isto tudo, o povo explorado pouco se incomodava em saber qual a espécie de môlho com que seria devorado... As dificuldades da vida aumentavam. A alimentação constituia um problema trágico : « Um pouco de água quente denominada sopa, e a ração diária de lentilhas que, de tanto as verem, os madrilenos, sempre chistosos, baptizaram de « pílulas de resistência do doutor Negrin ». O pão aparecia habitualmente carregado de determinadas matérias químicas que permitiam a dilatação da massa para que coubessem cem gramas a cada pessoa. Os chefes de família tinham uma carta de racionamento, pela qual podiam adquirir, três

vezes por semana, cem gramas de lentilhas e cem de arroz, para cada um dos seus. Com intervalos de um a quatro meses, podiam comprar cem gramas de carne por cada pessoa a seu cargo. Acrescentemos um quilo de legumes frescos por mês e um litro de vinho de dois em dois meses. Eis, pouco mais ou menos, a ração. Só as pessoas gradas tinham bom tratamento, além dos soldados. Para estes, o problema era o do vestuário. Criara-se um organismo que recebeu êste sugestivo nome: « Comissão oficial de aproveitamento do vestuário do combatente ». Cremos que foi a única burocracia do mundo que confundiu oficialmente os uniformes e os andrajos.

A Imprensa vermelha dá-nos singulares imagens da vida das populações da zona governamental nesta época. Torna-se interessante ler as crónicas judiciárias. Nos tribunais revolucionários, eram proferidas por vezes, condenações estranhas, para punir delitos ainda mais singulares. Numa lista de sentenças aplicadas em Madrid, lê-se isto: « Luiz Ballve, por troca de mercadorias em vez do emprêgo de moeda: condenado a 5:000 pesetas de multa ou a um ano de afastamento da vida social » [1]. A lista das multas impostas aos pequenos comerciantes ocupava colunas inteiras nos jornais marxistas. As referidas penas atingiam, em alguns casos, centenas de milhar de pesetas, o que é importante, ainda que a peseta vermelha pouco valesse. Por outro lado, a justiça da Espanha vermelha, imitando a justiça soviética, decidiu também punir os « coadjuvantes ». Os « coadjuvantes » não eram cúmplices, nem receptadores, nem incitadores,

---

[1] *El Diluvio* — 4-5-38.

mas sim os membros da família do culpado (na generalidade desertor). É possível, por exemplo, ler isto: « Por decisão do « comité » de ligação sindical e para obedecer às ordens das autoridades superiores, todos os operários pertencentes a famílias que contem, entre os seus membros, algum « embuscado », serão eliminados da lista da distribuïção de salários das diversas indústrias locais [1]. Chegava-se a suprimir as « cartas de alimentação » aos cidadãos que « persistam em formar « bichas » às portas dos estabelecimentos, colaborando, assim, indirectamente, na propaganda fascista » [2]. Pouco tempo decorrido, a « carta do pão » passou a custar três pesetas (taxa a aplicar-lhe em estampilhas) e as senhas que davam direito a uma « carta de restaurante » passaram a custar uma peseta. Tudo isto nos dá indicações superiores às de qualquer brochura de propaganda.

O ano não terminou sem que os verdadeiros senhores da Espanha republicana confessassem a que entidades estavam submetidos. Em 30 de Agôsto, começou o julgamento dos elementos do « comité » executivo do P. O. U. M., e viu-se que o processo era decalcado fielmente sôbre o processo instaurado em Moscovo contra o « bloco dos trotzkystas-direitistas ». Em França, a Imprensa anarquista e socialista indignou-se. Nenhuma garantia era dada aos acusados. Tratava-se de uma paródia da verdadeira justiça. Um sindicalista, Benito Pavon, designado como advogado, escreveu, a-propósito: « Na Espanha anti-fascista, o advogado que

---

(1) *El Diluvio* (18 de Maio de 38).
(2) *Ibid.* (28-5-38).

defenda uma causa pode ser acusado de cumplicidade com os seus constituintes » [1]. Os réus pediram a assistência do advogado marxista Torrès e do deputado socialista francês Noguères, mas o tribunal não consentiu. Um dos elementos do P. O. U. M., Gorkin, teve uma atitude corajosa. Falaram-lhe da invasão da Espanha pela Itália e pela Alemanha, e êle respondeu:

— Isso é uma mentira de origem russa. A guerra actual é uma guerra civil. Nem a Itália, nem a Alemanha invadiram a Espanha. Dão o seu apoio aos fascistas, porque têm uma ideologia comum » [2].

No fim de Outubro, os membros do P. O. U. M. foram condenados, « porque pretendiam instaurar na Catalunha e no resto da Espanha um regime político e económico diferente daquele que actualmente existe ». Todavia, os juízes não ousaram reconhecer consistência à acusação de alta traição e de relações com Franco [3]. Buscou-se fazer crer que a 29.ª divisão, composta de filiados no P. O. U. M., desertara, mas os acusados retorquiram que ela fôra louvada pelo general Pozas, devido à maneira como se portava. Por uma sentença única, inteiramente incompatível com a clássica doutrina da separação dos poderes, foi do próprio julgamento que saíu o decreto da dissolução do P. O. U. M. como partido político. Já a maioria dos seus chefes caíra assassinada: André Nin, Kurt Landau, Rhein, Kopp. Nas vertentes de Montjuich e do Tibidabo, foram fuzilados dois mil operários. Foi nos laboratórios de Ovsenko que

---

(1) Juan de Cordoba — *Estampas y reportajes de retaguardia.*

(2) Id.

(3) Vidé, no final, a nota do tradutor sôbre o processo dos trotzkystas.

se prepararam os elementos documentais de acusação e, em particular, o famoso documento « N », ao qual já fizemos referência. Não restam dúvidas de que os movimentos anarquistas e trotzkystas, ainda que desordenados, abrigando os revolucionários mais originais e por vezes os mais sinceros de Espanha, foram julgados em Moscovo, de onde as sentenças de morte partiram.

Assim terminou pela destruïção tôda a resistência, ainda que revolucionária (sobretudo a revolucionária) ao domínio da U. R. S. S. na organização do país. Essa organização consistia, porém, no terror, e não poupava às infelizes províncias republicanas nem a ruína, nem a derrota.

A guerra na retaguarda

Entretanto, qual era o aspecto que nos apresentava a Espanha nacionalista ?

Para aquêles que da Grande Guerra nada mais conheceram do que o refúgio em aldeias afastadas da « frente » e protegidas, emocionava encontrar, assim que se passava a fronteira, espectáculos que outros considerariam vélhos. Em San Sebastian e em Burgos, viam-se militares feridos, enfermeiras passeando no Espolon. Faziam-se subscrições nas ruas e descobriam-se inúmeros pormenores que prendem a atenção: cartazes indicando a existência de abrigos anti-aéreos, outros convidando a população a desconfiar dos espiões *(« Calem-se ; desconfiem ; os ouvidos do inimigo escutam-nos ! »)*; caixas de chocolates em forma de granadas ; jornais patrióticos para as crianças, sacos de areia entre os pilares e os cunhais dos edifícios, tiras de papel sôbre as vidra-

ças, para impedir que elas se estilhaçassem. De cinco em cinco minutos, a sereia soava, anunciando o alerta, e logo os sinos, indicando o regresso à tranqüilidade. Era o costumado aspecto da guerra na retaguarda.

A extraordinária virtude da Espanha consiste não só em ter resistido, mas em haver organizado a sua vida para esta luta, em função da guerra e do futuro por ela preparado. A singular virtude espanhola consistiu, ainda, em ter compreendido que esta guerra era, também, uma Revolução, a única realizada com combates, desde a da Rússia, em 1917. Tudo foi organizado nas cidades da retaguarda, quer para os combates na « frente », quer para a Revolução nacional. Disciplina, autoridade e fôrça uniram-se para atingir um objectivo comum. O que, primeiro, surpreendia o estranjeiro era verificar que o custo da vida não aumentara, desde 18 de Julho de 1936, excluindo certos produtos manufacturados, romo o calçado. Havia a mesma abundância de produtos da terra, o mesmo pão excelente que os franceses já perderam o costume de comer. Se existia crise, era uma crise de super-produção, visto faltarem os mercados consumidores da zona vermelha. Leis severas tinham impedido qualquer aumento dos prêços. E não se creia que eram medidas de puro verbalismo, como sucede nos países democráticos. Especialmente em Saragoça, tivemos ocasião de ver, em numerosas montras, um cartaz com estes dizeres bem legíveis: « *A esta casa comercial foi imposto o pagamento de multa, por haver vendido géneros a preços excessivos...* » ou « *...por ter açambarcado mercadorias* ». Eram meios severos, mas só podem merecer aplausos.

Mas havia outros. E não podemos contestar que, no seu conjunto, a burguesia e a aristocracia espanholas

compreenderam qual era o seu dever. As mais categorizadas famílias — a começar pela família de Afonso XIII — perderam filhos na campanha da moderna Reconquista. Outros houve, bem entendido, para os quais o ouro podia substituir o dever, o sangue. A Falange encarregou-se de lhes fazer compreender as necessidades do momento e — tal como os fascistas italianos — de lhes recordar que as contribuïções voluntárias encerravam altas conveniências para o Estado. Não seria preferível sacrificar ao País uma parte dos seus bens, em vez de os ver saqueados pelos marxistas ? Assim o fizeram entender aos grandes liberais de outro tempo. Outros argentários julgavam dar provas de generosidade assinando um cheque de 5:000 pesetas. Um dêles, por sinal, possuia uma esplêndida barba, que era célebre em tôda a Espanha. Recebeu a visita de alguns rapazes que o instalaram, atenciosamente, numa espaçosa poltrona, rapando-lhe, depois, o precioso ornamento capilar, com a maior das cortesias. No dia seguinte, o ilustre homem de dinheiro entendeu ser conveniente « completar » a sua oferta de fundos ao Estado. Os anti-fascistas franceses, que julgavam que o movimento de Franco estava ao serviço da mais sórdida das reacções, ficaram, sem dúvida, surpreendidos, ao terem conhecimento dêste e de outros casos análogos.

Assim que caía a noite, nas cidades espanholas presenciava-se a costumada e alegre digressão pelas ruas, o mesmo *paseo* buliçoso. Apenas se notava um número maior de soldados louros ou morenos. Mas a guerra estava sempre presente, unida à necessária Revolução. Às onze e meia da noite, todos os postos de T. S. F. transmitiam, com o máximo da intensidade, nos restaurantes, nos « cafés » e nas praças públicas, o comunicado

oficial. Antes, escutava-se uma longa lista de nomes. Certo dia, preguntámos o que queria aquilo dizer, e logo nos indicaram :

— São notícias destinadas às famílias dos prisioneiros vermelhos, os prisioneiros feitos pelas nossas tropas. Os marxistas, normalmente, declaram-nos desaparecidos, sem mais explicações. Nós revelamos às suas famílias se estão feridos, onde e como são tratados, e qual é o seu estado. Do outro lado, escutam as nossas emissões, para saber notícias.

Depois da leitura do comunicado, soava o hino oficial — a *Marcha Real*... Tôda a gente se levantava e erguia o braço, em saüdação.

A carta do trabalho

« A justiça social — havia declarado Franco — será a base do nosso novo Império, liberto da destruïdora e mortífera luta de classes ». Êste princípio foi, de-facto, a base do programa das « Falanges Espanholas Tradicionalistas » e da « Carta do Trabalho », alicerces da estrutura social do Novo Estado nacionalista. O respeito pelas justas conquistas das massas operárias, a legitimidade da propriedade privada, o direito colectivo ao trabalho, estão reconhecidos nessa « Carta », cujos artigos podem ser considerados modelares. Os mais importantes são aquêles que tratam das condições do labor. Ei-los :

1.º — O trabalho, constituindo um dever social, será exigido, sem se atender a nenhum pretexto, de todos os espanhóis válidos, pois é considerado um tributo obrigatório a pagar ao património nacional ;

2.º — Todos os espanhóis têm direito ao trabalho. A satisfação dêsse direito é missão primordial do Estado.

I — Horário, condições do trabalho e férias do trabalhador

1.º — O Estado exercerá uma acção constante e eficaz para a defesa do trabalhador, da sua vida e da sua actividade. Limitará, como melhor convenha, a jornada de labor, para que ela não seja excessiva, e concederá ao trabalho tôdas as garantias de protecção e de humanidade. Em especial, proïbirá o trabalho nocturno de mulheres e de menores; regulamentará o trabalho domiciliário e libertará a mulher casada da oficina e da fábrica;

2.º — O Estado manterá o descanso dominical como condição sagrada da prestação do trabalho;

3.º — Sem prejuízo para a retribuïção e tendo em conta as necessidades técnicas das emprêsas, as leis exigirão que se respeitem as festas religiosas tradicionais, as festas civis como tal consideradas, e a assistência às cerimónias organizadas pelas autoridades nacionais;

4.º — É considerado de festa nacional o dia 18 de Julho, em que principiou o glorioso movimento nacional; também será considerado de «Festa de Exaltação do Trabalho»;

5.º — Todos os trabalhadores terão direito a férias anuais retribuídas, a-fim-de gozarem um merecido repouso; organizar-se-ão para êsse efeito instituïções que assegurarão a observância desta disposição;

6.º — Serão criadas as instituïções necessárias para que, nas suas horas livres e de recreio, os trabalhadores tenham acesso a todos os bens da cultura, da alegria, da milícia, da saúde e do desporto.

II — Remuneração e segurança do trabalho

1.º — A retribuïção do trabalho será suficiente para permitir ao trabalhador e a sua família manterem uma vida digna e moral;

2.º — Estabelecer-se-á um subsídio às famílias, por meio de organismos adequados;

3.º — O nível de vida dos trabalhadores será elevado gradual e inflexìvelmente, à medida que tal permitam os superiores interêsses da nação;

4.º — O Estado, para regularizar o trabalho, estabelecerá as bases da organização das relações entre os trabalhadores e as emprêsas. Os elementos primordiais destas relações serão, tanto a prestação do trabalho e a sua remuneração, como o dever recíproco de lealdade, de assistência e de protecção, quanto aos patrões, e de fidelidade e disciplina, quanto ao pessoal;

5.º — Por intermédio do Sindicato, o Estado tratará de saber se as condições económicas em que o trabalho é efectuado, são, de-facto, aquelas que, de justiça, convêm aos trabalhadores;

6.º — O Estado velará pela segurança e continuïdade do trabalho;

7.º — As emprêsas devem informar o seu pessoal da marcha da produção, na medida necessária a aumentar, entre aquêle, o sentido da responsabilidade nas referidas emprêsas, conforme as determinações das leis.

III — Artes e ofícios

As artes e ofícios — legado vivo de um glorioso passado corporativo — serão encorajados e protegidos eficazmente, porque são a projecção completa da pessoa humana no seu trabalho e pressupõem uma forma de produção igualmente distante da concentração capitalista e do gregarismo marxista.

IV — O trabalho agrícola

1.° — As regras do trabalho agrícola adaptar-se-ão às suas características especiais e às variações impostas pela natureza;

2.° — O Estado terá particular cuidado em intensificar a educação técnica do produtor agrícola, tornando-o capaz de efectuar todos os trabalhos exigidos por cada unidade de exploração;

3.° — Serão regularizados e fiscalizados os preços dos principais produtos, a-fim-de se assegurar um lucro mínimo, nas condições normais, do produtor e, por conseqüência, para exigir de êle para os trabalhadores, salários que a estes permitam melhorar as suas condições de vida;

4.° — Procurar-se-á dotar cada família camponesa de uma pequena extensão de terreno, a courela familiar, que lhe permita prover às suas necessidades elementares e ocupar a sua actividade nos dias de desemprêgo;

5.° — Será obtido o embelezamento da vida rural, melhorando a casa de habitação do camponês e as condições higiénicas das aldeias e lugares de Espanha;

6.° — O Estado assegurará aos rendeiros a estabilidade da cultura da terra, por meio de contratos a longo-

-prazo, dando-lhes garantias contra a rescisão injustificada do arrendamento, e assegurando-lhes, também, a amortização das melhorias por êles efectuadas na propriedade. O Estado tem o desejo de encontrar os meios pelos quais se chegará ao ponto em que a terra passe, em condições equitativas, para a posse daqueles que directamente a exploram. »

Como se sabe, a reforma agrária sempre figura no programa de todos os partidos espanhóis. É um problema capital. Calcula-se que existem doze milhões e quinhentos mil courelas e dois milhões de proprietários, metade dos quais possue menos de dez hectares cada um, emquanto trezentos e cinqüenta disfrutam de mais de cinco mil hectares. É em Castela, Leão e Navarra que o número dos pequenos proprietários é mais elevado, ao mesmo tempo que se verifica ser na Andaluzia e na Estremadura que êsse número é mais reduzido. Por isso, foi nestas províncias que os dirigentes do movimento nacionalista prometeram proceder a uma redistribuïção das terras. De resto, desde o século XIII que existem associações agrícolas ressuscitadas ou reorganizadas nos sindicatos agrários católicos. Encerram uma grande tradição espanhola, e gozavam antigamente de importantes privelégios. O « Honrado Consejo de la Mesta » tem, hoje, por sucessora, a « Associacion general de ganaderos », organizada em secções provinciais. Estas associações devem desenvolver-se por meio da aquisição de maquinaria agrícola, defesa dos interêsses dos camponeses, etc. [1].

---

[1] *La Nueva España Agraria.*

Por outro lado, foi criado o *Serviço Nacional do Trigo*, por decreto publicado em 23 de Agôsto de 1937 e rectificado em 6 de Outubro do mesmo ano. Destina-se a reorganizar a produção e, simultâneamente, a impedir que os pequenos agricultores, lutando com falta de capital para a exploração, sejam oprimidos pelos usurários. Para ajudá-los, montou-se uma organização de crédito agrícola. Os decretos de 30 de Setembro de 1936 e de 5 de Maio de 1937 prevêem os empréstimos aos camponeses, a juro módico. Uma ordem assinada em 24 de Fevereiro de 1937 reprime severamente a usura, chaga que corroía o sul da Espanha. Foram concedidas moratórias. Ao mesmo tempo, uma secção especial das Falanges — a *Fraternidade da Cidade e do Campo* — criou serviços recíprocos para os elementos da cidade e dos campos, o regresso à terra, e as secções de voluntários para as colheitas. Tudo isto, cumpre dizê-lo, constitue, de momento, uma obra mais de carácter legislativo do que prática, e não se sabe claramente o que êle será no futuro. Mas o certo é que foram feitas experiências. Em Sevilha, Queipo de Llano consagrou uma propriedade sua a tal experiência, organizando nela culturas-modelos exploradas por pequenos rendeiros.

As medidas de guerra

O espírito da ajuda mútua e da caridade, que explicam muitas das realizações sociais do novo Estado espanhol, aplicou-se, primeiramente, como é de calcular, aos problemas criados pela guerra. Foram numerosas as medidas particulares tomadas para a emergência, que, no futuro, serão certamente suprimidas ou modificadas,

mas esperamos, no entanto, que o espírito que lhes deu origem subsistirá. Nas obras sociais do novo regime, as jovens da aristocracia e as da alta burguesia trabalharam ao lado das jovens das classes operárias. E com uma noção desconcertante da hierarquia — desconcertante para quem conheceu a anárquica Espanha liberal — todos se adaptaram às novas leis. O Estado abriu enormes fontes de receitas para os combatentes, assim como para os pobres da retaguarda. Não se fazia a compra de um objecto de luxo, não se comprava um bilhete para o cinema, não se bebia um café, sem que fôsse dado ao cliente um pequeno talão (por vezes, de cinco cêntimos), cujo produto era destinado a obras militares ou sociais. Nos restaurantes, foram estabelecidos três dias de uma ementa particular que custava o mesmo que as ementas habituais. A diferença entrava nos cofres do Estado. À segunda-feira, não havia sobremesa; à quinta, não havia carne; às quartas, só era servido um prato, ainda que abundante, precedido de sôpa e seguido de fruta. É preciso lembrar que as refeições espanholas são sempre muito abundantes. A instituïção do *prato único* é, no fundo, como se sabe, imitada do *Socorro de Inverno* alemão. Nas residências familiares, os inspectores iam, em todos os dias de aplicação dêsse regime, receber a importância da taxa correspondente à diferença entre o prato único e a refeição normal.

Foi o decreto de 9 de Janeiro de 1937, criando o *Subsídio aos combatentes*, que permitiu fazer frente a certos encargos com os soldados. Calcula-se que o *Prato Único* e o *Subsídio aos Combatentes* deram rendimento quási suficiente para isso. Num mês, só na Biscaia, o *Prato Único* rendeu 640:000 pesetas. A *Assistência às « frentes » e aos hospitais* completou a organização,

ocupando-se das necessidades dos soldados e criando um serviço de informações. No Natal de 1937, em menos de um mês, a delegação nacional dos referidos serviços de assistência recolheu mais de dez milhões de pesetas para as festividades do Ano-Novo consagradas aos soldados. Abriu, em cidades da retaguarda, os *Lares do Ferido* e as *Casas de Repouso*, instituïções tanto mais úteis quanto é certo (não se tratando de uma guerra com o estranjeiro) muitos dos soldados terem família na zona vermelha. Os decretos de 27 de Fevereiro de 1937 e de 5 de Abril de 1938 regularam a concessão de pensões, auxílios e empregos reservados aos feridos de guerra, e criaram instituïções de reeducação e reorientação, emquanto o decreto de 11 de Agôsto de 1937 criava o *Socorro aos Refugiados* e *Abrigos para os evacuados*. Também neste capítulo os problemas foram encarados em função do futuro, ignorando-se como o Estado espanhol regulará a questão da sua dívida interna. Durante êste período — cumpre dizê-lo — os pagamentos das pensões, sob o ponto de vista prático, depararam com numerosas dificuldades.

Uma guerra civil origina ainda outros problemas. O direito ao trabalho e o dever do trabalho foram aplicados aos prisioneiros de guerra (decreto de 28 de Maio de 1937), geralmente empregados em diversos serviços públicos. Como se impunha, classificaram-nos em diferentes categorias, segundo se tratava de conhecidos propagandistas vermelhos ou de simples executantes, os quais foram, pouco a pouco, restituídos à liberdade e retomaram, progressivamente, a vida normal. As dificuldades da guerra civil reflectiram-se no serviço de informações relativas aos prisioneiros. Houve ver-

melhos que foram acarinhados, e houve nacionalistas evadidos da zona marxista que foram aprisionados.

O "Auxílio social„

Entre as realizações da Espanha nacionalista, aquela que melhor testemunha o espírito novo é, provàvelmente, a *Obra Nacional de Auxílio Social.*

Fundada em Outubro de 1936, sob o nome de *Auxilio de Invierno* por D. Mercedes Bachiller, de vinte e cinco anos, viúva do jovem chefe falangista Onésimo Redondo, o *Auxilio Social* tornou-se uma enorme organização de propaganda e de acção nacional. Nela encontraram emprêgo tôdas as dedicações existentes na retaguarda. O *Auxilio de Invierno,* quando surgiu, instalado em Valladolid, destinava-se a alimentar as crianças órfãs ou desamparadas. Tinha, então, três refeitórios para os pequenitos. Na altura de findar a guerra, o *Auxilio Social* distribuía víveres, vestuário e combustíveis a tôda a população necessitada. Tomara para êle três missões sintetisadas nestes princípios : nem um espanhol com fome, nem um lar de Espanha com frio, nem uma família espanhola sem bem-estar. Dentro da primeira, a organização tratou de recolher e instalar, em condições modernas e agradáveis, milhares de criancinhas órfãs ou separadas dos seus. Digamos de passagem que havia, só em Valladolid, seis mil nessas condições. Educava-as em escolas ao ar livre ou em creches, e alimentava-as em refeitórios especiais decorados com o maior bom gôsto. Distribuiam-se refeições aos domicílios, alimentando as famílias pobres. No fim de 1937, eram assim auxiliadas mais de 80:000 pessoas diàriamente. Fazia-se, mensal-

mente, uma distribuïção de cinco milhões de refeições. Quanto ao segundo ponto, foram construídas casas baratas e bairros operários, nos quais o aluguer não ia além de trinta pesetas mensais. Em Sevilha, o general Queipo de Llano construiu, num só ano, quinhentas dessas moradias e iniciou a construção de igual número. Às famílias que não podia instalar, o *Auxilio Social* pagava a luz, o aluguer, muitas vezes os móveis e as instalações higiénicas. No que diz respeito ao terceiro capítulo, trata-se de uma política de envergadura, da qual só foram lançadas as bases, mas o certo é que o *Auxilio Social* já criou importantes serviços destinados a estabelecer o bem-estar: a *Obra Nacional de Protecção às Mãis e às Crianças, Auxilio aos Enfermos, Casa Sindicalista* e a *Obra do Auxílio Mútuo* e a da *Reforma dos Vélhos Tabalhadores*. De Valladolid partem as ramificações do auxílio mútuo social que assegura, simultâneamente, a difusão do ideal falangista e a organização da justiça social. E assim se executa o programa traçado por Franco: *Nem um lar sem lume, nem um espanhol sem pão.*

O *Auxílio Social* procurou obter recursos, lançando um apêlo a todo o país. Organizou, primeiramente, a venda de uns sêlos especiais chamados do *Socorro de Inverno*. Depois, adoptou o sistema da subscrição quinzenal e das « fichas azues ». A subscrição quinzenal consiste em vender, por tôda a Espanha, em dia determinado, certas insígnias do *Auxilio Social*, cujo preço é fixado em 30 cêntimentos. A compra não é obrigatória, mas raras são as pessoas que a não fazem, pagando um imposto de tal maneira justo e módico. As « fichas azues » são distribuídas pelos domicílios das famílias remediadas ou abastadas que se comprometem a fazer

ao *Auxílio Social*, em dia fixo, um donativo proporcional aos seus meios de vida. A ficha é redigida assim: « Eu... comprometo-me a enviar tôdas as quinzenas, até o dia..., para levar justiça e alegria aos lares dos meus irmãos que sofrem a fome e a pobreza, as seguintes quantidades de géneros de primeira necessidade proporcionais àquelas que são consumidas em minha casa ».

Estas ofertas dão entrada nos armazéns pertencentes à organização e destinam-se a auxiliar as cozinhas do *Auxilio Social*. Um organismo daquela dependente equilibra as receitas e as despesas entre as diferentes províncias. O Estado não intervém nos serviços administrativos. Limita-se a assegurar-lhe equilíbrio financeiro. Por outro lado, o *Auxilio Social* tem liberdade para receber os donativos « voluntários » dos ricos capitalistas que desejem auxiliar as suas realizações sociais.

O que maior valor assume é o espírito que preside a êste organismo. É, simultâneamente, cristão e fascista, e baseia-se numa concepção da justiça social que representa, ao mesmo tempo, o critério de Franco e de José António Primo de Rivera. Constitue um protesto contra a noção humilhante e reaccionária da caridade e, em vez dela, cria uma atmosfera de solidariedade social, em que esta se torna dever moral. Não existem bemfeitores nem protegidos. Há homens pobres que têm direito a usufruir uma existência justa e equitativa. A palavra fraternidade *(hermandad)* é aquela que maior número de vezes se encontra no vocabulário de semelhante acção social e também aquela que melhor define a igualdade existente entre todos, na unidade do partido e da cristandade.

No entanto, a definição não deixa de ser incompleta, porque lhe falta um elemento essencial. O *Auxílio Social* é uma obra de mulheres e devemos encará-lo como uma interpretação feminina do ideal fascista e cristão. D. Mercedes Sanz Bachiller e Pilar Primo de Rivera, irmã de José Antonio, introduziram na organização o espírito da « Falange », mas logo tôdas as raparigas e mulheres lhe deram alegria, na sua juvenil satisfação de servir. É a sua mobilização, a sua « frente » de combate. São voluntários todos os elementos que servem no *Auxílio Social*. Trabalham oito horas diàriamente, sem que recebam qualquer salário ou gratificação. E êsses voluntários contam-se por milhares. Pertencem a todos os meios. As grandes famílias espanholas e a burguesia deram o contingente mais numeroso. Mas as famílias pobres não lhes ficaram atrás, e as raparigas dos meios operários também para ali foram prestar o seu concurso. Tôdas as jovens e tôdas as mulheres que não trabalham para viver entraram voluntàriamente nas fileiras do *Auxílio Social*. Dois decretos regularam a situação. Datados de 7 de Outubro, declaram que o referido serviço é oficial, e que às mulheres de 18 a 35 anos cabe desempenhá-lo, durante seis meses. Êste tempo de serviço poderá ser cumprido por períodos. As mãis consideram-se dispensadas de o prestar. O serviço social é exclusivamente voluntário, mas as mulheres que não cumpram esta actividade de solidareidade social não poderão receber qualquer diploma oficial nem exercer funções dentro do Estado, por serem consideradas refractárias àquilo que constitue a mais generosa e completa participação feminina na obra de reconstrução do país.

Não sabemos qual a forma exacta que o *Auxílio Social* tomará, em Espanha, nos tempos futuros. Obras

dêste género são belas quando perduram, quando sobrevivem à efervescência da guerra. As suas intenções são, até agora, admiráveis. De momento, o *Auxílio Social* constitue uma organização magnífica de acção e propaganda. Vimos como êle levava, em longas filas de camiões, às cidades conquistadas, horas após a entrada das tropas, víveres e vestuário. E as gentes libertadas precipitavam-se para os vencedores, como se estes houvessem pôsto têrmo a um cêrco. Imensos rebanhos eram concentrados, antes que os soldados ocupassem as cidades importantes. Vimos os destinados a Madrid, perto da Cidade Universitária. O reabastecimento de Valência estava organizado, desde o Verão de 1938, com a minúcia com que se prepara uma ofensiva. A organização era excelente, mas ainda mais apreciável se torna o espectáculo surpreendente dado por aquela burguesia que, por fim, *compreendeu*. Quaisquer que sejam as reservas que se formulem quanto a pormenores, o futuro pertence ao *espírito* que anima o *Auxílio Social*. Aquelas mulheres que cumprem o seu serviço com a mesma fé e o mesmo entusiasmo que levou os homens a baterem-se nas trincheiras, são mulheres de um grande povo.

É um facto que Mercedes Bachiller foi buscar os princípios do *Auxílio Social* à organização alemã, mas não tardou que o génio próprio da Espanha, interpretado por aquela mulher admirável, transformasse completamente as rígidas regras do *Socorro de Inverno* germânico. O Estado é a base da nação alemã. Na nação espanhola, a base é a família. Em plena guerra, os auxílios colectivos são úteis e, por vezes necessários. As crianças abandonadas são recolhidas, acarinhadas e alimentadas em refeitórios e creches. Mas a Espanha sabe que não é isto o que lhe convém. Por isso, logo que

o lar familiar se reconstitue, a criança é-lhe entregue, e os auxílios são prestados à família. Vê-se, pois, como êste espírito fraternal e cristão está longe do espírito nacional-socialista, do qual, aliás, devemos admirar certas realizações práticas. E assim é que a Espanha de 1938 surpreende — ainda mais que Portugal — o universo contemporâneo, instaurando uma espécie de catolicismo fascista cuja originalidade lhe pertence. É o sentimento da fraternidade, da comunhão dos fiéis da nação e do amor, que serve de filosofia dinâmica a êste país que ressurge. E o que nos maravilha é presenciar como tal sentimento saíu ràpidamente de um plano doutrinário para entrar no campo da acção.

A luta pela saúde e pelo trabalho

O *Auxílio Social* ocupa-se, também por intermédio da *Obra do Lar Nacional-Sindicalista*, da higiene e da melhoria geral das residências. Um decreto de 20 de Dezembro de 1936 criou o cargo de fiscal geral das moradias cujo dever consiste em : 1.º — Acabar com os pardieiros e casas sem condições de habitabilidade ; 2.º — Velar para que seja limitado o número das pessoas residentes na mesma casa ; 3.º — Impedir que estejam enfermos alojados junto de pessoas sãs ; 4.º — Fiscalizar todos os projectos de novas construções. Em 27 de Fevereiro de 1937, foram criados novos organismos subordinados àquela entidade — uma *Fiscalização Sanitária da Habitação Rural* e a *Fiscalização Sanitária da Habitação Urbana*. Em 16 de Março do mesmo ano, foi instituída a *Carta de Habitabilidade*, sem a qual nenhuma casa poderá ser alugada para residência.

A par disto, desenvolveu-se certo esfôrço para construir novas moradias. Era esta, sem dúvida, depois da reforma agrária, a mais urgente tarefa de que a Espanha carecia.

Devido à guerra, trata-se, por emquanto, de uma tentativa, excepto no que se refere a determinadas regiões privilegiadas. Mas as medidas adoptadas por Queipo de Llano, em Sevilha, são dignas da maior admiração. Mandou destruir casinhotos, criar bairros-jardins e escolas-modelos. Ergueu, desde Dezembro de 1936, uma obra notável, quanto a casas para inválidos e empregados, o que foi imitado por muitas outras cidades. A maneira como se tornou real e sólida esta obra acentua o papel que o *Lar* desempenha no novo Estado espanhol. Para semelhante obra, o princípio admitido foi o da prestação pessoal de trabalho — um dia por mês — por todos os homens com mais de dezóito anos (prestação substituível por dinheiro). Uma comissão municipal composta por três patrões e três operários presidiu aos trabalhos. O « alcalde » sevilhano, D. Ramon de Carranza, sob a direcção de Queipo de Llano, conseguiu levar a cabo, com rapidez, um empreendimento que surpreendeu todos os urbanistas. O custo de uma casa de cinco ou seis divisões, destinada a operários, oscila entre 25 e 35 pesetas mensais. No princípio de 1938, mais de quinhentas dessas casas estavam concluídas, além de três creches, três escolas-maternais, jardins e piscinas. No primeiro ano, foram mandadas para estágio, na montanha ou nas praias, cinco mil crianças. Tudo quanto era oferecido ao general Queipo de Llano, logo êste fazia reverter para as suas obras de assistência e construção. O senhor da Andaluzia, o conquistador de Sevilha, o orador fluente e sarcástico

da T. S. F., revelou-se, em alguns meses, um extraordinário chefe provincial. Daí a sua prodigiosa popularidade, na antiga « cidade-vermelha ». Nunca se viu, em plena guerra, executar um esfôrço de acção social de tamanha envergadura.

A isto é preciso juntar as medidas tomadas para combater a tuberculose, destacando-se o *Patronato Nacional Anti-tuberculoso*, que o general Martinez Anido dirigiu, e que instalou sanatórios para os enfermos pobres. Sendo a família a base do Estado, são classificados « sem recursos » os doentes pertencentes a famílias cujo chefe ganhe 800 pesetas por mês e tenha quatro filhos. Desta maneira, a classe média, se a organização prosperar e consolidar, poderá aproveitar as vantagens que ela oferece.

A obra legislativa do novo Estado espanhol foi completada, desde os primeiros dias, por decretos-leis tendentes a fazer face ao desemprêgo e à vida operária.

O Estado Espanhol

Os diferentes decrêtos que serviram de base à organização do Estado Espanhol passaram a ter realização prática, pouco a pouco. O Conselho Nacional, do qual Franco era o chefe, reüniu-se, pela primeira vez, em 2 de Dezembro de 1937. Compreendia, então, quarenta e seis homens nomeados directamente por Franco, consoante a proporção da importância dos antigos partidos, e duas mulheres, Pilar Primo de Rivera e Mercedes Bachiller. O secretário geral era Fernandez Cuesta, chefe dos falangistas. Coube a êste Conselho Nacional nomear os doze membros encarregados de dirigir o par-

tido único, isto é, a Falange Tradicionalista. Em 30 de Janeiro de 1938, foi promulgada a lei orgânica do Estado Espanhol. À Junta Técnica sucedeu um govêrno compreendendo onze ministérios e onze sub-secretariados. Franco passou a ser, simultâneamente, Chefe do Estado e presidente do Conselho. A vice-presidência coube ao general Jordana, ministro dos Negócios Estranjeiros. A Polícia passou a estar nas mãos do general Martinez Anido, ministro da Ordem Pública, que tinha reputação de homem terrível. A Defesa Nacional foi confiada ao general Davila ; Serrano Suñer ficou com a pasta do Interior ; a pasta das Finanças ficou a cargo de Andrés Amado : J. A. Suances tomou a seu cuidado o Comércio e a Indústria ; a pasta da Educação Nacional ficou entregue a Pedro Sainz Rodriguez. Os outros eram: Alfonso Pena, ministro dos Trabalhos Públicos ; Pedro Gonzalez Bueno, ministro da Acção Sindical. O general Cabanellas, chefe do primeiro govêrno, morrera. Os ministros fizeram o seu juramento nos seguintes têrmos: « Em nome de Deus e sôbre os Santos Evangelhos, juro cumprir o meu cargo de ministro da Espanha com a mais absoluta fidelidade para com o Chefe do Estado, generalíssimo dos nossos gloriosos Exércitos, e para com os princípios que constituem o regime nacional, ao serviço dos destinos da pátria ».

Serrano Suñer, cunhado do general Franco, alcançou uma influência pessoal considerável. É um homem hábil, sendo conhecidas as suas simpatias pelo nacional-socialismo alemão. Por seu intermédio, está assegurada a vitória da Falange, ou, pelo menos, do espírito falangista. Não restam dúvidas de que os monárquicos perderam terreno, mas também é certo que as lutas políticas ficaram limitadas a determinado círculo, e nenhum

efeito público tiveram. No entanto, certos falangistas não desistiram de desempenhar um papel predominante. Manuel Hedilla, a quem a pena de morte fôra comutada, encontrava-se na prisão de Pamplona. Os seus partidários intentaram dar-lhe fuga, em companhia de muitos amigos seus, também ali encarcerados. No último instante, Hedilla recusou, mas os companheiros revoltaram-se e evadiram-se. Recapturados, caíram quási todos em frente do pelotão executor. Tal foi o mais grave episódio das lutas internas na Espanha Nacionalista. Findou pela vitória total e silenciosa de Franco.

Qualquer que seja o futuro, as leis orgânicas do novo Estado e a « Carta de Trabalho » preparam, na verdade, um renascimento prometedor. Confiamos em que a Espanha não se afogará na burocracia, enfermidade dos Estados totalitários, nos vexames inúteis, na papelada, na embriaguez de uma pseudo-organização. E aguardando isto, reconhecemos que a concepção nìtidamente religiosa e familiar da Nação ajudou a destruir o que restava da legislação republicana. O divórcio foi suprimido bem como o casamento civil ; a Companhia de Jesus foi restabelecida com todos os seus direitos, e preparou-se uma lei para a reforma da Justiça.

Ao abrigo da obra legislativa, a vida económica desenvolveu-se. A produção aumentou, normalizou-se a vida, efectuaram-se festas diversas, a actividade intelectual recomeçou. Tais foram os bons sinais da administração do Estado, no ano de 1938. Restabeleceu-se solenemente o movimento turístico. Algumas caravanas de estranjeiros percorreram os « caminhos da guerra ». Adoptou-se o sistema — imitado do italiano — de datar os decretos e até a correspondência particular segundo o calendário cristão e, também, segundo uma nova época

nacional iniciada em 18 de Julho. Em 18 de Julho de 1939, começou o *Terceiro Ano Triunfal.*

Assim caminhava a Espanha, em plena guerra, a caminho de um novo destino. A nação, esquecida dos erros do liberalismo do século XIX, preparava-se para retomar a posição que possuia, no seu « Século de ouro ». Amanhã, a Espanha dos « conquistadores » e de Carlos V, se não cair nos erros do totalitarismo depois de haver sofrido os erros da democracia, poderá assombrar o mundo, como nação simultâneamente antiga e moderna, desenvolta e forte. Quando a batalha era mais renhida, vimos o seu povo retomar, com extraordinária e tranqüila coragem, a sua história da Renascença.

III

A Europa de 1938 perante o problema espanhol

Entretanto, a Europa continuava a multiplicar, à volta do novo Estado espanhol, os receios, os erros, as tentações, as manobras. Foi no decurso do ano de 1938 que a Inglaterra, a despeito da resistência desesperada dos marxistas, fêz compreender à França onde estavam os verdadeiros interêsses comuns dos dois países. Seria no decurso de tal ano que se evocariam muitos meses de pesadas faltas e que se buscaria, finalmente, transigir, sem compreender ainda que as coisas teriam sido muito mais fáceis se se tivesse agido com maior rapidez. Os homens que impediram esta acção, no momento em que ela daria todos os seus frutos, são os responsáveis pela crise europeia.

O problema mediterrânico

Disfarçados em patriotas, os marxistas franceses não viam onde estava o « perigo espanhol ». Para êles, consistiria numa hegemonia italo-ibérica no Mediterrâneo,

na rotura do equilíbrio, na possível separação da Metrópole francesa do seu império. Bem entendido, os marxistas esqueciam-se de dizer que uma Itália comunista e uma Espanha comunista, dada a fôrça de expansão internacional das doutrinas revolucionárias, constituiriam um perigo muito superior àquele que imaginavam. Esqueciam-se, também, de dizer que os nacionalistas franceses, desejando que se regulassem amigàvelmente tôdas as questões pendentes com os dois países, queriam evitar que a França viesse a encontrar, na sua frente, no Mediterrâneo, a hostilidade da Itália e da Espanha.

Convenhamos, no entanto, em reconhecer que a entrada em cena da Itália e da Alemanha, no conflito espanhol, despertou legítimos motivos de inquietação aos povos mediterrânicos. Entre estes povos, cumpre incluir a Inglaterra, a qual, em Gibraltar, detem em seu poder as chaves do Mar Interior. Ora, diz-se que Gibraltar foi gravemente ameaçado. Os alemãis teriam instalado baterias de grande calibre em Algeciras, ao que os inglêses ripostaram, organizando a sua base aérea e naval, com plataformas de aterrisagem, « hangars » e abrigos. Os dirigentes britânicos compreenderam, sobretudo, que não deveriam ter nas costas uma Espanha hostil. E esta compreensão exerceu poderosa influência, sem dúvida, no desenvolvimento dos acontecimentos diplomáticos do ano.

O problema comercial

As questões comerciais tomaram, durante alguns meses, uma importância que é preciso pôr em relêvo. Para resumi-las em poucas palavras, diremos, primeira-

mente, que o comércio com a Espanha vermelha enriqueceu indivíduos e não Estados, e que a França e a Inglaterra viam como, pouco a pouco, o comércio com a Espanha nacionalista, se tornava uma espécie de monopólio italo-germânico. Logo que em Londres se viu isto (em Londres compreendem-se as coisas com certa lentidão), a Inglaterra modificou radicalmente a sua política.

Depois de muito lucro haver dado, o comércio com os marxistas decrescera de interêsse. É certo que a guerra de Espanha espalhara entre os traficantes um entusiasmo compreensível, « pois ela permitia — como escreveu o sr. Bernard Fay — vender pelos mais altos preços as mais baixas qualidades de projécteis de espingarda e de artelharia, medicamentos, conservas, idealismo pacífico, heroísmo revolucionário e zêlo republicano ». Nunca se conhecerá a lista completa de todos os homens que dirigiram êsse tráfico, e que organizaram « sociedades » inúmeras para seu exclusivo proveito. Sabe-se, por exemplo, que o filho de Leon Jouhaux teve certos incidentes com a justiça belga, por contrabando de armas. Sabe-se que um militante esquerdista de Aude, de apelido Montel, se gabou, no Congresso Socialista, em Royan, de ser fornecedor dos revolucionários. Em qualquer caso, verifica-se que se vendeu e trocou, numa aliança monstruosa da plutocracia e da revolução.

Em Paris, o ensaiador espanhol Luiz Bunuel dirigia, na rua de la Pepiniére, um escritório de negócios de cinema, no qual se tratava de documentos para a entrada na Espanha vermelha. Servia de ligação entre a embaixada e os comunistas. Por vezes, os delegados marxistas eram simples burlões que, partindo de Barcelona com milhões de pesetas, para compra de aviões, decidiam esquecer-se de adquiri-los, assim que passavam a fron-

teira... Funcionavam escritórios franco-espanhóis em Marselha; em Paris, funcionava uma sociedade francesa de transportes aéreos, e falava-se muito dos laços que uniam a companhia France-Navigation à Espanha marxista. Esta sociedade constituíra-se, em Maio de 1937, sob a protecção de Leon Jouhaux. O seu capital, no espaço de um ano, elevou-se de um a trinta milhões de francos.

Foram a desorganização, as burlas, o roubo puro e simples que impediram a Espanha republicana de aproveitar os recursos monetários que de muitos países lhe enviaram. Apontemos que, em Março de 1938, muitos generais espanhóis não ocultaram a sua surprêsa, ao descobrir, em território vermelho, armas *alemãs*, fornecidas verosìmilmente pelos checos, mas fabricadas no Reich. Os comerciantes de armas não negligenciaram nenhuma fonte de benefício. E houve olhos que se fecharam a isso.

A Inglaterra, por muito que se diga em contrário, não foi estranha a tudo isto. Teve comércio com os nacionalistas, desde comêço. O sr. Eden declarou, nos Comuns, que no decurso dos primeiros nove meses de 1937 « os territórios rebelados compraram à Gran-Bretanha mais de dois milhões de libras de mercadorias. Para tôda a Espanha, no mesmo período, as vendas britânicas atingiram 2.800:000 libras ». A quantidade de carvão adquirido, naquele espaço de tempo, elevou-se a 500:000 toneladas. Êste comércio, valia a pena aproveitá-lo, e tomavam-se as medidas normais para protegê-lo. Por outro lado, registou-se a aparição de muitos navios gregos com pavilhão inglês, o que nos pode levar a pensar que o comércio com os « vermelhos » também não era menor.

Mas os acontecimentos da guerra modificaram, pouco a pouco, a situação. A Espanha nacionalista firmou acordos comerciais com a Alemanha e a Itália, concedendo-lhes a qualidade de fornecedores favorecidos. O Reich teve a preferência, no que respeita a produtos químicos, fabrico de essência sintética e de produtos similares. A Itália teve-a para a celulose. As companhias « Lufthansa », alemã, e « Ala Litoria », italiana, asseguraram os transportes aéreos. Seria absurdo falar de um domínio italo-alemão na economia espanhola, mas não é incoerente dizer que os dois países gozaram de uma situação privilegiada, o que se torna perfeitamente explicável.

Georges Bonnet compreendeu-o com nitidez, em Julho de 1938, fazendo estabelecer negociações oficiosas com o general Franco. Era particularmente importante a questão das pirites espanholas, que serviam as indústrias de guerra francesas. O delegado de Bonnet preguntou a Franco se a França poderia obter cláusulas de uma igualdade de tratamento económico. Foi bem recebido, escutou as mais categóricas promessas, mas as repartições do Quai d'Orsay, da maneira mais surpreendente, impediram que se chegasse a acôrdo ([1]). E assim chegou o fim do ano, sem que a França soubesse aproveitar as boas disposições do govêrno nacionalista, sem que soubesse quebrar a ofensiva económica da Itália e da Alemanha.

Por seu lado, a Inglaterra soube manobrar. A Espanha nacionalista tinha um comércio muito mais importante do que a Espanha marxista. De resto, esta

([1]) Marcel Chaminade — *Feux croisés sur l'Espagne.*

pagava mal e chegava a nacionalizar emprêsas britânicas, como a *Barcelona Traction and C.º*. Eis coisas que abrem os olhos aos mais arreigados partidários da democracia. A história diplomática do ano de 1938 é, de-facto, a história da marcha progressiva da Inglaterra para a claridade.

Manobras marxistas

Tal como os da França, os marxistas britânicos manobravam na sombra, impedindo entendimentos. Mas a Inglaterra lutou com a oposição, com a habilidade dos Estados totalitários e contra as manobras de Moscovo no mundo inteiro, particularmente em França.

Multiplicavam-se os incidentes. No fim de Setembro de 1937, o « Front Populaire » julgou ter encontrado uma admirável ocasião de se manifestar, quando o comandante Troncoso buscou « raptar » o submarino governamental C. 2, que se encontrava em França. Troncoso foi prêso, e procuraram ligá-lo a diversos casos. Nessa emergência, o ministro do Interior, Dormoy, tornou-se tão odioso como ridículo, mas acabou por ver que o terreno não era favorável. Supôs-se que a ocasião era melhor, logo que o « destroyer » inglês *Basilisk* foi atacado — segundo se disse — por um submarino « desconhecido ». O Almirantado londrino declarou, com frieza, que o *Basilisk* não fôra alvo de qualquer ataque. Recomeçaram, então, as séries de falsas notícias, mas a despeito de tôdas elas a Inglaterra entendeu que já tinha muitas questões a preocupá-la. No fim de Outubro, o sr. Eden, pessoa tida por não favorável ao « fascismo », afirmava que « um govêrno nacionalista

poderia muito bem entender-se com a Gran-Bretanha ». De-facto, não tardaria a ser feito um acôrdo.

Foi o acontecimento mais importante da política internacional. Nessa altura, logo após a tomada de Gijon, Londres, até aí na espectativa, compreendeu de que lado estava o seu interêsse. Não se tratava de um reconhecimento *de jure*, nem *de facto*, visto que a Inglaterra apenas mandou à Espanha nacionalista um agente comercial. Mas o sentido dêste gesto foi claro, e tanto que o sr. Delbos, a-pesar-de prisioneiro do esquerdismo francês, tentou segui-lo. Tìmidamente, contentou-se em restabelecer o « Sud-Express », e o comissário especial de Hendaia foi saüdar as autoridades franquistas em Irun. Logo Dormoy expulsou os espanhóis nacionalistas, os operários sabotaram a linha férrea e a França evidenciou estar incapacitada de levar a cabo uma política sã. Em Londres, a compreensão era outra, e o govêrno britânico chegou a obter do general Franco uma declaração favorável à retirada dos voluntários. O govêrno italiano afirmou que não tinha em Espanha mais de 40:000 homens. A Inglaterra aceitou como boa esta cifra, mas não aceitou a declaração da existência de 15:000 milicianos internacionais armados por Valência, por considerar a cifra insuficiente. Quanto à integridade territorial da Espanha, confiou na declaração de Franco, em 18 de Outubro :

— As Baleares estão e continuarão a estar sob a soberania puramente espanhola. Dêsse facto nenhum perigo resultará para os interêsses das outras potências do Mediterrâneo.

A partir do instante em que a Inglaterra adoptou a atitude de espectativa favorável, as negociações genebrinas deixaram de ter qualquer importância.

De resto, Franco multiplicava os seus gestos de cortesia para com a França. Chamou um professor francês, o sr. Chevalier, da Faculdade de Genoble, para reorganizar o ensino. No entanto, aquêle catedrático, por ordem do ministro, viu-se forçado a recusar o convite. Por seu lado, a Irlanda, a Áustria e a Hungria reconheceram o govêrno nacionalista ; os holandeses e os checos imitaram a Inglaterra, enviando para Burgos agentes comerciais. A « Entente » Balcânica também estabeleceu relações com Franco.

Para fazer qualquer coisa, a França tentou diligências tendentes a impedir os bombardeamentos de cidades abertas. O espírito desta acção era dos mais louváveis, mas tornava-se evidente que nenhum resultado se obteria, além de fastidiosas trocas de notas apoiadas em relatórios de comissões, sub-comissões, delegações e sub-delegações.

Em Fevereiro, o sr. Anthony Eden, demitiu-se. A Gran-Bretanha ia poder desenvolver francamente a sua política pacífica e realista.

No « comité » londrino, prosseguiam as discussões sôbre a retirada dos voluntários, mas sabia-se que, em Le Perthus, a infiltração dos milicianos marxistas continuava, e o « Front Populaire » dava a impressão de se opor a qualquer contrôle.

Após o fulminante avanço das tropas nacionalistas, em Março de 1938, o gabinete Negrin pediu ao govêrno francês um auxílio urgente. Parece que êsse apêlo tinha forma de dilema : — « Ou a França nos apoia ou capitularemos ». Blum teria respondido : — « É demasiado tarde. Uma intervenção em nada pode alterar o resultado da guerra ».

Mas os comunistas manobravam. A « Humanité » convidava os operários a exigirem do govêrno socorros à Espanha marxista, como condição prévia para a aceitação do aumento das horas de trabalho. Tramou-se em Paris um singular « complot ». O govêrno caíra, devido ao « Anschluss », e o director dos serviços de Imprensa, no Quai d'Orsay, o sr. Comert, cuja acção foi sempre muito grave, declarou : — « Vingaremos a Áustria, em Espanha ! »

Preguntou-se, com seriedade, se a França não iria ocupar a Minorca, sob o pretexto de assegurar as suas comunicações. O Estado-Maior dizia que, para tanto, seria preciso proclamar a mobilização geral, a-fim-de proteger as fronteiras ; o govêrno hesitava. Nos Comuns, Chamberlain declarava que a vitória de Franco não constituía domínio dos Estados totalitários na Península, e concluía :

— Deixaremos que *outros países* corram o risco de queimar os dedos na fogueira espanhola.

E a verdade é que só a firme atitude do Estado-Maior, do general Gamelin e do vice-almirante Darland, impediram gestos inspirados por Paul-Boncour, relativos a uma intervenção armada em Espanha.

As falsas notícias continuaram a surgir, o contrabando continuou a ser feito, novos incidentes e questões se ventilaram, como a do ouro do Banco de Espanha depositado em França. Reynaud, favorável aos republicanos, não ocultava querer entregá-lo a estes. Daladier e Bonnet opuseram-se, por prudência. Esta atitude correspondeu à decisão dos tribunais superiores, que reconheceram ser o ouro propriedade de uma sociedade privada, da qual a maioria dos accionistas estava ao lado de Franco. Pode fixar-se nesta decisão judicial o começo

da modificação prática da política francesa em relação à Espanha.

Como circulassem novas notícias alarmantes, Franco fêz declarações solenes que suprimiram tôdas as hesitações, quanto à ingerência estranjeira em Espanha: « A Espanha nacional nunca cederá a quem quer que seja a mais pequena parcela do seu território metropolitano, insular ou colonial, contràriamente às insinuações divulgadas por uma propaganda hostil. Nunca pensou em atacar a França, nem em permitir que quem quer que seja utilize o seu território como base para tal fim. A Espanha nacional não tomou com qualquer potência compromissos de natureza a entravar a sua inteira liberdade de acção, quer sob o ponto de vista político, quer sob o ponto de vista económico ».

Todo o documento era cheio de palavras peremptórias; a precisão do texto e os seus destinatários tornaram ainda mais criminosa a obstinação com que os marxistas procuravam impedir a França de restabelecer as relações amigáveis com a Espanha. Mas a obstinação redundou num fracasso total. Os marxistas perderam a cartada.

No « comité » de Londres, a questão dos voluntários chegou à situação de subordinada ao reconhecimento da beligerância. Após 1 de Setembro de 1938, esclarecido o ambiente internacional em Munich, a Itália retirou espontâneamente 10:000 homens de Espanha, e a Bélgica enviou um agente comercial a Burgos.

Em 23 de Dezembro, a ofensiva nacionalista sôbre a Catalunha começou. Ainda se tentou, em Janeiro de 1939, um supremo esfôrço para socorrer os marxistas, propondo ao Estado-Maior a ocupação da Minorca. O govêrno Daladier estava, porém, decidido a não fazer

um único gesto favorável aos republicanos. E não tardou que um senador da Direita, Léon Berard, fôsse enviado como « observador » a Burgos, a-fim-de conferenciar com Jordana, ministro dos Negócios Estranjeiros.

A missão de Berard marca o fim da oposição legal da França ao govêrno nacionalista. Os marxistas jogaram e perderam. Teriam perdido a tempo?

IV

A queda da Catalunha

A segunda parte de 1938 mostrou-se menos sensacional que a primeira. A marcha para o mar, na Primavera, tomara um aspecto triunfal, mas a partir de Junho as tropas nacionalistas davam a impressão de marcar passo. Corriam no estranjeiro os boatos mais alarmistas. Falava-se de que o poderio de Franco estava abalado; dizia-se que êle revelara incapacidade para dirigir operações; contava-se que os republicanos iam passar à ofensiva. De-facto, entre Julho e Novembro, uma série de combates imobilizou os nacionalistas no Ebro. E essa batalha por uma zona de importância bastante relativa foi muito mais dura do que muitas outras. Se a meio de Julho o Exército franquista esperava conquistar Valência em poucos dias, as circunstâncias modificaram-lhe os planos.

A batalha do Ebro

Tal como haviam feito, por diversas vezes com certo êxito, foi por meio de uma diversão que os republicanos

procuraram impedir a marcha de Franco. O ataque sôbre Gandesa correspondeu ao ataque sôbre Brunete e ao ataque sôbre Teruel. Durante a noite de 24 para 25 de Julho, por surprêsa, os republicanos passaram o Ebro em numerosos pontos da grande curva que o rio forma em volta de Gandesa. As tropas nacionalistas estavam ocupadas em levar a cabo um ataque combinado do lado de Merida, na Estremadura, cooperando nisso elementos comandados pelo general Saliquet e pelo general Queipo de Llano. Mais de vinte pontes foram lançadas sôbre o Ebro e 60:000 homens foram empregados na ofensiva. Favorecidos pela surprêsa, apoderaram-se de muitos pontos importantes. Só nos subúrbios de Gandesa as tropas de Franco puderam contê-los. Num único dia, tinham rectificado a « frente » e cortado interiormente a « bôlsa » formada no Ebro. Contra-atacadas, ao Norte e ao Sul, as brigadas internacionais sofreram, ali, grandes perdas. E Franco aceitou o combate, tal como lho ofereciam, e os acontecimentos demonstraram que empregou bom processo: destruir o Exército republicano. A batalha do Ebro proporcionou-lhe o ensejo, ainda que a luta fôsse mais dura do que êle, sem dúvida, previra.

Desde 25 de Julho que as vantagens eram dos marxistas. As suas guardas-avançadas ocupavam as primeiras casas de Gandesa, e ocupavam, em volta, quási tôdas as alturas dominantes. Nos primeiros dias de Agôsto, perdido o ímpeto, começaram a fortificar-se e a preferir a defensiva. A superioridade da aviação e da artelharia pertencia aos nacionalistas. Tornava-se difícil avançar ou construir pontes e estradas. Durante mais de três meses, os dois exércitos ficaram frente a frente, sem que se vissem modificações sensíveis. Chegou a

haver a impressão de que se caminhava para a criação de uma « frente » análoga à da Cidade Universitária.

Mas, pouco a pouco, com um sistema de desgaste lento mas seguro, Franco foi minando o adversário, o qual teve de ir cedendo terreno: uma aldeia, agora, outra povoação depois, uma colina... Em fins de Setembro, a « frente » inflectira paralelamente à curva do Ebro: não a cortava verticalmente e passava pelas alturas em poder dos nacionalistas. Em fins de Outubro, a fase da usura e do desgaste obtivera quási todos os resultados previstos. Chegara o momento de Franco passar ao ataque.

O plano foi combinado por um dos generais mais novos, Garcia Valino. Em 30 de Outubro, a luta recomeçou. Garcia Valino desceu das alturas, a Nordeste de Gandesa, passou o Ebro e subiu até Mora del Ebro, que caíu em seu poder, em 7 de Novembro. Em 11, o Exército do centro entrou em movimento, e tomou todo o bloco de resistência criado pelos republicanos no cruzamento das estradas em Venta de los Campesinos. Em 16, não havia um único soldado marxista na margem direita do rio. Assim terminava a menos espectaculosa mas a mais dura batalha, com a vitória de Franco. O comunicado de Salamanca anunciou 75:000 marxistas mortos, 20:000 prisioneiros, 250 aviões abatidos, e apresamento de um material considerável. Uma tentativa de diversão lançada pelos vermelhos, no Segre, nenhum efeito teve. Os nacionalistas expulsaram-nos e fizeram--lhes 3:000 prisioneiros. O papel da aviação mostrou ser de capital relêvo, sobretudo nos primeiros dias da luta, impedindo com bombardeamentos a chegada de reforços. Considerou-se que o exército vermelho ficara aniquilado no Ebro. Uma única sombra toldou o entu-

siasmo nacionalista; a morte, em combate, de Ramon Franco, irmão do generalíssimo, herói da antiga resistência republicana à monarquia.

A marcha sôbre Barcelona

Depois, durante um mês, Franco esteve silencioso. A propaganda marxista aproveitou, de novo, o ensejo para espalhar boatos de « complots » e rebeliões. Mas a ofensiva eclodiu, na ante-véspera do Natal, apoiando-se na nova « frente » do Ebro e tendo por objectivo o domínio da Catalunha. Nenhuma foi mais fulminante. Nenhuma encontrou tão fraca resistência, a despeito de tudo quanto se contara das fortificações « formidáveis », das « linhas Maginot » catalãs construídas em tôrno de Tarragona e Barcelona. O ataque desenvolveu-se em dois pontos: entre Lérida e Fraga, e entre Balaguer e Tremp, visando alinhar a zona de fogo sôbre a estrada de Tremp a Tarragona. Para isto, foi precisso criar, ao Norte, uma « bôlsa », e do lado de Lérida ocupar o território que formava saliente. Assim, pelo método da criação sucessiva de « bôlsas » e salientes, Franco caminhou para os seus fins. E as previsões, ao que parece, foram ultrapassadas pelos acontecimentos. A-pesar-do mau tempo, o general Moscardó conseguiu, nos últimos dias de Dezembro, um excelente avanço sôbre Balaguer. De-pressa o exército do Norte se apoderou das fontes de energia eléctrica de Cap de la Sierra, cortou a estrada de Temp e tomou Artera, posição que comanda as comunicações do vale do Segre. No Centro e no Sul, o avanço foi também considerável. Ao cabo de 10 dias, Franco ocupara cêrca de 2:000 quilómetros de territó-

rio e aprisionara 20:000 marxistas. Em 3 de Janeiro, as suas tropas estavam em face das últimas linhas de defesa natural, antes da estrada de Mora del Ebro a Tarragona. A tomada de Borjas Blancas colocou os vermelhos numa situação precária. Era-lhes impossível resistir por mais tempo.

Em 11, Montblanch caíu em poder de Franco; ao Sul, Yague ocupou várias aldeias na estrada de Reus a Tarragona e, bruscamente, atacou na direcção do mar. Tortosa caíu definitivamente. A junção preparava-se. Os marroquinos de Yague subiram para Hospitalet emquanto os navarrenses desciam para Tarragona. Ao Norte, outras tropas da Navarra tomavam Pons, cortavam os caminhos para Andorra e comprometiam a linha avançada da defesa de Barcelona.

Os republicanos diligenciavam levar a efeito algumas diversões, em Brunete, na Estremadura, no Téjo e em Granada. Nada conseguiram. Franco não desguarneceu a linha principal, certo de que tudo aquilo em nada poderia afectar o resultado final.

Em 18 de Janeiro, passada a última linha de resistência catalã, o avanço tomou aspectos de corrida. Aos vermelhos faltava o comando e o moral. Não houve verdadeiramente batalha. O exército republicano desmoronou-se, e foi possível verificar, depois, que não sucedeu assim porque lhe faltassem espingardas, nem canhões em excelente estado. A Imprensa marxista não poupava incitamentos e promesssas. « Formaremos uma muralha de aço, diante do invasor » — escrevia *La Rambla*. « Transformaremos a Catalunha numa fortaleza viva » — dizia *Publicitat*. E *Euskadi*, órgão vasco, clamava: « Cada homem — um gigante! Cada catalão — um homem! »

Houve uma curta pausa, em Igualada, atacada pelos italianos da brigada « Littorio » e defendida pelos milicianos anarquistas de Lister — corpo de élite, no meio da debandada geral. Mas Igualada, chave de Manresa, foi tomada. E Manresa caíu também. E deixava de haver obstáculos diante de Barcelona. Durante dois dias, a brigada Lister agüentou-se corajosamente na luta com os italianos. Foi colhida entre as duas hastes de uma tenaz. Tudo derruia. Atingida Villanueva y Geltru, seguiu-se uma série monótona de vitórias. Em 25 de Janeiro, Barcelona estava cercada ; no dia seguinte rendeu-se sem combate. O comércio abriu as portas ; rezou-se missa campal, e o *Auxílio Social* distribuíu víveres pelos famintos. Em três dias, deu 60:000 refeições quentes, 150:000 frias e 350:000 rações de pão.

— Quem é teu pai ? — preguntou uma rapariga a um garotito esfaimado.

— Estalin ! — respondeu a criança, repetindo a lição tantas vezes ouvida.

Descobriram-se, com horror, as « Tchékas » das torturas. Como a moeda republicana não circulava, durante quarenta e oito horas os serviços dos « eléctricos » e os cinemas foram gratuitos. As várias corporações apresentavam-se ao « alcalde ». Barcelona renascia.

Poucos dias depois, a fronteira francesa foi alcançada por Solchaga, que saüdou as autoridades da França. Houve uma grande parada de tropas nas ruas da capital catalã. Os italianos, na sua qualidade de aliados, desfilaram em primeiro lugar, o que desencadeou o furor da Imprensa anti-fascista.

V

O fim da guerra

Depois da conquista de Barcelona, a guerra de Espanha deixou de ter história militar. Nem sequer temos de fazer história da organização interna nacionalista, pois cabe ao futuro a função de solucionar os problemas suscitados pela constituïção social do país e pela guerra. Foi uma nova aventura que principiou, e de cujo fim nada podemos prever. Falta, no entanto, fazer um capítulo de história diplomática, ainda que curta, e um capítulo da decomposição do que restava da Espanha republicana.

A Europa e a Espanha

A presença de Franco às portas de França abriu os olhos àqueles que maior disposição tinham para conservá-los cerrados. Era forçoso reconhecer que já não havia nenhum govêrno republicano responsável em Espanha, e que, na verdade, os « rebeldes » eram senhores da situação. Com uma rapidez algo tardia, inglêses e franceses tiraram do facto as conseqüências necessárias.

Os marxistas intentaram prolongar a ficção do govêrno republicano, com o presidente Azaña refugiado em Paris, ao lado de Alvarez del Vayo. Mas Bonnet apressava-se a declarar: « Nenhum govêrno espanhol poderá existir, sob a soberania francesa ». E Sarraut, ministro do Interior, acrescentou: — « Não podemos admitir que um govêrno espanhol vivo ou « morto » queira instalar-se no solo francês, para nêle continuar a sua actividade política. Acolhemos os ministros espanhóis como refugiados, mas não como governantes ». Isto tornou-se de tal maneira evidente que Negrin quis fixar-se em Madrid e Alvarez del Vayo foi ter com êle, pela via aérea. No entanto, jurìdicamente, o govêrno republicano deixara de existir, em 7 de Fevereiro, quando abandonou o território.

Em 17 de Fevereiro, Leon Berard regressou a Burgos, para conferenciar de novo com Jordana. Desta vez, ia em missão oficial. Tratou de questões importantes: evacuação dos soldados italianos da Espanha e regresso à Espanha dos espanhóis refugiados em França. Houve quem tentasse levá-lo a intervir a favor de prisioneiros políticos e condenados de direito comum. Mas Berard teve de reconhecer Franco sem condições. Foi isto o que êle comunicou a Bonnet e Daladier, que acabaram por compreender e por sacudir as últimas influências marxistas. Estes ainda tentaram lutar, empregando as atoardas como arma. Surgiram mistificadores. Houve autênticas farsas com uma pseudo-carta de um pseudo--nobre monárquico espanhol que seria chefe de um não menos suposto grupo de monárquicos adversários de Franco. Mas findos êsses intermédios cómicos, a segunda missão de Berard foi frutuosa. O movimento do reconhecimento *de jure* alastrou: A « Entente » Balcânica,

o Uruguai, a Holanda, Argentina, Turquia, todos os países escandinavos, Venezuela, Egipto, reconheceram a Espanha nacionalista. Bonnet comunicou a Berard que o govêrno francês reconhecia o govêrno de Franco, sem condições. A Câmara aprovou esta decisão por 323 votos contra 261, em 24 de Fevereiro. « Não quero ter de defender uma terceira linha fronteiriça ! » — disse, nessa altura, Daladier.

No dia seguinte, Jordana e Berard firmavam um acôrdo prevendo a entrega dos bens espanhóis que estavam em França, sem contra-partida do lado espanhol.

Quási simultâneamente, em 27 de Fevereiro, Azaña demitiu-se do cargo de presidente da República e retirou-se para a Saboia. Os republicanos anunciaram gravemente que o seu sucessor seria Martinez Barrio, ainda que o general Miaja, em Madrid, prevenisse o govêrno-fantasma de que era inútil a resistência. No mesmo dia, os gabinetes de Paris e Londres proclamaram reconhecer o govêrno de Franco como único govêrno legal da Espanha. No dia seguinte, por convite de Jules Fleury, Pascua Martinez, representante republicano, saíu do edifício da embaixada em Paris, logo ocupada por Quiñones de Leon, agente oficioso dos nacionalistas durante a guerra, até à chegada de um diplomata regularmente acreditado. Em 2 de Março, Daladier designou o embaixador que resolvera enviar a Burgos: o mais ilustre dos franceses, o vencedor de Verdun — o general Pétain. Em Espanha, o general foi bem acolhido ; em Itália dizia-se que a França queria « exercer pressão » sôbre Franco. Mas o govêrno espanhol deu telegràficamente a sua adesão, e pediu o « agrément » de Paris para o seu embaixador, um antigo colaborador e amigo de

Calvo Sotelo — o « alcalde » de Bilbao, José Félix de Lequerica.

A guerra diplomática parecia haver terminado.

A queda de Madrid

Que aspecto nos apresentaram, desde então, as operações? Sabe-se que o general Franco lutou com dificuldades compreensíveis para organizar a Catalunha, especialmente no que respeita aos reabastecimentos. Por tal motivo, a ninguém surpreende o facto de êle desejar fazer uma pausa, antes de lançar as suas tropas no ataque a Madrid. Foi isso certamente que também retardou a entrada em Espanha dos fugitivos refugiados em França. Mas Franco soube aproveitar o tempo, preparando metòdicamente o assalto à capital, quando se deu um acontecimento algo bizarro, sôbre o qual ainda não é possível fazer luz completa. Referimo-nos à revolta do general Miaja contra o « govêrno de Valência ».

Foi no domingo, 5 de Março, ao anoitecer, que a notícia se tornou conhecida. Eclodira um « pronunciamiento ». O coronel Casado, com o apoio de Miaja, revoltara-se contra Juan Negrin, expulsara êste de Madrid e pretendia continuar sòzinho a guerra contra Franco, no intuito de obter a paz em condições honrosas. Formara-se uma Junta de Defesa, a qual tomou imediatamente atitude anti-moscovita. Segundo ela, haviam sido os comunistas os culpados da perda da Espanha republicana. Na verdade, os espanhóis detestavam, havia muito tempo, a tirania soviética, ainda que Moscovo fôsse o único apoio oficial e regular com que os republicanos contavam. Vivia-se em autêntico regime

de terror, com as « tchékas » e os « grupos de informacion », cientìficamente organizados. Negrin vivia rodeado por terríveis elementos que o guardavam. A derrocada catalã privara os estalinistas de uma grande parte da sua influência. Quando Negrin, algo desamparado, chegou a Madrid, o general Miaja, único homem sensato e de talento existente no lado republicano, disse-lhe que era inútil continuar a guerra. Estabeleceu-se uma luta surda entre os diversos elementos da « Frente Popular ». Negrin, aproveitando o facto de Miaja estar afastado, retirou-lhe o título de chefe do Exército e quis reünir nas suas próprias mãos todos os poderes. Nomeou oficiais comunistas ou comunizantes para os principais postos : o coronel Modesto, o « general » Galan, e Lister, que era mais estalinista do que anarquista. Mas não tardou que Negrin chocasse com dois homens e que estes acabassem por decidir Miaja : tratava-se do coronel Casado e, sobretudo, de Juan Besteiro, socialista-reformista, o mais antigo partidário da capitulação, que se dizia ser homem de confiança da Gran--Bretanha, especialmente desde que representara a Espanha na Coroação de Jorge VI. Estes dois elementos constituíram a Junta de Defesa, apoiados nos antigos ressentimentos dos anarquistas, sedentos de vingança desde os massacres de Barcelona. Chamaram a colaborar com êles dois membros da C. N. T., um da U. G. T. socialista e um republicano da esquerda. Em vinte e quatro horas, êste novo Termidor pareceu haver alcançado o triunfo completo.

Os comunistas, após um instante de indecisão, tentaram o contra-ataque. Durante uma semana, a capital foi teatro de lutas quási tão trágicas como as da Comuna de Paris, sob o olhar indiferente das tropas naciona-

listas instaladas na Cidade Universitária, onde Franco representava, neste caso, o papel que, na convulsão francesa, coube ao príncipe de Bismarck. Os coronéis comunistas Bueno e Barcel, durante os primeiros dias, quási tiveram o êxito a inclinar-se para êles. Estavam senhores da maior parte da cidade. Apenas na zona central existia o domínio da Junta de Defesa. No entanto, esta tinha a seu favor o cansaço da população e o seu desejo de paz. Os outros chefes haviam partido para França. A Alvarez del Vayo fôra apreendido, na fronteira, pela guarda fiscal francesa, um verdadeiro carregamento de « objectos pessoais », tais como jóias, cibórios, preciosas obras de arte religiosa e de outros géneros, etc. Negrin, a « Passionária », Lister e Modesto imitaram-no, mais ou menos carregados, mais ou menos apressados, a-pesar-de terem jurado preferir « morrer de pé a viver ajoelhados ! » Quem estaria disposto a morrer por êles ?

Em 7 de Março, travaram-se combates terríveis, nas zonas do palácio das Comunicações, no bairro das Embaixadas e no Hipódromo. Anunciava-se que Murcia, Almeria e Cartagena se tinham revoltado contra a Junta. Em 9 de Março, Miaja teve de pedir auxílio às tropas do Levante, ao mesmo tempo que os comunistas contavam com o apoio das duas divisões que guarneciam a Cidade Universitária e a « frente » madrilena. No dia seguinte, a situação da Junta estava sèriamente comprometida, porque todos os bairros da periferia se encontravam nas mãos dos marxistas. As trincheiras ficaram, pouco a pouco, abandonadas, em conseqüência desta nova guerra civil no interior da guerra civil. Mas a situação modificou-se. Em 11, as tropas vindas de Valência colheram os comunistas entre dois fogos,

fazendo de uma só vez 15:000 « prisioneiros ». Estes, digámo-lo em abôno da verdade, não sabiam muito bem porquê e por quem se batiam. Ao alvorecer do outro dia, os anarquistas começaram a « limpar » rigorosamente Madrid, vingando-se nos comunistas da sangrenta repressão que os atingira em Barcelona.

Casado e Besteiro, durante êsse período pouco honroso, não cessaram de lançar proclamações. Diziam ignorar as intenções de Franco, o qual, com efeito, preferiu esperar que cessasse a luta, antes de dar a ordem para intervir. O generalíssimo afirmava simplesmente não estabelecer diferença alguma entre os dois partidos e continuar a preparar a sua ofensiva. Ia armazenando, em tôrno da cidade, enormes quantidades de víveres.

Em 18 de Março, Besteiro anunciou que a Junta, definitivamente desembaraçada dos seus inimigos comunistas, ia entrar na principal parte do seu programa: a rendição. No entanto, desejava — e a isso o incitavam constantemente os comunistas — que Franco lhe aceitasse determinadas condições. Por outro lado, a sua posição era incerta. Ignorava como o resto da zona republicana reagiria, desconhecendo também se os comunistas não iriam desencadear um novo movimento. Decorreram muitos dias sem que nada mais se fizesse além de trocar palavras inúteis. Por fim, Besteiro enviou a Burgos dois emissários encarregados de negociar a capitulação. A tôdas as propostas, Franco respondeu não reconhecer qualquer poder real a Besteiro. Exigia a rendição incondicional e a entrega prévia de todo o material de guerra. A maior e única concessão que fazia era fechar os olhos quanto à vergonhosa fuga de certos elementos republicanos. Como as discussões ameaçassem eternizar-se, Franco cortou-as, anunciando que ia

ordenar o ataque. O Quartel General dirigiu uma nota aos milicianos vermelhos, difundindo-a pela T. S. F. O generalíssimo mantinha as suas promessas: benevolência para os iludidos, punição para os criminosos. Recomendava a rendição individual ou em massa de unidades de combate que arvorariam a bandeira branca. Isto é, não querendo negociar com chefes que nada representavam, os nacionalistas dirigiam-se a cada miliciano em particular. Os emissários madrilenos saíram de Burgos em 25 de Março, às 6 horas da tarde. Na manhã de 26, a ofensiva final começou. Primeiro, as tropas avançaram na região de Córdova sem encontrar resistência. Apoderaram-se das minas de cobre de Almaden e de tôda a sua região. Nos arredores de Toledo, Solchaga e os italianos empreenderam uma operação análoga. Estava demonstrado que tôda a resistência se tornava inútil. Miaja saíu de Madrid a caminho de Valência; Casado eclipsou-se. E na capital apenas ficou Besteiro, para entregar a cidade aos vencedores. Em 28, ao meio-dia, os primeiros soldados nacionalistas entraram em Madrid, que se apresentava embandeirada com as côres nacionalistas. Seguiram-nos, imediatamente, os camiões do *Auxílio Social*.

A tomada de Madrid

Uma vez tomada Madrid, soube-se, na tarde do dia seguinte, que tôdas as cidades da Espanha republicana se rendiam ao generalíssimo Franco. Os nacionalistas que nelas existiam, constituindo a famosa « quinta coluna », nomearam imediata e provisòriamente os dirigentes das municipalidades. Assim se passara também

na capital, onde a « quinta coluna » tinha percorrido as ruas, arvorando estandartes vermelho-ouro. A União-Rádio transmitia o hino dos vencedores. E os telegramas das agências contavam ao mundo que, em Madrid, nunca se presenciara tamanho entusiasmo, desde a proclamação da República, em 1931. Não se pode dizer que estes telegramas não encerravam uma ironia singular.

Na própria tarde de 29 de Março, foram distribuídos 20:000 quilos de pão, 70:000 litros de leite, 860:000 refeições frias e 178:000 refeições quentes. Abriram os teatros e cinemas. Os sinos repicavam, anunciando a libertação do culto católico. O general Espinosa de los Monteros dirigia os serviços de reorganização. Às 9 horas da manhã, o « alcalde » republicano, Rafael Henche, abandonou os seus poderes, seguindo-lhe o exemplo vinte e dois dos conselheiros municipais. Um dêles, pertencente à F. A. I., de nome Melchior Rodriguez, encarregou-se de assegurar a ordem na cidade. Foi radiodifundida uma nota, anunciando que os funcionários irradiados em Julho de 1936 eram readmitidos, o que logo levou todos a colocarem-se à sua disposição. Assim que chegaram os primeiros elementos do Exército nacionalista, Melchior apresentou-se às autoridades militares. Estas, atendendo às numerosas vidas humanas que êle salvara, pediram-lhe que continuasse no desempenho das suas funções até que chegasse à cidade o general Espinosa de los Monteros. E assim ficou o anarquista à frente da capital, até o dia seguinte.

A antiga « frente » madrilena tornou-se imediatamente um centro de atracção. Sob o magnífico sol de Março, a multidão encaminhou-se para a Cidade Uni-

versitária e para os Carabancheis, em visita às trincheiras republicanas e nacionalistas. Os garotos corriam pelas ruas, gritando em côro:

Uno! Dos! Três!
Madrid de Franco es!

Divertiam-se em demolir os montes de terra e de tijolos que protegiam os monumentos e as estradas contra os bombardeamentos. Também era para êles motivo de alegria fazer explodir as bombas e as granadas abandonadas. Foi, possìvelmente, com vista a êsses temíveis demolidores de dez anos que foi colocada a seguinte inscrição na Cidade Universitária: « É proïbido destruir as fortificações ». Mais tarde, seriam colocados, um pouco por tôda a parte, cartazes indicadores da situação das trincheiras: « *Ellos* » (Êles) e « *Nosotros* » (Nós), a-fim-de revelar claramente as posições das fôrças antagonistas. Ao famoso « No pasaran », seguiam-se inscrições de « *Hemos pasado* ».

Apurou-se que a « Falange » madrilena nunca cessara a sua actividade na capital. Isso permitiu restabelecer mais ràpidamente a ordem.

— O próprio *Auxílio Social* — declararam a Claude Popelin — funcionou regularmente, repartindo entre as famílias dos nossos partidários centenas de milhar de pesetas que chegavam às nossas mãos através as linhas de combate. Em troca, conseguimos, em plena guerra, fazer chegar ao poder do generalíssimo lingotes de ouro que um dos nossos amigos desviara da administração republicana... Os médicos estavam a nosso lado e encarregavam-se de reformar e desviar das fileiras os

nossos partidários que lhes indicávamos. Até com a Polícia tínhamos estabelecido certas combinações [1].

Em Valência, também os falangistas tomaram o poder. Logo que os generais Aranda e Martin Alonso entraram na cidade, uma turba imensa os aguardava. O povo rompeu os cordões da polícia. As mulheres e as crianças beijavam as mãos dos soldados. Depois, quando se restabeleceu certa tranqüilidade, as jovens valencianas entregaram flores aos generais. Diante do « Ayuntamiento », estavam formados os batalhões do Exército republicano. Apresentaram armas perante os vencedores, à frente dos quais, em homenagem aos alistados voluntários que serviam como oficiais, marchava um simples « alferez provisional », igual a tantos que a guerra espanhola criou. Êsse desfile foi, possìvelmente, o espectáculo mais belo de tôda a vitória.

No Sul, houve cenas terríveis. Não se sabe como, espalhou-se o boato de que certos navios estavam em Alicante prontos a receber a seu bordo os vermelhos que quisessem sair de Espanha. Precipitou-se uma multidão imensa para aquêle pôrto ; ofereciam-se fortunas para obter um lugar. E como surgiam concorrentes, a luta passou a ser travada a tiro e à navalhada. Por fim, o tumulto terminou perante a evidência : não havia quaisquer barcos e os falangistas estavam de posse de tôda a província. As derradeiras convulsões da agonia vermelha foram medonhas.

Em Madrid, Besteiro transmitiu os poderes às autoridades e recolheu ao seu domicílio. Mais tarde formariam o seu processo. Em 1 de Abril, às 11 e 30 da noite,

---

(1) Claude Popelin (5 de Abril de 1939).

em tôdas as praças da Espanha foi tornado público o último comunicado — o primeiro que o generalíssimo firmava. Dizia:

« *Hoje, depois de aprisionado e desarmado o Exército vermelho, as tropas nacionalistas atingiram o seu último objectivo militar. A guerra findou.*

Burgos, 1 de Abril de 1939.

O generalíssimo Franco. »

Depois, Rádio-Nacional transmitiu a nota seguinte:

« Esta noite, sábado, 1 de Abril, às zero horas, a Rádio-Nacional radiodifundirá a última missa da guerra. Em todos os sábados e dias festivos, à meia-noite, esta emissora transmitiu o santo sacrifício da missa, com licença especial de Sua Santidade o Papa, para que os espanhóis da zona oprimida pudessem dessa forma cumprir os seus deveres religiosos. Semelhante privilégio extraordinário nunca fôra concedido a nenhuma estação radiofónica do mundo. Esta última missa é dedicada aos espanhóis dos territórios libertados que, em conseqüência do avanço rápido das tropas nacionalistas, ainda não poderão, amanhã, ouvir missa, por não estar restabelecido o culto em tôda a parte. »

O fim da guerra

De-facto, a guerra terminara, após novecentos e oitenta e seis dias de luta. Os últimos acontecimentos foram de carácter diplomático. Disse-se com insistência que a Inglaterra não foi totalmente alheia à revolta de

Casado e de Besteiro. Ninguém poderá falar concretamente sôbre isso. Em todo o caso, é certo que a Gran-Bretanha viu com agrado constituir-se em Madrid um govêrno capaz de preparar a capitulação. É certo e público também que foi ela quem preparou a rendição da Minorca. Isso constitue, de resto, uma história divertida. A pequena ilha, a única das Baleares ocupada pelos republicanos, e para a qual se falara numa ocupação preventiva pelos franceses, deveria caír em poder dos nacionalistas por forma de-veras curiosa. Um cruzador inglês, o « Devonshire », pairava ao largo de Port-Mahon. Um emissário dos republicanos foi a seu bordo, numa diligência singular. Declarou que a população desejava obedecer a Franco, mas que certos elementos militares, leais à República, não queriam render-se. Os inglêses escutaram-no gravemente, e receberam no seu navio os valorosos combatentes republicanos que recusavam a capitulação... Logo na ilha foi arvorada a bandeira vermelho-ouro.

Uno! Dos! Três!
Minorca de Franco es!

O « Devonshire » nada mais tinha a fazer do que levar até um pôrto francês os irredutíveis lealistas, o que parece não ter agradado aos aviadores italianos, os quais chegaram a bombardear o cruzador durante as negociações. Numa nota cheia de bom-senso, Franco esclareceu que os pilotos agiram sem ordem para tal. Com a França, subsistia uma certa tensão. No momento da revolta de Casado, três cruzadores e oito contra-torpedeiros vermelhos foram refugiar-se em Bizerta.

O govêrno de Paris declarou reconhecê-los como pertença do único govêrno espanhol, mas evidenciou uma lentidão excessiva em entregá-los. O marechal Pétain, chegando em San Sebastian, e ainda sem entregar as suas credenciais, teve de pedir que se apressasse essa devolução dos navios, se não queriam que o mais ilustre dos soldados da França se visse submetido a uma recepção desagradável. Em 23 de Março, o marechal dirigiu-se para Burgos. A neve cobria as estradas. Ofereceram-lhe, por isso, um combóio especial, conduzido por dois nobres, tal como sucedia com o combóio em que o rei de Espanha costumava viajar. Depois, prestaram-lhe as maiores homenagens. E os discursos trocados, em 24 de Março, pelo general Franco e o embaixador francês, traduziram estima e compreensão. Tudo parecia fazer sentir a Pétain que não houvera o propósito de retardar a entrega das credenciais pelo venerando marechal, mas que se desejava ver maior diligência da parte do seu govêrno. A Imprensa publicava artigos amáveis para a França.

Foi nesse momento que o Caudilho, num prefácio ao livro de Pierre Héricourt, *Porque venceu Franco*, escreveu:

« Ah, quanto homens políticos, cegos pela paixão partidária, que nunca deveriam influir nas relações externas, poderiam ter-nos escutado, em vez de trabalhar contra nós! ? Quantos equívocos teriam sido evitados! ? Quanto tempo teríamos ganho e quantas vidas poderíamos ter poupado! ? Nunca ordenei, sem sentir uma dor profunda, que os meus oficiais e soldados rompessem as linhas vermelhas para as quais eu sabia que a brigada soviética empurrava os infelizes filhos da França, cujo valor militar eu presenciei em Marrocos.

Mas tudo isso passou. Não queremos, no nosso triunfo, lembrar-nos senão dos inúmeros franceses que nos acompanharam com suas orações e seus bons desejos. Apenas queremos pensar naqueles que, com coragem intrépida, trabalharam para tornar conhecido dos seus compatriotas o verdadeiro aspecto da Espanha ressuscitada. Como eu já disse muitas vezes no decorrer da luta, a França nada tem a temer de nós.

Burgos, 2 de Fevereiro de 1939 — III Ano Triunfal. »

Simultâneamente, era firmado um pacto de amizade entre Portugal e a Espanha, pacto importante para tôda a Europa, pois Portugal é aliado da Inglaterra. Êsse tratado estipula que os dois países se comprometem a não entrar em nenhum sistema de alianças que possa opô-los um ao outro. Pràticamente, perante um conflito europeu, êste pacto pressupõe a total neutralidade da Península Ibérica. O futuro revelará qual a sua verdadeira projecção.

Faltava solucionar graves problemas, especialmente o dos refugiados espanhóis, os quais só regressavam ao seu país num ritmo bastante lento. Pétain, a despeito de tôdas as dificuldades gerais e de pormenor, quer quanto às pessoas, quer quanto aos bens, ao material de guerra, ao ouro do Banco de Espanha depositado em Mont-de-Marsan e ao material de caminho de ferro de que a Espanha muito carecia, tudo logrou regular. Os nacionalistas franceses, desejosos de um entendimento com a Espanha, assim o haviam pedido desde os primeiros dias da guerra.

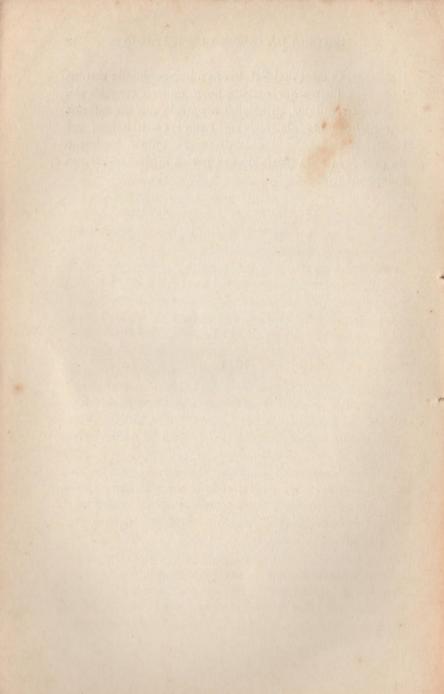
Quanto à partida das tropas italianas, seria o próprio Franco quem a decidiria. Em 1 de Abril, ainda nada fôra fixado a êsse respeito. Mas de-pressa se soube, após o Desfile da Vitória, que elas deveriam sair de

Espanha em 19. Franco não quis que o acusassem de ingratidão. Felicitou Hitler, em 15 de Março, por telegrama, pela anexação da Morávia e da Boémia, « terras milenárias » do império alemão, sem se querer lembrar, em tal momento, que também a Espanha fêz parte das terras milenárias do mesmo império. No princípio de Abril, as Imprensas italiana e alemã anunciavam triunfalmente que a Espanha aderira ao pacto Anti-Komintern, em 27 de Março. Os jornais espanhóis mostraram-se mais discretos, contentando-se em publicar a notícia na terceira página, entre notas da vida local. É que para êles tratava-se de um testemunho obrigatório de reconhecimento, de uma luta contra o comunismo que torturava a Espanha, mas não de uma submissão total à política italo-germânica. Em Março, falava-se, em voz baixa, de uma aliança militar com o eixo Roma-Berlim, mas a Espanha continuou a proclamar que desejava manter-se independente. Esta expressão foi utilizada amiüdadas vezes nos discursos de Franco e nos artigos dos jornais. Pouco a pouco, a vida reorganizou-se, ainda que fôssem grandes as dificuldades. Em Barcelona, os reabastecimentos continuavam a constituir um problema delicado. Quanto a Madrid, tôda a Espanha e até todo o mundo manifestavam carinho especial por aquela cidade-mártir. Enviavam-lhe provisões, auxílios de tôdas as espécies. Nas estradas, era freqüente encontrar camiões da Cruz Vermelha francesa, de que os jornais ilustrados publicaram fotografias. Não existia, na verdade, hostilidade contra a França, a-pesar-de certas discussões. A melhor maneira de sintetizar a situação é esta: « Os franceses não quererão que nós esqueçamos ? » Porque a Espanha nada mais deseja do que a paz e uma colaboração leal. Arruïnada incontestável-

mente pela guerra, com cidades arrasadas e a sua juventude destroçada (anunciam-se oficialmente 1.200:000 mortos, dos quais 400:000 em combate e 800:000 na retaguarda), a sua economia gravemente abalada, a Espanha pode, graças à sua coragem e à sua riqueza, reconstruir-se na paz. Muito poderá fazer quem quiser ajudá-la, não com espírito de opressão, mas sim num pensamento de fraternidade.

Vimos Madrid renascer para a vida, a despeito dos seus bairros destruídos, onde um povo cheio de valor recomeça a instalar-se entre os escombros. Comemos o pão da paz. Não é, bem entendido, o pão branco de 1937. É o pão de centeio. *O pão da guerra era branco; o pão da paz é negro*, e é possível ver nesta metamorfose uma expressão de símbolo. O *Auxílio Social* muito tem a fazer pelos infelizes sem casa e sem trabalho. As restrições, em face de um aumento de dez milhões de espanhóis, são compreensìvelmente maiores do que durante a luta. Mas a organização espanhola causa surprêsa. Em 19 de Maio, mais de 200:000 homens desfilaram, na Castellana, pelo meio de modestas decorações. Bastava estar em Madrid, nos dias precedentes, para compreender as razões de um atraso acêrca do qual muitos boatos tinham circulado. Tudo faltava: madeira, cimento, tijolos, para construir a mais simples das tribunas. Em 15 de Maio, foram desenterrar à catedral o corpo de Santo Izidoro, patrono da cidade, e passearam-no pelas ruas. Considerou-se como grande êxito a obtenção de 30:000 metros de percalina bi-color para o desfile, o qual se realizou, sendo os alemãis e os italianos saüdados com discursos de despedida. Os soldados da Espanha marcharam magnìficamente pelas ruas da capital, ao som das suas bandas de música, que são músicas

francesas. O marechal Pétain era a personalidade estrangeira mais ilustre que assistia ao grandioso espectáculo. Nos dias seguintes, principiou a partida dos voluntários estranjeiros. Os alemãis, em Leon; os italianos, em Cadiz. E Franco, nos seus discursos, uniu à exaltação da grandeza e da glória do seu país a afirmação da sua independência.

FIM

Duas notas do tradutor

I

A derrocada económica dos vermelhos

No terreno económico e financeiro, tal como sucedeu no terreno militar, a indisciplina perdeu os vermelhos. A política obcecou-os. Alucinavam-nos as divergências doutrinárias. E a cegueira chegou a tal ponto que a situação já atingira proporções desastrosas, quando se pensou em fazer-lhe frente. Era demasiado tarde. Antes de vencida nos campos de batalha, a revolução marxista entrara na agonia, mercê dos erros praticados no domínio económico.

Em Valência, no «Pleno Nacional» dos «Trabajadores del Crédito y de las Finanzas», ali realizado de 4 a 9 de Abril de 1937, as teses e as discussões não foram de molde a esconder que o problema económico tomara aspectos dramáticos. Tôdas as delegações protestaram contra os excessos, os ataques à pequena propriedade, as confiscações de fábricas e oficinas pelo operariado, a liberdade de emissão de dinheiro concedida a todos os organismos dirigentes provinciais. A delegação de Cartagena clamava: «Dão-se episódios a que nós, os bancários, devemos opor resistência, pois revelam e constituem uma política de banditismo». *Mais conhecedora das questões económicas e financeiras, a classe dos bancários buscava de-facto, pôr côbro ao roubo desenfreado e às iniciativas inconseqüentes, aos abusos e às especulações. Mas à sua volta levantava-se o brado: «São burgueses como os outros. Têm os vícios do capitalismo. Atraiçoam a revolução! Abaixo os bancários!* Queremos

uma sociedade sem Estado e sem dinheiro!» *(Conf. «Treball» — Barcelona — 25, Abril — 37). Era o delírio, um frenesi que só terminaria com a derrota, para a qual concorreu poderosamente.*

«Sugerimos a necessidade de uma campanha vigorosa para fazer compreender a todos ser indispensável uma continuidade em matéria económica. Afirmamos a necessidade de aplicar processos evolutivos, por estarmos plenamente convencidos de que os problemas económicos não se liquidam como quem corta uma planta pela raiz» — ponderavam os delegados de Cartagena. Os de Ciudad Real exclamavam: «Notamos uma falta quási absoluta de direcção na política económica». *Mais violentos, como bons asturianos, os representantes de Gijon diziam: «Não estamos de acôrdo com o facto de o Govêrno ter consentido às províncias emissões de papel moeda por sua conta. Ignoramos quais foram as razões poderosas — se é que existem — que tal coisa aconselharam. Consideramos, no entanto, um êrro gravíssimo autorizar que determinadas províncias façam funcionar as máquinas de imprimir. Há elementos aos quais se dá o pé e logo querem a mão, e estamos certos de que, quando tudo isto se liquidar, haverá duas categorias de províncias: Primeiro — aquelas que, alegre e confiadamente, puseram em andamento as máquinas de imprimir e, por tal motivo, viveram, ainda que ficticiamente, num regime de desafôgo. Naturalmente, em estado de guerra, êsse desafôgo é relativo. Segundo — aquelas que levaram uma vida austera e cuidaram de prejudicar o menos possível a nossa moeda, não concedendo aumentos de salários, vendendo os produtos aos preços habituais, etc. Quando soar a hora da liquidação, as primeiras — até aquelas que com maior autonomia quiseram governar-se — arrojarão para longe, como se fôsse o espólio de um leproso, a montanha de papel-moeda emitido, para que semelhante encargo seja assumido por todos os espanhóis. E os cidadãos que pertencem às províncias da segunda categoria terão de pagar injustamente os esbanjamentos do filho pródigo que se decide a regressar. No entanto, não é êste o único mal. Há outro, ao qual não se concede importância, e que assume gravidade. Referimo-nos às dificuldades criadas por todo êste papel-moeda nas relações inter-provinciais. Por vezes, nós, asturianos,* nas relações comerciais com os vascos, perante as dificuldades que nos apresentam, ou vice-versa, quási somos levados a crer que estamos a lidar com um país estranjeiro e, *o que é pior, com nações que têm bloqueadas as suas divisas. É preciso remediar isto, antes que seja*

tarde. Acima de tudo e a-pesar-de tudo, somos espanhóis, e tão espanhola é a terra catalã como a vasca, a asturiana ou a de Castela. Está bem que cada qual fale o seu dialecto ou idioma, se assim o desejar, que tenha um sistema administrativo diferente do nosso, que tome nas suas mãos a organização da ordem pública, etc., mas o que não deve ser consentido é que façam, quando lhes dá na veneta, experiências económicas. Não, porque a questão é excessivamente séria e as suas conseqüências a todos virão afectar.»

Os representantes de Huesca não eram menos eloqüentes: «Se antes do movimento se censuravam os procedimentos de alguns Bancos, com evidente prejuizo do natural desenvolvimento de outros, estamos agora perante regionalismos que dificultam extraordinàriamente a marcha já trôpega das nossas actividades. *Referimo-nos concretamente à atitude de independência adoptada pela Banca estabelecida na Catalunha, a nosso lado. Aos Bancos de Huesca foi-lhes negada pelas suas sucursais em território catalão a satisfação de ordens de pagamento, a-pesar-de terem fundos para isso e a-pesar-de lhes ter sido dito que as verbas voltariam a entrar-lhes em caixa. Dada a nossa posição geográfica, vizinhos da Catalunha, precisamos do imediato acôrdo quanto à liberdade mútua de movimentos entre a Banca das duas regiões. De contrário, ver-nos-emos forçados a caminhar com grande lentidão na normalização da Banca aragonesa, com enormes prejuizos para todos, visto que em noventa por cento das operações intervém a Banca estabelecida na Catalunha.*

Também devemos classificar, aqui, de pernicioso, o facto de haver numerário em excesso nos cofres da Banca privada catalã, emquanto o Banco de Espanha luta com grandes dificuldades por falta de reservas, *com enormes prejuízos para o crédito do Estado».* Guillén, *que dirigia o «Centro de Contratación de Moneda», erguia a voz, focando «a realidade económica, com tôda a sinceridade, no domínio dos acontecimentos diários». Segundo êle, não havia «um pensamento coordenador ou orientador das actividades de todos os sectores anti-fascistas, nesta matéria de alta transcendência». Uma frase, que nem traduzo para que ela conserve tôda a sua expressão: «El cantonalismo con que se ha operado en materia de comercio exterior* ha tenido desastrosos efectos sobre éste, en relación con el problema de divisas, y también en cuanto al precio de la vida en el mercado interior. *La iniciativa de grupo, de sindicato o de localidad, atento cada uno a* resolver su cuestión

particular, *ha significado para la economia de la España leal una inapreciable pérdida de substancia, pérdida de la que comenzamos a resentirnos. Como resultado en parte de estos errores*, tenemos el espectro de inflación. *Es obligada una acción común de la clase obrera para contener la marcha a la desvalorización de nuestro signo monetario* ».

Tal era, neste capítulo, o parecer dos asturianos, que, mais adiante, punham a claro depredações e abusos: « Há empresas bancárias intimamente ligadas a empresas industriais. Muitas vezes, os créditos concedidos superam a actividade e a produção dessas emprêsas. Em várias ocasiões, fêz-se isso por altruismo, para debelar o desemprêgo, e em outras obedecendo à finalidade de recuperar parte dos créditos anteriores. Para tais empresas constituirá um largo esfôrço a compensação, sobretúdo se tivermos em conta que muitas indústrias estão, agora, sob o contrôle inconsciente de gente que, por ignorância ou egoismo se recusa a reconhecer as dívidas *por elas contraídas com os Bancos. É cómodo e fácil apropriar-se de uma fábrica ou oficina, sem pagar ou reconhecer o valor da instalação ainda não amortizada, utilizar as matérias primas em armazém e vender os produtos manufacturados antes da confiscação ou aquêles que, com as referidas matérias primas, podem ser manufacturados. Assim, até o mais ignorante simula de administrador* ».

Não lhes ficavam atrás os delegados de Granada: « Noventa e cinco por cento dos industriais desta província, na maioria indústrias transformadoras das matérias primas do campo (farinhas, azeites, açúcares, etc.), estão confiscados, não por organismos do govêrno, mas por êste ou aquêle sindicato, e os conselhos de administração nomeados pelos camaradas confiscadores não têm, na generalidade, a mínima capacidade técnica *indispensável para orientar as indústrias e dar-lhes o seu máximo rendimento* ».

Os resultados das confiscações eram, de-facto, catastróficos. Os representantes de Aragão expunham-nos, com rude clareza. Acusavam directamente os vários e sucessivos « comités » de nada terem feito em favor dos trabalhadores, e citavam: « Foi preciso encerrar a sucursal do Banco de Aragão em Monzón, em face do procedimento e das atitudes do « comité » fiscalizador instalado naquela vila... E não se julgou também prudente que a sucursal de Boltaña retomasse a actividade, dada a proximidade de Ainsa, onde funciona outro « comité » idêntico »... E bradavam, num

desafôgo : « Não é possivel separar a situação comercial, industrial e agrícola da desorientação que em tudo se observa. Quando ao cabo de oito meses de guerra ainda não fomos capazes de estabelecer o comando único, quando as ordens expedidas por qualquer ministério nem sequer são lidas, *quando qualquer autoridade revolucionária* não é respeitada nem acatada, *quando o Conselho de Aragão só cumpre as suas próprias determinações* na parte que lhe convém e interessa, *como poderemos fixar as normas de uma política económica, agrária ou industrial ? »*

Encetado êste caminho de confissões amargas, dirigiam acusações à anarquisante C. N. T., verberando a maneira como agiam os seus « comités » de abastecimentos. Mantenho o texto em espanhol, por ser de fácil compreensão e porque algo perderia do seu sabor, vertido para português. Ei-lo : « Si al principio del movimiento faccioso, cuando los vales se repartian profusamente, se consumia el almacenado y no nos preocupaba la nueva producion, tuvieran estos Comités alguna función, que pudo ser la centralización de productos para su distribución, en la actualidad son tan prejudiciales para nuestra Economia, que si no logramos su desaparición inmediata, ignoramos adonde nos conducirá el colapso económico que están produciendo.

La C. N. T. tiene constituída su organización interna por comarcales, las cuales se han sabido aprovechar para instalar, en las cabezas o puntos de residencia de las mismas, los Comités que han estimado conveniente, entre ellos los llamados Comités de Abastos, los que instalándose en las mejores casas comerciales de los pueblos de residencia, *y contando con las existencias de los mismos, empezaron a funcionar, pretendiendo en los primeros momentos centralizar todo el comercio de la localidad en todas sus clases. Con este fin, establecieron, o por mejor decir, convirtieron otros establecimientos en mal llamadas cooperativas,* auxiliando y ayudando muy especialmente a las colectividades integradas y formadas única y exclusivamente por los militantes de la C. N. T. *Estas cooperativas fueron instaladas en los establecimientos que mejor les parecieron, dada su situación estratégica o importancia del mismo,* incautándose de todas sus existencias, a pesar de que sus proprietarios no han sido declarados facciosos. *También procedieron a la incautación del aceite propiedad de los almacenistas de la plaza, incluso de algunas partidas pignoradas por Bancos de la localidad, negándose, tanto en las partidas libres como en las pig-*

noradas, a reconocer los compromisos de venta contraídos por sus propietarios con anterioridad a la fecha de incautación. Al mismo tiempo, estos Comités de Abastos se abrogaron la exclusiva de aprovisionamiento a las distintas columnas que operan en los frentes lo que les proporciona pingües beneficios. *Dadas las características de esta plaza y contra nuestro sentir,* nos hemos visto obligados a concederles auxilios económicos de alguna importancia, *no habiéndonos sido posible hasta la fecha, a pesar de nuestros insistentes requerimientos, liquidar estos préstamos, que han sido concedidos sin interés alguno.*

Esta federada ha de hacer constar su más enérgica protesta por la falta de pan *en algunas regiones leales al Régimen, mientras* en otras sobra trigo, *y consideramos culpables a* esos perniciosos Comités, *que conceden valor al intercambio de productos y casi se lo niegan al dinero legal.*

Al hallarse las colectividades productoras de artículos alimenticios con el problema que dichos Comités les plantea, conservan en su poder el trigo y otras materias que poseen, a fin de intercambiarlas con lo complementario a sus necesidades, produciéndose una paralización de productos con notorio peligro de que queden inutilizados para el consumo, mientras en otras zonas carecen de ellos en absoluto. *En igual situación se encuentran los campesinos individualistas, ya que los referidos Comités* les tienen controlados todos sus productos, no dejándoselos vender más que cuando a ellos no les hacen falta ».

Apontavam, entre outros, um caso flagrante : « *Como dato concreto hemos de hacer constar el de la Azucarera de Monzón R. C. En esta azucarera se hallaban depositados recientemente* seis millones de kilogramos de azúcar, mientras en Barcelona importaban del extranjero la necesaria para sus atenciones, *con el correspondiente desembolso de divisas, que tanta falta hacen para otras necesidades. ¿ Y cómo la región aragonesa va a permitir la salida de esa riqueza concentrada,* si con su valor en moneda no le sería posible atender sus otras necesidades ? »

Tôdas as delegações foram unânimes em condenar os ataques à pequena propriedade, vendo nêles « um obstáculo sério, capaz de pôr em perigo a mais forte e vigorosa das revoluções ». E proclamaram : « De quanto fica exposto, chegamos a esta firme conclusão : É preciso respeitar os interêsses dos pequenos proprietários ! O Estado deve protegê-los, pois existem — doloroso é confessá-lo —

elementos irresponsáveis ou selvagens que ocasionam irreparáveis prejuízos ao triunfo revolucionário, atacando êsses pequenos agricultores ou industriais ».

Na verdade, percorrendo o volume formado pelas teses, o verdadeiro caos económico da Espanha republicana aparece-nos sem artifícios, mercê das revelações dos próprios dirigentes de uma classe que muito trabalhou para a revolução marxista. Os elementos da C. N. T. e de outros partidos e organizações buscavam enriquecer-se, amealhar, capitalizar quanto podiam, naquela vaga de abusos e confiscações. « Observamos, através desta fase revolucionária que vivemos, a aparição de uma infinidade de novos capitalistas *que metem o dinheiro nos cofres,* dispostos a preparar uma vida cómoda e burguesa ». *Assim falava a delegação de Murcia.*

A colectivização da terra suscitava incidentes graves. Os trabalhadores conheciam os horrores de uma fome nunca até aí experimentada, mas os cofres dos sindicatos enchiam-se. « En la actualidad — declaravam os delegados de Huesca — tanto unos como otros, hemos de resignarnos a escuchar las lamentaciones de los trabajadores *y su buena disposición para cancelar sus compromisos si esto les fuera posible,* mientras las arcas de algunas colectividades se encuentran nutridas de billetes inactivos, tan necesarios para ganar la guerra. *Se observa* por parte de los campesinos una gran aversión a cuanto suponga colectividad, *habiéndose producido un malestar evidente, que* si no transciende obedece a la falta de garantías que tiene para manifestarse ».

Outros sublinhavam : « Até agora, nada se fêz em prol do camponês e da agricultura ».

A produção baixava a um nível ínfimo. O ouro saía sem cessar do país, levado pelos aventureiros e pelos exploradores da guerra ; as matérias primas faltavam, os operários caíam na indolência, no desleixo e num cepticismo amargo. « É preciso promulgar uma lei que assegure a intensificação do trabalho — reclamavam os representantes de Madrid. — É preciso nomear uma entidade fiscalizadora, que castigue tudo quanto se possa considerar sabotagem da produção, que não consinta a crescente ociosidade durante as horas de trabalho, e que vigie rigorosamente os dirigentes de cada oficina, de cada fábrica, etc., a-fim-de impedir incúrias, incompetências ou sabotagens. Exigimos que se imponha uma férrea disciplina no trabalho, na produção, na distribuïção e na administração ».

Os de Ubeda vociferavam: « Hay circunstancias que pesan considerablemente sobre nuestra economía; cuales son, el egoismo, la indisciplina, el desacato a decretos de nuestro Gobierno *en no pocos casos y acuerdos,* incluso de las mismas centrales sindicales, de gran parte o de la mayoria de las clases productoras, *las cuales crean no pocas dificultades en la retaguardia, por su inconsciencia, tal vez por falta de preparación social, y que no comprende o no quieren comprender los sacrificios que exigen los momentos de todos los antifascistas, imponiendo* por la fuerza de revolucionarismos infantiles, y a trueque de grandes perjuicios, *la continuidad de tales circunstancias amparadas en Comités y más Comités,* en su casi totalidad incapacitados para la directriz de tan magna obra como tenemos planteada.

Además de estos datos que la experiencia nos ha enseñado, hay que tener en cuenta que es consecuencia de la revolución el eliminar a los factores que encarecen la producción viviendo parasitariamente sobre ella con evidente perjuicio para el Estado, hoy el pueblo. Pero es el caso que tales parásitos que nada producen y que constituyen una carga, quiérase o no, para nuestra economía, en infinidad de casos han sido suplantados por esos clásicos Comités que deben desaparecer inmediatamente, *no habiendo más Comité, ni más Control, que nuestro Gobierno dirigido por nuestro camarada Largo Caballero ».*

Os valencianos pediam repressão: « É preciso agir com rigor. Os Bancos, na sua maioria, estão falidos, *pois os « comités » de confiscações nada querem pagar e as operações estão paralisadas. Por muito que nos custe,* temos que pôr de parte, durante muito tempo, as nossas melhores ilusões, os nossos mais fundos desejos ». *A seu lado, os murcianos pediam que se « restabelecessem e animassem as pequenas economias ».*

Acabou-se por dizer, num abandono de tudo quanto se proclamara para levar as massas para a revolução, que se tornavam necessários « procedimientos análogos a los empleados por el gran capitalismo, sólo que con la formidable realidad de que ha de ser adaptado a la finalidad y eficácia de nuestros postulados ».

Quem não descobrirá a derrota, nestas confissões e censuras, nestas revelações e neste conselho final? Sem alicerces sólidos, sacudido pelo ciclone dos instintos, das ambições e dos ódios, o edifício oscilava e começava a desmoronar-se. A derrocada não tardou, como se viu.

II

O documento inicial da acção comunista contra os elementos do P. O. U. M. e da F. A. I., acção que teve sua fase culminante nos massacres de Barcelona, constitue um elemento de inegável valor histórico. É um relatório secreto dirigido pelo Comissário Geral de Madrid ao Director dos Serviços de Segurança, em 1 de Junho de 1937. Eis o seu texto integral:

« Comisaria General de Madrid. — Servicios de Espionaje y Contraespionaje. — El Comisario General de Madrid considera su deber poner en conocimiento de El Ex.mo Sr. Director de Seguridad, los siguientes detalles del ultimo servicio prestado por la Brigada especial de la Comisaría General.

En el transcurso de los meses de abril y mayo pasados, se han descubierto y se han llevado las investigaciones oportunas sobre la organización de espionaje fascista de mayor importancia, entre todas las desenmascaradas hasta la fecha. A diferencia de todos los grupos organizados que hemos encontrado en nuestra lucha contra el espionaje, la presente organización contaba con un número considerable de miembros que tenían a su alcance, por los puestos que ocupaban, todas las posibilidades de poner con la rapidez necesaria en conocimiento del enemigo datos sobre la situación, movimiento, armamento y planos de operaciones de las fuerzas republicanas.

Hasta el dia de la fecha van detenidas mas de 200 personas por su participación en la labor de esta organización. Entre las personas de que disponia esta organización de espionaje figuran elementos del Estado Mayor de las fuerzas que operan en las frentes del Centro y de sus unidades. Entre los detenidos militares figuran por ejemplo, uno de los colaboradores de la Secretaria del Estado Mayor del Frente de Madrid, Capitán Luján, el capitan de Tanques Carlos Faurie, el Capitán medico militar Eduardo Isla Carande, el capitan tanquista Juan Herrada. (Los tres ultimos componian el triunvirato visible militar que trabajó a las ordenes de la junta suprema de Falanje española), el teniente Maximo Prieto Arozarena, jefe de la Comandancia de Artilleria de Vallecas, capitan ayudante

de Asalto, nombrado en los dias de su detención jefe del E. M. de una Brigada en formación Angel Arrbal: capitán del mismo Cuerpo Julián Sanchez Bolañor; capitán De Benito, del arma de Artilleria; capitán Jesus Mohino Alonso, de la Junta de compras del Ministerio de la Guerra; comandante retirado Carlos Alfaro de Pueyo, autor de un proyecto de sublevación armada en Madrid, cuyo original obra en autos.

La organización tenia igualmente un apoyo por mediación de sus Agentes en otros organismos del Estado, como por ejemplo en la Guardia Nacional Republicana, en Sanidad Militar, en Servicios de Información del Ministerio de la Guerra, en el Negociado de Defensa antiaerea del Ministerio de Marina y Aire, en la Cruz Roja e incluso entre la Judicatura.

Entre los detenidos figuran por otra parte, una serie de destacadas figuras de derecha, representantes de la antigua aristocracia, industriales, arquitectos, médicos, ingenieros, etc.

La organisación actuaba en forma estrictamente secreta, y muchos de sus miembros viván completamente ocultos, por ejemplo al amparo de representaciones diplomáticas, como las Embajadas de Chile y el Consulado del Perú. En el registro efectuado al entrar en el último, se encontró una estación receptora-emisora de radio, con claves para la comunicación con el campo faccioso, no teniendo el mismo Consul inconveniente en firmar el acta de ocupación. En alguna de estas representaciones, como en la Embajada de Chile, siguen todavia trabajando para el enemigo, bajo protección diplomática, miembros destacados de la Junta Suprema de Falange Española, como Manuel Weglisson y Leopoldo Panizo, médico, jefe en la actualidad del Triunvirato director de Falange. En la podemos citar a Joaquín Arqués, conocido entre los fascistas por Sinclair, *tercer miembro del citado triunvirato.*

Los documentos cifrados hallados en poder de los detenidos eran notas que contenian datos de caracter militar secreto, destinados a su transmisión al enemigo (emplazamiento de nuestras baterias en la Casa de Campo, en las márgenes del Manzanares, relación completa de las baterias antiaereas de Madrid, con indicación en croquis de sus emplazamientos, distribución orgánica de todos los efectivos del ejército del Centro y planos de sus operaciones, ordenadas y abcisas de nuestras baterias, notas todas de puño y letra de los detenidos).

Pero, además de estos documentos, se han encontrado otros, que por ser secretos y tener caracter exclusivamente oficial, hubieron de ser sustraidos de los despachos del Estado Mayor del Frente del Centro.

Pero esta organización no sólo desarrollaba una actividad de espionaje en favor del enemigo, sino que, apoyándose en sus grupos de acción, y en perfecto enlace con agrupaciones extremistas, como el P. O. U. M. y otros, preparaba para el momento más oportuno, una sublevación armada.

La circunstância de que la investigación estuviera desde el primer momento regularmente asegurada por la existencia de informadores y el hecho de que los detenidos fueran sorprendidos in fraganti *y se les ocuparan documentos de su puño y letra con datos militares de caracter secreto, explican el que todos los detenidos, ante la gravedad de las acusaciones que pesaban sobre ellos, hubieron de reconocer su culpabilidad.*

El peligro de semejante organización de espionaje y las posibilidades que su extensión le habia proporcionado, pueden apreciarse por las siguientes palabras de una comunicación, dirigida por la organización al «Generalísimo» Franco, comunicación que se redactó sobre el reverso de un plano de Madrid, milimetrado por uno de los encartados, para utilizarlo en la localización de los datos transmitidos al enemigo. En el reverso de este plano, con tinta simpática y caracteres cifrados (que han sido descifrados por el personal técnico de E. M.) han sido leídas estas palabras: «Al Generalísimo personalmente, comunico: Actualmente estamos en condiciones de comunicarle todo lo que sabemos respecto a la situación y el movimiento de las tropas rojas. Las últimas noticias radiadas por nuestra emisora prueban un serio mejoramiento de nuestros servicios de información».

El resto de la comunicación permite ver hasta qué punto representaba un serio peligro la organización de una sublevación armada en Madrid: «En cambio el agrupamiento de las fuerzas para un movimiento de retaguardia va con cierta lentitud. No obstante, contamos con 400 hombres dispuestos a actuar. Estos bien armados y en condiciones favorables en los frentes de Madrid, pueden ser la fuerza motriz del movimiento. Su órden sobre la infiltración de nuestros hombres en las filas extremistas anarquistas y del P. O. se lleva a cabo con éxito. Nos

hace falta un buen jefe de Propaganda, el cual llevaria este trabajo independientemente de nosotros para poder actuar con más seguridad. — (Sigue la parte cifrada) : « En cumplimiento de su órden fui yo mismo a Barcelona para entrevistarme con el miembro directivo del P. O. U. M., N. Le comuniqué todas sus indicaciones. La falta de comunicación entre usted y él se explica por las averías que sufrió la emisora, la cual empezó a funcionar nuevo estando yo todavia ahí. Seguramente habrá recibido usted la contestación referente al problema fundamental. N. ruega encarecidamente a usted y a los amigos extranjeros que sea yo única y exclusivamente la persona señalada para comunicarse con él. El me ha prometido enviar a Madrid nueva gente para activar los trabajos del P. O. U. M. Con estos refuerzos, el P. O. U. M. llegará a ser, a la ra que en Barcelona, un firme y eficaz apoyo de nuestro movimiento. (Sigue otro párrafo sin cifra): Las noticias comunicadas por conto de B. han perdido ya su actualidad. Pronto les comunicaremos nuevos datos. La organización de los grupos de acción se va acelerando. El asunto de las operacións que se proyectan en el Sur sigue sin aclararse ».

El hecho de que la organización no persiguiera tan solo un fin de espionaje, sino grandes objectivos políticos, y de que haya sabido convertir en arma suya un partido entero (el P. O. U. M.) y grupos extremistas, demuestra que nomse trata de un núcleo de caracter local, sino de una organización que tenia derivaciones en casi todos los centros y provincias de la España republicana.

Poniendo todo lo que antecede en su conocimiento, considero conveniente se den las órdenes oportunas para el descubrimiento de los grupos que puedan actuar en contacto con esta organización o en dependencia de la misma en los diversos puntos del territorio nacional. En este sentido, creo en primer lugar necesario intensificar la labor de investigación en el seno del P. O. U. M., convertido, como dice la mencionada comunicación, en « firme y eficaz apoyo » del movimiento fascista, y reforzar, tanto en el sentido de recursos materiales, como en lo que se refiere a los demás elementos, el aparato de la Policia de Madrid, para poder, con la máxima energia y en un plazo brevisimo, extirpar hasta sus más hondas raices clandestinas

y en todas sus derivaciones estas peligrosas organizaciones de espionaje.

Igualmente, entiendo deben examinarse las posibilidades de entrada en la Embajada de Chile, para proceder a la detención de los miembros dirigentes de esta organización allí refugiados.

Por último, debo subrayar que el descubrimiento de una organización de tanta importancia es síntoma de una situación gravísima en nuestra retaguardia, lo cual merece desde luego ser expuesto a la consideracion de las personas que en la actualidad dirigen la vida de nuestro país. — Madrid, 1 de junio de 1937.»

Os comunistas conseguiram também basear o processo anti--trotskista numa carta de-veras interessante, e que parece revelar existir, de-facto, desde fins de 1935, ligação de elementos nacionalistas com a organização defensora das doutrinas de Trotski. Foi dirigida pelo advogado Henrique de Angulo ao sr. Gil Robles, chefe do partido «Acção Popular», quando êste sobraçava a pasta da Guerra. O seu teor é o seguinte:

«Enrique de Angulo. — Abogado. — Corresponsal de «El Debate». — Barcelona 18 de Octubre 1935. — Sr. Don José Mª Gil Robles. — Madrid — Mi querido amigo: Un amigo de Barcelona, el abogado Don José Mª Pallés, que por cuestiones de negocios e intereses viaja frecuentemente por el extranjero donde tiene relación con personalidades destacadas del mundo internacional, me dice tiene proporción de llegar a un acuerdo con las organizaciones de los rusos blancos y de los trozkistas de Paris y Berna, quienes le podrian poner al corriente de las maquinaciones de los comunistas con respecto a España. Me dice que sus informes pueden serte especialmente interesantes por ser tú el blanco de los odios de todos los sectores revolucionarios. Me dice tambien que hasta el 31 de Octubre tiene opción para un servicio de «inteligencia internacional» a fin de estar al corriente de los puntos que son de ver en la nota adjunta.

Tu verás si por el Ministerio de la Guerra o por la Secretaria del Partido podria interesarte organizar el servicio de que me habla el Sr. Pallés. De este señor Pallés creo te podrian dar datos fidedignos Santiago Alba, que le conoce de antiguo y

tuvo frecuentes tratos con él durante su estancia en París, y tambien Martinez de Velasco.

Confiando en que te resultará interesante cuanto te digo, te abraza y desea muchos éxitos tu buen amigo. (a) Enrique de Angulo.»

No verso lia-se:

«PROGRAMA DE NUESTRA COLABORACION. — 1.° — Los informes acerca la actividad de la sección española de la 3ª Internacional de Moscou, acerca los dirigentes de esta sección, sus instructores, y sus viajes al extranjero con detalles de estos viajes. 2.° — Los informes acerca la actividad de la oficina de la 3ª Internacional en París, referente a España. El movimiento de fondos para la actividad revolucionaria en España, y que «hombres de paja» (bancas, financieros, comerciantes, etc.) tienen en ello participación. 3.° — Informes acerca la actividad de los Socorros Rojos Internacionales dirigida contra España, acerca las células españolas de S. R. I., sus domicilios en Francia, los sitios de reunión, los modos y forma de transmisión de fondos, los nombres de los correos dirigidos desde España. 4.° — Información acerca el sistema de correos que funciona entre la oficina de la 3ª Internacional de Paris y España. 5.° — Información acerca la actividad de las agrupaciones españolas cerca del partido comunista francés y principalmente con el Centro de Toulouse, y acerca las personas del partido comunista que sirven de enlace entre Toulouse y España. 6.° — Información acerca la actividad ilegal del partido comunista español en España mismo. 7.° — Información acerca las tentativas para crear «Frente Popular» de los partidos españoles de izquierda, bajo la dirección de los comunistas y de la 3ª Internacional. 8.° — Información acerca la actividad de los franco-masones dirigida contra los partidos de derecha españoles y contra el actual Gobierno de este pais. 9.° — Acerca los movimientos del «Frente Popular» en Francia, que pueden acarrear consecuencias politicas en España. — Paris, 8-x-1935.»

Índice do 2.º volume

II PARTE

A MARCHA SÔBRE MADRID

(Agôsto 1936 — Março 1937)

III PARTE

A LIBERTAÇÃO DO NORTE

(Março 1937 — Outubro 1937)

IV PARTE

A LIBERTAÇÃO DA ESPANHA

(Outubro 1937 — Março 1939)

Os Grandes Dramas do nosso tempo

Com esta obra de Brasillach e Bardèche, inicia a Livraria Clássica Editora uma nova colecção denominada

Os Grandes Dramas do nosso tempo

Depois de tornar publicos, na nossa língua, muitos dos documentos mais interessantes da conflagração de 1914-18, assim como das suas origens; após divulgar elementos susceptiveis de apresentar, sob uma luz nova, o conjunto das operações e quanto se passou no segredo dos gabinetes dos Estados Maiores e dos governantes de então, a Clássica Editora empreende, agora, outra missão que, independente da primeira, vem de certo modo completa-la: tornar conhecidos documentos, plenos de revelações acerca dos dramaticos problemas actuais — documentos que concorrerão para alicerçar um estudo consciencioso — esclarecer os factos deformados ou deturpados pelas propagandas tendenciosas, arquivar testemunhos e opiniões capazes de, em dias talvez não distantes, numa análise comparativa, explicarem acontecimentos que, hoje, apresentam aspectos singularmente intrigantes.

A nova colecção da Clássica Editora

Os Grandes Dramas do nosso tempo

é lançada, pois, com êste único proposito: esclarecer e revelar ao público de língua portuguesa, acima de tôdas as tendencias e com a constante preocupação da imparcialidade, as mais graves e angustiosas questões que perturbam e dilaceram a humanidade nos nossos dias.

N.º 1 — História da Guerra de Espanha, 1.º vol., por R. Brasillach e M. Bardèche.

N.º 2 — História da Guerra de Hespanha, 2.º vol., pelos mesmos autores.

Revelações sensacionais sôbre tôda a campanha, incluindc a malograda ofensiva de Guadalajara, até à fuga dos governantes marxistas.

OF. GRÁFICA, L.DA/R. OLIVEIRA, AO CARMO, 8/LISBOA